

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
PPGH - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
HISTÓRIA – NÍVEL DE MESTRADO

THAMARA PARTEKA

**RODRIGO DE SOUZA LEÃO: Esquizofrenia e Literatura na Composição
da Vida como Obra de Arte (Rio de Janeiro 1985-2009)**

Marechal Cândido Rondon,

Maio de 2016

THAMARA PARTEKA

**RODRIGO DE SOUZA LEÃO: Esquizofrenia e Literatura na Composição
da Vida como Obra de Arte (Rio de Janeiro 1985-2009)**

*Dissertação de Mestrado apresentada para o
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu
“História” - nível de Mestrado, Linha de Pesquisa
“Práticas Culturais e Identidades”, como requisito
parcial para obtenção do Grau de Mestre.*

Orientadora: Yonissa Marmitt Wadi

Marechal Cândido Rondon - PR

Maio de 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE) – Orientadora

Prof. Dra. Cristiana Facchinetti - (FIOCRUZ)

Prof. Dra. Méri Frotscher (UNIOESTE)

SUPLENTE

Prof. Dr. Marcos Nestor Stein (UNIOESTE)

“Nesta direção”, disse o gato, girando a pata direita, “mora o chapeleiro. E, nesta direção”, apontando com a pata esquerda, “mora uma Lebre de Março. Visite quem você quiser, ambos são loucos”.

“Mas eu não ando com loucos”, observou Alice.

“Oh, você não tem como evitar”, disse o gato, “somos todos loucos por aqui. Eu sou louco. Você é louca”.

“Como é que você sabe que eu sou louca?” Disse Alice.

“Você deve ser, disse o gato, senão não teria vindo para cá”.

(CARROLL, Lewis. Alice no País das Maravilhas. Porto Alegre: L&PM, 2002.p.85)

Dedico este trabalho à minha orientadora Yonissa M. Wadi por ter me agraciado com essa pesquisa, por ter me dado a possibilidade de mergulhar no universo da loucura, reconhecendo sua historicidade e poesia, por meio de Rodrigo, Foucault e Deleuze, os quais sem dúvida alguma foram um marco na minha existência e no modo de eu ver o mundo.

AGRADECIMENTOS

Não é exagero agradecer novamente a Yonissa. Essa pesquisa só existe por causa de seu esforço e sua dedicação. Eu a agradeço por ter me dado a oportunidade de sonhar e de realizar esse sonho, foram tantas as possibilidades que o projeto *Gênero, Instituições e Saber Psiquiátrico em Narrativas da Loucura* me proporcionou: o intercâmbio cultural e intelectual com a professora Teresa Ordorika Sacristán (UNAM), com Ana Venâncio (FioCruz) e Cristiana Facchinetti (FioCruz), as viagens ao Rio de Janeiro que me possibilitaram entrevistar os familiares, os amigos e o curador da obra de Rodrigo, bem como conhecer lugares que Rodrigo frequentava e o lugar onde morou. Agradeço por ter me apresentado uma infinidade de teóricos que deram envergadura a esta pesquisa, por ter deixado suas teorias mais palatáveis e acessíveis e, principalmente, por ter compartilhado comigo a bibliografia referente a História da Loucura e da Psiquiatria.

Agradeço aos membros de minha banca Cristiana Facchinetti, Méri Frotscher Kramer e Marcos Nestor Stein por terem se comprometido com este trabalho, lendo-o, indicando bibliografia, dando apontamentos que foram cruciais para sua elaboração. Faço uma menção especial ao Mancha (Marcos N. Stein) por ter me apresentado a Yonissa e por ter me indicado a participar do projeto coordenado pela mesma, sem o qual essa dissertação não teria sido possível. Agradeço aos professores do PPGH, especialmente a Ivonete Pereira, a Geni Rosa Duarte, ao professor do PPGL Alexandre Ferrari e Valdeci Oliveira e ao professor da Unespar Allan Oliveira por terem lido e ouvido sobre minha pesquisa e terem contribuído de algum modo. Agradeço a Iraci por sua dedicação e eficiência, ao PPGH por ter aceitado meu projeto e poder ter cursado esse mestrado e ao CNPQ por ter me dado subsídio durante parte desta pesquisa.

Agradeço ao pessoal da Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB), especialmente a Rosana, que não mediram esforços para me auxiliar na pesquisa, liberando o acesso ao acervo, cedendo cópia das fontes, etc. Agradeço muito ao Ramon Nunes Melo, curador da obra de Rodrigo, por ter me autorizado a reprodução das fontes do acervo FCRB, por ter me cedido uma entrevista e ter se disponibilizado a falar sobre Rodrigo, indicando pessoas e fornecendo material para o enriquecimento da pesquisa. Agradeço de forma muito profunda os familiares de Rodrigo, Maria Dulce S. Leão, Bruno S. Leão, Maria Sylvia S. Leão, Antônio Alberto S. Leão, que se mostraram abertos e dispostos a falar sobre Rodrigo, abrindo as portas de suas casas me mostrando um pouco mais do universo particular de Rodrigo, fazendo apontamentos

sobre seus quadros, livros, mostrando fotografias e contando cenas do seu cotidiano. Agradeço aos amigos de Rodrigo, Rosa Pena, Cristiana Carricone, Cássio Amaral que se colocaram dispostos a falar sobre Rodrigo, compartilhando comigo momentos, conversas e experiências que vivenciaram com Rodrigo. Não posso deixar de fazer menção ao Rodrigo de Souza Leão, protagonista desta história, que deu uma lição de vida e de arte que sem dúvida se tornaram um legado e romperam com os limites construídos entre razão e loucura.

Agradeço as minhas colegas de pesquisa Telma B. de Mello, Solange Cordeiro e Katiuska Simões por terem compartilhado momentos comigo, permitindo que eu amadurecesse: percursos da pesquisa, viagens, conhecimentos teóricos, apresentações de trabalho, o companheirismo delas fez com que alguns momentos difíceis pudessem ser superados. Agradeço aos colegas Larissa Leonel, Talita Santana, Claudia F. Melo e Felipe S. Weissmann, Christian Kuhn, Daniele Brocardo, Tiago A. Orbin, especialmente ao Roger Costa, por terem debruçado sobre meu trabalho, por ter compartilhado ideias e auxílio técnico, além de terem me acompanhado em Congressos e Eventos.

Agradeço a Secretaria de Cultura de Cascavel, especialmente as coordenadoras da Biblioteca Pública de Cascavel Sandálio dos Santos, Katiane Viel Farias, Vanesa Moraes e Teresinha Braga que demonstraram paciência e compreensão quando precisei me ausentar do trabalho para atividades da Pós-graduação, não criando barreiras e limites para tal empreendimento.

Agradeço aos meus familiares Roberto Parteka, Marilza Colaço de Moura, Talita Parteka, especialmente ao meu irmão Nathan Parteka, por terem me dado forças, por terem tido paciência e por terem me auxiliado nessa jornada. Agradeço ao Renan B. Oliveira por sua infinita paciência e companheirismo, por seu amor, seu apoio, por ter me feito crescer e me tornar potente durante todos esses anos, sem seu apoio este trabalho não seria possível. Agradeço ao Lucas Bueno por suas inquietações, pelos intensos debates filosóficos e pelos lindos momentos poéticos que, sem dúvida alguma, delinearam essa dissertação. Agradeço pelo mergulho na loucura, na escrita literária, na esquizoanálise e por me ajudado a ver como discurso acadêmico é limitado.

Agradeço aos meus amigos Jessika F. Batista, Rosangela Alves, Shaienny Phillippes, Kellin K. Shöne, Fernando Botton, Higor Cavalcante, Jean Salustiano, Dieckson Santos, Nelson D'Agostine, Andressa Mara, Cezar Luiz, Matheus E. Carlin, Kadu, Guilherme Medeiros e tantos outros que me deram apoio e companheirismo, que compartilharam experiências e estiveram presentes nesse momento.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	10
SIGLAS	11
RESUMO/ ABSTRACT	12
INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 – OS BASTIDORES:	33
1.1. “Meu plano era ser vocalista... Minha meta de vida era ser músico”: ser jovem no Rio de Janeiro da década de 1980.....	34
1.2. Algumas considerações sobre a Reforma Psiquiátrica Brasileira.....	49
1.3. A Primeira Internação	55
1.4. Rodrigo, a instituição e a assistência psiquiátrica.....	64
CAPÍTULO 2 – LABORATÓRIO DE SI:.....	79
2.1 A negação: Cria-se um leitor/escritor	79
2.2. O ciberespaço: A loucura é escondida, formam-se os círculos literários	92
2.3. (A) Lowcura Compartilhado(A)	111
CAPÍTULO 3 – IMPROVISO	119
3.1. A segunda encenação e adoção de um personagem: Rodrigo, o esquizofrênico.....	119
3.2. Literatura como transgressão: Todos Os Cachorros São Azuis e a desconstrução estética e discursiva para a construção de escritor louco	134
3.3. Influências Literárias	151
3.4. (Des) Caminhos de uma publicação	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
BIBLIOGRAFIA	175
ANEXO	195

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Contrato com Deus	88
Figura 2: Lowcura	112
Figura 3: Redes de Proteção	114
Figura 4: sem legenda.....	115
Figura 5: Sem legenda	116
Figura 6: Retratin [sic].....	117
Figura 7: Ramon Mello entrevista Rodrigo de Souza Leão	120
Figura 8: Rodrigo de Souza Leão autografando Todos os Cachorros são Azuis.	159
Figura 9: com o poeta Márcio-André – e touca de pólo aquático.	160
Figura 10: com o poeta Franklin Alves Dassie.....	161
Figura 11: Rodrigo com Maria Dulce, Bruno e Tia Rita.....	161
Figura 12: Sem legenda	162
Figura 13: com a escritora Rosa Pena, em sua casa.	162

SIGLAS

AATESP - Associação de arteterapia do Estado de São Paulo

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial

CID – Classificação Internacional de Doenças

CP – Carbono Pautado 1995 (2011)

DSM – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

ECB – Esquizoide: o Coração na boca 2003 (2011)

ECT - Eletroconvulsoterapia

FCRB – Fundação Casa Rui Barbosa

MRDC – Me Roubaram uns Dias Contados (2011)

OMS – Organização Mundial de Saúde

RSL – Rodrigo de Souza Leão

SUS – Sistema Único de Saúde

TCSA – Todos os Cachorros São Azuis (2008)

TVFCVQ – Tudo Vai Ficar da Cor que Você Quiser (2014)

RESUMO

Rodrigo de Souza Leão (1965-2009) foi um escritor e artista plástico carioca que aos 23 anos (1989) foi diagnosticado com Esquizofrenia Paranoide e Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC). Nosso trabalho teve como propósito discutir os modos de subjetivação deste escritor e de perceber como construiu um modo estético de existência, pautado, principalmente, na literatura. Para isso, em um primeiro momento investigamos quem era esse sujeito antes de suas crises e do diagnóstico; em um segundo momento buscamos perceber como Rodrigo se relacionou com o diagnóstico e com a doença e, por fim, analisamos como ele ressignificou esse diagnóstico depois da segunda internação (2001). Para a pesquisa nos fundamentamos, principalmente, em fontes literárias (autobiográficas) escritas pelo autor, *Todos os Cachorros São Azuis* (2008), *O Esquizoide: o Coração na Boca* (2011), *Carbono Pautado* (2011), além de poesias e textos avulsos que estão disponíveis no blogue e no site oficial do autor. Utilizamos, também, entrevistas de amigos e familiares, algumas concedidas a nós e outras disponíveis na internet e no acervo digital do autor na Fundação Casa Rui Barbosa, além de alguns documentos institucionais como o *Relatório da II Caravana Nacional dos Direitos Humanos* (2002) e o site da Clínica da Gávea onde esteve internado.

Palavras-chave: Rodrigo de Souza Leão; loucura; literatura; modos de subjetivação.

ABSTRACT

Rodrigo de Souza Leão (1965-2009) was a writer and a plastic artist carioca that by the age of 23 (1989) was diagnosed with paranoid schizophrenia and obsessive compulsive disorder. Our work intended to discuss the ways of subjectivation of this writer and realize how he built an aesthetic way of existence, lined mostly on literature. For that, in a first moment we investigated who this subject was before his crises and the diagnosis; in a second moment we seek to realize how Rodrigo dealt with the diagnosis and the disease, finally, we analyzed how he reframe this diagnosis after his second hospitalization (2001). For the research we bases mostly in literal sources (autobiographical) written by the author. *Todos os Cachorros São Azuis* (2008), *O Esquizoide o Coração na Boca* (2011), *Carbono Pautado* (2011), beside poetrys and various articles that are available ath the blog and oficial site of the author. We also use interviews of friends and relatives, some granted to us and others availables on internet and in the digital collection of the author on the Fundação Casa Rui Barbosa, beside some institutional documents like the *Relatório da II Caravana Nacional dos Direitos Humanos* (2002) and the website of Clinica da Gávea were he had been hospitalized.

Key-words: Rodrigo de Souza Leão; madness; literature; ways of subjectivation

INTRODUÇÃO

O escritor Rodrigo Antônio de Souza Leão, atualmente conhecido e reconhecido em diferentes territórios e circuitos culturais e acadêmicos, como os da Literatura, das Artes, do Cinema, e sua obra constituem o tema/objeto desta dissertação. Sua busca, após ser diagnosticado com esquizofrenia paranoide e transtorno obsessivo-compulsivo¹, por fazer de sua *vida uma obra de arte*² é o problema que enfrentamos.

Rodrigo nasceu no Rio de Janeiro/RJ, em 04 de novembro de 1965. Morou em Copacabana, torceu pelo Flamengo, praticou triatlo e, à exceção destes dados, são raras as informações sobre sua infância e adolescência³. Os enunciados presentes em revistas, jornais e livros constroem-no a partir dos 15, 17 e 23 anos, pois foi nesse período – segundo os relatos – que começaram a aparecer os primeiros sintomas da doença, o primeiro surto, a primeira internação e o primeiro diagnóstico de esquizofrenia paranoide e transtorno obsessivo-compulsivo. Isto significa dizer que apresentar o Rodrigo como esquizofrênico não foi uma escolha aleatória nossa, mas porque foi assim que diferentes narrativas, encontradas em fontes diversas, o enquadraram.

Depois da primeira crise, que gerou o diagnóstico de esquizofrenia paranoide e transtorno obsessivo compulsivo (TOC), em 1989, Rodrigo começou a sentir-se perseguido⁴ resultando em sua primeira internação numa instituição psiquiátrica, a Clínica da Gávea. Por conta dos remédios e pelo sentimento de perseguição não quis mais sair de casa. Durante sua reclusão voluntária em casa, por cerca de 20 anos, dedicou-se a literatura. No início debruçou-se especialmente sobre a literatura francesa, leu Proust, Rimbaud, Baudelaire, etc.⁵, autores que considerou importantes para que construísse suas bases como escritor.

¹ O significado destes diagnósticos na época em que foram dados a Rodrigo será discutido adiante nesta dissertação.

² Esse conceito é central para o nosso trabalho, mas adiante desenvolveremos uma discussão acerca do que compreendemos do conceito.

³ As informações que apresentamos nesta introdução foram baseadas nos livros de Rodrigo (*Carbono Pautado*, *O Esquizoide* e *Todos os Cachorros são Azuis*), em pequenas biografias do autor presentes em seus e-books, entrevistas de Rodrigo cedidas a jornalistas, entrevistas com familiares e amigos dele (algumas realizadas especialmente para esta dissertação), além de textos em revistas, jornais e sites como: Zunái, UOL, Folha de São Paulo, O Globo. Para essa apresentação introdutória e geral sobre Rodrigo escrevemos livremente, construindo uma espécie de enquadramento baseado no conjunto de referências sobre o autor e sua obra que encontramos. Todas as referências estão listadas ao final desta dissertação no item respectivo.

⁴ O sentimento de perseguição é uma temática bastante presente na literatura de Rodrigo, aparecem personagens como “Policiais B”, “Extraterrestres”, “Agentes” “CIA” “KGB” Cf. LEÃO, Rodrigo de S. Op. Cit. p. 16, 27, 54. Nesse mesmo livro ele diz (p.28): “Brincadeiras à parte, eu sempre me senti perseguido. Ando nas ruas sempre olhando para trás e de vez em quando saio em desabalada correria”. Além destas referências, seu pai e sua irmã em entrevistas realizadas pela a autora afirmam que ele se sentiu perseguido pelo presidente da Sasse.

⁵ LEÃO, Rodrigo de Souza. Entrevista. [Maio de 2008]. Blogue *Lowcura*. Entrevista concedida a Ramon Nunes Mello. Disponível em: <http://lowcura.blogspot.com.br/2008/11/entrevista.html>. Acesso 16/03/2016.

A partir da década de 1990, Rodrigo começou a escrever poesias que logo foram publicadas como *e-books* pela editora Virtual Books. Ele tinha uma relação íntima com internet, pois foi por meio dela que efetivou-se sua vida social. Por intermédio de um blogue criou (poesias, textos, entrevistas) em parcerias e individualmente, divulgou poesias e textos literários produzidos por escritores até então “desconhecidos” de vários lugares do país, formando uma espécie de círculo literário. Essa aproximação entre Rodrigo e outros escritores fez com que eles criassem vínculos, não apenas no que se refere à arte – ajuda na divulgação das poesias, mostras, publicação de livros –, mas também vínculos afetivos, de amizade.

Em 1996 Rodrigo escreveu o seu primeiro romance, um dos últimos a ser publicado, *Carbono Pautado*⁶. No ano de 2001 teve uma nova crise e foi internado pela segunda vez na mesma instituição, no entanto a esta sua nova experiência de internação psiquiátrica foram atribuídos sentidos, que não haviam sido atribuídos a primeira internação. E assim, ao sair da instituição, em uma espécie de catarse, Rodrigo escreveu em 40 dias um livro que intitulou *Todos os Cachorros São Azuis*⁷.

Rodrigo perseguiu diferentes caminhos para publicá-lo. No entanto, somente no ano de 2008, conseguiu recursos para tanto ao ser selecionado em um concurso para receber uma bolsa da Petrobrás. Isto lhe permitiu terminar de escrever e publicar o livro, cujo texto concorreu e se classificou entre os cinquenta finalistas do prêmio Portugal Telecom em 2009⁸.

Em 2009 Rodrigo foi internado mais uma vez. Não suportando mais viver com os sentimentos de perseguição, delírios olfativos, solicitou a sua própria internação. Diversas fontes, que consultamos e apresentamos ao longo deste texto, indicam que depois de chegar a instituição ficou fora de si e após três dias faleceu. As causas de sua morte não são muito claras, uma vez que seus familiares optaram pela não realização da autópsia.

A partir de 2011, já passados dois anos do falecimento de Rodrigo, TCSA se tornou peça teatral alcançando um público diferente do público leitor. A partir da peça e do trabalho de curadoria de Ramon Nunes Melo, obras inéditas de Rodrigo foram publicadas, por editoras de grande visibilidade nacional e por suas obras terem maior circularidade foi possível que

⁶ Doravante CB.

⁷ Doravante TCSA.

⁸ O Prêmio Portugal Telecom foi criado em 2003 pela empresa portuguesa de telecomunicações para prestigiar e divulgar a literatura brasileira. Desde 2007 o prêmio passou a receber inscrições de escritores não só brasileiros, mas de diferentes países que falassem a língua portuguesa. Hoje é considerado um dos prêmios mais importantes do Brasil. Desde a compra da Portugal Telecom pela operadora francesa *Altice*, o prêmio passou a se chamar *Oceanos* e a ser organizado pelo Itaú Cultural.

sua história de vida e suas narrativas passassem a ser explorados em filmes, documentários, espetáculos de dança e no meio acadêmico⁹.

Grande parte de sua produção encontra-se disponível na internet. Para além deste meio de divulgação, o autor tem livros impressos publicados pelas editoras 7 letras e Record, tem dezenas de telas que encontram-se atualmente no Museu Imagens do Inconsciente no Rio de Janeiro, e sua produção mais íntima – textos inéditos e fragmentos que ainda se encontravam no HD do escritor quando este faleceu –, estão sob guarda da Fundação Casa Rui Barbosa¹⁰.

Conhecemos Rodrigo através do Projeto *Gênero, Saber e Instituições Psiquiátricas em Narrativas da loucura*, projeto coordenado pela professora Yonissa Marmitt Wadi, o qual se propôs a investigar as narrativas de pessoas que foram consideradas loucas e que viveram a experiência da internação psiquiátrica, problematizando a experiência da loucura em determinadas configurações históricas da assistência psiquiátrica no Brasil¹¹. Como bolsista deste projeto foi possível ir até o Rio de Janeiro para pesquisar fontes inéditas para a realização da pesquisa geral e também desta dissertação, cuja problemática esboçou-se como um desdobramento do projeto referido.¹²

Nosso recorte temporal refere-se ao período entre os anos de 1989-2009. Inicia-se em 1989, pois este foi o ano da primeira internação de Rodrigo de Souza Leão e do diagnóstico de esquizofrenia paranoide e encerra-se em 2009, ano em que Rodrigo publica pela primeira vez um livro em formato tradicional e volta a sair de casa, com o objetivo de fazer aulas de pintura no Parque Lage.¹³

Considerando tal recorte, o objetivo geral desta investigação consiste em analisar as *narrativas autobiográficas*¹⁴ e *autoficcionalis* de Rodrigo de Souza Leão, buscando

⁹ Está sendo produzido o longa-metragem *Azuis* produzido por Cauã Reymond. Em 2014 foi lançado o documentário *Tudo Vai Ficar da Cor que Você Quiser*, produzido por Letícia Simões. Em 2014 *Todos os Cachorros são Azuis* foi usado como tema e inspiração para a produção do espetáculo *Mosaicos Azuis* idealizado por Januária Finizola e em 2014, também, foi defendida uma dissertação no PPGL da Universidade do Estado do Amazonas por Juliana Maria Silvia de Sá intitulada *SÁ, Juliana, M, S. Ficção e Arte à Beira-Morte: Estudo Lútero-Visual da Obra de Rodrigo de Souza Leão*. Dissertação de Mestrado UEA, Manaus, 2014.

¹⁰ A Fundação Casa Rui Barbosa será doravante nominada como FCRB.

¹¹ O Projeto “*Gênero, Instituições e Saber Psiquiátrico em Narrativas da Loucura*”, foi financiado com recursos da Chamada MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA N°. 32/2012, por meio da qual recebi bolsa de pesquisa, e da Chamada MCTI/CNPq/MEC/CAPEs N°. 18/2012: Cf. WADI, Y.M. (Coord.). *Gênero, instituições e saber psiquiátrico em narrativas da loucura*. Projeto de Pesquisa. Chamada MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA n° 32/2012.

¹² Fomos bolsistas do projeto entre os anos de 2013 e 2015 em duas modalidades. Inicialmente como bolsista de Apoio Técnico em Extensão no País - ATP / Nível A, na condição de recém-graduada. Após meu ingresso no mestrado fui durante alguns meses bolsista de Extensão no País - EXP/ Nível - C.

¹³ Esse recorte foi necessário para dar conta da problemática que propomos, uma vez que as fontes que temos permitiram um recorte bem maior.

¹⁴ A narrativa é a passagem da experiência em linguagem. Se trata da organização dos acontecimentos de acordo com determinado sentido que lhes é conferido. “A linguagem não ‘traduz’ conhecimentos e ideias preexistentes. Ao contrário: conhecimentos e ideias tornam-se realidade à medida que, e porque, se fala. O sentido se constrói

compreender como ele faz de sua *vida uma obra de arte*. Partimos da premissa de que o processo de narração é um *modo de subjetivação* e que a prática da escrita é parte de um *Cuidado de si*¹⁵

O período de internamento de Rodrigo é marcado por grandes mudanças no interior da assistência psiquiátrica brasileira denominadas genericamente de movimento de Reforma Psiquiátrica, quando além de questionamentos teóricos sobre o modelo de psiquiatria e de assistência vigentes, ocorreram mudanças de ordem prática visíveis na elaboração de uma nova legislação de saúde mental no país, como intervenções no interior das instituições psiquiátricas.

Assim, buscamos também nesta dissertação, como um objetivo específico, investigar por meio das narrativas de Rodrigo como este compreendeu e expressou essas mudanças e como a instituição em que estava internado aderiu ou resistiu a essas mudanças. Nossa intenção não é nos posicionar contra ou a favor da reforma, mostrar o quanto foi positiva ou negativa, mas discutir as práticas relacionadas a ela partir do ponto de vista de um ex-interno. Isso significa ampliar o debate e mostrar como o movimento da reforma psiquiátrica foi fruto de uma discussão um pouco mais ampla. Procuramos pensar o sujeito louco como também responsável pelo próprio processo histórico no qual ele vive. Com isso queremos dizer que

na própria narrativa; por isso se diz que ela constitui (no sentido de produzir) racionalidades”. VERENA, Alberti. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vai, 4, n. 1, 1991, p. 66-81, p.79. Arfuch a partir de Ricoeur discute a narrativa autobiográfica, segundo ela: “a desconstrução da possível suposição de que as fontes autobiográficas são o registro mimético da ação dos sujeitos no passado ou de que elas nos possam dar acesso substancial à “quem” os escreveu. ARFUCH, Leonor. *O Espaço Autobiográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Eduerj, Rio de Janeiro, P.115-116. A Narrativa autobiográfica “não remete apenas a uma disposição de acontecimentos numa ordem sequencial, a uma exercitação mimética daquilo que constituiria primariamente o registro da ação humana, com suas lógicas, personagens, tensões e alternativas, mas à forma por excelência de estruturação da vida” [...] ARFUCH, Leonor. *O Espaço Autobiográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Eduerj, Rio de Janeiro, P.115-116. “É por meio da narrativa que se atribui uma lógica à temporalidade, uma vez que o tempo – passado, presente e futuro – não está fora da narrativa. Ele é articulado pela narrativa, ao mesmo tempo em que é a própria condição de possibilidade dela” RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa, v. I. Campinas: Papirus, 1994. A autobiografia pode ser vista de diferentes maneiras, há desde os mais pós modernos, aos menos. Segundo Welzer: “A autobiografia enquanto uma história de vida “real”, vivida, independente da situação e da sociedade, é uma ficção; na prática autobiográfica, ela se realiza somente enquanto uma versão orientada para o ouvinte enquanto uma montagem atual da memória da história de vida. Adotamos, também, a perspectiva de Lejeune sobre a narrativa autobiográfica, para quem esta se constitui a partir do pacto autobiográfico e consiste em um discurso dirigido ao leitor que visa estabelecer um contrato de leitura. Esse contrato é baseado, acima de tudo, na afirmação de identificação entre autor, narrador e personagem. “Narrativa em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade [...] Para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima) é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem. LEJEUNE, Philippe. Definir autobiografía. In MOURÃO, Paula (org). *Autobiografia. Autorepresentação*. Lisboa: Edições Colibri, 2003, p.14 e 15.

¹⁵ Foucault em seu livro História da Sexualidade vl. II vai mostrar como na Grécia Antiga os cidadãos gregos buscam criar uma existência estética, para isso eles desenvolvem um cuidado de si, equilibrando suas práticas sexuais, refeições e bebidas. Neste sentido buscamos pensar como a prática da escrita, para Rodrigo, é uma cuidado de si para se manter no plano material, para “não se perder em sua loucura”.

nos interessa perceber o que este sujeito tem a dizer sobre si próprio, mas também sobre o diagnóstico, os tratamentos a que foi submetido, a instituição e o saber médico.

A partir dos estudos de Michel Foucault, publicados em sua tese de doutoramento, *História da Loucura na Idade Clássica*¹⁶ é que se passou a pensar a loucura como um fenômeno histórico, social e cultural, até então ela era considerada apenas como uma patologia. No entanto, os estudos desta época se centraram na questão da institucionalização, dando pouca visibilidade aos sujeitos considerados loucos.

A partir dos anos 1990¹⁷, em uma tentativa de suprir essa lacuna, surgem trabalhos que ampliam essa perspectiva, buscando discutir a loucura enquanto experiência, investigando como os próprios sujeitos loucos percebiam e sentiam o tratamento psiquiátrico, o internamento. Assim, esta perspectiva passou a usar não apenas prontuários ou fontes oficiais produzidas pelos médicos, mas cartas, poesias, falas, pinturas, qualquer produção elaborada pelos loucos.

Os estudos dedicados a história da loucura que consideram os pontos de vista dos loucos ainda são poucos e isso ocorre por vários motivos: por um lado devido a escassez de fontes, pois dentre os considerados loucos e internos em instituições poucos tiveram possibilidades de deixar relatos das experiências que vivenciaram, ora porque as instituições não os arquivaram, ora por terem se perdido devido a manutenção inadequada destes arquivos; por outro lado, tais fontes não eram atraentes para muitos pesquisadores, que preferiam fontes mais tradicionais, como os registros institucionais e relativos aos saberes envolvidos com a loucura.¹⁸

Pesquisas recentes como *História da loucura e da psiquiatria: bibliografia de referência e percursos historiográficos*, de Yonissa Wadi, que realizou um mapeamento das pesquisas brasileiras nesta área temática, tem mostrado que no campo da disciplina História as narrativas dos loucos têm ocupado pouco espaço:

As narrativas dos loucos constituem por volta de 18% em um universo de cerca de 80 trabalhos. Já se o foco recai sobre as narrativas como fonte principal ou como tema/problema de pesquisa central, este índice reduz-se a apenas 5% dos trabalhos. Uma abordagem de gênero aparece também em

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. Perspectiva. São Paulo, 1972.

¹⁷ A partir dos anos 1990 desenvolveu-se uma nova perspectiva denominada História Cultural da Loucura e da Psiquiatria, a qual tem como um dos principais objetivos discutir a questão cultural da loucura. Um dos maiores representantes deste campo é o pesquisador Rafael Huertas, sendo um de seus últimos trabalhos História Cultural da Psiquiatria publicado em 2013 pela editora Catarata.

¹⁸ Para saber mais consultar: Wadi, Yonissa M. "Entre muros": os loucos contam o hospício. *Topoi* (Rio J.) vol.12 no.22 Rio de Janeiro jan./jun. 2011 <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X012022014> .

5% dos trabalhos, porém se [*sic*] considera-se a relação entre as narrativas (como fonte principal ou como tema/problema de pesquisa central) e uma abordagem de gênero, o percentual reduz-se a 2,5.¹⁹

Esse trabalho busca não só se inserir dentro desta historiografia, buscando suprir algumas lacunas, mas também, propor novos problemas e discussões, como o da construção da vida como obra de arte através da escrita de um sujeito considerado louco. Rodrigo construiu uma ética própria, a escrita de si foi para ele uma necessidade e uma maneira de se inserir no mundo.

Esse estudo talvez possa interessar aos pesquisadores e aquelas pessoas que desejam ter uma nova visão acerca da experiência da loucura e da internação psiquiátrica, possibilitando ver a pluralidade do processo do enlouquecimento e entender como o próprio enlouquecimento é uma questão cultural e não somente psíquica. Pode interessar aos historiadores que pretendam realizar uma abordagem interdisciplinar e que buscam pensar a tecnologia como expressão de novos modos de existência ou a reinvenção de modos antigos.

A questão que rege este trabalho, como já dissemos, é compreender como uma pessoa que foi considerada louca fez de sua *vida uma obra de arte*. Isso significa dizer que a arte para nós não se restringe a um produto, mas uma produção, isto é, se trata de uma ética e não de um objeto. Michel Foucault questionou porque a sociedade em que vivemos vê a arte apenas como um produto:

O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida; que a arte seja algo especializado ou feito por especialistas que são artistas. Entretanto, não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte? Por que deveria uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte, e não a nossa vida?²⁰

A busca por construir sua vida como obra de arte corresponde com os *modos de subjetivação* utilizados por Rodrigo como forma de resistir às relações de poder. Foucault compreende *modos de subjetivação* como práticas que constituem o sujeito como sujeito²¹. Isto significa que Foucault não compreende o *sujeito* como uma entidade transcendental,

¹⁹ WADI, Yonissa. M. Olhares sobre a Loucura e a Psiquiatria: um Balanço da Produção de Teses e Dissertações (Brasil, 1980-2011). *XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, 2013.

²⁰ FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 253-278.

²¹ Cf.: FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de Si como Prática de Liberdade. In: *Ditos e escritos V Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

pronta e única, mas processos o constituem num constante devir. O *sujeito*²² em Foucault não é algo que existe *a priori*, mas ele está em constante formação a partir de práticas de sujeição e subjetivação, ou seja, o sujeito não é uma substância, mas uma forma²³, a qual não é única, mas múltipla a partir das diferentes relações em que participa. Esses conceitos nos auxiliam a pensar como Rodrigo foi se constituindo ao longo de sua vida, ajuda a pensar que práticas o fizeram mudar, se reinventar como sujeito, a compreender os meios pelos quais em determinados momentos se identificou como escritor, como esquizofrênico e assim por diante.

Em seus últimos estudos Foucault procurou entender de que maneira os seres humanos entravam em determinados *jogos de verdade*, buscou pensá-los através de práticas de si, ou seja, pensar como o sujeito se constitui de forma ativa, “não simplesmente como agente, mas sim como sujeito moral dessa ação”.²⁴ No entanto, para Foucault, essas práticas não são inventadas pelo próprio indivíduo, “são esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura”²⁵. As *técnicas de si* são um exercício de si sobre si mesmo, por meio do qual o sujeito procura se elaborar, se transformar e atingir certo modo de ser²⁶. Assim, partimos do pressuposto que também para Rodrigo as práticas de escrita, de leitura, as trocas de e-mails com outros escritores, podem ser pensadas como um *cuidado da si*, como *práticas de liberdade*.

O cuidado de si foi um conceito construído por Foucault para pensar as práticas que os gregos antigos tinham. O autor utiliza o texto de Platão, o diálogo Alcíbiades, para evidenciar que Sócrates é apresentado como alguém que incita os outros a ocuparem-se consigo mesmos. “é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo”²⁷. Trata-se de uma ética em que o sujeito reflete sobre si mesmo,

²² Em *O Sujeito e o Poder* (1982) Foucault afirma que existem dois significados para a palavra sujeito: “sujeito ao outro através do controle e da dependência, e ligado à sua própria identidade através de uma consciência ou do autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e sujeita”. FOUCAULT, *O Sujeito e o Poder*. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p.278. Também afirma: “Em primeiro lugar, não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que se encontra em qualquer lugar. Eu sou muito cético e muito hostil para com essa concepção de sujeito. Penso, ao contrário, que o sujeito se constitui por meio das práticas de assujeitamento ou de uma maneira mais autônoma, através das práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade, desde, obviamente, um certo número de regras, estilos, convenções que se encontram no meio cultural”. FOUCAULT, Michel. *Uma estética da existência*. In: MOTTA, Manuel B. (org). *Ética, Sexualidade, Política. Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p.733.

²³ FOUCAULT, Michel. *A Ética do Cuidado de Si como Prática de Liberdade*. In: *Ditos e escritos V Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro: Forense, 2010, p. 275.

²⁴ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2012, p.34.

²⁵ FOUCAULT, Michel. *A Ética do Cuidado de Si como Prática de Liberdade*. In: *Ditos e escritos V Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro: Forense, 2010, p. 276.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III: O cuidado de Si*. Rio de Janeiro. Graal, 2012b, p. 6.

examinando suas práticas diárias, seus pensamentos, no entanto, essas práticas não são egoístas, pois junto com o cuidado de si está o cuidado com o outro. Neste sentido, o cuidado se trata de um retorno de si e um retorno para o outro. Ocupar-se consigo mesmo indica uma relação “singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona, ao seu próprio corpo e, enfim, a ele mesmo²⁸”.

As práticas de liberdade estão, de certo modo, relacionadas com as relações de poder, pois se não houvesse, ao menos, uma pequena liberdade o sujeito não teria mobilidade para realizar escolhas e nem ações, estaria sob total controle de um poder. Como defendemos a possibilidade de criação de uma estética de existência, acreditamos que mesmo dentro de determinadas relações os sujeitos são livres, pois compreendemos que o poder é múltiplo. Desta forma, quando Foucault aponta sobre as práticas de liberdade, ele se refere a práticas que permitem o sujeito ser mais do que uma normatividade o impõe, significa trabalhar nas margens, cuidar de si na composição de uma ética.

Em *A Ética e o Cuidado de si como Prática de Liberdade*, Foucault afirma que um poder só pode se exercer sobre o outro na medida em que reste a esse último a possibilidade de alguma ação, seja se matar, pular a janela ou de matar o outro²⁹. Isso significa que, nas relações de poder, há necessariamente a possibilidade de resistência, pois se não houvesse resistência não haveria relações de poder³⁰. Neste sentido, as práticas de si poderiam ser pensadas não apenas como uma forma derivada da relação saber/poder, mas também, como uma forma de resistência a este poder.

É a partir destes referenciais que buscamos pensar a composição da vida de Rodrigo. Embora ele tenha recebido o diagnóstico e com ele várias restrições, Rodrigo encontrou formas de se subjetivar e criar práticas de liberdade. Rodrigo passou a exercer um cuidado para consigo, sua saúde, sua subjetividade, por meio da escrita de si, da pintura, do contato com amigos e pessoas pela internet. Deste modo, percebemos que relações de poder e saber não acontecem apenas de forma hierárquica, mas se estabelecem, também, de forma horizontal.

Michel Foucault nos ajuda a pensar as formas como ocorrem essas *relações de poder*. Compreendemos, a partir de Foucault, que o poder não é estático, nem pertence a um determinado grupo ou instituições, pois se trata de uma correlação de forças. Isto nos permite

²⁸ Idem, p.50.

²⁹ Idem.

³⁰ FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade II o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2012, p. 277.

pensar que Rodrigo não apenas sofria, mas também exercia relações de poder, e estas devem ser vistas em sua multiplicidade de formas, lugares, entendendo-as, portanto, como móveis, reversíveis e instáveis. Neste sentido, para o autor, só poderá haver relações de poder onde os homens forem livres³¹, pois serão necessários, ao menos, dois lados.

Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte, os apoios que tais relações de força encontram uma nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagem e contradições que se isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formação da lei, nas hegemonias sociais³².

Desta forma, para o autor o poder não é, mas está; não é uma instituição ou uma classe que detém o poder, pois este se constitui como tal a partir das relações entre instituições e pessoas. Desta forma, os sujeitos não são vítimas do poder, eles exercem poder e também sofrem poder, é uma relação de força. E é neste sentido que é criativo, pois transforma e cria novas formas de existência.

Para Foucault “onde há poder há resistência”³³, justamente pelo poder se constituir correlacionalmente e não ser absoluto. Assim como não há um lugar de poder, não há um lugar de resistência, mas resistências no plural que são casos únicos e acontecem de múltiplas formas.

Assim podemos pensar os modos de subjetivação vivenciados por Rodrigo como uma forma de *resistência* ao poder, a partir de uma prática estética do eu, pois, embora haja diversos discursos, os quais buscam objetivar o Rodrigo, ao buscar fazer de sua vida uma obra de arte ele cria novos modos de viver.

³¹ Em *A Ética e o Cuidado de si como Prática de Liberdade* (1984), o autor afirma que se não houver liberdade, não haverá uma relação de poder, mas um estado de dominação. “Essa análise das relações de poder constitui um campo extremamente complexo; ela às vezes encontra o que se pode chamar de fatos, ou estados de dominação, nos quais as relações de poder, em vez de serem móveis e permitirem aos diferentes parceiros uma estratégia que os modifique, se encontram bloqueadas e cristalizadas (...) É lógico que neste estado, as práticas de liberdade não existem, existem apenas unilateralmente ou são extremamente restritas e limitadas”. p.266.

³² FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade I a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2012, p.102, 103.

³³ Idem, p.105.

Auterives Maciel Júnior, no artigo *Resistência e Práticas de Si em Foucault*³⁴, discute como as práticas de si e a resistência são questões que estão imbricadas, pois é através da ética, na constituição de si por si mesmo, que o sujeito encontra modos para se subjetivar. E esta prática, ao mesmo tempo em que acontece por meio das relações de poder, resiste a ela, pois ao se constituir enquanto um sujeito moral, o sujeito limita as estratégias do poder, possibilitando uma prática de liberdade, construindo outro de si. Assim, para o autor, a capacidade que a vida tem de resistir a um poder que quer geri-la é inseparável da possibilidade de composição e de mudança que ela pode alcançar. Desta forma, podemos dizer que é a prática de si que resiste aos códigos e aos poderes, e que a constituição do sujeito moral apresenta algo que escapou tanto dos poderes quanto dos saberes, embora deles derive.

Segundo Maciel Júnior, resistir é o oposto de reagir, pois quando reagimos damos a resposta àquilo que o poder quer de nós, porém quando resistimos criamos possibilidades de existência a partir de composições de forças inéditas. Resistir é, neste aspecto, sinônimo de criar, criar novas práticas e novos modos de existência.

Um método fundamental para a investigação desenvolvida nesta dissertação é a *análise do discurso* na perspectiva foucaultiana. Buscamos identificar como se constroem determinadas *práticas discursivas*, isto é, não se trata de decodificar um texto, mas compreender uma rede de sentidos construídos, perceber como alguns enunciados constituem um determinado discurso e outros enunciados formam outros discursos, estabelecendo redes discursivas. Isto significa não hierarquizar os discursos considerando uns e negando outros, mas justamente observar os *jogos de verdade*, os jogos entre o verdadeiro e o falso, percebendo, segundo Foucault:

Através de que jogos de verdade o homem se dá seu ser próprio a pensar quando se percebe como louco, quando se olha como doente, quando reflete sobre si como ser vivo, ser falante e ser trabalhador, quando ele se julga e se pune enquanto criminoso? Através de quais *jogos de verdade* o ser humano se reconheceu como homem de desejo?³⁵

É a *análise do discurso* que permite dar historicidade a este trabalho, que permite perceber que enunciados surgiram em determinado momento histórico ou que enunciados se repetiram em um determinado momento histórico, considerando que não faz diferença se o

³⁴ MACIEL, Auterives Jr. Resistência e Prática de Si em Foucault. Artigos Temáticos. *Trivium*, v.6, n.1, Rio de Janeiro, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2176-48912014000100002&script=sci_arttext1.pdf. Acesso: 08/12/14.

³⁵ FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade II o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2012a, p. 13.

enunciado é dito por um médico ou por um doente, pois pertencem a uma mesma ordem discursiva. Como disse Deleuze, analisando a obra de Foucault:

[...] É haver descoberto e medido esta terra desconhecida onde uma forma literária, uma proposição científica, uma frase cotidiana, um *non-sense* esquizofrênico, etc. são igualmente enunciados, mas sem medida comum, sem nenhuma redução de equivalência discursiva³⁶.

Isto significa que os enunciados são repetidos em um determinado momento histórico em diferentes *formações discursivas*. Não importa se o enunciado é dito pelo médico, pelo louco ou pelo padre, eles estão pautados por uma mesma formação discursiva. Por enunciado Deleuze entende que:

Os enunciados não são palavras, frases ou proposições, mas formações que apenas se destacam de seus *corpus* quando os sujeitos da frase, os objetos da proposição, os significados das palavras *mudam de natureza*, tomando lugar no “diz-se”, distribuindo-se, dispersando-se na espessura da linguagem.³⁷

O enunciado não surge de um eu primordial, eles se formam a partir de diferentes relações sociais das quais o sujeito se apropria. Não é necessário um eu, “[...] tal como a memória bergsoniana, o enunciado se conserva em si, em seu espaço, e vive enquanto esse espaço durar ou for reconstituído”³⁸. Um enunciado é transversal, mesmo apresentando uma regularidade ele é *raro* e tem uma multiplicidade, pois um enunciado pode ter várias posições de um sujeito, narrador e autor por exemplo. Mas essas posições não partem de um eu primordial, mas do próprio enunciado³⁹.

Foucault diz a respeito de uma regularidade discursiva, os enunciados continuamente se repetem, por isso não é importante se ele foi dito pela primeira vez ou se é uma reprodução o que importa é a regularidade do discurso. No entanto, em determinados momentos por diferentes fatores surge o acontecimento discursivo que por influências históricas e sociais faz com que surja um novo enunciado. Foi por esse motivo que Foucault disse que um enunciado é raro, porque há diversas pressões e jogos de poder para que um enunciado novo surja, pois na maioria das vezes eles são apenas repetidos⁴⁰.

³⁶ DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013, p.31.

³⁷ Idem, p. 29, grifo do autor.

³⁸ Idem, p.16.

³⁹ Cf.: FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Loyola. São Paulo, 2013.

⁴⁰ Idem.

Para compreender um enunciado é necessário olhá-lo positivamente, sem estar preocupado com as entrelinhas, mas investigar a partir do dito. É diante desta perspectiva de análise que nos aproximamos das contribuições de Roy Porter em *Uma História Social da Loucura*. Porter, neste livro, buscou compreender o consciente dos considerados loucos, pois durante muito tempo os estudos, acerca da loucura, estiveram preocupados em compreender o inconsciente das pessoas que passaram pela experiência da internação com o intuito de confirmar um diagnóstico ou escolher uma forma de tratamento. Porém Porter teve outras intenções em seu livro:

Na verdade, desejo examinar não o inconsciente dos loucos, mas a sua consciência. Em vez de ler basicamente as entrelinhas, buscando sentidos ocultos, reconstruindo infâncias perdidas, revelando desejos latentes, quero investigar o que os loucos queriam dizer, o que se passava em suas mentes⁴¹.

Desde o surgimento da psiquiatria o discurso do louco foi considerado não possuidor de uma verdade, assim sua narrativa foi considerada como um discurso vazio, o qual não tinha nada a dizer. Desde o século XIX, psiquiatras escrevem a história da psiquiatria, alguns deles adotando uma perspectiva tradicional se fundamentando tão somente na produção médica ou estatal a respeito da loucura, utilizando assim somente fontes oficiais. Com o surgimento da psicanálise e a teoria do inconsciente, um novo olhar sobre o sujeito considerado louco foi lançado, este passava a possuir uma verdade que, no entanto, só podia ser escutada na arte ou por um especialista⁴², ou seja, os psiquiatras buscavam analisar sua narrativa no sentido de confirmar diagnósticos, como forma de medir o tratamento, explorando elementos do inconsciente.

Não buscamos comparar a vida de Rodrigo com o que ele narra, no intuito de saber se é verdadeiro ou se é falso, mas compreender a narrativa no próprio “contexto de si”, isto é, investigar porque ele fala, cria, inventa determinados enunciados. Assim, outro de nossos objetivos específicos neste trabalho é perceber como uma pessoa considerada louca buscou resistir às *relações de poder* e como encontrou meios para tal empreitada.

A literatura de Rodrigo aqui é entendida como um discurso, pertencendo a formação discursiva em que coloca em xeque a própria loucura do louco. Isto é possível pela mudança discursiva que estava acontecendo no período no qual Rodrigo escreve, pois a humanização

⁴¹ PORTER, Roy. *A História Social da Loucura*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1991, p.8. O livro foi publicado originalmente em 1987.

⁴² PROVIDELLO, Guilherme G; YASUI, Silvio. A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.4, out.-dez. 2013, p.1515-1529.

dos loucos deu um novo lugar para os loucos, inserindo-os na sociedade, oferecendo tratamentos em que não era mais necessária a internação, buscando escutar o considerado louco para pensar novos tratamentos para a loucura. Assim a análise nesta dissertação se dá em um duplo movimento, além desta dimensão macro, que é a da emergência de uma nova formação discursiva, observamos fundamentalmente a dimensão micro em que a escrita de Rodrigo resiste a um determinado sentido que historicamente foi dado a loucura. Conjuga-se o discursivo-arqueológico e estético-ético, pois mais que estar inserida em um acontecimento discursivo em formação ela se trata de um novo modo de existência.

Outro método que utilizamos é a *problematização*, também no sentido que é dado ao termo por Foucault. É certo que desde a Escola dos *Annales*, com a declaração de Lucien Febvre parodiando a máxima “sem documento não há história”, “sem problema não há história”, a questão está presente, como forma de construir um novo parâmetro para a História. Porém, Foucault reconfigura o termo *problematização*, como um conceito que utiliza inicialmente para analisar os modos de subjetivação dos gregos, no sentido de perceber como esses sujeitos se reconheceram como sujeitos de desejo. Sua intenção foi então não fazer

[...] uma história das concepções sucessivas do desejo, da concupiscência ou da libido, mas analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite, descobrir, no desejo a verdade de seu ser [...] a ideia era a de pesquisar, nessa genealogia, de que maneira os indivíduos foram levados a exercer, sobre eles mesmos e sobre os outros, uma hermenêutica do desejo à qual o comportamento sexual desses indivíduos sem dúvida deu ocasião sem no entanto constituir seu domínio exclusivo⁴³.

Desta forma, procuro perceber como um sujeito considerado louco buscou explicar, refletir, descrever, construir um sentido para sua vida e se reconhecer como esquizofrênico a partir de narrativas que relatam sua experiência da internação, resistências a determinadas práticas e discursos. Judith Revel, explicando os conceitos de Foucault afirma que *problematizar* é questionar de forma historicamente singular os objetos, regras e as relações consigo mesmo, buscando perceber o modo que apresentam em determinado momento uma resposta específica a um tipo de problema⁴⁴

Assim, utilizar como método a *problematização* significa pensar como os sujeitos na época em que viveram questionaram a si próprios e as subjetividades possíveis naquele

⁴³ FOUCAULT, Michel. ⁴³ FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade II o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2012a, p. 11-12.

⁴⁴ REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005, p.71.

momento histórico. Se voltarmos nosso olhar para a Grécia Antiga vemos o problema da natureza problematizado pelos sofistas, a questão do belo, da virtude com Platão, etc., isto é, problematizar significa pensar como os sujeitos problematizaram alguns temas como a sexualidade, loucura, entre outros temas. Em nosso caso específico, buscaremos perceber como Rodrigo problematizou a sua relação com as internações, com os médicos, com a esquizofrenia e com a escrita.

As fontes que analisamos nesta dissertação são os livros de Rodrigo *Todos os Cachorros são Azuis - TCSA* (2010), *O esquizoide: coração à boca - ECB* (2011), *Carbono Pautado - CP* (2011) e *Janelas Abertas - JA* (2001).⁴⁵ Consideramos os três primeiros livros mencionados como *autobiografias*, isto é, as narrativas de Rodrigo além de se constituírem como uma *escrita de si*⁴⁶ no que se refere a uma construção estética são do gênero autobiográfico, pois é uma escrita que mesmo literária se preocupa em narrar uma série de experiências as quais viveu o autor.

Analisamos também matérias publicadas em Jornais como *O Globo*, *O Estadão*, sites como o oficial de Rodrigo (<http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/>) e matérias publicadas no site da Uol, o blogue de Rodrigo (<http://lowcura.blogspot.com.br/>), assim como entrevistas realizadas e cedidas por Rodrigo publicadas nas *Revista Agulha e Germina*.

O site do Rodrigo foi construído por meio de uma seleção de textos: biografias, entrevistas, homenagens. Estão presentes suas telas, resumo de seus livros, fotos, etc. foi construído como um veículo de propagação das obras do autor depois da sua morte. Já o blogue foi construído pelo próprio Rodrigo em 2006, no qual escreveu até dias antes de sua morte. O blogue têm poesias selecionadas pelo autor, crônicas, desabafos, fotos, comentários, propagandas de eventos culturais e lançamentos de livros.

A Revista Agulha esteve em circulação de 1999 até 2009. Foi editada pela escritora Silvana Guimarães, amiga de Rodrigo, sendo ela uma das escritoras suicidas⁴⁷. Essa revista tem como propósito a divulgação de cultura, poesia e escritores. Já a revista Germina está

⁴⁵ O autor publicou há outros livros publicados, como *Me Roubaram uns Dias Contados* e diversos e-books, os quais não serão alvos de nossa análise, pois nos levariam a outras questões que divergem de nossos objetivos.

⁴⁶ Foucault cunha este termo para pensar as práticas dos gregos na Grécia antiga. Para eles, a escrita estava ligada ao exercício da formação pessoal, trazendo à memória conhecimentos já adquiridos para serem reforçados, para que se refletisse sobre eles. Processo que mantinha relação também com o pensamento como função de transformar os discursos considerados verdades em ação: intervenção da escritura, de seus preceitos na vida prática, nas relações pessoais. Esse conjunto de características vai originar duas formas de escrita: os hypomnemata e a correspondência, nos séculos I e II. Cf. FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o cuidado de si*. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

⁴⁷ Escritoras e escritores que sob pseudônimo feminino formaram um grupo literário denominado *escritoras suicidas* que desenvolvem, basicamente, uma literatura que problematiza as questões pensadas pelas mulheres.

ainda em circulação e também é editada pela Silvana Guimarães. É composta de artigos sobre arte e cultura.

Utilizamos também entrevistas que realizamos com os pais de Rodrigo, Antônio de Souza Leão e Maria Sylvia Souza Leão, sua irmã Maria Dulce Souza Leão e o curador de sua obra Ramon Nunes Mello. O processo de elaboração dessas fontes foi muito difícil, mas também muito rico e, para tanto, seguimos indicações metodológicas de estudiosos como Chantal de Tourtier-Bonazzi, que entende que é necessário previamente selecionar a testemunha, o lugar da entrevista e o roteiro. Tourtier-Bonazzi sugere alguns cuidados: ouvir e atentar à psicologia da testemunha,; conhecê-la e respeitá-la; construir uma relação de amizade – conquistada através de encontros anteriores ao dia marcado para a entrevista – entre a testemunha e o pesquisador; escolher um lugar tranquilo, onde o entrevistado sinta-se à vontade; além de haver uma preparação, por parte do pesquisador, por meio de leitura de livros sobre o assunto, consulta de arquivos, etc⁴⁸. (TOURTIER BONAZZI, 2006: 233-246).

Entramos em contato com os familiares e vários amigos de Rodrigo. Uma amiga específica de Rodrigo não quis gravar entrevista por não se considerar “porta voz” de Rodrigo, papel que caberia ao curador de sua obra. Percebemos como se constroem as relações de poder e como a autocensura se pratica pelo medo de não ser a legítima para falar. É como se Rodrigo tivesse deixado de ser seu amigo para ser apenas escritor. Deste modo, só o curador da obra pode falar, pois talvez ela pudesse dizer algo que não condizia com a imagem e a memória que estão buscando criar. Mesmo apresentando essa ética do silêncio percebemos que ela tinha vontade de falar, tanto que informalmente, ao telefone, ela conversou bastante com nós apontando informações sobre as relações entre ela e Rodrigo.

Os pais de Rodrigo pediram para que alguns trechos das entrevistas não fossem publicados para não se exporem em demasiado, também algumas informações nos deram apenas quando o gravador não estava ligado. Registramos essas informações em um caderno de campo⁴⁹ e fizemos uma busca minuciosa em outras fontes buscando localizar estas mesmas informações, para então poder apresentá-las sem expor os pais de Rodrigo.

Em alguns momentos as falas dos familiares pareciam seguir um roteiro pré-determinado, principalmente quando o assunto versava sobre Rodrigo enquanto escritor. Suas falas apresentavam certa linearidade. Se alguma pergunta saía do aparente roteiro esta era ignorada. No apartamento onde vivia Rodrigo há um lugar específico na sala que se constitui

⁴⁸ TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. P.243-246.

⁴⁹ Sobre o caderno de campo, cf: MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo. Abril Cultural, 1976.

basicamente como um cenário. Foi lá que Rodrigo concedeu uma entrevista a Ramon Nunes Mello, onde tirou várias fotos oficiais, e onde os pais gravaram o documentário, isto é, aquele é o espaço legítimo para se falar de Rodrigo.

Eles levaram a entrevista como um bate papo, contando os livros que Rodrigo lia e alguns episódios que aconteceram em sua casa desde sua infância até a fase adulta. Mostraram livros, quadros e fotos do Rodrigo e foram explicando alguns deles.

Algumas outras conversas importantes, com amigos e com a família foram realizadas pessoalmente ou através de, telefonemas, e não foram gravadas. Apesar de terem sido registradas no caderno de campo, por não terem sido gravadas, não foram consentidas formalmente e não foram utilizadas, a não ser que constassem de outras fontes autorizadas, conforme comentamos..

Utilizamos também alguns documentos arquivados na FCRB, como documentos oficiais referentes a aposentadoria de Rodrigo, documentos que se referem a aprovação de seu projeto pelo Programa Petrobrás Cultural, no qual Rodrigo foi bolsista e proporcionou a publicação de TCSA, e alguns documentos que mostram suas práticas de leitura e troca de cartas e e-mails⁵⁰.

Variadas foram as referências bibliográficas que deram suporte a esta dissertação. Neste sentido, destaco a seguir apenas algumas referências de autoras e autores brasileiros que foram determinantes para definir a problemática, os objetivos, o recorte temporal e espacial desta pesquisa.

A problemática desta dissertação foi construída, como já indicado anteriormente, a partir do envolvimento com o projeto de pesquisa intitulado *Gênero, Instituições e Saber Psiquiátrico em Narrativas da Loucura*. Neste sentido, aproxima-se e dialoga como as discussões desenvolvidas por outras pesquisadoras ligadas ao mesmo, como o livro de Yonissa M. Wadi, *Louca pela vida: a história de Pierina* (2002)⁵¹, *Discurso e escrita de si na obra de Maura Lopes Cançado* (2013) de Solange Cordeiro⁵², “*Me transformei com esse 'falatório' todinho*”: cotidiano institucional e processo de subjetivação em Stela do Patrocínio” (2014)⁵³ desenvolvido pela Telma Beiser Mello Zara.

⁵⁰ De nenhum modo esgotamos a possibilidades de analisar essas fontes, há, inclusive, muitas fontes que não utilizamos, por falta de tempo e por apresentarem uma diversidade e complexidade demasiado grande.

⁵¹ WADI, Yonissa Marmitt. *A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

⁵² CORDEIRO, Solange. *Discurso e escrita de si na obra de Maura Lopes Cançado*. 2014. Dissertação (mestrado em História) PPGH Unioeste. Marechal Cândido Rondon, 2014.

⁵³MELO, Telma B. “*Me transformei com esse 'falatório' todinho*”: cotidiano institucional e processo de subjetivação em Stela do Patrocínio”. 2014. 144 p. Dissertação defendida no PPGCS, Unioeste, Toledo, 2014.

Embora os trabalhos partam de problemas semelhantes e características comuns – os trabalhos partem de um sujeito para contar suas experiências da loucura, sendo alguns destes, sujeitos que manifestaram uma experiência artística, seja por meio de escritos ou “falatórios”, apresentando uma singularidade para lidar com o diagnóstico e as internações psiquiátricas - as fontes os conduzem por caminhos extremamente diferentes, a começar pelo período de análise de cada pesquisa, a internação dos sujeitos por diferentes instituições (públicas, particulares, hospitais de referências, clínicas pequenas), por cada sujeito se constituir como sujeito de determinada forma – branco, negro, rico, pobre, homem mulher -, assim foram sujeitados por meio de práticas médicas diferentes, e por fim, por terem vivenciado a internação de forma distinta.

Trabalhos de outras autoras e autores sobre a temática - Cristiana Facchinetti (Fiocruz)⁵⁴, Ana Tereza Venâncio (Fiocruz)⁵⁵, Tania Mara Galli Fonseca (UFRS)⁵⁶, os quais se dedicam a história da psiquiatria, da psicologia e instituições, contribuíram no sentido de historicizar o saber psiquiátrico, apresentando as disputas pela legitimidade do discurso e as construções entre o que significou verdadeiro. Também contribuíram os trabalhos de Fernando Tenório (UFRJ)⁵⁷ e Silvio Yasui (UNES)⁵⁸, que analisaram a reforma psiquiátrica, historicizando-a e relativizando seu protagonismo frente as mudanças que aconteceram no período⁵⁹.

Aproximamo-nos, também, do trabalho desenvolvido por Viviane Borges *Do tombamento ao Esquecimento: A invenção de Bispo do Rosário*⁶⁰, na medida em que a autora investiga os diversos discursos em torno de Arthur Bispo do Rosário, inclusive o seu próprio como também observamos em nosso trabalho.

⁵⁴ FACCHINETTI, Cristiana. *Deglutindo Freud: histórias da digestão do discurso psicanalítico no Brasil*, 2001. 1v. Tese (Doutorado). IP. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

⁵⁵ VENANCIO, Ana Teresa A.; CASSILIA, Janis Alessandra Pereira. A doença mental como tema: uma análise dos estudos no Brasil. *Espaço Plural* (Unioeste), v. 22, p. 24-34, 2010.

⁵⁶ FONSECA, Tania Mara Galli, et alli. O Delírio como Método: a poética desmedida das singularidades. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ. Rio de Janeiro. Ano 10. N1. Quadrimestre, 2010.

⁵⁷ TENÓRIO, F.: ‘A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceito’. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 9(1):25-59, jan.-abr. 2002.

⁵⁸ YASUI, Silvio. *Rupturas e encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica Brasileira*. Tese de Doutorado apresentada a Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro 2006.

⁵⁹ Para saber mais sobre os trabalhos desenvolvidos no Brasil consultar WADI, Yonissa, M. Olhares sobre a Loucura e a psiquiatria: um balanço da produção na área de História (Brasil 1980-2011). *História Unisinos*. Abril 2014, pág. 115-135. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/viewFile/htu.2014.181.11/4106>. Acesso: 24/10/2014 às 14h40.

⁶⁰ BORGES, Viviane. *Do tombamento ao Esquecimento: A invenção de Bispo do Rosário*. Tese apresentada ao PPGH da UFRS. Porto Alegre, 2010.

Considerando a bibliografia referida, bem como outras que citaremos ao longo da dissertação, foi possível construir nosso problema de análise, que pretendeu mais do que discutir os discursos sobre Rodrigo, investigar o discurso do próprio Rodrigo construído em narrativas diversas. O movimento de investigação se dá a partir das coisas que Rodrigo diz, não a partir do que outros dizem sobre ele, ainda que isto seja considerado. A atenção maior recai sobre sua arte, suas telas e escritos, nos quais estão presentes seus modos de subjetivação, que se correlacionam com os modos de sujeição. Assim fizemos uma análise das narrativas de Rodrigo pensando-as como práticas de cuidado de si.

Como nosso propósito é mostrar como Rodrigo fez de sua vida uma obra de arte, organizamos os capítulos metaforizando a estrutura da dissertação como um espetáculo de teatro. Assim, quando dizemos que Rodrigo é ator, estamos pensando em um ator social, que age, que está inserido em uma determinada sociedade e sob uma rede discursiva. Da mesma forma que, quando dizemos que Rodrigo esquizofrênico é um personagem, não estamos dizendo que ele está fingindo ser algo que ele não é, mas que este foi um dos muitos personagens (escritor, jornalista, artista plástico, etc.), que ele poderia encenar e encenou isto é, o processo de assumir uma identificação. Por isso, quando falamos das internações psiquiátricas nos referimos à primeira, a segunda e a terceira como encenação, pois a encenação é justamente o ato de o ator se colocar ou ser colocado em cena.

Neste sentido, chamamos o primeiro capítulo de *Os Bastidores*, justamente por entender que os bastidores são fundamentais no processo de fornecer elementos para construir a cena. É nos bastidores que acontece o que quase ninguém pode ver, mas que é fundamental para a construção da peça. Desta forma, são dos bastidores que saem os encaminhamentos, as limitações, as possibilidades de existência dos personagens dadas pela direção e pelo enredo. Por isso, neste capítulo problematizamos as experiências que constituíram Rodrigo antes de ser considerado louco, discutindo suas redes de sociabilidade, seus gostos e atividades até o momento do diagnóstico, da primeira internação e da construção de narrativas com suas percepções desta. No primeiro capítulo buscamos contar a história de Rodrigo antes do diagnóstico, apresentando seus gostos, lugares que frequentava; em um sentido geral a maneira que se relacionava. Buscamos refletir sobre quem é esse homem branco carioca e como se relacionava enquanto jovem, procurando perceber as subjetividades dispostas naquele momento histórico. Nesse capítulo, procuramos perceber quando ele narra os primeiros sintomas de esquizofrenia e as motivações que levaram a desencadeá-la.

O segundo capítulo chamamos de *Laboratório*, por entender que é no laboratório que o ator constrói o personagem. O texto diz o que o ator tem que falar, o diretor controla a cena, mas a construção do personagem depende fundamentalmente da construção do próprio ator. Não importa o que uma terceira pessoa diga, é somente o ator no processo de dobras e desdobramentos que será capaz de construir um personagem que convença a si próprio e ao público. O laboratório é uma construção, o personagem não está pronto, só há um leve delineamento, por isso ele não é público, por isso ele se esconde em meio ao que ele quer, o que o texto diz e o que o diretor comanda. Neste sentido, entendemos que Rodrigo está se construindo e se subjetivando quando nega o diagnóstico de esquizofrenia, quando usa das práticas de leitura e escrita como um *cuidado de si*. Essas práticas foram fundamentais para a constituição de si próprio, pois instituíram uma verdade sobre ele, o diagnosticaram, mas ele ainda não sabia se estava preparado, precisou de forma lenta e processual construir um personagem.

No segundo capítulo, descrevemos o retorno de Rodrigo para casa depois a primeira internação, buscando compreender como ele recebeu o diagnóstico de esquizofrenia paranoide e os modos pelos quais se relacionou com ele. Buscamos perceber também como Rodrigo se relacionou com as pessoas que o cercavam e como o processo da escrita teve um papel muito importante em sua vida a partir de então. Além disso, investigamos em que medida a internet foi um meio possível de formar uma rede de sociabilidades, já que ele ficou durante 20 anos sem sair de casa.

O terceiro capítulo chamamos de *Improviso*. O improviso depende do laboratório, mas aparece quando se tem que encenar sem que tenha havido tempo suficiente de maturação para a realização do espetáculo. No improviso não há nada pronto, o ator tem que se virar com os elementos que ele tem e criar outros para que possa dar conta da apresentação. Desta forma, discutimos neste capítulo como Rodrigo adota o personagem Rodrigo esquizofrênico, a partir não só do que o saber médico estabelecia como sendo um esquizofrênico e nem a partir do que ele antes do diagnóstico pensava ser a esquizofrenia, mas sim, do processo de subjetivação de si próprio e da resignificação da noção de esquizofrenia, construindo assim um personagem. Para este processo foi fundamental a escrita dos livros TCSA e O ECB como forma de se construir esquizofrênico.

No terceiro capítulo nos dedicamos a estudar, especificamente, a literatura de Rodrigo, a qual constitui uma literatura da transgressão, pois busca romper com normatizações postas

pela linguagem e pelo significado. A transgressão para Foucault é aquilo que leva ao limite, segundo ele:

O jogo dos limites e da transgressão parece ser regido por uma obstinação simples: a transgressão transpõe e não cessa de recomeçar a transpor uma linha que, atrás dela, imediatamente se fecha de novo em um movimento de tênue memória, recuando então novamente para o horizonte do intransponível⁶¹.

Para isto mergulhamos no universo da obra TCSA, realizando uma reflexão não somente sobre o produto da obra, mas também sobre os processos, os descaminhos que Rodrigo trilhou para publicá-lo.

⁶¹ FOUCAULT, M. 2001a. Prefácio à Transgressão. In: M. FOUCAULT, Ditos e Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro, Forense Universitária, p. 32.

CAPÍTULO 1 – OS BASTIDORES:

“Quebrei, porque sou feito de cacos e quando os cacos me convidam, desordeno tudo. Tudo estava calmo. Menos eu”.⁶²

Neste capítulo procuramos problematizar os modos pelos quais Rodrigo se constituiu como jovem branco de classe⁶³ média, como jornalista, como músico e, principalmente, como esquizofrênico. Para isso, foi necessário conhecer os movimentos que estavam acontecendo no período analisado, anos 80 do século XX, os quais foram fundamentais para Rodrigo se constituir como pessoa e, ao mesmo tempo, perceber como o próprio Rodrigo contribuiu ou participou de mudanças em diferentes esferas da vida social: novo modo de ser jovem através do *rock and roll*, nova maneira de discutir política, através da arte, novas práticas de tratamento para com as pessoas com sofrimento mental.

Neste sentido, em um primeiro momento refletimos sobre o que é ser jovem de classe média, no Rio de Janeiro nos anos 80, uma das posições do sujeito Rodrigo. Nossa análise se dá, principalmente, por meio dos movimentos culturais e políticos, utilizando como fonte as narrativas de Rodrigo. Em um segundo momento, discutimos as práticas da assistência psiquiátrica neste momento, destacando questões referentes ao uso da arte como meio de tratamento. Em um terceiro momento, problematizamos algumas “crises” manifestas por Rodrigo e em um quarto momento apresentamos a clínica na qual Rodrigo foi internado, os tipos de tratamento, as considerações dele sobre a experiência da internação. Procuramos, enfim, compreender quem era este sujeito considerado louco, instituído como tal socialmente a partir de determinados critérios comportamentais estabelecidos por um saber.

⁶² LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2010, p.31.

⁶³ Segundo o Dicionário do Pensamento Marxista em O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte, Marx definiu uma classe plenamente constituída do seguinte modo: “Na medida em que milhões de famílias vivem sob condições econômicas de existência que separam seu modo de vida, seus interesses e a sua cultura daqueles das outras classes e as colocam em oposição hostil a essas outras classes, elas formam uma classe. Na medida em que há apenas uma interconexão local entre esses camponeses, de pequenas propriedades, e a identidade de seus interesses não gera nenhuma comunidade, nenhum elo nacional e nenhuma organização política entre eles, tais pessoas formam uma classe” BOTTOMORE, Tom. Dicionário do Pensamento. Rio de Janeiro: Marxista.Zaar, 1988, p.98.

1.1. “Meu plano era ser vocalista... Minha meta de vida era ser músico”:⁶⁴ ser jovem no Rio de Janeiro da década de 1980

Rodrigo Antônio de Souza Leão nasceu em novembro de 1965, mas como não pretendemos construir uma narrativa totalizante, contaremos apenas parte de suas vivências, aquelas relacionadas a sua constituição como um sujeito louco. Em alguns discursos da imprensa e nos livros de Rodrigo, vemos que foi aos 15 anos que ele apresentou os primeiros sinais de uma experiência particular, o que ele definiu, mais tarde, como os primeiros sintomas da esquizofrenia. Vejamos um trecho do seu livro TCA:

Eu engoli um grilo quando tinha meus 15 anos de idade. Foi a primeira vez que consegui conviver comigo mais intensamente. Salvei uma casa do cupim maldito que queria destruí-la. Eram cupins gigantes. Tenho certeza de que salvei aquela casa. Tenho certeza de que por alguns segundos fui Jesus Cristo.

[...]Tudo começou quando engoli um grilo em São João da Barra. Eu tinha 15 anos de idade. Estava indo ou voltando. Sempre estava indo ou voltando. Só parava pra voar. Assim eram meus 15 anos, e foi como tudo começou.⁶⁵

Em outro trecho ele volta a falar do grilo, mas também sobre os extraterrestres:

Tinha engolido um grilo aos 15 anos. E com seis, fui visitado por extraterrestres que me buscariam em casa aos 18. Já havia passado dez anos e os extraterrestres não vieram me buscar. Fronskey não veio me buscar. O chip é para a cia e a kgb me dominarem.⁶⁶

Rodrigo narra, como vimos, que aos 15 anos já "tinha engolido um grilo" e em seu livro TCA narra ter recebido um chip de extra-terrestres⁶⁷. Em depoimento presente no documentário *Tudo Vai Ficar da Cor que Você Quiser*,⁶⁸ seus familiares também localizam o primeiro delírio de Rodrigo aos 15 anos. Eles narraram que em um dia daquele ano, Rodrigo fez uma trilha, como parte das suas atividades de escoteiro, e, durante o trajeto se perdeu. Segundo ele contou aos pais, quando percebeu estava no meio de um centro de umbanda, cheio de galinhas em volta. Na atualidade, os pais consideram que isso foi um delírio do Rodrigo, manifestando ali, seus primeiros sinais da doença. Parece, a partir da narrativa deste

⁶⁴ LEÃO, Rodrigo de S. Entrevista concedida a Ramon Mello. Disponível no acervo do autor na FCRB.

⁶⁵ LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010, p. 10 e 11.

⁶⁶ Idem, p. 24 e 25.

⁶⁷ LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

⁶⁸ SIMÕES, Letícia. *Tudo vai Ficar da Cor que Você Quiser*. Rio de Janeiro: Artesanato Eletrônico, 2014.

episódio, haver a construção de uma linearidade acerca do processo de enlouquecimento do Rodrigo, buscando construir um marco inicial da doença.

Por meio deste episódio podemos perceber que determinados acontecimentos podem ganhar significados diferentes conforme o contexto, as pretensões e expectativas nos quais o discurso emerge. Quando Rodrigo tinha 15 anos, idade na qual não tinha recebido nenhum diagnóstico, o evento fez parte da aventura do escoteiro. Em 1981, ninguém parece ter visto a narrativa de Rodrigo como sintoma de doença, ninguém o levou ao psicólogo ou ao psiquiatra por considerar um delírio ter se perdido e ido parar em um centro de umbanda, cheio de galinhas em volta. Sua narrativa então não foi associada a um devaneio ou sofrimento mental. No entanto, depois de receber o diagnóstico, em 1989, seus familiares olharam para o passado de Rodrigo e ressignificaram sua experiência, e mais que isso, colocaram em xeque a veracidade da narrativa de Rodrigo. As experiências narradas por Rodrigo, fossem do seu presente ou do seu passado, depois do diagnóstico não tiveram o mesmo sentido, nem a mesma validade.

Assim percebemos que a memória, que é uma das bases que constrói o discurso, apresenta o passado formado de uma construção psíquica e intelectual e de experiências e contextos com fragmentos representativos desse mesmo passado, não em sua totalidade, mas parcialmente, conforme os interesses de determinadas conjunções. Assim, a emergência de de uma memória e de um discurso não decorre somente da lembrança de certo sujeito, mas de um sujeito inserido em um contexto familiar ou social. Suas lembranças e seu discurso estão permeados por inferências coletivas e inclusive de saberes e poderes. Talvez o passado fosse necessário para “provar” que a doença existia, necessário para aceitar que ele era um doente, sendo assim sua narrativa da aventura de escoteiro não poderia ser considerada verdadeira depois do diagnóstico, pois sua fala passou a ser considerada a fala da loucura, afinal, como dito por Foucault, é pela linguagem do louco que se reconhece a loucura. No livro *História da Loucura na Idade Clássica*, o autor afirmou:

Inteiramente excluída, de um lado, inteiramente objetivada, de outro, a loucura nunca se manifesta em si mesma e uma linguagem que lhe seria própria. Não é a contradição que permanece viva nela, mas é ela que vive dividida entre os termos da contradição. Enquanto o mundo ocidental esteve voltado para a idade da razão, a loucura permaneceu submissa à divisão do entendimento.⁶⁹

⁶⁹ FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p.173.

Assim, percebemos que quando alguém é diagnosticado como louco até o seu passado é passível de mudança. Seu discurso sobre o passado deixa de ser o relato de uma experiência para ser expressão do delírio, já que o delírio não é visto pelo saber médico como uma experiência, mas manifestação de um sintoma que expressa uma doença que precisa ser curada. Isto significa dizer que depois de receber o diagnóstico o discurso do paciente é considerado vazio,⁷⁰ independente de que a narrativa narre o presente ou o passado.

Rodrigo vivia como um jovem de classe média carioca. Seu pai, Antônio Alberto de Souza Leão era médico pediatra e mais tarde se especializou em psiquiatria; sua mãe, Maria Sylvia Souza Leão era professora. Rodrigo tinha uma vida confortável, morava em Copacabana, próximo a Lagoa Rodrigo de Freitas, tinha acesso a esportes, a livros e discos. Foi nessa época que Rodrigo começou a esboçar alguns escritos e escutar *Rock and Roll*, o qual não era apenas um estilo musical, mas um modo de viver, de ser jovem, dentro de tantos outros modos possíveis no Rio de Janeiro na época.. As vivências de Rodrigo estavam sujeitas aos discursos, redes de sociabilidades, mentalidades e costumes da década de 1980. Neste sentido é importante retomarmos alguns aspectos do período para compreendermos de maneira mais plural as vivências deste sujeito.

Em um texto intitulado *O Dia em que conheci Rimbaud*, Rodrigo narra não só como conheceu o poeta Rimbaud, mas também qual era o cenário carioca em 1980 a partir de suas práticas culturais. Vejamos um trecho:

Bons tempos. Tempos em que conheci Rimbaud. Em que eu brigava ao telefone com o Maurício. Uma vez ele botou Ian, do Echo, cantando uma música do Cole Porter, do repertório de Frank Sinatra. Liguei indignado. O Frank detestava o rock. Eu estava fanatizado. Só ouvia Plebe Rude, Cult, Legião... Legião era tudo. Foram os melhores shows. Os da Urca! A Urca tem esse glamour.

Somos os filhos da revolução

Somos burgueses sem religião

O circuito de shows conseguia abarcar grande quantidade de bandas. Todo mundo tinha seu lugar ao sol. Em todo o lugar tinha um palco. Assim: Let it

⁷⁰ Foucault desenvolveu de forma muito complexa essa questão em *História da Loucura na Idade Clássica*. Vejamos um trecho: “No meio do mundo sereno da doença mental, o homem moderno não se comunica mais com o louco: existe, por um lado, o homem da razão, que delega o médico para a loucura, só autorizando assim uma relação através da universalidade abstrata da doença; existe, por outro lado, o homem de loucura que só se comunica com o outro por intermédio de uma razão igualmente abstrata, que é ordem, coerção física e moral, pressão anônima do grupo, exigência de conformidade. Linguagem comum não há: ou melhor, não há mais; a constituição da loucura como doença mental, no final do século XVIII, constata um diálogo rompido, dá a separação como já adquirida e faz cair no esquecimento todas essas palavras imperfeitas, sem sintaxe fixa, mais ou menos balbuciantes, através das quais se dava o contato entre a loucura e a razão. A linguagem da psiquiatria, que é o monólogo da razão sobre a loucura, só pôde se estabelecer sobre tal silêncio. Não quis fazer a história desta linguagem; mas, antes de tudo, a arqueologia deste silêncio” FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

Be, Canecão, Morro da Urca, Metrópolis, Made in Brazil... Quantos shows foram na Metrópolis! Hoje não tem mais nenhuma dessas catedrais. Nenhuma resistiu ao tempo. A moda não é mais o rock. O Renato morreu.⁷¹

Rodrigo lembra com certa nostalgia sua juventude. Fala das trocas que tinha com Maurício, um dos responsáveis pela programação de rock da Rádio Fluminense. E mostra para os leitores como o rock era o meio pelo qual ele se orientava. É visível que a banda Legião Urbana foi uma grande referência, pois o nome de sua própria banda foi por ela inspirado, Pátria Armada.

Rodrigo se construiu como jovem, numa época em que o país vivia sob uma ditadura civil militar, momento histórico marcado por restrições no campo político, cultural e econômico. Dentre os direitos postos sob controle estava a liberdade de expressão, uma vez que muitos sujeitos foram censurados ou praticavam a autocensura por temerem a perseguição, a tortura ou a morte. Neste contexto, foram criados e fortalecidos alguns órgãos com o propósito de controlar a produção intelectual e cultural do período, tais como Departamento de Ordem e Política Social (DOPS). Conforme a historiadora Aline do Carmo Rochedo que defendeu sua dissertação sob o título “*Os Filhos da Revolução*” a *Juventude Urbana e o Rock Brasileiro dos anos 1980* (2011), os músicos até os 1980 sofriam repressão:

Os músicos/compositores, que em sua maioria tinham entre 18 e 24 anos, cresceram e foram educados no período de maior repressão do regime civil-militar. Não chegaram a enfrentar o regime diretamente, mas sofreram os impactos provocados por ele. Apesar do AI-5 ter sido abolido em 1979, a censura não havia cessado. Desta forma, tanto os músicos quanto produtores de televisão e escritores deveriam continuar enviando suas obras para Brasília e aguardar a autorização.⁷²

Algumas bandas de rock que se constituíram no período da ditadura, especialmente nos anos 1980, traziam letras que ressignificavam temas como sexo, drogas, violência, preocupando-se com a liberdade de expressão. Muitas das letras traziam denúncias de corrupção, de violência por parte do estado e mostravam uma maior preocupação social. Segundo Rochedo:

Nota-se uma crescente preocupação social dos jovens que, paradoxalmente, eram filhos da classe média, que apoiou e posteriormente se volta contra a ditadura. O sentimento de descrença predominou na juventude que desejava

⁷¹ LEÃO, Rodrigo de Souza. *O dia em que conheci Rimbaud*. 30/04/2002. Disponível em: <http://www.rodriodesouzaleao.com.br/> Acesso 03/06/2015.

⁷²ROCHEDO, Aline C. Voz, Expressão e Canção: a Juventude Urbana e o Rock Nacional dos Anos 1980. *Cadernos do Tempo Presente* – ISSN: 2179-2143. Edição n. 08 – 08 de julho 2012.

que seu país retornasse a perspectiva de um futuro e um presente democrático. A ilegalidade, a miséria e descrédito político foram fonte de inspiração para as canções nos últimos anos da década 1980.⁷³

O rock foi uma forma de expressar subjetividades na década de 1980, que esteve presente em uma fração da juventude carioca do período, como o jovem Rodrigo:

[...] eu comecei a gostar de rock, quando meu tio Paulo César Duarte, que é um grande crítico literário aqui do Rio, me deu quatro discos, três dos Beatles, e um dos Rolling Stones, aos quinze anos. Mas eu nem sabia que aquilo era rock. Mas o rock mesmo veio com a Legião Urbana, quando eu peguei aquele disco branco, um amigo meu me emprestou. Eu falei: “é isso aí que eu quero fazer!”. Comecei, imitando o Renato Russo literalmente, mas eu não tinha a voz do Renato. Aí fizemos o Pátria Armada com a influência da Legião, mas ficou diferente, pois tínhamos nosso punch.⁷⁴

Rodrigo conta que foi inserido no rock por seu tio, mas foi com Legião que percebeu que era aquilo que queria fazer. Rodrigo narrou o passado, mas teve como ponto de partida o que era então o seu presente, os anos 2000. Um presente que, aos olhos dele, não tinha mais espaços culturais dedicados ao rock, como os da década de 1980.

A década de 1980 é considerado por estudiosos diversos, como uma década muito conturbada, com muitos debates e disputas por ser a década em que ocorre a reabertura política e a promulgação de uma nova Constituição Federal que rege as leis nos dias contemporâneos. Ao realizarmos uma pesquisa bibliográfica referente ao período, percebemos que ele é bastante explorado pelos historiadores devido as complexas mudanças sociais que ocorrem; é também um período bastante lembrado pelos movimentos sociais como um marco de lutas populares.

Luane Nunes Trindade e Carlos Roberto da Rosa Rangel em *Rock: Cultura Política e Movimentos Sociais*⁷⁵ apontam que o crescimento urbano, os baixos salários e a baixa escolaridade dos jovens agravaram, nos anos 1980, ainda mais a crise pré-existente do mundo do trabalho fazendo surgir novos movimentos sociais. Segundo os autores:

O propósito maior desses “novos movimentos sociais” não seria combater o Estado ou conquistá-lo, mas atuar na sociedade civil pela ação direta, persuadindo e influenciando as opiniões, no sentido de resolver problemas sociais. Logo, os movimentos surgem como novos atores coletivos

⁷³Idem.

⁷⁴ LEÃO, Rodrigo de Souza. *Entrevista Três Poetas, Um poeta*. Janeiro de 2007. 30/04/2002. Disponível em: <http://www.rodriodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas7.htm>. Acesso 14/06/2015.

⁷⁵TRINDADE, Luane Nunes; RANGEL, Carlos Roberto da R. *Rock: Cultura Política e Movimentos Sociais. Disciplinarum Scientia*. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, Santa Maria, v. 13, n. 1, p. 95-111, 2012..

portadores de projetos culturais que ultrapassam a reivindicação pela democratização política, mas alçam o patamar da democratização social.⁷⁶

Se por um lado havia naquele momento um crescimento das mobilizações sociais e reivindicações por melhorias no que se refere as políticas populares, por outro lado, crescia a descrença devido ao sistema burocrático e a corrupção. As músicas deste período trazem como marca uma renúncia acerca do posicionamento político, ideológico ou defesa de partidos e instituições. Os Paralamas do Sucesso, banca surgida nos anos 1980, gravou em 1986 no LP *Selvagem*, a música *Homem*: “nenhuma doutrina mais me satisfaz nenhuma mais”. E, como esta, muitas músicas lançadas na mesma época, não tinham um posicionamento político definido, pois denunciavam insatisfações políticas para além de um partido ou das chamadas esquerda ou direita. Sobre o posicionamento político desses jovens Luiz Antônio Groppo, no artigo *Gênese do Rock dos anos 1980 no Brasil: ensaio, fontes e mercado juvenil* cita Ortiz:

Os jovens e adolescentes estavam cada vez mais distantes dos discursos nacional-populistas da esquerda e direita que, no terreno musical, nos anos 1960 e 70, cultivavam a MPB esclarecida e rejeitavam o pop-rock considerado alienado. A juventude urbana de classe média não era mais aquela dos movimentos estudantis, das novas esquerdas, dos festivais, das canções de protesto e da luta contra a ditadura. Tratava-se de jovens mais desenraizados de motivos, valores e obrigações nacionalistas, populistas e da politização da cultura.⁷⁷

Como apontado por Paulo Gustavo Encarnação em sua dissertação de mestrado intitulada *Rock nacional, mídia e redemocratização política (1982-1989)* as letras de rock até 1985 falavam, de forma geral, sobre bebedeiras, relacionamentos amorosos, entre outros temas cotidianos, mas a partir de 1985 os temas políticos e sociais passaram a ganhar mais espaços nas canções.⁷⁸ Algumas bandas que tocavam na rádio Fluminense, neste período, passaram a compor canções de caráter mais político. Neste momento as bandas que mais tocavam na rádio fluminense eram Paralamas do Sucesso Ultraje a Rigor, Titãs, Plebe Rude, compunham a lista das bandas mais tocadas na rádio Fluminense.

⁷⁶Idem.

⁷⁷ GROPPPO, Luís Antonio. *Gênese do rock dos anos 80 no Brasil: ensaios, fontes e o mercado juvenil. Música Popular em Revista*, Campinas, ano 1, v. 2, p. 172-96, jan.-jun. 2013. P.174.

⁷⁸ ENCARNAÇÃO, Paulo Gustavo de. *Rock nacional, mídia e redemocratização política. (1982-1989)*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Franca, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2009. 198p.

Dentre os lugares que Rodrigo frequentava estava o Circo Voador. Lá se reuniam bandas que hoje são reconhecidas nacionalmente como: Titãs, Paralamas do Sucesso, etc., mas, também, muitas das bandas que não alcançaram reconhecimento nacional. Dentre essas, estava a banda que tinha Rodrigo como vocalista, a Pátria Armada, uma banda punk⁷⁹, composta por ele, Bruno de Souza Leão, seu irmão, e amigos. Rodrigo era então um jovem músico, que tinha aulas no Conservatório Villa Lobos com o tenor Paulo Barcelos.⁸⁰

A década de 1980 se tornou um marco, pois deu a esperança de se realizar muitas práticas que estavam restritas por causa da ditadura militar. Com o descontentamento popular e a ação dos movimentos sociais e políticos se iniciou a transformação de um regime ditatorial em um regime democrático, se não em seu sentido pleno, ao menos no plano jurídico; de maneira lenta e gradual ocorreu a abertura política. Para Brant:

O contexto da chamada reabertura política não constituiu mero esgotamento do período ditatorial, seja porque o regime tivesse cumprido seus objetivos, seja porque tivesse renunciado ao arbítrio como meio de atingi-los. Ele revela certamente a disposição do governo de adaptar-se a uma realidade social que escapa ao poder de previsão dos estados-maiores e dos gabinetes. [...] Ela surge com atraso diante do reconhecimento generalizado de que a sociedade reorganizou-se à margem das pautas previstas para enquadrá-la⁸¹.

Com o enfraquecimento das instituições ligadas aos militares, houve uma necessidade de reelaboração na forma que a política vinha sendo desenvolvida. Como forma de criar estratégia, diante das reivindicações que passavam a ser mais intensas, o governo estabeleceu uma aliança com a classe trabalhadora, com a reformulação da política salarial e com a concessão ao direito de greve. Como apontado por Singer:

Para restabelecer, de algum modo, a aliança de classes e frações de classes que garantiu a sua instauração, o regime militar decretou a "abertura

⁷⁹ O Punk foi um movimento de contracultura surgido em Nova York nos anos 1970. Segundo Groppo: “O fenômeno punk no Brasil revela condições propícias à vinda da linguagem mundial do pop-rock em formas quase puras - o punk brasileiro adapta algumas coisas, mas de modo geral é tão autêntico quanto o punk original. O pop-rock, em suas formas mais virulentas, não só o punk, mas também o heavy metal e o dark, entravam no Brasil na forma como começaram a entrar em todos os outros países: por vias alternativa dependentes - e formava bandas que atuavam deste mesmo modo, independentes da indústria musical oficial. Indica-se que desde já havia populações urbanas muito interessadas no pop-rock internacional e que o número destas pessoas certamente se multiplicaria com um pop-rock menos agressivo e que não exigisse uma dedicação pessoal social tão grande e arriscada como a que exigia o punk”. GROPPPO, Luís Antonio. Gênese do rock dos anos 80 no Brasil: ensaios, fontes e o mercado juvenil. *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 1, v. 2, p. 172-96, jan.-jun. 2013. P.177

⁸⁰ LEÃO, Rodrigo. *Rodrigo de Souza Leão*. Virtual Books. Disponível em: <http://www.virtualbooks.com.br/v2/autores/?cod=224> Acesso: 01/04/15 às 13h14.

⁸¹ BRANT, V. C. Da resistência aos movimentos sociais; à emergência das classes populares em São Paulo. In: SINGER, P., BRANT, V. C. *São Paulo: o povo em movimento*. 3. ed. Petrópolis: Vozes/CEBRAP, 1982. p. 24-25.

política"[...]. Isso permitiu vir à tona a vasta auto-organização que vários setores da sociedade civil foram gestando ao longo dos anos [...]. As diferentes classes sociais revelaram certo vigor organizativo, passando a preencher o espaço oferecido pela “abertura”: operários, médicos, professores, estudantes e outras categorias começaram a se apoderar de seus sindicatos e associações ou a fundar novos e a se mobilizar em função de pautas reivindicatórias que iam além da questão salarial. Entre 1978 e 1990, amplas ondas de greves varreram o país, enquanto em numerosas áreas do interior os camponeses passaram a apresentar resistência crescente às tentativas de expulsá-los da terra. Na periferia das metrópoles e cidades, os moradores passam a se organizar para exigir das autoridades serviços indispensáveis à vida urbana.⁸²

A década de 1980 representou para muitos uma década de luta, luta pela anistia, pela liberdade de presos políticos, pelos direitos das minorias. Dentre os movimentos e reivindicações do período estava a luta pela garantia dos direitos das pessoas consideradas loucas. Em um momento em que investir na loucura era um investimento certo⁸³, grupos diversos – em alguns lugares como a Colônia Juliano Moreira⁸⁴ – lutavam para que a assistência continuasse pública, mas para que houvesse humanização do tratamento das pessoas com sofrimento mental e, para que práticas violentas como o eletrochoque fossem eliminadas. Segundo Noronha e Levcovitz a crise financeira da Previdência e a intensificação das críticas ao modelo de saúde pelos movimentos sociais, possibilitou que se estabelecesse um projeto reformista no setor da saúde, com proposição de uma assistência descentralizada, universal e unificada.⁸⁵

Parte dos movimentos pela reforma psiquiátrica se definia como antimanicomial, fortemente influenciados pela reforma italiana.⁸⁶ No entanto, esta era uma perspectiva

⁸² SINGER, P. Interpretação do Brasil; uma experiência histórica de desenvolvimento. In: BORIS, Fausto (Org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: DIFEL, 1984. v. 4, t. 3, p. 243.

⁸³ Paulin e Turato apontam como a partir da década de 1960 dobraram o número de instituições psiquiátricas particulares e de como grande parte da verba pública era destinada a iniciativa privada. Cf PAULIN, L. F; TURATO, E. R. Antecedentes da Reforma Psiquiátrica no Brasil: as contradições dos anos 1970. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, vol. 11 (2): 241-58, maio-ago. 2004. Lê-se, também em Amarante: “Na década de 60, com a unificação dos institutos de pensões e de aposentadoria, é criado o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). O Estado passa a comprar serviços psiquiátricos do setor privado e concilia pressões sociais com o interesse de lucro por parte dos empresários. Dessa forma, cria-se uma “indústria para o enfrentamento da loucura”. AMARANTE, Paulo. *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

⁸⁴ Se trata de uma instituição criada em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro no início do século XX com o intuito de abrigar aqueles classificados como anormais ou indesejáveis, tais quais doentes psiquiátricos e alcoólatras. Hoje, a área da colônia também serve como residência para milhares de pessoas, além de abrigar o museu Bispo do Rosário.

⁸⁵ NORONHA, J. C. e LEVCOVITZ, E. AIS-SUDS-SUS: os caminhos do direito à saúde. In *Saúde e Sociedade no Brasil: Anos 80*. Rio de Janeiro: ABRASCO/IMS-UERJ/ Relume Dumará, 1997.

⁸⁶ A Reforma Italiana foi coordenada por Franco Basaglia, teve como intuito abolir os manicômios, construindo um tratamento mais humanizado, criticando a postura tradicional da cultura médica, que transformava o

defendida por alguns grupos e criticada por outros, pois, nesse momento, emergiam diferentes projetos assistenciais, bem como novos olhares para o sujeito com sofrimento mental. Alguns outros, por exemplo, defendiam a psicoterapia institucional, que abarcava terapêuticamente o hospital inteiro: funcionários, doentes, a sociedade em seu conjunto deveria ser tratada.⁸⁷

Rodrigo de Souza Leão foi um jovem carioca que viveu a década de 1980, no Rio de Janeiro, como já dissemos. Isto significa que presenciou um cenário político bastante conturbado, mas que também aproveitou de forma significativa a intensidade cultural carioca. Rodrigo, como um jovem de classe média, teve acesso a espaços artístico-culturais que não eram tão acessíveis a jovens de todas as classes sociais. Estudou música, cursou jornalismo, participou dos movimentos culturais e, principalmente, musicais do Rio. Rodrigo estudou jornalismo na Faculdade da Cidade (atual UniverCidade)⁸⁸ e, acreditava ter tido uma boa formação, devido a qualidade do corpo docente da universidade, embora, não tivesse cursado uma Universidade Pública. Em uma entrevista cedida a Ramon Mello afirmou:

Eu não consegui me formar por uma faculdade federal, mas tive bons professores: Fernando Muniz, Lúcia Padilha, Ítalo Moriconi [...]. Tive uma formação muito interessante. Meu lance nunca foi jornalismo, eu queria ser locutor de rádio. Ouvi muito a Rádio Cidade e a Rádio Fluminense com Maurício Valladares. Mas o que restou na minha vida foi escrever. O que sobrou? Escrever. Eu já fazia letra de música, depois passei a escrever poemas. Acredito que algumas letras de música são poemas.⁸⁹

Rodrigo, nesta entrevista, narrou um pouco dos caminhos profissionais que percorreu. A Rádio Fluminense FM no dial 94,9 MHz,⁹⁰ a qual ele menciona na entrevista, foi uma das primeiras rádios exclusivamente de rock do Rio de Janeiro e por isso teve uma importância

indivíduo e seu corpo em meros objetos de intervenção clínica. No campo das relações entre a sociedade e a loucura, Basaglia assumia uma posição crítica para com a psiquiatria clássica e hospitalar, por esta se centrar no princípio do isolamento do louco, sendo portanto excludente e repressora.

⁸⁷DESSAUANT, *apud* DESVIAT, Manuel. *A Reforma Psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999. Uma análise mais profunda sobre a Reforma Psiquiátrica e os modelos de psiquiatria praticados no Brasil foi desenvolvida nos próximos tópicos desta dissertação.

⁸⁸ Cf: LEÃO, Rodrigo de S. *Ramon entrevista Rodrigo*. Dossiê entrevista por Ramon. Acervo do autor. FCRB: Rio de Janeiro, RJ, 2009.

⁸⁹ LEÃO, Rodrigo de S. *Ramon entrevista Rodrigo*. Dossiê entrevista por Ramon. Acervo do autor. FCRB: Rio de Janeiro, RJ, 2009.

⁹⁰ Criada pelos jornalistas Luiz Antônio Mello e Samuel Wainer Filho. Luiz Mello é produtor musical, jornalista e escritor brasileiro, bacharel em Comunicação Social pela Universidade Estácio de Sá. Começou sua carreira em 1971 no Jornal de Icaraí, de Niterói e, no ano seguinte, passou a trabalhar na Rádio Federal AM (a primeira emissora no Brasil dedicada a jazz, blues, rock e MPB alternativa) nas funções de programador, produtor e redator musical. A seguir foi para o departamento jornalístico da Rádio Tupi, trabalhando ainda na Rádio Jornal do Brasil e no jornal Última Hora. Samuel Wainer foi um jornalista e produtor musical brasileiro, filho da jornalista e escritora Danuza Leão.

grande para as bandas que estavam surgindo no período.⁹¹ Segundo uma matéria publicada no *site* Palco Alternativo, dedicado à divulgação de movimentos musicais:

Foi na Fluminense que uma leva de bandas iniciantes e sem gravadoras tiveram a chance de terem as suas fitas demo tocadas na rádio. Assim foi o início de Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Plebe Rude, Biquíni Cavado, Capital Inicial, Kid Abelha, entre outros. E desse modo, criou-se uma “ponte” entre a Fluminense e o Circo Voador, pois as bandas que o público ouvia na rádio, poderiam ser vistas ao vivo na casa de shows. Finalmente, o rock se abasileirava, surgindo uma cena nacional, que levou as gravadoras a ficarem atentas às bandas emergentes.⁹²

Aline do Carmo Rochedo, em sua dissertação “*Os Filhos da Revolução*” *A juventude urbana e Rock brasileiro dos anos 1980*,⁹³ discute como a Rádio Fluminense foi uma ponte importante para o alcance de visibilidade das novas bandas, pois através da rádio os cantores davam entrevistas, dialogavam com fãs. Era através da rádio que as gravadoras entravam em contato e realizavam os contratos. Mas, segundo a autora, colocar esta programação no ar não era fácil, pois ainda em 1982 o Brasil estava em um processo de abertura política e ainda havia censura na mídia radiofônica. O rock era visto como algo rebelde, que ia contra os princípios morais defendidos pela ditadura e por alguns grupos sociais. Neste sentido, as diferentes visões e as disputas por espaços que estava acontecendo na sociedade em um sentido amplo, também se manifestavam no cenário musical e, portanto, nas rádios.

Muitas bandas, algumas famosas e outras que hoje são anônimas, dividiram espaço na Rádio Fluminense, bem como em diversos locais onde ocorriam shows, dentre elas estava a Pátria Armada, banda a qual Rodrigo era vocalista. Em uma entrevista que concedeu a Fernando Ramos do *Jornal Vaia*, Rodrigo fala disto:

Toquei no Circo Voador, na Metrópolis, no Let it Be, no Made in Brazil entre outros: locais onde a Legião, Paralamas e Capital tocavam. Comecei a escrever letras de música. Foi meu primeiro contato com a escrita. Aos 18 anos.⁹⁴

⁹¹ Para saber mais consultar: MELLO, Luiz A. *A onda Maldita: como nasceu a Rádio Fluminense FM*. Rio de Janeiro: Nitpress, 2010.

⁹² GUSHIKEN, Rafael. 1982 : o marco zero da década de ouro do rock nacional. Palco Alternativo. 13/11/2012. Disponível em: <http://www.palcoalternativo.com.br/2012/11/13/1982-marco-zero-da-decada-de-ouro-do-rock-brasileiro/>. Acesso: 23/03/2015 às 21h36.

⁹³ ROCHEDO, Aline C. “*Os Filhos da Revolução*” *A juventude urbana e Rock brasileiro dos anos 1980*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação Universidade Federal Fluminense, UFF, 2011.

⁹⁴ LEÃO, Rodrigo. Os inumeráveis estados poéticos. Disponível em: <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas8.htm> Acesso: 23/03/2015.

Rodrigo frequentou lugares e participou de movimentos culturais, como o movimento punk, caracterizados pelo questionamento dos valores tradicionais e rupturas com os padrões institucionalizados. Não se tratava apenas de escutar um estilo específico de música, mas de constituir um modo estético de existência. Para Chacon, “O rock é muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento⁹⁵”. Segundo Carlos Estevez a cultura do rock estava entrelaçada com uma estética da transgressão, a qual era manifesta através do som, da voz, do corpo, da atitude do artista, a qual extrapola a esfera individual em nome da esfera coletiva.⁹⁶ As fontes que tivemos acesso não dão conta de mostrar até que ponto Rodrigo participou desses movimentos, o que elas mostram é a participação dele em shows como ouvinte e como músico.

O Rio de Janeiro era um lugar estratégico para quem queria seguir o caminho musical, pois era lá que se encontravam as maiores gravadoras e revistas de rock. Depois do Rock in Rio⁹⁷ em 1985 a cidade se tornou uma referência inclusive internacional. Em um momento de questionamento político e de novos movimentos culturais, o já mencionado Circo Voador foi inaugurado em 15 de janeiro de 1982, no Arpoador.

O Circo Voador se tornou um espaço de sociabilidade para uma parcela dos jovens cariocas, era um lugar aberto para as mais diferentes expressões artísticas. Em março de 1982 foi despejado do local que ocupava, sendo reinaugurado em 23 de outubro na Lapa. Em foi cassado em 1996 pelo então prefeito Cesar Maia e mantido fechado pelo seu sucessor, Luiz Paulo Conde até 2002. Na década de 1980. O Circo Voador era um lugar que Rodrigo frequentava não apenas para assistir shows, encontrar amigos, mas também como artista, pois este foi um dos diferentes lugares em que se apresentou ao público com a banda Pátria Armada.

Ao longo de sua vida, em entrevistas e conversas, Rodrigo referiu-se a década de 1980 como uma década marcante, falando deste período com especial apreço, recordando do tempo em que era vocalista e tinha uma banda. Amigos como Cristina Carriconde e Cássio Amaral afirmaram que era como se Rodrigo tivesse parado no tempo, pois sempre retomava este

⁹⁵CHACON, Paulo. *O que é Rock*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p.18.

⁹⁶ ESTEVEZ, Carlos José Gomes. *A lira da ira e a estética da transgressão: a relação rock e drogas no Brasil*. 1999. Dissertação de Mestrado, Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1999.

⁹⁷O Rock in Rio é um festival de música idealizado pelo empresário Roberto Medina, realizado pela primeira vez em 1985 no Rio de Janeiro. Tornou-se um evento de repercussão mundial e, em 2004, teve a sua primeira edição fora do país em Lisboa, Portugal.

período em suas conversas⁹⁸. Em diversas narrativas Rodrigo valorizou este momento de sua vida, pois era um período em que ele não havia recebido um diagnóstico, não fora internado em uma instituição psiquiátrica, suas preocupações eram outras: tocar em uma banda, escrever letras de música, ser popular, etc. Sua paixão pela década de 1980 se deve ao fato de ele olhar o passado de forma idílica, por perceber que naquele momento ele pôde viver experiências que anos posteriores não lhe seria permitido devido ao diagnóstico.

Neste sentido, para compreendermos a experiência de vida de Rodrigo é necessário refletir sobre o que significa ser jovem, especificamente no cenário político e cultural brasileiro da década de 1980. Diversos autores problematizaram essa questão, e retomaremos algumas delas agora para compreender melhor a vida de Rodrigo. Como afirma Pierre Bourdieu a juventude não é um dado, mas uma construção social a partir da luta das gerações jovens x velhos, pois como diz o autor “somos sempre o jovem ou o velho de alguém⁹⁹”, isto é, se trata sempre de uma relação em que a diferença é construída.

Alexandre Barbosa Pereira em seu artigo *Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas ciências sociais* dialoga com alguns autores que têm contribuindo para pensar a categoria juventude. Dentre os estudiosos, Pereira cita Clarke, Hall, Jefferson e Roberts, os quais concordam ao afirmar que o aumento do mercado e do consumo no pós-guerra fez com que a indústria se voltasse e, de certa forma, criasse um público jovem. A vinda desses jovens, ex-soldados, da guerra, teria criado condições para que a juventude ganhasse: “a emergência dos meios de comunicação de massa, dos entretenimentos de massa, da arte de massa e da cultura de massa”¹⁰⁰. Dialogando com Margulis e Urresti, Pereira aponta que ser jovem não depende apenas da idade como característica biológica e nem apenas o fator social, como uma condição de privilégio. Para os autores deve se considerar o fator geracional:

[...] a circunstância cultural que emana de ser socializado com códigos diferentes, de incorporar novos modos de perceber e de apreciar, de ser

⁹⁸ Conversa concedida à autora via telefone no Rio de Janeiro em novembro de 2014. As entrevistas encontradas, bem como os depoimentos de Cássio Amaral e Cristina Carriconde designam a década de 2000. Não podemos afirmar se essa memória sobre a década de 1980 existia na década de 1990, porque as fontes deste período são poucas e limitadas para poder responder esta questão.

⁹⁹ BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983, p.113.

¹⁰⁰ CLARKE, et al apud PEREIRA, Alexandre B. Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas ciências sociais. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/Artigo-Alexandre-Barbosa-Pereira.pdf>. Acesso 30/03/2015 às 22h24. p.4.

competente em novos hábitos e destrezas, elementos que distanciam aos recém-chegados do mundo das gerações mais antigas.¹⁰¹

Estes autores apontam que o jovem teria uma espécie de moratória vital que o caracterizaria com determinado privilégio. Essa moratória corresponderia com um período da vida que possui um excedente temporal, um elemento que se tem a mais e se pode dispor, um “capital temporal”. “Daí a sensação de invulnerabilidade que caracteriza os jovens, sua sensação de segurança: a morte está longe, é inverossímil, pertence ao mundo dos outros, às gerações que os precederam”.¹⁰² Desta forma, a moratória social corresponderia a uma noção de juvenil que se expressaria por aspectos estéticos “[...] e configuraria um certo privilégio de determinadas classes sociais mais abastadas. Já a moratória vital definiria uma noção fática de ser jovem comum a todas as classes sociais, marcada pela energia do corpo, pela distância da morte etc.¹⁰³”.

Diante dessas moratórias reconhece-se a existência de por um lado, de jovens não juvenis, como os das classes populares que não gozam da moratória social e nem portam os signos que caracterizam hegemonicamente a juventude e, por outro lado, jovens não juvenis, como o caso de certos grupos dos setores médios e altos “[...] que vêm diminuindo seu crédito vital excedente, mas são capazes de incorporar tais signos”.¹⁰⁴

Percebemos desta forma, que Rodrigo enquanto jovem de classe média pôde vivenciar uma experiência específica de juventude, frequentando shows, frequentando aulas de música, formando um capital cultural que lhe deu condições para se tornar letrista e vocalista de bandas de rock.¹⁰⁵ Ter uma banda de rock na década de 1980 significava para certos jovens viver sua juventude ao máximo, pois através da música podiam não apenas denunciar um regime autoritário, mas criticar valores tradicionais que eram exercidos dentro de suas casas, em um modelo específico de família, e a própria classe social a que pertenciam. Como indica

¹⁰¹ MARGULIS; URRESTI *apud* PEREIRA, Alexandre B. Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas ciências sociais. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/Artigo-Alexandre-Barbosa-Pereira.pdf>. Acesso 30/03/2015 às 22h24. p.3.

¹⁰² Ibidem.

¹⁰³ PEREIRA, Alexandre B. Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas ciências sociais. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/Artigo-Alexandre-Barbosa-Pereira.pdf>. Acesso 30/03/2015 às 22h24. p.3.

¹⁰⁴ MARGULIS & URRESTI *apud* PEREIRA, Alexandre B. Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas ciências sociais. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/Artigo-Alexandre-Barbosa-Pereira.pdf>. Acesso 30/03/2015 às 22h24. p.4.

¹⁰⁵ Além de vocalista da banda Pátria Armada, Rodrigo escrevia letras de músicas para as bandas como Morganas, Eutanásia, por exemplo.

a letra da música *Burguesia*, de Cazuza e George Israel:

A burguesia fede/A burguesia quer ficar rica/Enquanto houver burguesia/Não vai haver poesia [...] Pobre de mim que vim do seio da burguesia/Sou rico mas não sou mesquinho/Eu também cheiro mal [...] Eu sou burguês, mas eu sou artista/ Estou do lado do povo, do povo.¹⁰⁶

O próprio Cazuza pode ser considerado um burguês da Zona Sul carioca, mas isto não impedia que ele realizasse críticas a sua classe. Ele mesmo se coloca enquanto porém, não é porque veio de uma classe que precisa necessariamente se identificar com ela. E, neste sentido, ele afirma que como artista ele se pode colocar ao lado do povo. Cazuza foi um referencial de rebeldia juvenil em sua época, mas também nos dias de hoje. Nosso objetivo não é estudar as entrelinhas da música, mas mostrar que as críticas construídas a partir da década de 1980 vinham de diferentes esferas sociais e problematizavam temas diversos.

Rodrigo também tematizava os problemas sociais. Em uma entrevista, Rodrigo afirmou que em uma atividade da aula da Suzana Vargas, durante sua graduação de jornalismo na década de 1980, escreveu um poema que mais tarde foi musicalizado: “a bomba é a solução / pra essa situação / pra crise geral / pro imposto territorial”.¹⁰⁷ Era um momento de questionamento político Rodrigo afirmou que a letra da música tratava “[...] dos problemas políticos do país”.¹⁰⁸ Podemos comparar essa letra com algumas de outras bandas e veremos que seu conteúdo não difere muito das criadas por bandas como Aborto Elétrico, Barão Vermelho e tantas outras. Tais problemas também aparecem em outras músicas de Cazuza, como *Brasil*: “Brasil!/ Mostra tua cara/ Quero ver quem paga/ Pra gente ficar assim/ Brasil!/ Qual é o teu negócio?/ O nome do teu sócio?/ Confia em mim”.¹⁰⁹

Os jovens letristas passaram a registrar no cenário musical composições que retratavam uma sociedade violenta, corrupta, opressora e injusta como responsável pelas desigualdades sociais que atingira os menos favorecidos. Há nas letras uma crescente preocupação social dos jovens que eram filhos da classe média, que apoiou e posteriormente se voltou contra a ditadura. O sentimento de descrença predominou na juventude que desejava que seu país

¹⁰⁶ CAZUZA. *Burguesia*. Disponível em: <http://letras.mus.br/cazuza/43858/>. Acesso 04/04/15.

¹⁰⁷ LEÃO, Rodrigo. *Três Poetas & um Poeta*. Entrevista realizada por: Cássio Amaral, Rafael Nolli e Ricardo Wagner. Rio janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas7.htm>. Acesso 14/08/15 às 11h08.

Esse poema de Rodrigo, que mais tarde se tornou música bastante difundida pela banda Eutásia, tornando-se, segundo ele, hino punk do Rio na década de 1980. Na entrevista, Rodrigo fala apenas desse trecho, não encontramos o restante dele em outras fontes.

¹⁰⁸ LEÃO, Rodrigo de S. Entrevista. [2008] Acervo RSL na FCRB. Entrevista concedida a Ramon Nunes Melo.

¹⁰⁹ A faixa faz parte do disco "Ideologia", de 1988, terceiro de Cazuza, e foi composta em parceria com George Israel, do grupo Kid Abelha.

retornasse a perspectiva de um futuro e um presente democrático. A ilegalidade, a pobreza e o descrédito político foram fonte de inspiração para as canções nos últimos anos da década 1980.

Não queremos comparar ou hierarquizar a banda de Rodrigo em relação a outras bandas do período, mas refletir a maneira pela qual Rodrigo participou destes movimentos e contribuiu para aquilo que consideramos ter sido a década de 1980. Pode ter participado de Festivais diferentes do que Barão Vermelho, Titãs, entre outras bandas, pode ser que recepção das músicas se desse de forma distinta, mas o que mais nos interessa é o que eles tinham em comum, ou seja, fazer parte dos movimentos políticos e culturais carioca por meio do rock. Este, o rock, era um referencial pelo menos para uma parte da juventude carioca da época, aquela da qual fazia parte Rodrigo, como ele rememora: “Lembro que havia um show do Legião Urbana no fim de semana e eu já estava com o ingresso. Como todo mundo que viveu naquela época, meus dias eram contados pelos discos do Legião”.¹¹⁰

Rodrigo praticava triatlo, jogava Polo Aquático no time juvenil do Flamengo e era muito vaidoso. No documentário, *Tudo Vai Ficar da Cor que Você Quiser*, Rita, tia de Rodrigo, narra que depois do diagnóstico (1989), começou a presentear-lo com roupas de menor qualidade, já que não saía de casa, até que um dia ele reclamou, pois só porque não saía de casa não poderia ganhar roupas boas? O cuidado de si, sobre seu corpo, sua vaidade, vinha também de suas práticas diárias, do esporte, alimentação, vestimenta e também de sua própria constituição enquanto artista. Nos tempos livres lia filosofia e seu autor favorito era Nietzsche.¹¹¹

Durante sua graduação, por volta de 1987, foi trabalhar na Seguradora da Caixa Econômica Federal (SASSE), na assessoria de imprensa, emprego que conseguiu graças à indicação e influências políticas de seu avô. Essa indicação demonstra, , o status social de sua família e uma característica do Estado brasileiro: o poder exercido pelas famílias e suas redes de influência no Estado, para obtenção de benefícios, . Na Sasse Rodrigo trabalhou como auxiliar de escritório, experiência que narrou de forma irônica e com muito humor em seu livro *Carbono Pautado*:

Desde meus doze anos, meu avô procurava um emprego pra [sic] mim. Não que fôssemos pobres ou eu, um mau aluno. Éramos classe média alta e minhas notas na escola, tão azuis quanto o céu. Só quando eu beirava os dezoito anos, com a ascensão política de um parente, meu avô conseguiu o

¹¹⁰ LEÃO, Rodrigo de S. *Carbono Pautado*. Rio de Janeiro: Record. 2011, p.27.

¹¹¹LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: 7 Letras.2009.

trabalho que considerou ideal. Iria labutar em meio expediente, como auxiliar de escritório, numa agência do maior banco estatal brasileiro: o BMB¹¹².

Na Sasse não pôde desenvolver seu potencial jornalístico. Segundo Rodrigo, ele gostaria de ter criado um jornal, entre outras atividades, o que, no entanto, não foi permitido. Isto fez ele se frustrar ao viver a rotina de um setor público. Em *ECB*, escrito em 2003 e publicado postumamente em 2011, Rodrigo enuncia a percepção de quem era ela naquele tempo:

Eu trabalhava como todo rapaz de 23 anos trabalhava. Vestia-me como qualquer rapaz de 23 anos se veste. Era um cara comum. Estatura mediana. Inteligência mediana. Tudo em mim era medíocre. Talvez fosse eu o tipo de pessoa que só queria ser feliz e escrever alguns poemas.¹¹³

Rodrigo afirmou que não tinha nada de absolutamente diferente das pessoas que conviviam com ele. Isto até “[...] o dia em que quis deixar de ser medíocre e jogar fortemente o jogo da existência. Levei uma porrada na cara, outra na alma e uma bomba na cabeça”.¹¹⁴ Para Rodrigo, deixar de ser medíocre era deixar de seguir a ordem das coisas, momento em que percebeu as relações de poder, passando a sofrer as consequências de maneira mais drástica, segundo ele, através da bomba, do chip ou da esquizofrenia.¹¹⁵ Nas considerações iniciais do livro *ECB*, Rodrigo manifestou sua limitação diante dos jogos do poder, pois enquanto era bonzinho todos o tratavam como bonzinho,¹¹⁶ indicando que seu “problema” podia estar relacionado como o rompimento de uma determinada perspectiva de vida, pois o chip e a bomba só vieram quando ele passou a questionar a ordem das coisas.

1.2. Algumas considerações sobre a Reforma Psiquiátrica Brasileira

O chamado movimento de Reforma Psiquiátrica, iniciado no Brasil na virada da década de 1970 para a de 1980, consolidado em diversas práticas, instituições e legislação

¹¹²LEÃO, Rodrigo de S. *Carbono Pautado*. Rio de Janeiro: Record, 2011b, p.9. Livro leva este nome por fazer referências a uma brincadeira realizada pelos colegas de trabalho de Rodrigo quando ele entrou na Sasse. Pediram que ele pegasse (encontrasse) o carbono pautado, sendo este inexistente. Rodrigo ressignifica sua experiência por meio da narrativa literária, por exemplo diz que trabalhou no Banco Mercantil do Brasil ao invés de afirmar que trabalhou na Sasse. As fontes que trazem sua biografia, bem como documentos oficiais arquivados na FCRB registram que ele trabalhou na Sasse.

¹¹³ LEÃO, Rodrigo de S. *O Esquizoide: Coração a boca*. Rio de Janeiro: 7 Letras 2011a, p. 10.

¹¹⁴ Idem, p. 11.

¹¹⁵ Idem, p. 13.

¹¹⁶ Idem, 11.

atualmente, não foi a única expressão contrária as práticas da psiquiatria que vinha sendo desenvolvidas no país. As críticas a este modelo de psiquiatria começaram se levantar já no início do século XX e foram tomando envergadura ao longo do século. Essas críticas não podem ser homogeneizadas em apenas um movimento, pois foram diversos os projetos construídos. Silvio Yasui, em sua tese intitulada *Rupturas e encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica Brasileira*¹¹⁷ apresenta como ao longo do século XX houve diferentes perspectivas que criticavam o modelo hospitalocêntrico, apontando novos caminhos para assistência psiquiátrica no Brasil. Yasui aponta alguns especialistas que de alguma forma procuraram pensar novas formas para o tratamento psiquiátrico na primeira metade do século XX, como: Ulisses Pernambucano, como um dos pioneiros da psiquiatria social brasileira Ozório César, no hospital psiquiátrico Juquery, que utilizava a expressão artística como instrumento terapêutico; na década de 1940, Nise da Silveira com o Museu Imagens do Inconsciente; na década de 1960 e 1970 várias experiências de comunidades terapêuticas realizadas em diferentes Estados, como São Paulo e Rio Grande do Sul. Segundo o autor:

E houve ainda, dezenas, provavelmente centenas de experiências pontuais, localizadas, muitas efêmeras, espalhadas pelo país, realizadas ao longo do século XX, que buscavam humanizar o atendimento ou contrapunham-se ao modelo hegemônico e, se pouco ou quase nada conseguiram mudar, serviram para lançar sementes e produzir pequenos brotos.¹¹⁸

Paulo Amarante apoiado em Birman e Costa aponta que a psiquiatria clássica foi desenvolvendo uma crise tanto no plano teórico quanto prático, principalmente pela mudança de seu objeto que deixou de ser o tratamento da doença mental para a promoção da saúde mental. Segundo ele, dois momentos devem ser destacados no momento da reforma psiquiátrica: em primeiro lugar a crítica ao modelo asilar, que defendia uma mudança interna, isto é, o manicômio continuava sendo, nesta perspectiva, a instituição de referência para o tratamento da loucura. Já o segundo momento é marcado pela extensão da psiquiatria para o espaço público, com o objetivo de prevenir e promover a ‘saúde mental’,¹¹⁹ embora, nesta perspectiva, o tratamento extrapole a instituição psiquiátrica, ainda está muito vinculado a ela. No entanto, outro modelo conhecido como a psiquiatria Basagliana, buscou romper drasticamente, segundo Yasui, com os dois modelos expostos acima.

¹¹⁷ YASUI, Silvio. *Rupturas e encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica Brasileira*. Tese apresentada a Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2006.

¹¹⁸ Idem, p. 32.

¹¹⁹ Birman e Costa *apud* AMARANTE, Paulo. *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

Amarante datou historicamente o início da reforma psiquiátrica no Brasil em 1978-1980, baseando-se na crise da DINSAM (Divisão Nacional de Saúde Mental), assim compreendendo que os trabalhadores da saúde mental foram fundamentais para o processo da reforma. Em 1978, a DINSAM declarou greve e mais de 260 pessoas foram demitidas entre funcionários e estagiários.¹²⁰ A crise foi deflagrada a partir da denúncia de três médicos ao registrarem as irregularidades presentes no hospital. A partir daí surgiu o MTSM (Movimento dos Trabalhadores da Saúde Mental), objetivando constituir-se como um espaço de luta não institucional para a elaboração de propostas de transformação na assistência psiquiátrica. Segundo Amarante, suas principais reivindicações estavam pautadas nas seguintes questões: salariais, formação de recursos humanos (criação de centros de supervisão para bolsistas), relações entre instituição, clientes e profissionais (crítica ao autoritarismo das instituições), modelo médico-assistencial (crítica aos limites da atividade terapêutica biológica), condições de atendimento (crítica ao número insuficiente de profissionais).¹²¹

Esse movimento foi importante para o planejamento e ampliação da assistência a saúde à população. Delgado citado por Tenório¹²² afirma que as iniciativas foram basicamente duas: racionalização, humanização e moralização do asilo, criação de ambulatórios como alternativa ao asilo. Na década de 1980 além da crítica a privatização da saúde e do modelo asilar, outros processos foram importantes para a consolidação da reforma: “a ampliação dos atores sociais envolvidos no processo, a iniciativa de reformulação legislativa e o surgimento de experiências institucionais bem-sucedidas na arquitetura de um novo tipo de cuidados em saúde mental.”¹²³ Alguns eventos foram importantes para dar direcionamento ao movimento, como a I Conferência de Saúde Mental e o posterior II Encontro Nacional dos Trabalhadores em Saúde Mental. A I Conferência representou o fim da trajetória sanitarista e o início da trajetória de desconstruir, as formas arraigadas de lidar com a loucura no cotidiano das instituições e da sociedade, isto é, o foco passou a ser a desinstitucionalização:

A ação na cultura passa a ocupar um lugar estratégico no agora denominado Movimento da Luta Antimanicomial: trata-se de chamar a sociedade para discutir e reconstruir sua relação com o louco e com a loucura. A participação dos agora chamados usuários dos serviços de saúde mental (em

¹²⁰ Idem.

¹²¹ Idem.

¹²² Delgado apud TENÓRIO, F. A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceito. *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 9(1):25-59, jan.-abr. 2002, .

¹²³ AMARANTE, Paulo. *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

lugar de pacientes.) e de seus familiares nas discussões, encontros e conferências passa a ser uma característica marcante do processo¹²⁴.

Em diferentes estados foram realizados encontros e congressos dos trabalhadores da saúde mental, entre eles o Rio de Janeiro, local onde se localiza a instituição que Rodrigo ficou internado. Em 1986 foi realizado o I Encontro Estadual de Saúde Mental do Rio de Janeiro, o qual debateu a implementação do Sistema Único de Saúde (SUS), a Reforma Sanitária e a conceituação global de saúde. As discussões priorizavam a participação de ex-internos psiquiátricos para a formulação e execução de políticas de assistência a saúde mental. Em 1987 foi realizada no Rio de Janeiro a I Conferência Estadual de Saúde Mental do Rio de Janeiro, tendo como tema central a política nacional de saúde mental na reforma sanitária, discutindo muitos outros subtemas e tendo uma ampla participação de diferentes instituições, associações e entidades ligadas a saúde mental¹²⁵.

Era em meio aos debates de direitos humanos, reforma política e anistia que se reivindicava um novo modelo de assistência psiquiátrica e se discutia a cidadania das pessoas com sofrimento mental. Assim, em 1986, foi realizada a 8ª Conferência Nacional de Saúde, a qual propôs uma nova concepção de saúde: a saúde como um direito do cidadão e dever do estado, abrangendo questões como a universalização do acesso à saúde, descentralização e democratização.

A partir da influência francesa, americana e italiana surgiram, no final da década de 1980 os CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) que se tornaram um referencial para o atendimento da saúde mental no Brasil. Influenciados pela experiência do exterior, os CAPS foram maneiras criativas de cuidar, com responsabilidade, de pessoas com problemas psiquiátricos. Utilizavam-se de líderes comunitários, profissionais, materiais improvisados e sucatas para reabilitar as pessoas que, pelos transtornos mentais, eram excluídas da sociedade. As equipes eram interdisciplinares e tinham a proposta de uma ação ligada, ao mesmo tempo, à prevenção, tratamento e reabilitação. Outro aspecto importante desses centros era a parceria com outras instâncias sociais, sendo que alguns deles funcionavam em salões paroquiais ou outros locais. A marca dessas estruturas foi o compromisso ético de que todos têm o direito a uma vida digna a despeito da doença mental ou de outras limitações sociais e econômicas.

No entanto, a qualidade da assistência foi ao longo do tempo questionada, já que o serviço ser externo não garantia uma natureza não-manicomial¹²⁶. A partir do MTSM, os

¹²⁴ Idem, p.35.

¹²⁵ Idem.

¹²⁶ Idem.

ideais da reforma psiquiátrica ganharam visibilidade e a partir da década 1980, passaram a fazer parte do debate na esfera pública, resultando na formulação do projeto de lei de autoria do deputado Paulo Delgado, apresentado em 1989 que reivindicava a regulamentação dos direitos das pessoas com sofrimentos mentais e a extinção progressiva dos manicômios.

Muitas foram as tentativas para um tratamento mais humanizado para as pessoas com sofrimento mental. A instituição dos CAPS, por exemplo, foi um modelo alternativo ao manicômio como forma de desinstitucionalizar a loucura. Muitas foram às tentativas de reconhecer o sujeito considerado louco como um sujeito detentor de direitos e, portanto, de cidadania.

A partir da década de 1990 são perceptíveis alguns avanços, como a humanização do hospital, a fragmentação dos grandes hospitais públicos em unidades autônomas com pluralidade de ofertas terapêuticas, serviços extra-hospitalares e a criação de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) como serviço de atenção diária, com oferta de atenção ambulatorial e expressão criativa, substituindo o manicômio. Porém essas políticas levavam a outra preocupação não menos importante: a questão da moradia, uma vez que muitos pacientes eram abandonados por familiares nestas clínicas. Neste sentido, a criação de residências terapêuticas foi fundamental para abrigar esses sujeitos. Apenas em 1992 a reforma ganhou características específicas, a partir do II Conferência quando há uma grande representação dos usuários de saúde mental questionando o saber psiquiátrico, reivindicando o fim do manicômio, criação de equipamentos e recursos como o centro de atenção diária, residências terapêuticas e cooperativas de trabalho¹²⁷.

Conforme Amarante, devemos entender a reforma psiquiátrica como um processo e não um fato encerrado, ou seja,

[...] um processo dinâmico, plural, articulado entre si por várias dimensões que são simultâneas e que se intercomunicam, se complementam. Desta forma, com essa dinâmica e pluralidade é, antes de mais nada, um processo. Isto é, algo que tem movimento, que não é estático e nem tem um fim ótimo. É um processo em construção permanente, porque mudam os 27 sujeitos, mudam os conceitos, mudam as práticas, muda a história!¹²⁸

Em 2001, quando foi promulgada a lei 10.216, que tem origem no projeto de Paulo Delgado, mas que sofreu várias modificações através de substitutivos de senadores, Rodrigo

¹²⁷ Cf: AMARANTE, Paulo. *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

¹²⁸ AMARANTE, Paulo. *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.1995, p. 59.

vê a luta antimanicomial como algo que estivesse no passado, no entanto foi naquele ano que a saúde mental conquistou uma lei específica:

Sei que em um determinado momento houve uma vontade das coisas mudarem [...] Tudo é um processo, e neste Brasil lento ainda se prende muita gente, mas, também, onde botar gente como o Julinho, que bate em todo mundo? Que morde. Que pode matar com as mãos. Onde? É uma decisão muito difícil a de acabar com os manicômios. Se não existisse manicômio eu estaria morto, já que o meu caso não é propriamente de loucura¹²⁹.

Rodrigo afirma que mesmo depois destes debates e da própria lei, muita gente continuou internada, isto se deve, além de outras coisas, pelo fato de muitas famílias abandonarem o sujeito diagnosticado, fazendo com que a pessoa se tornasse uma espécie de morador permanente do hospital psiquiátrico, uma vez que não teria condições de sobreviver fora dali. Em relação a isso, Rodrigo não fez uma crítica severa contra o modelo manicomial, ao contrário, questionou se não houvesse a existência destes onde ficaram pessoas consideradas casos “graves”. Rodrigo não viu os médicos ou a assistência psiquiátrica como inimigos, para ele o grande problema da questão da loucura é a questão social: preconceito, falta de incentivo ao trabalho, ao desenvolvimento de pesquisas, “não são feitos tantos estudos sobre doenças mentais. Os remédios ainda eram antiquados até um tempo atrás”.¹³⁰ Rodrigo, em trechos de suas obras parece acreditar na força e eficácia da ciência, especialmente da psiquiatria, para o tratamento e a cura de seus males. No entanto, reconhece que a ciência, como especialidade, é limitada:

Às vezes penso se em algum lugar do mundo os loucos são tratados com a dignidade que merecem. E sei que quem convive com os loucos tem que ter especialidade quando o fundamental seria ter um pouco de carinho. Para uma pessoa que não entende nenhuma linguagem, nenhuma linguagem, a não ser a do amor e do carinho, pode penetrar e criar algo nas almas conturbadas dos doentes¹³¹.

Rodrigo reivindica a humanização do tratamento psiquiátrico. Ele não é contra esses espaços, segundo ele: “Que fique bem claro: não sou contra manicômios. Ou hospícios. Ou clínicas. Como queiram chamar, são os lugares para onde o louco é levado quando está em surto ou quando a doença é crônica¹³²”. Rodrigo vê no hospital psiquiátrico a possibilidade de

¹²⁹ LEÃO, RODRIGO S. *O Esquizoide: coração a boca*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2011a, p.72.

¹³⁰ Ibidem.

¹³¹ Idem, p. 70.

¹³² LEÃO, Rodrigo de S. Os Donos da Loucura. *Revista Germinal*. 2009. Disponível em: http://www.germinaliteratura.com.br/2009/naberlinda_rodrigodesouzaleao_jun09.htm. Acesso 29/04/16.

um espaço onde pessoas poderiam ajudar outras pessoas a viverem melhor, no entanto, na prática não é isso que acontece:

As condições da maioria das clínicas não são boas. Em algumas, vários internos são amontoados no mesmo quarto. O louco em surto costuma ser amarrado a cama, recebendo tratamento clínico sem nenhum afeto. A comida, nos hospícios, é feita para muitos. A qualidade é péssima. Geralmente um café na cama suspeito. Café ralo. Leite aguado. Pão com uma ida de manteiga e só. [...] O almoço é a parte não comível do frango e raramente tem bolo ralado (carne moída), que muitas vezes é motivo de festa. [...]. Porque o que acontece geralmente – vão dizer que há nutricionistas, vão dizer que há psicólogos – é uma forma de lidar com a doença e não com o doente em si.¹³³

Para ele, muito deveria ser feito pelos “loucos”, dentro das próprias instituições com tratamento adequado, comida bem-feita, etc. Rodrigo não combatia a psiquiatria e nem se colocava como vítima diante dela, para ele era através dela que as coisas poderiam mudar, “falo como doente. Não como vítima. Ninguém tem culpa, mas eu também não tenho culpa¹³⁴”. Ele faz críticas a forma de tratamento, mas não condena os psiquiatras, ao contrário, valoriza-os, mas percebe seus limites: “[...] Também não quero dizer que todos os psiquiatras são picaretas. Pelo contrário, são pessoas dedicadas. Delicadas. Preciosas. Amo os psiquiatras. Mas, hoje em dia, não existe uma pessoa do porte da Dra Nise na luta”.¹³⁵

A primeira internação de Rodrigo de Souza Leão aconteceu em 1989, momento em que o debate da reforma psiquiátrica estava ainda em processo, isto significa que olhar para a instituição e para o que ele pode perceber dos momentos que esteve internado é olhar para maneiras que as mudanças estavam em processo no período. Vale salientar que a instituição que Rodrigo ficou internado se tratava de uma instituição particular e neste sentido o processo de mudanças é muito mais complexo e plural.

1.3. A Primeira Internação

Estou sem meu cachorro azul aqui, despido do que sou. Na prática não sou ninguém. Não adianta eu gritar por socorro. Aqui todos estão sendo levados para um lugar pior. E o inferno não é o pior dos lugares¹³⁶.

¹³³ LEÃO, Rodrigo de S. Os Donos da Loucura. *Revista Germina*. 2009. Disponível em: http://www.germinaliteratura.com.br/2009/naberlinda_rodrigodesouzaleao_jun09.htm. Acesso 29/04/16.

¹³⁴ Idem.

¹³⁵ Idem.

¹³⁶ LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2010.

Compreendemos que as doenças e os diagnósticos não são “descobertos” pela medicina, mas que se trata de um discurso criado por um saber sob determinadas circunstâncias, a qual é dado valor de verdade. Rafael Huertas no livro *Historia Cultural de la Psiquiatria*,¹³⁷ aponta que um diagnóstico ou uma doença diz sobre uma sociedade, mais do que de um sujeito. O autor cita Charles Rosenberg para quem não existe uma enfermidade até que temos acordado sua existência, ao percebê-la, nomeá-la e intervir sobre ela.¹³⁸ Assim síndromes que etiquetamos como doenças, não constituem entidades naturais trans-históricas, mas são construções intelectuais que se desenvolveram em contextos específicos.¹³⁹

Huertas demonstra que algumas doenças/teorias acabam caindo em desuso, os sintomas que caracterizavam determinada doença passam a pertencer a outra e, além disso, muitas das teorias que caíram em desuso foram fundamentais para a constituição de novas teorias/doenças. Para Huertas, uma coisa é a doença desaparecer do vocabulário; outra é que se produza uma evolução conceitual na maneira de entendê-la ou uma mudança na maneira de nomeá-la ou classificá-la. Uma enfermidade mental transitória poderia sobreviver ao desaparecimento ou modificação de alguns dos vetores que a compõem. Isto significa que a doença não se trata apenas de uma questão orgânica a ser descoberta e curada pela medicina, mas de um fenômeno social que é classificado e construído como verdadeiro por meio de um saber. Neste sentido, vale questionar os meios que permitiram que a esquizofrenia se constituísse enquanto patologia, compreendendo que os manuais de psiquiatria não são neutros, que só puderam se constituir enquanto tal devido às relações sociais específicas que permitiram o seu desenvolvimento. Vale ressaltar que o ato de classificar e construir classificações está presente em diferentes sociedades e culturas e é utilizado para estabelecer e organizar parâmetros de diferenciação entre objetos e pessoas.

Segundo a Tese de doutorado “*Mudanças nos conceitos de ansiedade nos séculos XIX e XX: Da neurose de angústia ao DSM-IV*”¹⁴⁰ de Milena B. Viana *O Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM) foi criado pela American Psychiatric Association (APA), em 1952, pela necessidade de sistematização das diversas classificações existentes nos Estados Unidos desde 1840. Foi a partir da Segunda Guerra mundial, com o desenvolvimento de nomenclaturas para desordens mentais realizadas pelo exército americano

¹³⁷HUERTAS, Rafael. *Historia Cultural de la Psiquiatria*. Madrid: Catarata, 2012.

¹³⁸ROSENBERG, Charles *apud* HUERTAS, Rafael. *Historia Cultural de la Psiquiatria*, Madrid: Catarata, 2012, p. 102.

¹³⁹HUERTAS, Rafael. *Historia Cultural de la Psiquiatria*, Madrid: Catarata, 2012, p. 102.

¹⁴⁰ VIANA, Milena B. *Mudanças nos conceitos de ansiedade nos séculos XIX e XX: Da neurose de angústia ao DSM-IV*. Tese de Doutorado PPGF da UFScar, 2010.

e a insatisfação da psiquiatria norte-americana com a primeira classificação de desordens mentais incluída na Classificação Internacional de Doenças (CID-6), foi publicada a primeira versão do DSM, em 1952. Nessa primeira versão, foram listadas 106 desordens mentais.

Segundo a autora, a insatisfação dos psiquiatras norte-americanos, sob influência dos modelos psicodinâmico e psicossocial da psiquiatria, se devia à ausência de categorias nosológicas. O modelo teórico seguido pelos psiquiatras dos Estados Unidos era influenciado por ideias da psicanálise. Em 1968, ambas as associações publicam novas versões de suas classificações: a CID-8, que absorve novas categorias, e o DSM-II, que contém agora 182 desordens mentais. As duas publicações consistiam das mesmas categorias, entretanto o DSM apresenta algumas novas divisões e subdivisões, além de algumas novas categorias.

Derbli, Marcio sintetizando a tese de Viana em uma publicação na Revista Comciência aponta que:

A partir dos anos 1960, a psiquiatria passou a ser questionada por diversas frentes. Dentro da comunidade de psiquiatras, havia a insatisfação com as pesquisas geradas pelo modelo vigente e, entre os profissionais mais próximos à vertente biológica, o descontentamento era pelo distanciamento da medicina mais “tradicional”; havia, na época, um movimento denominado “antipsiquiatria”, o qual proclamava que a definição das doenças mentais deveria ser prerrogativa das ciências sociais, dado que as suas causas eram psicossociais; além disso, as verbas para pesquisa na área caíram cerca de 5% ao ano, entre 1965 e 1972, demonstrando insatisfação por parte das entidades governamentais com os resultados das pesquisas realizadas pelo modelo psiquiátrico da época.¹⁴¹

Por ter sido alvo de diferentes críticas a APA, em 1977, convocou novamente um grupo de trabalho para revisar o manual. No entanto, todo o processo de revisão foi acompanhado por críticas da comunidade psiquiátrica. Os críticos consideravam que os revisionistas procuravam retirar da nova versão qualquer menção à etiologia das doenças, afastando-se, assim, da nomenclatura existente no CID-9, a versão da época da classificação da OMS.

Segundo Derbli, para evitar que a nova versão do DSM fosse renegada pela classe psiquiátrica, o grupo liderado por Spitzer fez algumas concessões, como a manutenção da categoria “transtorno neurótico”, com a devida explicação na introdução do manual sobre a diferença entre o transtorno (como conceito descritivo) e o processo neurótico (como um conceito etiológico). Com as devidas concessões e consensos, o DSM-III foi publicado em 1980, com 265 categorias diagnósticas. Três anos depois, Spitzer comanda um grupo para

¹⁴¹DERBLI, Marcio. “Uma breve história das revisões do DSM”. ComCiência 126 (2011): 0-0.

revisar a recém publicada versão. O DSM-III-R (versão revisada) é publicado em 1987 e vem com novas definições para categorias já propostas e sugere a inclusão de algumas categorias em estudo.

Houve uma importante e radical transformação terminológica com a publicação do DSM III em 1980 e as consequências se referem tanto às concepções prevalentes sobre o adoecimento psíquico quanto ao seu tratamento. Segundo Jane Russo e Ana Venâncio no artigo *Classificando as pessoas e suas perturbações: a “revolução terminológica” do DSM III* houve nesse período uma multiplicação de categorias classificatórias:

As “neuroses” não tanto desapareceram, mas sofreram uma transformação radical, na verdade crescendo e se multiplicando a partir de um objetivismo descritivo como critério classificatório. O termo “neurose” – que carrega, como vimos, grande peso simbólico – foi substituído por uma multiplicidade de categorias classificatórias muito mais especificadas (sendo favorecida a designação genérica “transtorno”). [...] A essa transformação conceitual correspondeu, como não poderia deixar de ser, uma transformação concomitante no modo de tratar os transtornos. A visão predominantemente biológica que fundamenta a nova nomenclatura articula-se à hegemonia do tratamento farmacológico que, presente desde pelo menos o final dos anos 1950 no campo da psiquiatria, tem se firmado como a terapêutica por excelência dos distúrbios mentais.¹⁴²

As autoras apontam que na década de 1980 com a publicação do DSM III há uma multiplicação de categorias classificatórias, há um predomínio de uma concepção biológica e uma hegemonia do tratamento farmacológico. Segundo Healy *apud* Russo e Venâncio, o grande crescimento do número de categorias diagnósticas do DSM III e parece manter uma relação estreita com a produção de novos medicamentos. Além interesse econômico contido nessa relação, deve-se considerar que o conjunto de novas classificações produz e responde a uma demanda não apenas de medicamento e alívio, mas de sentido, aumentando em certa medida a autoridade da medicina e suas especialidades, afim de dar sentido a diversos tipos de sofrimento e perturbação¹⁴³.

As autoras são incisivas sobre as consequências do alargamento possibilidades diagnósticas:

[...] com um sistema classificatório que busca dar conta de todas as perturbações possíveis do comportamento humano, expressas na delimitação de um número crescente de transtornos descritos de forma cada vez mais

¹⁴²Russo, Jane, and Ana Teresa A. Venâncio. "Classificando as pessoas e suas perturbações: a 'revolução terminológica' do DSM III." *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* 9.3 (2006): p.475.

¹⁴³ Idem, p. 474.

precisa e específica, parece não ser mais que a atualização da velha pretensão ortopédica e moralizante da psiquiatria. Entretanto, sabemos que essa velha pretensão se realiza de formas diferentes em diferentes épocas. Se todos éramos neuróticos no período de hegemonia da psicanálise, hoje cada um é capaz de encontrar seu próprio transtorno. A extrema banalização do diagnóstico psiquiátrico, se por um lado contribui para diminuir o estigma associado à doença mental, favorece ao mesmo tempo e na mesma proporção uma penetração intensa da psiquiatria e de sua lógica no dia a dia das pessoas. [...]a atual abrangência classificatória dos DSM's, ao se estender indefinidamente, corre o risco de abolir a própria razão de ser do manual: assinalar a presença ou a ausência de patologia¹⁴⁴.

Cilene Alves e Maria Silva, por meio artigo *A esquizofrenia e seu tratamento farmacológico*, permite que reflitamos sobre uma concepção de esquizofrenia, durante a década de 1980 que vai ao encontro do que Jane Russo e Ana Venâncio apontam sobre a profusão de diagnósticos, do aumento dos medicamentos e de uma visão biológica do tratamento da saúde mental. Segundo Cilene Alves e Maria Silva durante a década de 1980 T. J. Crow aprofundou a análise que classifica a esquizofrenia em *sintomas positivos* (caracterizados por distorção do funcionamento normal de funções psíquicas) e *sintomas negativos* (caracterizados por perda de funções psíquicas). De acordo com as autoras, Crow levou em consideração que as drogas antipsicóticas clássicas atuam sobre os sintomas positivos, enquanto que os sintomas negativos não respondem significativamente. Segundo as autoras:

No início dos estudos, utilizando ligantes específicos e tomografia computadorizada, havia sido observado que os sintomas positivos estavam diretamente relacionados com o aumento do número de receptores de dopamina, e os sintomas negativos estavam associados a alterações cerebrais nos ventrículos do hemisfério esquerdo. Com base principalmente nesses dados, Crow propôs a classificação da esquizofrenia em dois tipos: *Tipo I e Tipo II*. A síndrome Tipo I seria uma psicose funcional, caracterizada por hiperfunção dopaminérgica e sintomas positivos. Esse tipo de esquizofrenia poderia ser tratado pelos antipsicóticos. Já a síndrome Tipo II seria uma psicose orgânica, caracterizada por prejuízo cognitivo persistente e irreversível. Embora a distinção entre os sintomas positivos e negativos seja aplicada na prática, ela promove uma simplificação que não está de acordo com a realidade clínica, pois muitos pacientes têm ambos os tipos de sintomas, positivos e negativos. Outro dado que contraria essa distinção sintomatológica é a não seletividade da relação entre os sintomas negativos e o aumento dos ventrículos cerebrais. Efetivamente alguns cientistas argumentam que a dilatação dos ventrículos também ocorre em outras desordens afetivas¹⁴⁵.

¹⁴⁴Ibidem.

¹⁴⁵ ALVES, Cilene R. R; SILVA, Maria T. A. A esquizofrenia e seu tratamento farmacológico. *Estud. psicol.* (Campinas) vol.18 no.1 Campinas Jan./Apr. 2001. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2001000100002>

A visão de Crow permite que pensemos um pouco como eram elaborados os diagnósticos na década 1980. Não encontramos muitos estudos que se referem ao diagnóstico de Esquizofrenia neste período no Brasil.

Com as classificações (DSM e CID) é possível delinear alguns aspectos de um diagnóstico em um período específico e compreender as disputas internas do saber psiquiátrico em instituir uma verdade. No entanto, as classificações são apenas um parâmetro, não se pode tomá-las como práticas psiquiátricas. Se estudar a história dos diagnósticos se trata de um trabalho envergadura, mas complexo ainda, é estudar a história da esquizofrenia, já que não há um consenso em suas características, já que os estudos sobre dedicados a esse diagnósticos são poucos, e, também por os autores consagrados dedicados ao seu estudo (Morel, Kraepelin, Bleuler y Schneider) não darem conta da atual concepção de esquizofrenia, como apontam German E. Berrios, Rogelio Luque e José M. Villagrán da Universidade de Cambridge, Universidade Córdoba e Hospital de Jerez, em um artigo publicado em 2003, intitulado *Schizophrenia: A Conceptual History*:

El concepto actual de esquizofrenia ha sido considerado como resultado de la progresión lineal de una serie de definiciones que han concluido en la definición vigente en los manuales diagnósticos. Según la “hipótesis de la continuidad”, la esquizofrenia ha existido siempre como un objeto natural “real”, y los alienistas de los siglos XIX y XX han ido puliendo sus aristas e impurezas hasta culminaren la definición del DSM-IV, que se considera como el paradigma de un objeto de estudio real, reconocible, unitario y estable. Sin embargo la investigación histórica muestra que la continuidad existente entre los planteamientos de Morel, Kraepelin, Bleuler y Schneider es escasa y que, por tanto, los sucesivos abordajes son inconexos y contrapuestos. Esto tiene dos consecuencias: en primer lugar, la idea de la progresión lineal que culmina en la actual definición es un mito. En segundo lugar, el concepto actual de esquizofrenia no procede de un único objeto de investigación sino de un mosaico compuesto de fenómenos clínicos provenientes de distintos enfoques y definiciones. La mejor forma de estudiar la historia de la esquizofrenia sería describiendo la historia de una serie de programas en paralelo, cada uno basado en diferentes conceptos de la enfermedad, el síntoma mental y la mente. En este trabajo se abordan algunos de estos programas¹⁴⁶.

¹⁴⁶“O conceito atual de esquizofrenia é considerado como uma evolução linear de uma série de definições vigentes nos manuais de psiquiatria. Segundo, “a hipótese de continuidade” a esquizofrenia existiu sempre como um objeto natural e “real” e os psiquiatras do século XIX e XX foram ajustando suas definições até chegar a definição do DSM-IV, que é considerado como um paradigma de um objeto de estudo real, reconhecível, unitário e estável. No entanto, a pesquisa histórica mostra que a continuidade existente entre as exposições de Morel, Kraepelin, Bleuler e Schneider são escassas e que, portanto, as sucessivas abordagens são inconsistentes e contraditórias. E as consequências disso são, em primeiro lugar, que a ideia de progressão linear é um mito e, em

Buscamos trazer algumas referências sobre o que era considerado Esquizofrenia neste período, no entanto não pudemos acessar o prontuário de Rodrigo, mesmo tendo autorização dos seus familiares. A intenção era tentar compreender como o diagnóstico foi construído para ele, pois foi diagnosticado com Esquizofrenia Paranoide e Transtorno Obsessivo Compulsivo, quando foi internado na Clínica da Gávea, uma instituição particular que foi alvo de denúncias sobre suas instalações inadequadas, maus tratos aos internos, práticas terapêuticas violentas.¹⁴⁷

Apesar de haver uma ética do sigilo em casos de pacientes com sofrimento mental, cremos que as denúncias de que foi alvo a clínica fazem com que esta não dê acesso a documentos que possam desvelar aspectos que reafirmem a veracidade destas - especialmente quando se trata de um interno célebre, como Rodrigo -, motivaram o fato de não recebermos permissão para acessar o prontuário. E essa impossibilidade de acesso ao prontuário, tornou impossível darmos informações mais específicas sobre o diagnóstico. O que sabemos é que o atual diretor, Rodrigo Pessanha, já era diretor durante as internações de Rodrigo, mas não sabemos qual o médico ou médica que diagnosticou Rodrigo.

Durante sua primeira crise foi encontrado por sua irmã no Flamengo e foi encaminhado ao Hospital Pinel, pois as ambulâncias levam para os hospitais públicos. Depois de verificado que Rodrigo tinha plano de saúde foi encaminhado a Clínica da Gávea. Estava confuso, com uma imensidão de sentimentos e não sabia o que iria acontecer com ele. Em ECB narra:

Dentro de mim vivia um turbilhão de sentimentos e sensações. Eu entendia o que tinha vivido e teria que começar uma nova vida dentro daquele lugar. No primeiro dia, não sabia exatamente o que me esperava. Fui retirado do cubículo e posto em um dormitório com um outro louco. O indivíduo com quem fiquei babava, tremia e era um pouco violento¹⁴⁸.

segundo lugar, que o conceito atual de esquizofrenia não procede de um único objeto de investigação, mas um mosaico composto de fenômenos clínicos provenientes de diferentes enfoques e definições. A melhor forma de estudar a história da esquizofrenia seria descrevendo a história de uma série de programas em paralelo, cada um baseado em diferentes conceitos de doença, o sintoma mental e a mente". German E. Berrios RL, José M. Villagrán. *Schizophrenia: A Conceptual History. International Journal of Psychology and Psychological Therapy*. 2003;3(2):111-40. Tradução nossa.

¹⁴⁷ ROLIM, Marcos *et al.*, *Apresentação*. 2000. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/caravanas/br/icaravana.html>. Acessado em 16 de junho de 2014.

¹⁴⁸ LEÃO, Rodrigo de S. *O Esquizoide: Coração a Boca*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2011.

Rodrigo narra não saber o que estava acontecendo, não se considerava louco, nem sabia o que de fato significava ser esquizofrênico, então porque ficaria internado? Ficaria preso em uma instituição porque alguém ou um saber objetivou-o como tal? Como viveria a partir de então?

Em seus livros e nos depoimentos dos familiares é perceptível que a primeira internação foi bastante traumática para Rodrigo. Ficou em um cubículo, que os internos chamavam de Carandiru. A irmã de Rodrigo, em uma entrevista, falou que esta era uma área específica da clínica, que ficava mais escondida e onde os pacientes novos ou pacientes que demonstravam “periculosidade” ficavam:

[..] .é porque ficou uma ala assim mais, eu conheci né? uma ala [...] que é chamada de Carandiru né? ele diz até no livro né? [...] é, as pessoas lá ficam, alguns ficam amarrados [...] eles tem umas técnicas assim, que alguns ficam muito agressivos, mais sujo, a parte de baixo, é linda entendeu?¹⁴⁹

Ao longo de sua narrativa Rodrigo relata os tipos de tratamento a que foi submetido, a maneira pela qual os médicos tratavam os pacientes e porque não se adequava a internação. Em meio às objetivações e relações de poder ele encontrou, no entanto, um modo de desdobrar-se. Sua irmã relatou que Rodrigo para tentar sair da instituição psiquiátrica forjou ter tuberculose: “ele tossiu tanto que feriu o estômago e fez sair sangue”.¹⁵⁰ Saiu da clínica psiquiátrica com sua tia Rita e foi por ela levado ao Hospital Miguel Couto.¹⁵¹ Em TCSA, Rodrigo narra:

O que todas aquelas pessoas de branco tinham a ver com o fato de eu estar vomitando sangue? Levaram-me para o Miguel Couto. Pensaram que eu estava com tuberculose. [...] Passei pela porta do hospício. Quis me levantar e fugir. O pior: fugir para onde? Quem iria acreditar na ideia que eu estava com um chip implantado dentro de mim? [...] Eu fui subindo as escadas ancorado por dois médicos fortes e gordos como eu. Havia aquela gente pobre, superpobre: aquilo era o Brasil. Uma zona total. Gente caída no chão. Gente chegando morta. Gente morrendo. Uma fileira de corpos deitados com etiquetas nos pés. Todos munidos de seus prontuários. E aqueles médicos tão jovens, que não sabem muito mais do que eu sei de biologia, fazendo gozação com a sua cara¹⁵².

¹⁴⁹LEÃO, Maria D. de S. *Entrevista* [07/05/2014]. Acervo da autora. Entrevista concedida a Thamara Parteka.

¹⁵⁰LEÃO, Maria D. de S. *Entrevista* [07/05/2014]. Acervo da autora. Depoimento recolhido no apartamento da depoente, pela autora em Copacabana. 11/2015. Rio de Janeiro-RJ.

¹⁵¹ O Hospital Municipal Miguel Couto (HMMC) é um hospital situado na cidade do Rio de Janeiro conveniado ao Sistema Único de Saúde, localizado no bairro do Gávea.

¹⁵²LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2010, p. 17.

Como se lê na citação Rodrigo faz uma descrição do hospital público Miguel Couto, descrevendo como o atendimento era ruim e como o hospital estava superlotado, Rodrigo descreve como as pessoas estavam sendo tratadas como animais, caídas, mortas e outras morrendo e o mais agravante: a inexperiência dos médicos no atendimento e no conhecimento médico, os quais deveriam estar ali para ajudar, riem do interno.

Rodrigo narra sua tentativa de sair da clínica psiquiátrica, de sair do papel imposto, forjando outra patologia para tal. No entanto, ao sair do hospital psiquiátrico ficou mais perdido e assustado¹⁵³, pois não sabia para onde ir, não sabia se alguém iria acreditar no que falava. Além disso, ficou assustado com a realidade do hospital, naquele determinado momento em que acontecia uma epidemia de dengue. Rodrigo criticou a forma com que as pessoas eram tratadas, sem os cuidados necessários. Depois de ter sido examinado no Miguel Couto, sua tia Rita, encaminhou-o novamente para a Clínica da Gávea.¹⁵⁴

Mas Rodrigo não desistiu de sua tentativa de sair do hospital psiquiátrico. Literariamente ele expressa como fez uso das próprias ferramentas do sistema para conseguir sair do hospital. Em ECB ele narra:

- Gostaria de pedir alta – falei.
- Para isso preciso lhe fazer uma pergunta. Você lembra porque está aqui na Clínica Gávea? – disse o psiquiatra.
Quando ele fez a pergunta, *deu para perceber o que seria o ideal responder para que eu recebesse alta*. Falei o necessário:
- Não me lembro, doutor. Não me lembro mesmo. Sei que fui internado, mas parece que está tudo nebuloso.
O doutor me deu alta.[...]
Meus pais ficaram sobressaltados por eu ter conseguido a alta. O que fazer?
- Meu filho, você não está bem para alta. Só quatro dias não recuperam ninguém. Esse médico deve estar maluco. - disse a minha mãe.
- Mas eu consegui alta. Está tudo bem, mãe.
Realmente quatro dias era muito pouco tempo. Não sei ao certo se aquele médico queria se ver livre de um problemão como eu ou tinha fé em mim. Eu só havia tomado remédio durante um dia. O objetivo era que eu esquecesse tudo. Estava saindo do hospício igual como havia entrado¹⁵⁵.

¹⁵³ Naquele momento o Rio de Janeiro passava por um surto de dengue, então no Hospital Miguel Couto tinham muitos pacientes com dengue sendo atendidos ou aguardando o atendimento. Sua Tia Rita narra no documentário em *Tudo Vai Ficar da Cor que Você Quiser* que Rodrigo ficou escondido em canto por medo de pegar dengue. Consultar: SIMÕES, Letícia. *Tudo Vai Ficar da Cor que Você Quiser*. Rio de Janeiro: Artezanato eletrônico. 2014. Duração 70 min.

¹⁵⁴ Embora Rita fosse tia de Rodrigo, sua relação com ele era de amizade, já que tinham pouca diferença de idade. No documentário, Rita relata que sempre saiam juntos. Rodrigo estava com dificuldades no Hospital Miguel Couto, precisava da ajuda de alguém muito próximo, que mais que brigar por ele ter forjado uma doença, iria ajudá-lo a fugir dali.

¹⁵⁵ Grifo nosso. Idem, p. 36, 37, 38.

Devemos ter ciência que o texto acima trata-se de uma autoficção, isto é, não podemos encarar o texto como uma fonte de “fatos”, pois comparando essa fonte com outras percebemos que Rodrigo ficou duas semanas no hospital psiquiátrico, na narrativa acima ele ressignifica o episódio e narra que o protagonista ficou quatro dias internado. Rodrigo arriscou o que podia para tentar sair do hospital psiquiátrico. O pai do Rodrigo, na entrevista concedida ao projeto,¹⁵⁶ falou da inteligência do Rodrigo e de sua capacidade em articular um discurso e um determinado comportamento com a finalidade de convencer o médico de sua condição estável.¹⁵⁷ Fato que não satisfez os pais do Rodrigo, pois segundo eles, Rodrigo ainda não estava preparado para sair e as consequências deste fato, para os pais, foi que Rodrigo deixou de tomar os remédios. Em ECB Rodrigo narra que escondia os remédios, por não compreender o porquê de ter que tomar remédios e o porquê de ter de ser internado em uma instituição psiquiátrica. O diagnóstico de esquizofrenia não teria sido suficiente para convencê-lo de sua condição de doente.

1.4. Rodrigo, a instituição e a assistência psiquiátrica

Para discutirmos o cotidiano institucional de Rodrigo é importante apresentarmos, em primeiro lugar, a Clínica da Gávea instituição, em que esteve internado, considerando a conjuntura político-assistencial do Brasil, pois o surgimento desta, como de outras instituições, não esteve ligado a um mero acaso, mas a um momento histórico em que as instituições psiquiátricas dobraram seu número e no qual as instituições particulares recebiam muitas verbas públicas.

A Clínica da Gávea está, desde sua inauguração até o momento da escrita desta dissertação, localizada no mesmo local, um bairro apazível do Rio de Janeiro – região da Gávea -, segundo seu sítio eletrônico¹⁵⁸. Foi fundada em 1963, por 20 médicos, para prestar serviços hospitalares em geral, mas paulatinamente foi se “especializando na internação de pacientes para tratamento de doenças mentais”.¹⁵⁹

¹⁵⁶ Pelo projeto Gênero, Saber e Instituições Psiquiátricas em Narrativas da Loucura realizamos três entrevistas com pessoas próximas a Rodrigo, seus pais, Antônio A. S. Leão, Maria S. S. Leão, sua irmã, Maria D. S. Leão e o curador de sua obra Ramon Nunes Mello. Com suas amigas Rosa Pena, Cristina Carriconde e Cássio Amaral tivemos apenas conversas informais pelo telefone ou facebook.

¹⁵⁷ No documentário *Tudo Vai Ficar da Cor que Você Quiser* o pai do Rodrigo diz que ele não ficou nem 10 dias internado, quando ele considerava necessário ficar pelo menos um mês.

¹⁵⁸ Clínica da Gávea. Bem-vindo. Disponível em: <http://www.clinicadagavea.com.br/>. Acesso: 15/08/2015.

¹⁵⁹ GÁVEA, Nossa História. <http://www.clinicadagavea.com.br/>. Acesso 27/10/14 às 15h42.

Não foi por acaso que a clínica foi criada neste período e teve um redirecionamento para a saúde mental, pois este era um investimento propício na época. Paulin e Turato¹⁶⁰, assim como Sampaio¹⁶¹ apresentam dados de como houve um aumento dos hospitais psiquiátricos na década de 1960 e de como, principalmente a partir da década de 1970 houve um aumentadas instituições privadas se comparado às públicas. O Brasil vivenciava uma ditadura civil-militar, a qual estava comprometida economicamente com o projeto político do capitalismo de mercado¹⁶², objetivavam privatizar as instituições públicas e “investir” em instituições privadas. Segundo Paulin e Turato:

Em 1941o Brasil possuía 62 hospitais psiquiátricos, sendo 23 públicos (37,1%) e 39 privados (62,9%). Estes últimos, embora em maior número, representavam apenas 19,3% dos leitos psiquiátricos, enquanto que os públicos detinham 80,7%. Em 1961 o Brasil já possuía 135 hospitais psiquiátricos, sendo 54 públicos (40%) e 81 privados (60%). Notava-se, no entanto, um crescimento de 24,9% dos leitos psiquiátricos privados e uma diminuição de 75,1% dos leitos públicos¹⁶³.

Esse é o contexto do direcionamento de verbas públicas para a iniciativa privada representada pelos manicômios, dos quais 80% eram particulares e apenas 20% eram instituições públicas. Em 1971, o Instituto Nacional da Previdência Social – INAMPS gastava 95% do fundo de saúde mental com 269 hospitais particulares e em 1981 com 357¹⁶⁴. Rodrigo ficou internado em uma clínica particular, no entanto, depois da criação do Sistema Único de Saúde (SUS), a instituição passou a atender, também, pelo SUS. Neste período, se internavam pessoas não apenas com um diagnóstico de sofrimento mental, mas usuários de drogas lícitas e ilícitas.

Sobre sua permanência no hospital psiquiátrico, Rodrigo afirma:

Durmo mal. Acordo mal. Não sei qual dos pesadelos é pior: acordado ou dormindo. Saio da jaula. Já estou na jaula a um bom tempo. Quando me tirarão de lá e me deixarão ficar com os outros? Entro na fila para tomar café da manhã. É um café com leite que tem mais água que leite e um pão com

¹⁶⁰ PAULIN, L. F. e TURATO, E. R.: ‘Antecedentes da reforma psiquiátrica no Brasil: as contradições dos anos 1970’. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. 11(2): 241-58, maio-ago. 2004, p.245.

¹⁶¹ SAMPAIO, José Jackson *Hospital psiquiátrico público no Brasil: a sobrevivência do asilo e outros destinos possíveis*. Dissertação de mestrado, Instituto de Medicina Social da Uerj, Rio de Janeiro.

¹⁶² PAULIN, L. F. e TURATO, E. R.: ‘Antecedentes da reforma psiquiátrica no Brasil: as contradições dos anos 1970’. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. 11(2): 241-58, maio-ago. 2004.

¹⁶³ PAULIN, L. F. e TURATO, E. R.: ‘Antecedentes da reforma psiquiátrica no Brasil: as contradições dos anos 1970’. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. 11(2): 241-58, maio-ago. 2004, p.245.

¹⁶⁴ TENÓRIO, F. A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceito. *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 9(1):25-59, jan.-abr. 2002, p.30.

passada de manteiga na ida. Eu pago para estar neste lugar, mas só a ida da faca com manteiga está nos custos¹⁶⁵.

Rodrigo narra como se sente e se relaciona com a instituição. Reclama do alimento e do lugar em que estava internado, já que “jaula” designava um lugar específico, onde a pessoa ficava separada dos demais. Dentro da instituição, além de ter pessoas com problemas diversos sendo tratados todos juntos, também eram pessoas de classes diferentes. Rodrigo narra sobre isso, pensando nas dificuldades dos funcionários em terem que lidar e supostamente agradar diferentes públicos: “Deve ser muito difícil lidar com toda aquela clientela, gente de todo o tipo. Com caras da zona sul e com garis da Comlurb¹⁶⁶. Rodrigo vê, os internos, não apenas como internos, mas como clientes. Em outro trecho Rodrigo evidencia o atendimento ruim com superlotação:

Quando o hospício estava cheio, era hora de ficar quieto. Qualquer coisa e você poderia ser amarrado a cama. Dentro do cubículo e amarrado era a morte. Muitos alcoólatras viviam amarrados devido a síndrome da abstinência. O grande mal das clínicas é que elas misturam os doentes¹⁶⁷.

Rodrigo mostra que a instituição tem medidas autoritárias no sentido de controlar o grande número de internos que estão presentes. Para não ser alvo, Rodrigo alerta que se deve ter um comportamento estabelecido, um comportamento dentro da norma. Assim, critica o atendimento da instituição, não apenas pelo autoritarismo, mas por tratar todos os internados de forma homogênea, como se tivesse os mesmos problemas, os mesmos diagnósticos, sintomas, etc.

1
Pânico/no circo/alado/das têmporas/
Endorfinas/macaqueando/a goiabada/pineal
Volts/em volta/eletrodos/todos/de branco/culpados/culpas/pecados
Haldol/no leite/ralo/do tempo/clitóris/de plástico/na sopa/de adrenalina
2
Nodoas/nuas/cristalizadas/na nuca/nunca/injete/tudo
3
dechup/camisa/sem mãos/sem mangas/nos olhos/ apenas/antolhos/
na janela/áurea/de peristilos/punção/de morte/ fode
4
Peixes/fisgando/anzóis/comicham/no corpo/baleias eta¹⁶⁸.

¹⁶⁵ LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis.* ., 2010, p. 18.

¹⁶⁶LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis.* 2010, p. 24.

¹⁶⁷ Idem, p.29.

¹⁶⁸LEÃO, Rodrigo de S. *Surtomania. Janelas Deitadas.* Virtual Books, 2001.

O poema acima chama-se *Surtomania*, e foi escrito alguns anos depois da primeira internação de Rodrigo. Nele se vê a forte influência da poesia concretista¹⁶⁹, sua estrutura, ritmicidade, etc., mas se vê também como Rodrigo joga com linguagem, ressignificando, no nível poético as práticas vivenciadas durante o processo de internação psiquiátrica, como o eletrochoque, o pulso e medo da morte, o consumo não completo dos medicamentos.

Em TCSA, cuja escrita iniciou depois de sua segunda internação em 2001, Rodrigo cria uma representação da loucura, utilizando referências literárias e a experiência dos internos com quem se relacionou desde a primeira internação em 1989. Embora tenha sido internado apenas três vezes em toda a sua vida em uma clínica particular, Rodrigo não considerava a experiência da internação algo insignificante. Ao contrário, a marca da institucionalização estava no seu corpo, em sua subjetividade e em seus livros.

A narrativa de Rodrigo não se assemelha ao *Diário do Hospício* de Lima Barreto¹⁷⁰ ou ao *Alienista* de Machado de Assis¹⁷¹, nos quais é possível identificar, de forma bem objetiva, a crítica que esses autores fizeram à psiquiatria. Lima Barreto traçou críticas minuciosas ao modelo de institucionalização, à maneira com que o saber psiquiátrico se desenvolveu no Brasil, narrando, inclusive a sua vivência nesta instituição, compondo o que a pesquisadora Luciana Hidalgo considerou uma literatura de urgência.¹⁷² Machado de Assis descreveu as características e práticas psiquiátricas do Dr. Simão Bacamarte e colou em cheque o saber psiquiátrico, diluindo as fronteiras entre loucura e razão, já que o psiquiatra ao longo da narrativa acaba enlouquecendo. Primeiro considerar loucos os que apresentam desvio de comportamento, depois passa a considerar louco todo aquele que possui a mente em perfeito equilíbrio, e, por fim acaba por considerar-se o único são em toda a vila. Rodrigo não faz nem uma coisa, nem outra: não elaborou um personagem médico (com nome e características físicas e psicológicas), e em sua narrativa ouvem-se apenas ecos das instituições. O que é central na narrativa do Rodrigo é um mergulho dentro de si mesmo, diante das prisões e

¹⁶⁹ A poesia concreta surgiu com o Concretismo, fase literária voltada para a valorização e incorporação dos aspectos geométricos à arte. O poema no Concretismo tem como característica primordial o uso das disponibilidades gráficas que as palavras possuem sem preocupações com a estética tradicional de começo, meio e fim e, por este motivo, é chamado de poema-objeto. Outros atributos que podemos apontar deste tipo de poesia são: a eliminação do verso, o aproveitamento do espaço em branco da página para disposição das palavras, a exploração dos aspectos sonoros, visuais e semânticos dos vocábulos, o uso de neologismos e termos estrangeiros, decomposição das palavras, possibilidades de múltiplas leituras, etc.

¹⁷⁰ BARRETO, Lima. *Diário do Hospício*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2010.

¹⁷¹ ASSIS, Machado. *O Alienista*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000012.pdf>. Acesso 29/04/16.

¹⁷² Para Hidalgo a literatura de urgência é: “um tipo de escrita realizado sob estado de emergência, consolidado como inscrição capaz de ir além das técnicas de controle corporal no hospital psiquiátrico”. HIDALGO, Luciana. *Lima Barreto e a literatura da urgência: a escrita do extremo no domínio da loucura*. Tese de Doutorado, UERJ, 2007, p.1.

limites das instituições e da psiquiatria, que aparece de maneira metamorfoseada, marcada por personagens reais e fictícios. Sua escrita não é um combate ao modelo manicomial, mas sim uma desconstrução do louco – de seus estereótipos e preconceitos – e uma reivindicação pela humanização da loucura mantendo o manicômio. Rodrigo fala do seu cotidiano, dos remédios que tomava, de pessoas com as quais se relacionava, etc. Descreve também algumas práticas de tratamento, como a pintura:

Eu venho notando a sua evolução na pintura. A professora falou comigo e disse que você já tem uma boa quantidade de obras. Você é um artista que merece expor. Qual medo você tem do mundo lá fora? Estava vendo a possibilidade de sair do hospício. Ia ter alta, mas não podia falar da bomba. Senão iam crer na minha recaída ou que eu não estava curado. Fiquei quieto. – Não tenho medo nenhum do mundo lá fora, doutor – falei devagarinho¹⁷³.

A partir da década de 1940 com Nise da Silveira e Almir Mavignier e criação de um ateliê de pintura no Setor de Terapêutica Ocupacional do Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro, há um movimento em torno da arte como meio de tratamento. O trabalho de Nise passou a ser observado e influenciar outros profissionais e instituições como se deu com Angela Philippini¹⁷⁴. Pesquisas como *A formação em Arteterapia no Brasil* da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo (AATESP) apontam que em São Paulo, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que na década de houve um curso de extensão em arte terapia dirigido por Hanna Kwiatkowska¹⁷⁵. Conforme dados apontados pela União Brasileira de Associações de Arteterapia (UBAAT), houve diversos trabalhos ao longo do século XX no Brasil, por influência de Freud e Jung que passaram a usar a arteterapia¹⁷⁶ como instrumento para a promoção de saúde mental e como método de avaliação do paciente. A UBAAT cita alguns trabalhos desenvolvido como o da Edith Kramer, em 1958, que passou a priorizar a observação do comportamento durante a execução sem a necessidade de verbalização, acreditando que a ênfase no trabalho está na relação transferencial; o trabalho da Françoise Douto, em 1972, que utilizou a arte como meio de comunicação com crianças; o

¹⁷³ Idem, p.74.

¹⁷⁴SEI, Maíra, B. A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia. Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. *A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios*. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia. - São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010. 163p.

¹⁷⁵ Cf: SEI, Maíra, B. A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia. Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. *A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios*. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia. - São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010. 163p.

¹⁷⁶ Conforme Florance Cane a Arte como terapia era fundamentada nas funções: movimento, sentimento e pensamento e a cura ocorreria por meio da catarse do processo artístico, acompanhamento de profissional que reconhecesse os sentidos do que é expressado e ajude a pessoa a se reconhecer (Cane, 1983).

trabalho da Natalie Rogers em 1974 aplica os princípios da teoria centrada na pessoa junto ao trabalho expressivo; pintura, modelagem, expressão corporal, teatro, dança, música, poesia e mímica etc. e em 1996 cria-se o primeiro curso de especialização em arteterapia no Rio de Janeiro¹⁷⁷.

O uso da arteterapia foi se popularizando ao longo dos anos¹⁷⁸, passando pela Reforma e sendo valorizado por ela já que o trabalho com a arte era visto como produção da vida. Por isso o incentivo a oficinas e a produção artística dentro dos hospitais. Para Amarante as oficinas não tinham como finalidade a terapia, mas a própria autonomia do sujeito que através de cooperativas poderiam ter certa independência econômica, mas também pelas próprias possibilidades subjetivas.¹⁷⁹

Rodrigo ao descrever a existência de aulas de pintura na clínica, sinaliza para mudanças e debates que estavam em processo na assistência psiquiátrica brasileira. Mas não podemos pensar este processo como algo homogêneo, pois não é porque o movimento de reforma psiquiátrica defendia mudanças no tratamento dos internos que as instituições aderiram imediatamente às suas reivindicações. Desta forma, não é toda a instituição que ao oferecer oficinas e atividades diferenciadas, está realmente, preocupada com mudanças no processo de tratamento do sujeito, podem estar fazendo mudança no nível das aparências para poder continuar funcionando, por exigências da legislação.

A clínica da Gávea, por exemplo, faz uma propaganda extremamente positiva de seu espaço, seus tratamentos, sua equipe:

[...] modernas e confortáveis instalações, oferece ainda jardins e bosque num ambiente de liberdade e bem-estar para os pacientes e seus familiares. As suítes são amplas e confortáveis, a maioria com ar condicionado. Suas localizações permitem atenção de enfermagem 24h por dia. Contamos ainda com diversos consultórios, salas de reuniões, sala de terapia ocupacional, salas de estar, refeitórios, quadra de esportes, salas de música, etc. A equipe é interdisciplinar, constituídas de psiquiatras, psicólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, professores de educação física, musicoterapeutas e nutricionistas¹⁸⁰.

¹⁷⁷ Cf: SOUZA, Otilia R. S. *Histórico da Arteterapia*. União Brasileira de Associações de Arteterapia. s/d. Disponível em: <http://www.ubaat.org/>. Acesso: 03/05/2016.

¹⁷⁸ Para saber mais consultar: MENDONÇA, Gisele A. M. Arteterapia No CAPS: Uma Nova Forma de Cuidar. Trabalho apresentado para a conclusão do curso de Pós-Graduação em Atenção Psicossocial na Saúde Mental: ênfase em dependência química da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre – FAFIA em março/2013. Disponível em:

http://fafia.srvroot.com/site01/Downloads/publicacoes/posgraduacao/ARTETERAPIA_NO_CAPS_UMA_NOVA_FORMA_DE_CUIDAR.pdf. Acesso 03/05/16.

¹⁷⁹ AMARANTE apud SANTIAGO, E. YASUÍ S. O trabalho como dispositivo de atenção em saúde mental: trajetória histórica e reflexões sobre sua atual utilização. *Revista de Psicologia da UNESP*, 10(1), 2011.

¹⁸⁰ GÁVEA, Apresentação. <http://www.clinicadagavea.com.br/>. Acesso 27/10/14 às 15h42.

Mais que estar dizendo que está capacitada para prestar um tratamento adequado, a instituição está fazendo propaganda de si, mostrando que está em uma situação regular com a legislação, a qual prevê a humanização da internação. Mostra-se assim como um lugar ideal para a pessoa com transtornos psíquicos, pois há quadras de esportes, salas de músicas, etc. Mas o fato de existir estes espaços, ou de ter práticas “politicamente corretas”, não fará que com que a pessoa diagnosticada, tenha uma interação de fato com outras pessoas, não significará que a pessoa terá autonomia, ou que será aceita na sociedade. O fato de trazer oficinas e diferentes atividades para os internos não significa que mudou de fato a perspectiva de cuidado com as pessoas em sofrimento psíquico, pois, por vezes estas mudanças acontecem no nível discursivo e até arquitetônico, para que a estrutura manicomial não tenha uma transformação efetiva.

Rodrigo tem uma pretensão com sua narrativa: a de que esta seja conhecida pelos médicos e, que de algum modo, contribua para transformar a realidade manicomial. Conforme ele,

Um dos meus objetivos com este livro é que os médicos, sabendo de como viver com a bomba é ruim, encontrem uma maneira de minorar o sofrimento de pessoas que assim vivem. Sei que em um determinado momento houve uma vontade das coisas mudarem [...] Tudo é um processo, e neste Brasil lento ainda se prende muita gente [...]¹⁸¹.

Em alguma medida, podemos comparar as intenções de Rodrigo expostas neste fragmento de sua narrativa com as intenções de alguns representantes do Estado brasileiro - deputados pertencentes a Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal - , o qual através do projeto Caravanas Nacionais de Direitos Humanos, que percorre o país no ano de 2000¹⁸², estiveram visitando a clínica em que Rodrigo ficou internado. Na apresentação do relatório destas visitas, os deputados afirmaram: “Estar presente nos locais onde as violações mais comuns aos direitos humanos são praticadas é um desafio permanente para aqueles que se

¹⁸¹ LEÃO, R. *O Esquizoide: Coração a boca*. Rio de Janeiro: Record. 2011, p.72.

¹⁸²“A Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados elaborou o projeto das CARAVANAS NACIONAIS DE DIREITOS HUMANOS com o objetivo de superar esta marca tão característica da atividade política brasileira que é a distância que separa os governantes dos concernidos por suas decisões. Estar presente nos locais onde as violações mais comuns aos direitos humanos são praticadas é um desafio permanente para aqueles que se dispõem a mudar a realidade brasileira”.ROLIM, *et alli*, Apresentação, Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/caravanas/br/icaravana.html>. 2000. Acesso: 16/06/2014 às 01h18.

dispõe a mudar a realidade brasileira. As Caravanas têm essa pretensão”.¹⁸³ Tanto Rodrigo quanto os deputados da Comissão de Direitos Humanos, demonstram interesse em mudar a realidade do manicômio denunciando problemas percebidos a partir de pontos de vista diferentes.

Rodrigo narra várias práticas que ele considera inadequadas dentro da instituição psiquiátrica: “As condições da maioria das clínicas não são boas. Em algumas, vários internados estão amontoados no mesmo quarto. O louco em surto costuma ser amarrado à cama, recebendo apenas tratamento clínico, sem nenhum afeto”.¹⁸⁴

Por outro lado, o projeto das Caravanas, a partir também da constatação de irregularidades, violações de direitos básicos, denuncia e aponta soluções, buscando fazer com que se efetivem medidas correspondentes aos direitos humanos, as quais estão previstas em lei, mas não estão cumpridas.

Já a Instituição Psiquiátrica afirma que tem:

[...] modernas e confortáveis instalações, oferece jardins e bosque num ambiente de liberdade e bem-estar [...] (sendo) coordenada por psiquiatras com experiência e capacitação no tratamento dos pacientes internados. Para cada paciente, a equipe interdisciplinar desenvolve um projeto terapêutico dinâmico e intensivo, com atividades individuais e em grupo, objetivando internações breves¹⁸⁵.

Percebemos uma repetição de enunciados¹⁸⁶, já que todos apresentam um mesmo posicionamento: mudar a realidade do manicômio. No entanto, são diferentes as formas de realizar segundo a instituição, Rodrigo e a Caravana. Podemos ver que os discursos estão em conflito: enquanto Rodrigo critica a falta de estudos que possam minorar o sofrimento dos internos - “Não são feitos tantos estudos sobre doenças mentais”¹⁸⁷ -, o Estado diz que tem que fazer com que se cumpram as leis que já estão instituídas, e, por fim a instituição diz que não há nada para mudar, pois o seu tratamento e suas instalações são excelentes.

¹⁸³ROLIM, *et alli*, Apresentação, Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/caravanas/br/icaravana.html>. 2000. Acesso: 16/06/2014 às 01h18.

¹⁸⁴LEÃO, Rodrigo de S. Os donos da Loucura. *Revista Germina*. Rio de Janeiro, 2009. Publicado originalmente no JB online, com o título mais afeto com os loucos.

¹⁸⁵GÁVEA. Bem-Vindo. Disponível em: < <http://www.clinicadagavea.com.br/>> Acesso: 13/06/2014 às 14h26min).

¹⁸⁶Para Foucault, não existe um texto original, mas comentários, os quais continuamente se repetem: “A repetição indefinida dos comentários é trabalhada do interior pelo sonho de uma repetição disfarçada: em seu horizonte não há talvez nada além daquilo que já havia em seu ponto de partida, a simples repetição. O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado (...). O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta. FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso. São Paulo: Edições Loyola 1996, pp. 25-26.

¹⁸⁷LEÃO, R. *O Esquizoide: Coração a boca*. Rio de Janeiro: Record. 2011, p.72.

O relatório da Caravana dos Direitos Humanos faz uma colocação, especificamente sobre a clínica da Gávea:

O que primeiro ressalta na visita é a inadequação absoluta do prédio onde funciona a Clínica da Gávea. Trata-se de uma construção “morro acima” que se impõe como um labirinto. Não há espaço adequado para os deslocamentos dos internos e boa parte dos “ambientes” são isolados por portas, cadeados e grades. Há uma sala de “triagem” ou coisa parecida onde os recém ingressos ficam isolados, sem acesso às áreas externas, por vários dias, à espera de um laudo¹⁸⁸.

No discurso da Comissão, a clínica da Gávea possui irregularidades, conforme indica a própria localização, considera um lugar inadequado para o deslocamento dos internos. Neste mesmo trecho, indica que a maioria dos ambientes são fechados e isolados, e tem uma sala, ainda mais isolada, na qual os internos recém-chegados ficam a espera do laudo. Vejamos o que Rodrigo afirma sobre a localização da Instituição, deslocamentos entre os pacientes e como é o lugar onde os internos ficam:

Antes da minha internação maior, já havia sido internado outra vez, e outra vez tinha ficado em uma gaiolinha. Minha mãe mentiu-me, dizendo que eu havia ficado na ala melhor daquela clínica. Não, havia estado no Carandiru. No pior lugar da clínica. Lá onde ficam os casos sem solução [...]. Pegaram uma interna e arremessaram. Os doidos tavam [*sic*] arremessando todo mundo que aparecia na frente deles. Jogavam num barranco. A pessoa podia se machucar, mas os outros loucos riam e queriam mais. Formavam uma fila para ser arremessados barranco abaixo. A noite chegava e com ela vinha o pior: a trilha sonora. O hospício ficava do lado da favela. Era funk a noite toda e o dia inteiro. Laciaia, laciaia, laciaia. Vai, Serginho. Dormir ouvindo aquele lixo... Aos berros! [...] Havia muitos morros em volta do hospício. Em vinte anos tudo estaria tomado pela favela. O morro ia comendo o morro e cada vez mais existia menos lugar verde e mais telhado e casas insalubres.[...] No começo da internação às vezes ficamos amarrado [*sic*]. Cada um tem o tratamento que varia de acordo com a sua periculosidade¹⁸⁹.

Rodrigo afirma que teria ficado em um dos piores lugares da clínica chamado de Carandiru¹⁹⁰, ou seja, não só compara o lugar que está internado com um cárcere, como compara com um local historicamente marcado pela violação dos direitos humanos, degradação urbana, massacre, rebelião, injustiça e violência. No final do trecho afirma que os internos recém-chegados, por vezes, ficam amarrados e que o tratamento de cada um é de

¹⁸⁸ROLIM, *et alli*, 2000.

¹⁸⁹LEÃO, 2010, *passim*.

¹⁹⁰ Rodrigo se refere a Casa de Detenção de São Paulo, popularmente conhecida como Carandiru. Foi uma penitenciária que se localizava na zona norte de São Paulo, inaugurada na década de 1920 e sua construção é do engenheiro-arquiteto Samuel das Neves. Ficou conhecido por sua superlotação, má administração e pelos massacres violentos que ali ocorreram.

acordo com o grau de “periculosidade”. Além disso, Rodrigo, assim como a Comissão percebem que o hospital psiquiátrico é cercado por barrancos, ao lado da favela. Em outros momentos da obra, afirma que era relativamente fácil para os internos comprarem drogas, uma vez que a favela é localizada bastante próxima da Instituição. Rodrigo reproduz um discurso que historicamente foi construído em torno da favela, pois em diversos enunciados lá é o espaço da cidade onde se pode adquirir drogas, mas também associado à pobreza, à malandragem e às classes perigosas¹⁹¹.

Aqui cabe um questionamento: Será que a Caravana criticou a localização da clínica por não se tratar de um relevo plano ou por de fato estar localizada bastante próxima à favela? Percebe-se que há uma resistência a localização da clínica, segundo o discurso, por causa do morro, mas será que não há um silenciamento ao omitir que favelas a cercavam?

O discurso da instituição nada menciona a respeito de morros, muito menos de favelas, restringe a localização como apenas “aprazível” bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro. Destaca suas “modernas instalações”, com suítes amplas e confortáveis, “jardins” e “bosques”, o que segundo ela, ofereceria um ambiente de liberdade e bem-estar.¹⁹² Percebe-se que esses elementos da “natureza” são o grande *marketing* da clínica, pois no *site*, é possível ver muitas fotos de árvores, plantas, de prédios externos, mas não há foto alguma da área interna, ou de elementos que permitiriam que o internauta tivesse um pouco mais de conhecimento sobre a organização interna da instituição, pelo contrário, o cenário de flores e folhas caídas no chão e mesas e cadeiras faz com que o internauta perceba o lugar mais como um bistrô ou um café do que um hospital psiquiátrico.

Rodrigo até concorda com a beleza do lugar e evidencia a aproximação da instituição que ficou internado com a instituição de sua narrativa ao dar um nome semelhante: Gavela (ficcional) e Gávea (nome original). “O nome do hospício era clínica Gavela. Um lugar muito arborizado, cheio de plantas e árvores”¹⁹³, mas o fato de ser bem arborizado e com bosques para ele, não condiz nada com um “ambiente de liberdade”, se assim o fosse não teria adjetivado parte dele como Carandiru, em alusão a prisão. A ideia de flores, árvores e até beleza dentro do hospício é comumente marcada nas narrativas da loucura como um cemitério.

¹⁹¹ VALLADARES, Licia do Prado. Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil. In: BOSCHI, R.R. (org). *Corporativismo e desigualdade: a construção do espaço público no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed. IUPERJ, 1991. pp.81-112.

¹⁹² GÁVEA. Site Disponível em: <<http://www.clinicadagavea.com.br/>>. Acesso: 13/06/2014 às 14h46.

¹⁹³ LEÃO, Rodrigo de S. *O Esquizoide: Coração a boca*. Rio de Janeiro: Record. 2011a, p.33.

Encontramos essa característica em Lima Barreto¹⁹⁴, o próprio nome de sua obra chama-se *Cemitério dos Vivos*.¹⁹⁵ Vemos, também, em Maura Lopes Cançado: “Os dormitórios vazios e impessoais são cemitérios, onde se guardam o passado e futuro de tantas vidas. Cemitérios sem flor e sem piedade: cada leito mudo é um túmulo, e eu existo entre o céu e esta dormência calada¹⁹⁶”. Mais que comparar a clínica a um cemitério Rodrigo metaforiza o hospício como um inferno: “Todas as [*sic*] vezes eu desacreditava em Deus. Se havia um lugar como hospício era sinal de que Deus não existia. Ou ele existia e não queria saber de quem estava dentro daquele pequeno inferno¹⁹⁷”.

A crítica a internação está bastante presente em diferentes narrativas de Rodrigo. Apresentamos, a seguir, um trecho de uma carta que foi publicada no Jornal do Brasil, em 2009, em que ele faz algumas críticas ao tratamento psiquiátrico:

Fui internado apenas duas vezes, ainda bem, porque o eufemismo “clínica” é um local o qual eu não me adequo. Na verdade, o que existem são hospícios. Lugares onde todos os loucos estão misturados. Todo mundo junto: alcoólatras, esquizofrênicos, bipolares, dependentes químicos, etc. Ou seja, louco é tratado como gado. Todos iguais, quando até os psiquiatras sabem que cada um é especial. Cada loucura pode se manifestar diferente, dependendo do caso¹⁹⁸.

Liberdade para Rodrigo não se constitui na presença de árvores ou bosques. E, em sua experiência, ela é obtida de forma progressiva: “A primeira liberdade é sair do cubículo. A segunda liberdade é andar pelo hospício. Liberdade, só fora do hospício. Mas a liberdade mesmo, não existe¹⁹⁹”. Mesmo ele tendo vivenciado uma segunda vez a internação psiquiátrica, com experiências mais positivas do que a primeira, por causa da diferença da prática de tratamento e porque fez um amigo lá dentro, como veremos nos próximos capítulos, isso não foi suficiente para ele ver a clínica psiquiátrica como menos cruel, mesmo sendo, para ele, necessária. Ao criticar o hospício, afirmando que não é possível ter liberdade ali dentro da instituição, o discurso de Rodrigo se aproxima do que afirmou a Comissão em seu relatório: “Não há espaço adequado para os deslocamentos dos internos e boa parte dos 'ambientes' são isolados por portas, cadeados e grades”.²⁰⁰

¹⁹⁴ BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos: memória/ Lima Barreto*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

¹⁹⁵Idem.

¹⁹⁶CANÇADO, Maura Lopes. Hospício é Deus: Diário I. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1979, p.78.

¹⁹⁷ LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: 7 Letras.2010, p.24.

¹⁹⁸ LEÃO, Rodrigo de S. Os donos da Loucura. Revista Germina. Rio de Janeiro, 2009. Publicado originalmente no JB online, com o título mais afeto com os loucos.

¹⁹⁹ LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: Record. 2010, p.23.

²⁰⁰ROLIM, *et alli*, 2000.

Sobre as relações entre funcionários e pacientes e a maneira como estes são tratados a Comissão também se manifesta:

Entre os pacientes, as queixas são generalizadas. Reclamam da qualidade da comida, reclamam de maus tratos e alguns deles apontaram um funcionário (Wilson Rodrigues Chaves) como responsável por agressões físicas, reclamam que, em determinadas ocasiões, são retirados dos seus leitos durante a madrugada e submetido a banhos frios; reclamam que não possuem o direito de opinar, etc.²⁰¹

Rodrigo compartilha as queixas sobre os maus tratos na clínica, como já evidenciamos, e também sobre a comida que era servida aos internos:

Depois do almoço eu defecava no banheiro aquela comida ruim. Não havia nenhum interno que agradecia por aquela comida com uma boa oração. Só porque o cara é louco tem que comer o pior. Lasca de goiabada. A única coisa boa era a lasca de goiabada...²⁰²

Rodrigo não cita nenhum funcionário, nem acusa alguém de maus tratos, mas ele narra uma violência institucionalizada. Para não sofrê-la, deve-se ter um comportamento específico: ficar quieto. E, nesse ponto, seu discurso dialoga com o discurso da Comissão quando esta afirma que os internos “reclamam por não poder opinar”.²⁰³ No discurso da Clínica nada aparece sobre as questões aqui apresentadas. O que está apresenta é apenas que a equipe é interdisciplinar, tendo atendimento, inclusive de nutricionistas.

A Comissão reflete também sobre o uso de eletroconvulsoterapia:

Pelo menos três internos relataram ao deputado Marcos Rolim terem passado por sessões de ECT naquela instituição. Perguntada sobre o tema, a direção afirmou que a prática de ECT está em desuso na instituição. É bem verdade que mesmo nessa negativa algumas contradições foram percebidas: um dos diretores afirmou que “só em último caso” a Clínica emprega o ECT; outro disse que “há três anos não há uma aplicação sequer”; um dos diretores afirmou que a instituição “não possui sequer a máquina”, outro disse que “a máquina está guardada”. Ficamos com a dúvida: a clínica aplica ou não aplica a eletroconvulsoterapia?²⁰⁴

O discurso da Comissão apresenta diferentes enunciados sobre a utilização da eletroconvulsoterapia (ECT) para o tratamento dos internos, ela afirma que não pode afirmar ou negar se há a sua utilização para fins de tratamento, no entanto, mostrou que não há uma

²⁰¹ Idem.

²⁰² LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: Record. 2010, p.23.

²⁰³ ROLIM, *et alli*, 2000.

²⁰⁴ ROLIM, *et alli*, 2000.

coerência acerca da sua utilização, como mostra a citação anterior. Isso se reflete no próprio debate sobre a utilização da ECT: enquanto muitos médicos lutaram na reforma psiquiátrica pela desinstitucionalização e se recusaram a usar o ECT como forma de tratamento²⁰⁵, outros defendem essa terapia como uma forma eficaz de tratamento. Em 2010, por exemplo, consta no relatório final da IV Conferência Nacional de Saúde Mental, tanto a extinção de internações em regime fechado, como a extinção do uso de tal método:

Extinguir definitivamente toda e qualquer forma de internação de cidadãos com sofrimento psíquico em hospitais psiquiátricos e em quaisquer outros estabelecimentos de regime fechado, acabando também com a eletroconvulsoterapia no Brasil.²⁰⁶

No entanto, a instituição psiquiátrica aqui analisada, não só considera legal a ECT, como defende como método para o tratamento, como pode-se perceber no fragmento a seguir:

Os serviços de eletroconvulsoterapia são realizados na Clínica da Gávea em regime ambulatorial. As aplicações, devidamente prescritas pelo médico assistente do paciente, são obrigatoriamente realizadas com a presença de um médico operador, anestesista e equipe de enfermagem, em estrita observação das normas do Conselho Federal de Medicina.²⁰⁷

Pode-se ter mais detalhes sobre a utilização da ECT como tratamento, na Clínica da Gávea, através de reportagem publicada na Revista Piauí, na edição de Julho de 2008:

A Clínica da Gávea é um hospital psiquiátrico privado no Rio que fica no meio de um parque. Ali, num casarão amarelo, a psiquiatra Julieta Guevara instalou um serviço de eletroconvulsoterapia. Numa sala de apenas dois leitos, a psiquiatra faz cinco atendimentos por dia, acompanhada de um anestesista e de um enfermeiro. Os procedimentos começam às seis horas da manhã e terminam por volta do meio-dia. A procura é grande porque psiquiatras de todo o Brasil encaminham pacientes para a clínica. Cada sessão custa 700 reais. “O eletrochoque virou um tratamento de elite”, lamentou a psiquiatra Julieta Guevara. O pesquisador Harold Sackeim também confirma isso ao dizer que, nos Estados Unidos, “a ECT é muito

²⁰⁵ Um grande exemplo de recusa por esse tipo de tratamento foi Nise da Silveira, uma psiquiatra que revolucionou os métodos de atendimento aos portadores de transtornos mentais no Brasil. Foi uma revolução em sua época na abordagem clínica dos pacientes psiquiátricos, principalmente os esquizofrênicos, que geralmente eram isolados e considerados como incompreensíveis. Numa perspectiva Junguiana via na arte a recuperação da saúde mental. Para conhecer mais sobre suas práticas, consultar: CASTRO, Elias D; LIMA, Elisabeth M. F. A. Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira. *Interface (Botucatu)* vol.11 no.22 Botucatu May/Aug. 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832007000200017>.

²⁰⁶SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Comissão Organizadora da IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial. *Relatório Final da IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial*, 27 de junho a 1 de julho de 2010. Brasília: Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, 2010, 210 p. 75.

²⁰⁷ GÁVEA, Apresentação. <http://www.clinicadagavea.com.br/>. Acesso 27/10/14 às 15h42.

mais empregada em clínicas particulares e em hospitais universitários. Os pacientes que recebem o tratamento são justamente aqueles de maior poder aquisitivo e que têm acesso a profissionais mais conceituados e experientes”.²⁰⁸

Devemos considerar o valor da aplicação de cada sessão e o que isto representa para a clínica, por exemplo. É de se questionar se a clínica tenha adotado ECT como método de tratamento por considera-lo mais eficaz ou pelo retorno financeiro que ele traria.

Em seus livros Rodrigo refere-se a utilização do eletrochoque como forma de tratamento na Clínica da Gávea em dois períodos diferentes. Falando do final da década de 1980, quando ocorreu sua primeira internação: “Na década de 80 no período que fiquei enfiado, não existia, naquela clínica, o eletrochoque e as práticas abusivas usadas antigamente”.²⁰⁹ Já se referindo a sua segunda internação, que ocorreu na primeira década do século XXI, traz a fala de um personagem médico: “Nós só fazemos eletrochoques com sedação. O doente não sente nada. Quem sabe levando uns choquinhos ele não volta ao normal? Quem sabe tudo volta ao normal?”²¹⁰

Não é apenas o discurso do Rodrigo que muda, pois, a utilização do ECT é algo que ainda está em debate na contemporaneidade, por isso ora vemos um posicionamento de defesa ora um posicionamento contrário. Durante muito tempo seu uso foi indiscriminado e sem a utilização de anestesia. O debate pela humanização do tratamento da pessoa considerada louca e a luta antimanicomial fez com que tratamentos mais violentos fossem banidos, mas há algum tempo foi retomado o uso de ECT, agora com a utilização de anestesia. Rodrigo até ironiza ao afirmar que “quem sabe levando uns choquinhos ele não volta ao normal”²¹¹”.

Uma particularidade é visível neste tema, a maneira pela qual a Comissão constrói seu discurso: ela ouve os sujeitos pacientes em primeiro lugar e em segundo os diretores, pois entrevista estas pessoas para poder construir o relatório. Isto é, valoriza o paciente acima dos diretores, devido a perspectiva de valorização do sujeito vitimizado. Rodrigo faz o caminho inverso, ele dá voz aos médicos, ou seja, aqueles aplicam o eletrochoque, os quais se defendem [no discurso do Rodrigo] falando que só praticam o ECT com anestesia e como forma de trazer uma possível “normalidade”, isto é, um paciente que utilizou o tratamento psiquiátrico, apresenta a visão médica, não por defendê-la, mas para dar visibilidade e de certa forma tecer uma crítica, já que a ironia carrega em si essa perspectiva.

²⁰⁸DIEGUEZ, Consuelo. Eletrochoque. *Revista Piauí*. Edição 21, Junho de 2008. Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-21/questoes-mentais/eletrochoque>. Acesso 10/05/2015 às 16h06.

²⁰⁹LEÃO, Rodrigo de S. *O Esquizoide coração a boca*. Rio de Janeiro: Record. 2011a, p.36.

²¹⁰LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*, 2010, p.20.

²¹¹Idem.

Ao analisar esses três discursos, percebemos que há aspectos comuns entre eles. Mesmo quando o posicionamento deles se apresenta de forma diferente, percebemos que os temas são comuns, como nos enunciados a respeito do uso da eletroconvulsoterapia como forma de tratamento. São problemáticas que foram postas, principalmente durante a década de 1980 e 1990 e que ainda não se chegou em um consenso.²¹²

Neste capítulo buscamos compreender como Rodrigo vivia antes do diagnóstico de esquizofrenia paranoide, como era sua vida social, seu trabalho e seus estudos. Buscamos explorar sua primeira crise, narrando como se deu o processo de internamento. Em seguida buscamos discutir alguns elementos da reforma psiquiátrica, delineando como a clínica que Rodrigo ficou internado buscou se constituir como uma instituição que se adequava aos padrões que estavam sendo estabelecidos pela reforma, pois, embora a arteterapia tenha sido uma prática utilizada desde o início do século, somente com a reforma que ela se difunde, principalmente pelo surgimento dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), onde a terapia ocupacional é uma forma de inserir o sujeito diagnosticado à sociedade, conforme apontado pelos autores Bruna R. Rissato, Letícia P. Crotti e Renata T. Antoneli que se dedicam ao estudo da terapia ocupacional dinâmica: “Neste contexto extra-hospitalar, a arte assume um papel de extrema importância, viabilizando o processo de reabilitação e inclusão sócio-familiar dos portadores de transtornos mentais e priorizando o tratamento do paciente como um todo²¹³”. Procuramos, também, historicizar, a criação da clínica, e, por fim, analisamos as considerações que Rodrigo fez sobre a instituição, o tratamento e a forma como se relacionou com si mesmo e com outros internos dentro da instituição.

²¹² Cf: SILVA, Maura L.; CALDAS, Marcus T. Revisitando a técnica de eletroconvulsoterapia no contexto da reforma psiquiátrica brasileira. *Psicol. cienc. prof.* vol.28 no.2 Brasília. 2008.

²¹³ RISSATO, Bruna R.; CROTTI, Letícia P.; ANTONELI, Renata T. *Terapia Ocupacional Dinâmica: Um processo de intervenção em usuárias com transtornos mentais atendidas no CAPS I de Lins*. Lins (SP). 2008. Disponível em: <http://www.artedereabilita.com/pdf/terapiaocupacionaldinamica.pdf>. Acesso 19/01/2016 às 09h30.

CAPÍTULO 2 – LABORATÓRIO DE SI:

“Você acha que sou esquizofrênico?”²¹⁴”

Neste capítulo discutimos como Rodrigo de Souza Leão (1965-2009), um sujeito considerado louco, criou uma estilística de existência, por meio de práticas de liberdade. Partimos, desta forma, de um marco: seu retorno para casa depois da primeira internação psiquiátrica e do diagnóstico de “Esquizofrenia paranoide com distúrbio delirante e Transtorno Obsessivo Compulsivo”, em 1989 e analisamos as maneiras que ele encontrou para viver e subjetivar-se na relação de forças com o saber, o poder e consigo próprio²¹⁵. Assim, neste capítulo, além de buscar compreender as formas que Rodrigo encontrou para se subjetivar depois do diagnóstico, negando-o e ocultando-o num primeiro momento, buscamos discutir o papel desempenhado pela *internet* deste então, seja como parte de um cuidado de si pelo processo da escrita, seja para a construção de uma rede de sociabilidades e afetividades, através da qual criou e fortaleceu amizades, promoveu trocas literárias entre escritores, chegando a publicar mais de dez *e-books* em um momento em que a internet estava surgindo no Brasil.

2.1 A negação: Cria-se um leitor/escritor

²¹⁴ LEÃO, R. S. O Esquizoide Coração a Boca. Rio de Janeiro: Record, 2011.

²¹⁵ Ao dizer relações de força consigo próprio, estamos nos referido a noção de subjetivação de Foucault que está em diálogo com a noção de dobra de Deleuze. Este ao pensar a subjetivação criou quatro dobras para compreendê-la, segundo ele “A subjetivação se faz por dobra. Mas há quatro dobras, quatro pregas de subjetivação”. (DELEUZE, Gilles. Conversações. São Paulo: Ed. 34, 1992).

1988, p. 111). A primeira dobra ligada a visibilidade e a parte material do próprio indivíduo, o ver é um modo de subjetivar, de ser sujeito de seus próprios desejos e prazeres. A segunda dobra segundo o autor é: “a da relação de forças, no seu sentido mais exato; pois é sempre segundo uma regra singular que a relação de forças é vergada para tornar-se relação consigo; certamente não é a mesma coisa quando a regra eficiente é natural, ou divina, ou racional, ou estética” (DELEUZE, Gilles. Conversações. São Paulo: Ed. 34, 1992 p. 111). A terceira dobra “é a do saber, ou a dobra da verdade, por constituir uma ligação do que é verdadeiro com o nosso ser, e do nosso ser com a verdade” (p. 111-112). A quarta dobra é a expressão do lado de fora, “é dela que o sujeito espera, de diversos modos, a imortalidade, ou a eternidade, a salvação, a liberdade, a morte, o desprendimento” (DELEUZE, Gilles. Conversações. São Paulo: Ed. 34, 1992, p. 112).

Quando a gente se vê, está sendo invadido por uma ponta tão afiada que mal pode reagir em meio à proporção que muitas coisas tomam. São os icebergs invadindo a alma. São icebergs criados por nós mesmos. São monstros cativos. Feras que pretendem destruir a gente naquilo que a gente tem de melhor²¹⁶.

Depois da primeira internação, Rodrigo voltou para casa desestabilizado. Não sabia mais quem era, pois relações de força o atingiram violentamente a partir de práticas de poder e saber que procuraram objetivá-lo como louco. Por meio de um diagnóstico, colocaram em xeque suas experiências, seu passado, sua subjetividade e suas possibilidades de existência. Dentro de alguns hospitais psiquiátricos existiram práticas violentas de tratamento, como apontado por Rodrigo: “Havia práticas comuns, como a superdose e até o eletrochoque sem anestesia”, formas de tratamentos que hoje são consideradas desumanas. Rodrigo sofreu alguns tipos de tratamento que de certo modo eram violentos, inclusive sua morte se deu porque tomou superdose de medicamento. Se ele provocou ou não essa superdose é outra questão, o que buscamos apresentar agora é que algum médico autorizou a superdose e algum enfermeiro aplicou.

Rodrigo enquanto uma pessoa que passou pela experiência da internação psiquiátrica relata a forma com que os medicamentos podem agir sobre o corpo e de como é o tratamento por parte dos médicos. Em TCSA Rodrigo traz a fala de um médico que diz sobre o protagonista: “Ele é doente mental, esquizofrênico. Tem distúrbio delirante, tem delírios persecutórios”²¹⁷. Sobre a medicamento, ele afirmou: “Começaram a me administrar um remédio azul de nome Haldol²¹⁸. A tentativa dos médicos era causar uma amnesia em mim”²¹⁹. O hospital psiquiátrico tem como prática homogeneizar as pessoas: recebem a mesma comida, na mesma hora, assim como os remédios. Em geral todos os loucos, independente do diagnóstico, são colocados juntos e Rodrigo percebeu isto: “O grande mal das clínicas é que elas misturam os doentes”²²⁰.

²¹⁶ LEÃO, Rodrigo de S. *O Esquizoide: Coração a boca*. Rio de Janeiro: Record., 2011.

²¹⁷ LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010. p.34. É muito interessante notar que a narrativa de Rodrigo é predominantemente escrita em primeira pessoa. Migra para terceira pessoa de forma sutil quando o enunciado passa a ser pronunciado pelo médico, o que altera, mais que o sujeito da ação, o próprio discurso.

²¹⁸Haldol é indicado para o alívio de transtornos do pensamento, de afeto e do comportamento como: acreditar em ideias que não correspondem à realidade (delírios); desconfiança não usual; ouvir ou ver ou sentir coisa que não está presente (alucinações); confusão (algumas vezes associada ao alcoolismo); agitação psicomotora. Durante um período foi bastante receitado para o diagnóstico de esquizofrenia.

²¹⁹ LEÃO, Rodrigo de S. *O Esquizoide: Coração a boca*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2011, p. 33.

²²⁰LEÃO, *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010. p. 29.

Há também uma homogeneização das pessoas com o diagnóstico que é atribuído a partir de sintomas descritos na *Classificação Internacional de Doenças* (CID) ou no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM). Ainda que possa ser contestado por algumas pessoas, como Rodrigo, a homogeneização é uma característica do diagnóstico, conforme afirmam representantes da Associação Brasileira de Psiquiatria: “O diagnóstico nosológico não pretende exprimir a complexidade da condição do paciente, mas apenas explicitar o que este tem em comum com os demais indivíduos incluídos sob a mesma rubrica”²²¹.

Embora a esquizofrenia tenha acompanhado Rodrigo ao longo de sua vida, ele ressignificou-a, transformou uma classificação médica em um modo de existência, como veremos. Ao retornar para casa, depois do diagnóstico e da primeira internação em 1989, Rodrigo afirmou não ter encontrado nada no lugar²²², isso significa que era necessário reorganizar tudo, ele estava perdido. Depois da primeira internação não saiu mais de casa, não voltou a trabalhar na SASSE: “O resultado foi que eu fui aposentado, ganhando uma mixaria que mais parecia mesada de pai. Mas era melhor do que nada; contudo, diante do ocorrido, merecia uma indenização bem maior do Estado”.²²³ Rodrigo se afastou oficialmente em 04/02/1992, sendo aposentado por invalidez, mas parece que isto não foi fácil, pois ele teve que convencer a psicóloga de sua condição tendo que fazer a Perícia Médica do INPS várias vezes.²²⁴ Seus familiares narram que Rodrigo ia nas consultas somente acompanhado e lá não falava nada, ficava com fones nos ouvidos e quem conversava com a psicóloga era sua mãe e ou irmã.

Os esportes não faziam mais parte da sua rotina, não praticava mais triatlo, nem polo aquático, via somente alguns amigos, os poucos que frequentavam a sua casa: “Há muitos que vivem neste estado sem contato algum com o mundo exterior. Eu me isolei, a princípio. Amigos vinham me visitar quase todos os dias e eu não queria ver ninguém”²²⁵.

Rodrigo perdeu alguns referenciais identitários que o constituíam com sujeito, como o esportista, além de outros, devido sua condição de não sair mais de casa e as limitações que os remédios e a própria esquizofrenia faziam sentir. Em TCSA ele afirma: “Por que todos os

²²¹BANZATO, Cláudio E. M; PEREIRA, Mário E. C; DANTAS, Clarissa R. Classificações Diagnósticas: Usos e Riscos. *Boletim da Associação Brasileira de Psiquiatria*. Ed 7. Disponível em: http://www.abpbrasil.org.br/boletim/exibBoletim/imprimir.php?boltex_id=27&bol_id=7. Acesso 11/01/14. Às 16h05.

²²² LEÃO, Rodrigo de Souza. *O Esquizoide: Coração a boca*. Rio de Janeiro: Record. 2011a.p.39.

²²³ LEÃO, Rodrigo de Souza. *O Esquizoide: Coração a boca*. Rio de Janeiro: Record. 2011a2011a.p.40.

²²⁴Isto aparece em documentos arquivados no acervo do autor, na Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB) em 20/12/1989, 19/03/1990, 15/10/1990, 10/04/1991, 10/07/1991 e 30/09/1991.

²²⁵ Idem, p.44.

loucos têm paranoias iguais? Sempre estão sendo seguidos por um agente secreto. A CIA quase sempre está envolvida. O meu caso mesmo (ter engolido um chip) só foi possível graças à CIA e à KGB”.²²⁶ O diagnóstico afetou não apenas ele, mas seus familiares, conforme afirma sua irmã Maria Dulce S. Leão:

o Rodrigo ele já é, ele era uma pessoa medrosa, ele sempre foi, dos três lá em casa ele sempre foi o mais medroso, é assim o mais medroso, não gostava, ele não gostava de drogas, não bebia, não gostava de ficar inconsciente, de jeito nenhum, era super certinho, Bruno já era uma judiação em pessoa eu também e tal, quer dizer, ele que era o certinho, mais estudioso, mais né? Foi dar problema, a minha mãe ficou muito abalada, primeiro filho e tal, acho que minha mãe e meu pai ficaram mais abalados com o diagnóstico do que ele em si né?²²⁷

O diagnóstico foi um choque para os pais de Rodrigo, Maria Dulce conta que quem o pai dela foi quem quebrou a cristaleira quando soube do diagnóstico, quando no livro Rodrigo narra como se tivesse sido ele “[...] quem quebrou, quem quebrou as coisas na verdade foi meu pai quando descobriu que estava doente [...]”²²⁸

Precisou se reinventar, criar novos modos de existência, novas subjetividades, pois o ser esquizofrênico se deparava com o jovem homem. Não poderia mais trabalhar, sua relação com as outras pessoas passou a se dar de forma limitada, já que não saía mais de casa, não praticava mais esportes. Como ele mesmo afirmou, em uma entrevista cedida a Ramon Nunes Mello: “Gosto de ficar na minha casa vendo filme e jogos de futebol. Sou 'flamenguista doente'. Hoje em dia as pessoas só querem ir para festas e barzinhos. Eu não posso beber porque tomo remédio tarja-preta, tomo Haldol”.²²⁹

Rodrigo foi diagnosticado no século XX, não se trata mais dos loucos apontados por Michel Foucault em *História da Loucura na Idade Clássica*,²³⁰ já havia uma série de debates e uma reivindicação pela humanização do tratamento, pela humanidade do considerado louco e sua capacidade de trabalho. Havia críticas que emergiam no interior da própria psiquiatria, criticando as formas de tratamento estabelecidas, inclusive movimentos mais radicais, como os da Itália, coordenados pelo psiquiatra Franco Basaglia, que lutavam pelo fechamento de todos os manicômios. Rodrigo permaneceu internado seis semanas, em uma clínica particular, uma internação de pouca duração se comparado há épocas anteriores que os considerados

²²⁶ LEÃO, Rodrigo de Souza. *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2008, p.37 .

²²⁷ LEÃO, Maria D. de S. *Entrevista* [07/05/2014]. Acervo da autora. Entrevista concedida a Thamara Parteka.

²²⁸ Idem.

²²⁹ LEÃO, Rodrigo de Souza. *Entrevista*. Entrevista concedida a Ramon Nunes Mello. [2008] Disponível em: <http://lowcura.blogspot.com.br/2008/11/entrevista.html>. Acesso: 31/01/2015 às 19h00.

²³⁰ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

loucos eram “esquecidos” nos hospitais. Não foi esquecido ou abandonado, voltou para casa, onde teve o cuidado de seus familiares, pois abandoná-lo estava fora de cogitação nos valores de sua família. Além do mais, Rodrigo era de classe média alta, seu pai era médico e acreditava na medicina e no tratamento psiquiátrico e ao mesmo tempo detinha a autoridade do domínio de um saber.

Mas se sua vida estava em momento de caos foi necessário que esses valores e sentimentos passassem a ser ressignificados. Foi necessário reescrever sua vida, pintá-la, cantá-la e, caso necessário, rasgá-la. Cabia somente a ele encarar, aceitar ou questionar os limites que aquela classificação lhe impunha. Sem saber quem era e quem seria, Rodrigo resolveu mergulhar em si próprio e nas relações que vivenciou, nas que imaginou com a finalidade de buscar traços, cheiros, cores, angustias, risos, para ter condições de manifestar as primeiras cores no papel em branco. Com o passar dos dias, foi praticando exercícios de si e criando uma estética de existência.

Entre um remédio e outro, percebemos através das fontes que Rodrigo passou a tomar altas dosagens de literatura. Tomava letras, frases, páginas, livros. Teve pela literatura uma sede insaciável, especialmente pela literatura francesa. Mergulhou no universo proustiano, e de tantos outros literatos considerados clássicos. Rodrigo inventou-se como leitor. As dosagens literárias vieram somente após a primeira internação, antes a literatura não ocupara um espaço significativo em sua vida, como afirma em um trecho da entrevista abaixo citada, Em uma entrevista cedida a Ramon Nunes Mello, Rodrigo fala sobre isso: “A leitura foi um hábito que adquiri após minha primeira internação. Eu fiquei muito tempo em casa e devorei Proust e James Joyce. Li muito o Rubem Fonseca, gosto muito dele”²³¹. Isto não significa que as práticas de leitura foram receitadas por alguém, mas que ele encontrou e construiu um modo de viver.

Reflexões de Michel Foucault permitem pensar como Rodrigo procurou transformar sua vida em uma obra de arte. Na última fase do seu pensamento ao discorrer sobre os modos de subjetivação²³², Foucault buscou investigar como, por meio das práticas de si, os gregos

²³¹ LEÃO, Rodrigo de Souza. Entrevista. In: Blogue *LOWCURA*. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 2008. Disponível em: <http://lowcura.blogspot.com.br/2008/11/entrevista.html>. Acesso 02/01/2015 às 18h44.

²³² Edgardo Castro define modos de subjetivação em Foucault, como “las formas de la relación consigo mismo, los procedimientos y las técnicas mediante las cuales se elabora esta relación, los ejercicios por medio de los cuales el sujeto se constituye como objeto de conocimiento, las prácticas que le permiten al sujeto transformar su propio ser” CASTRO, Edgardo. *El Vocabulario de Foucault*. Un recorrido alfabético por sus temas, conceptos y autores. Disponível em: <http://psicologiaysociologia.files.wordpress.com/2011/08/castro-edgardo-el-vocabulario-de-michel-foucault.pdf> Acesso: 14/12/2014 às 01h51. este conceito tem de aparecer bem antes no texto, veja minhas observações

criaram um modo de vida estético. Diferentemente da nossa época²³³, os gregos e romanos não tinham código moral, mas uma ética pessoal, a qual, por meio das práticas de si, buscavam “afirmar a própria liberdade e dar à sua própria vida uma certa forma na qual era possível se reconhecer, ser reconhecidos pelos outros e na qual a própria posteridade podia encontrar um exemplo”.²³⁴Essas práticas não eram determinadas, nem obedeciam a regras coercitivas; ao contrário, tratavam-se de regras facultativas que tinham como efeito a existência como obra de arte, regras éticas e estéticas que constituíam um modo de existência ou um estilo de vida.²³⁵

Para pensar a possibilidade de uma prática de liberdade na contemporaneidade²³⁶, Foucault faz um deslocamento temporal, buscando compreender os diferentes modos existências entre os gregos, pois segundo ele, seriam os gregos os primeiros a criarem formas de subjetivação²³⁷. No livro *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*, Foucault investiga os modos por meio dos quais os gregos e romanos problematizaram e refletiram o prazer, os desejos, os comportamentos sexuais em relação a uma arte de viver. Para Foucault, a vida como obra de arte corresponderia a:

[...] práticas refletidas e voluntárias através das quais não somente fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra de arte que seja portadora de certos sentidos estéticos e responda a certos critérios de estilo.²³⁸

Nas receitas médicas dadas a Rodrigo, não estavam prescritos quantos livros ou autores teria que ler, estavam receitados nada mais que remédios. Não se tratava de uma prática instituída pela medicina, ou determinada por uma força moral, a leitura se tornara uma

²³³ Com o cristianismo, passou-se de uma moral da ética pessoal a uma moral da obediência, a um sistema de regras. Esse sistema de regras está, segundo Foucault, desaparecendo e a este desaparecimento “responde, deve responder, uma busca de uma estética da existência”. FOUCAULT, Michel. Sexo, poder e a política da identidade. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. In: *VERVE: Revista Semestral do NU-SOL - Núcleo de Sociabilidade Libertária/ Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP. Nº 5 (maio 2004)*. São Paulo: o Programa, 2004. Disponível em: <<http://www.nu-sol.org/verve/pdf/verve5.pdf>>. Acesso em: 10/03/2010. 2010, p. 290.

²³⁴ FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. In: MOTTA, Manuel B. (org). *Ditos e escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p.290.

²³⁵FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 127.

²³⁶Foucault não fala em liberdade, e prefere se referir mais a práticas de liberdade do que processo de liberação, pois este não tem condições de definir todas as formas de práticas de liberdade. Assim, para ele, liberar as interdições não é suficiente, é preciso pensar no problema ético da prática da liberdade “Como se pode praticar a liberdade?” FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de Si como prática de liberdade. In: MOTTA, Manuel B. (org.). *Ética, Sexualidade e Política. Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 266-267.

²³⁷ FOUCAULT, Michel. FOUCAULT, M. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal; 1984.

²³⁸ Idem, p. 18.

prática voluntária, adotada em seu cotidiano com a finalidade de ressignificar a sua própria existência, como afirmou no trecho da entrevista anteriormente citado.

Deleuze afirma que os modos de vida não correspondem somente a uma estética, mas também a uma ética, em oposição à moral. A diferença é que:

[...] a moral se apresenta como um conjunto de regras coercitivas de um tipo especial, que consiste em julgar ações e intensões referindo-as a valores transcendentos (é certo, é errado...); a ética é um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos em função do modo de existência que isso implica.²³⁹

Neste sentido, a ética e a estética são criadas pelos próprios modos de subjetivação e não por regras estabelecidas. Rodrigo sentiu necessidade de criar novas subjetividades, para isto não precisou estudar as práticas dos gregos, pois os processos de subjetivação não são intransmutáveis, ao contrário, são variáveis, porque o poder a todo momento recupera-os e submete-os a relações de força²⁴⁰. Segundo Foucault, “Na minha opinião, não há um valor exemplar em um período que não é o nosso [...] não se trata de algo que possamos retornar”.²⁴¹ Rodrigo fundou um novo modo de existência a partir dos dispositivos e dos recursos da sociedade contemporânea. Isto é, a vida como obra de arte em nossa época corresponde não apenas a valores estéticos, mas também éticos, os quais se manifestam a partir de práticas de liberdade e resistência frente às relações de poder.

Em uma entrevista, Foucault afirma:

Durante séculos, fomos convencidos de que entre nossa ética, nossa ética pessoal, nossa vida de todo dia e as grandes estruturas políticas, sociais e econômicas, havia relações analíticas, e que nós nada poderíamos mudar, por exemplo, da nossa vida sexual ou da nossa vida familiar sem arruinar a nossa economia, a nossa democracia, etc. Creio que devemos nos libertar desta ideia de um elo analítico ou necessário entre a ética e as outras estruturas sociais ou econômicas ou políticas²⁴².

²³⁹DELEUZE, G. In: *Conversações* (1972 – 1990). São Paulo: Ed. 34, 1992, p. 126.

²⁴⁰DELEUZE, G. In: *Conversações* (1972 – 1990). São Paulo: Ed. 34, 1992, p. 126.

²⁴¹FOUCAULT, Michel. Entrevista Genealogia da Ética. In: DREYFUS, Hubert L; RABINOW, Paul. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2013.

²⁴²FOUCAULT, Michel. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: DREYFUS, Hubert L; RABINOW, P. *Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2013.

Neste sentido, a ética não estaria reduzida a um tipo específico de governo, de Estado ou projeto político²⁴³. Mas tão somente a uma prática de liberdade advinda do próprio sujeito em relação consigo mesmo. É a forma pela qual se pode resistir às relações de poder. Não se trata de estabelecer identidades, mas de criar novos modos de existência.

Rodrigo era um jovem de classe média alta. Era formado em jornalismo, já tinha feito aulas de canto. Já contava, antes da primeira internação, uma relação tímida com a arte. Queria mais que tudo ser vocalista. Como ele dizia: “Eu nunca quis ser escritor, meu plano era ser vocalista [...] Minha meta de vida era ser músico²⁴⁴.” Mas depois do mergulho na literatura, encontrou nela seu espaço, não se contentando em apenas ler, mas passando também escrever. Enquanto lia, Rodrigo separava frases e palavras que lhe agradavam e começava a brincar com as palavras juntando umas daqui, repetindo outras ali, de repente, estava ali pronto, em sua frente, um poema. “Eu lia o Proust, anotava umas palavras num papelzinho e no final do dia fazia um poema. Saía uma coisa sem pé nem cabeça”.²⁴⁵ Sobre esse produzir na leitura, Barthes afirma que:

[...] a leitura é verdadeiramente uma produção: não mais de imagens interiores das projeções, de fantasias, mas literalmente de trabalho: o produto (consumido) é devolvido em produção, em promessa, em desejo e a cadeia dos desejos começa a desenrolar-se, cada leitura valendo pela escritura que ela gera, até o infinito²⁴⁶.

No livro de Roland Barthes, *O Rumor da Língua*, há um ensaio dedicado, especificamente, à leitura. Nele, Barthes apresenta diversos modos de se ler, diferentes modos pelos quais a leitura é envolvida. Dentre eles, destacamos a leitura desejante, a qual é composta por um estado clandestino, em que o mundo é abolido, em que o leitor identifica-se com o sujeito apaixonado e sujeito mítico. Marcado por uma retirada da realidade e sua

²⁴³ Foucault discute em a *História da Sexualidade I, Vontade de Saber*, como dissociamos historicamente a Revolução da Felicidade, Revolução e prazer. “Falar contra os poderes, dizer a verdade e prometer o gozo; vincular a iluminação, a liberação e a multiplicação de volúpias; empregar um discurso no qual conflua o ardor do saber, a vontade de mudar a lei e o esperado jardim das delícias – eis o que, sem dúvida sustenta em nós a obstinação em falar do sexo em termos de repressão”. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I, A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

²⁴⁴LEÃO. Rodrigo de Souza. Entrevista. In: Blogue LOWCURA. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 2008. Disponível em: <http://lowcura.blogspot.com.br/2008/11/entrevista.html>. Acesso 02/01/2015 às 18h44.

²⁴⁵LEÃO. Rodrigo de Souza. Entrevista. In: Blogue LOWCURA. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 2008. Disponível em: <http://lowcura.blogspot.com.br/2008/11/entrevista.html>. Acesso 02/01/2015 às 18h44.

²⁴⁶BARTHES, Roland. Da Leitura. In: *O Rumor da Língua*. Escrito para *Writing Conference de Luchon*, 1975. Publicada no *FrançaisAujourd’Hui*, 1976. p.40. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/219182921/BARTHES-Roland-Da-leitura-In-O-rumor-da-lingua-pdf>. Acesso em: 12/01/2015 às 02h18.

relação dual com o livro, a imagem. Quando se lê desse modo, as emoções se correlacionam, produzindo, segundo o autor, um corpo transtornado.

Rodrigo iniciou sua empreitada na escrita com o livro *Há Flores na Pele* (2001). O tema predominante enunciado no livro é o amor. No entanto, ao vasculharmos as poesias, encontramos um poema nomeado *Astronauta*.

Estar preso
Não é ficar
Obeso

Estar preso
É não
Se alimentar

Ver filmes
De ficção
Em casa

Sonhar
Com a nasa
Star livre

Astronauta de si²⁴⁷

A poesia, escrita durante os primeiros anos após ser diagnosticado, nos permite pensar a maneira pela qual Rodrigo lidava com suas limitações, dentre elas o pânico de sair de casa, conforme afirma: “[...] minha vida tem muitas limitações, por exemplo, não saio de casa, sou recluso. Tenho medo de ser perseguido por agentes”.²⁴⁸ Foi esse sentimento de perseguição que fez dele um cativo em seu próprio lar, bem como o medo da morte que expressa em um trecho de um de seus livros: “Eu pensava que ia morrer, vinte e quatro horas por dia. Mas sempre postergava: iria morrer no próximo segundo. O resultado é que não vivia o segundo atual”.²⁴⁹

Mas se por um lado, encontrou no medo um obstáculo, uma barreira que o impedia de sair de casa, encontrou no espaço literário uma prática de liberdade, uma maneira de fazer-se livre. Durante o tempo que ficou em casa passou a escrever de forma muito intensa. Em O =ECB ele narra:

²⁴⁷ LEÃO, Rodrigo de S. *Há Flores na Pele*. Rio de Janeiro: Virtual Books, s/d.

²⁴⁸ LEÃO, Rodrigo de Souza. Entrevista. In: Blogue LOWCURA. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 2008. Disponível em: <http://lowcura.blogspot.com.br/2008/11/entrevista.html>. Acesso 02/01/2015 às 18h44.

²⁴⁹ LEÃO, Rodrigo de S. *O esquizoide coração na boca*. Rio de Janeiro: Record, 2011, p.45.

Minha vida estava resumida ao apartamento. Eu saía muito pouco de casa. Não tinha vida sexual. Virei um antissocial. Não fazia nada o dia inteiro. A única coisa que fazia era escrever meus poemas. Neles, eu não havia tocado ainda no problema da bomba. Sequer falava muito disso. Mas pensava o tempo todo era a única coisa em que pensava.²⁵⁰

Depois da primeira internação, Rodrigo não ficou convencido de que era esquizofrênico. O diagnóstico não foi bem aceito por ele, havia algo que o perturbava, mas seria mesmo uma doença mental? O que significaria ser esquizofrênico e como viver com isso? Rodrigo só fala que haviam lhe implantado um chip e que fora atingido com uma zarabatana por um japonês que o perseguia.²⁵¹ Em sua literatura, antes da segunda internação e do convívio com a internet são raras as informações que encontramos sobre este tema. Omitiu este diagnóstico de seus amigos, de suas poesias e até de sua biografia²⁵².

Rodrigo afirma que as doses de leitura faziam-no escrever de tal modo que a escrita passou a ser uma prática diária. Escrevia mais de oito horas por dia, principalmente a partir de 1996, quando ganhou um computador do seu amigo Yosif Landau. No blogue Lowcura Rodrigo faz uma publicação, em dezembro de 2007, onde registra a foto que tirou com o computador antigo e onde faz uma homenagem a seu amigo:



Figura 1: Contrato com Deus

[Eu e meu ex-computador. Ganhei um novo de um puta amigo. O nome do amigo é Iosif Landau. Fiz este poeminho pra nós todos os fodidos. Resolvi botar a minha foto porq tá choveu mulher no site do Iosif, quando ele botou

²⁵⁰Idem, p.47.

²⁵¹ Idem, p.14.

²⁵² Esses temas serão explorados em maior intensidade no próximo subitem.

Neste sentido, por mais marginais que fossem considerados os loucos, eles não eram completamente excluídos, mas integrados ao funcionamento da sociedade. Porém depois do século XVII, produziu-se uma ruptura: “toda uma série de modalidades transformou o louco como um ser marginal em um ser completamente excluído”²⁵⁸. O louco foi capturado por um discurso que o desqualificava enquanto linguagem, pois pressionado por um jogo de forças com a razão, tornou-se uma fala incapaz de enunciar a verdade.

Nesta luta de forças entre razão e desrazão, sob a égide da interdição, a loucura é calada. Essa intimidade entre a loucura e verdade que se podia reconhecer até o início do século XVII foram mais tarde, durante um século e meio ou dois, negadas, ignoradas, recusadas e escondidas.²⁵⁹

No entanto, se por um lado a fala dos loucos é gradativamente calada, por outro lado ela ressoa na literatura: “o mundo da loucura que havia sido afastado a partir do século XVII, esse mundo festivo da loucura, de repente, fez irrupção na literatura”, o que pode ser visto, segundo Foucault, em Hölderlin, Sade, Mallarmé, Raymond Roussel e Artaud.²⁶⁰

Em uma conversa com Foucault, Moriaki Watanabe²⁶¹ apontou que, depois de Alceste, o louco não apareceu mais como personagem, mas como uma espécie de consciência trágica fundada sobre uma experiência de medo e fascinação diante da possibilidade de mergulhar na loucura que foi impelida para literatura. Neste sentido, o louco não ocupa mais o lugar de personagem, mas o escritor permite se deixar levar pela loucura no processo criativo. Segundo Watanabe, os poetas românticos são típicos deste ponto de vista. Michel Foucault, em diálogo com o autor supracitado, afirma que na Idade Clássica o escritor não poderia ser louco e não poderia ter medo de tornar-se louco. Mas, a partir do século XIX, “vê-se constantemente brotar, subjacente à escrita dos grandes poetas, o risco de tornar-se louco”²⁶².

A loucura da escrita levaria o sujeito para uma zona desconhecida. Como saber o que escrever, se não há nenhuma palavra antecedente a ser repetida no movimento da criação literária? O escritor deve ser tomado pela escrita! Escrever junto ao vazio, escrever com o vazio, ou seja, descobrir a resposta à pergunta por que escrever?Escrevendo.²⁶³

²⁵⁸FOUCAULT, Michel.Loucura, literatura, sociedade. In: Motta, Manoel Barbosa. (Org.) *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. p.232-258. 2006.

²⁵⁹ Idem, p.241.

²⁶⁰ Idem, p. 238.

²⁶¹ Para saber mais consultar: FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. p.232-258. 2006.

²⁶²Idem, p.240.

²⁶³ BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p.31.

Em seus estudos sobre literatura Michel Foucault discutiu a maneira pela qual a literatura é uma forma de linguagem transgressora²⁶⁴. Segundo ele, a loucura, assim como a literatura, enquanto linguagem, teria um fim em si mesma, ou seja, a literatura não representaria a realidade, mas seria gestora de outras realidades. Para Blanchot, a literatura é a possibilidade de atravancar ou de postergar, ao menos por um tempo, a angústia do homem e a capacidade de fundar mundos, e não uma forma de se chegar ao mundo, isto é, a literatura cria sua própria realidade, criando outro mundo do mundo: “É a presença das coisas antes que o mundo o seja, a perseverança das coisas depois que o mundo desapareceu, a teimosia que resta quando tudo desaparece e o estupor do que aparece quando não há nada”²⁶⁵.

Rodrigo, em um poema chamado *Real Coisacional*, escreve sobre o ato da escrita:

escrever poesia
é como se perder
perder-se em si
para sobreviver
não ouvir do silêncio
coisas tão verdade
que tão mais coisas
se tornem realidade²⁶⁶

Mas o que significa esse perder-se para Rodrigo? Não seria mais um achar-se que perder-se? A escrita seria o modo pelo qual Rodrigo atingia o *fora*²⁶⁷ ou seria um espaço encontrado para se inserir no mundo normatizado? A arte legitima a loucura ou a loucura legitima a arte? Qual seria essa linha limítrofe? Sobre essas e outras questões procuraremos refletir nos próximos subitens deste capítulo.

²⁶⁴ Sobre isso consultar Ditos e Escritos III.

²⁶⁵ BLANCHOT, Maurice. apud SCHOLLHAMMER, Karl. E. A Essência da literatura Segundo Blanchot. In: O globo. Rio de Janeiro, 04/06/2011. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/06/04/a-essencia-da-literatura-segundo-blanchot-384370.asp>. Acesso 12/01/2015 às 16h11.

²⁶⁶ LEÃO, Rodrigo de S. *Há flores na pele*. Rio de Janeiro: Virtual Books, 2000. P.17.

²⁶⁷ Foucault (2001) empresta de Maurice Blanchot essa apreensão de exterioridade da linguagem, nomeada por ele como pensamento do fora: “Esse pensamento que se mantém fora de qualquer subjetividade para dele fazer surgir os limites como vindos do exterior. [...] um pensamento que em relação à interioridade de nossa reflexão filosófica e à positividade de nosso saber constitui o que se poderia denominar ‘o pensamento do exterior’” (FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. Ainda segundo Foucault: “O cogito não conduz a uma afirmação de ser, mas abre justamente para toda uma série de interrogações em que o ser está em questão: que é preciso eu ser, eu que penso e que sou meu pensamento, para que eu seja o que não penso, para que meu pensamento seja o que não sou? Que é, pois, esse ser que cintila e, por assim tremeluz na abertura do cogito, mas não é dado soberanamente nele e por ele? (FOUCAULT, Michel, *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 448). Como apontado por Foucault o *cogito* não remeteria ao fechamento da certeza do ser, mas, ao contrário, seria a abertura das interrogações do pensamento, fazendo com que se mova em direção ao seu “fora”. Necessário pontuar que tal “exterioridade”, essa condição do fora do pensamento, não se constituiria como um lugar de isenção em relação ao poder. Ao contrário: é a condição mesma de enfrentamento do poder a partir de uma linguagem outra que singularizaria sua exterioridade.

2.2. O ciberespaço: A loucura é escondida, formam-se os círculos literários

“Escrever foi o que me sobrou. De tudo que tive, foi o que me restou a fazer”²⁶⁸.

A partir de 1996, a vida de Rodrigo se passava fundamentalmente na frente do computador, seja para a produção de poesias, seja para o contato com outros escritores. Maria Dulce, narra que Rodrigo escrevia quase compulsoriamente: “[...] porque ele, ele era compulsivo, todo dia ele escrevia no blogue dele, ele não escrevia uma poesia... três, quatro poesias por dia. [...] um ano ele pintou, pintou quarenta e cinco quadros.”²⁶⁹ Entendemos essa necessidade de criação, de produzir literatura, quadros e essas práticas como um cuidado de si.

Michel Foucault nos ajuda a compreender este processo, ao afirmar que, para se atingir o cuidado de si, é preciso a utilização de técnicas de si. Segundo o autor, nenhuma técnica ou habilidade profissional pode ser adquirida sem exercício; não se pode mais aprender a arte de viver (*technêtoubiou*), sem um exercício (*askêsis*). Esta deve ser compreendida como um treino de si por si mesmo.²⁷⁰ Segundo Francisco Ortega, “Foucault descreve quatro técnicas de si: cartas, exame de consciência, interpretação dos sonhos e ascese, divididas, por sua vez, em exercícios no pensamento (*melete*) e exercícios na realidade (*gymnasia*)”.

Em *A Escrita de Si*²⁷¹, Foucault analisou a escrita como uma técnica de vigília do próprio comportamento, afirmando que esta escrita tem uma relação de complementaridade com a *anacorese* (refúgio), visto que “atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível; o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha”.²⁷²

É neste sentido que compreendemos a escrita do Rodrigo. Seus medos e suas angustias podiam controladas no momento da escrita. Na literatura, no ato da escrita, podia criar novos mundos, para além do seu: o de viver trancado em um apartamento, ou da cautela constante com os agentes perseguidores e implantadores de chip. Assim a *ascese* seria um trabalho não

²⁶⁸ LEÃO, Rodrigo de S. Entrevista concedida a Ramon Melo. Disponível em: [abhttp://lowcura.blogspot.com.br/2008/11/entrevista.html](http://lowcura.blogspot.com.br/2008/11/entrevista.html). Acesso 22/01/2015 às 15h06.

²⁶⁹ LEÃO, Maria D. S. Sem Título. [Maio de 2014]. Acervo pessoal do autor. Entrevista concedida a Thamara Parteka.

²⁷⁰FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: MOTTA, Manoel Barros da. (Org.) *Ética, sexualidade, política*. 2. ed. Rio de Janeiro:Forense Universitária, 2006. p. 146.

²⁷¹FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: MOTTA, Manuel B. *Ética Política e Sexualidade*. Ditos e escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.146.

²⁷²FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: MOTTA, Manuel B. *Ética Política e Sexualidade*. Ditos e escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.146.

apenas do comportamento, mas do próprio pensamento.²⁷³ A escrita tem, como elemento de treinamento de si, uma função *etopoiética*: “ele é operadora da verdade em *ethos*”.²⁷⁴

O *ethos* é a maneira de ser, de se conduzir, uma forma de ser visível aos outros. O *ethos* de uma pessoa pode ser traduzido em seus hábitos, modos de falar, de andar, na forma pela qual responde alguma ação. O *ethos* de Rodrigo passou a estar profundamente ligado a sua prática de escrita. Para alcançar suas práticas de liberdade, necessitou de um trabalho de si sobre si mesmo²⁷⁵.

Na sociedade grega, por vezes, o cuidado de si²⁷⁶ vinha por meio do controle, com o intuito de equilibrar os prazeres e de se alcançar uma vida temperante, pois, para os gregos, se conduzir de forma adequada de modo a praticar a liberdade, era atingida a partir do ocupar-se de si mesmo e de se conhecer, a fim de se superar, de se dominar, com a finalidade de atingir uma vida bela; as sociedades greco-romanas não conheciam mecanismos de repressão e poder disciplinar, no sentido presente nas sociedades modernas. Assim, segundo Foucault, o lugar atribuído ao conhecimento de si torna-se mais importante: “a tarefa de se pôr a prova, de se examinar, de controlar-se numa série de exercícios bem definidos, coloca a questão da verdade – da verdade do que se é, do que se faz e do que se é capaz de fazer – no cerne da constituição do sujeito moral”²⁷⁷.

O controle de si implica um conflito interno de forças: de um lado o interesse e o objetivo de constituir uma existência bela e de outro as vontades e desejos, as paixões e as preocupações que carregam o sujeito. Assim, os trabalhos sobre si mesmo são exercícios de abstinência e de domínio de si que vão constituir a *ascese* necessária.²⁷⁸ Segundo Foucault,

²⁷³A prática ascética é apresentada em um sentido mais geral, não no sentido moral da renúncia, “mas o do exercício de si sobre si mesmo através do qual procura se elaborar, transformar e atingir um certo modo de ser”. FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, Manoel Barros da. (Org.) *Ética, sexualidade, política*. 2. ed. Rio de Janeiro:Forense Universitária, 2006. p. 270.

²⁷⁴Idem, p. 267.

²⁷⁵Idem, p.280.

²⁷⁶ Segundo Foucault, em a *Hermenêutica do Sujeito*, a *epiméleiaheautoû*, aparece com três sentidos diferentes no texto do Alcibíades: uma atitude geral frente ao mundo, uma conversão do olhar – do exterior para si mesmo, e as técnicas, as ações, os exercícios. Ano, pagina? pra que este trecho? explica o que? No texto a nota esta ao lado do "cuidado de si" parece que vai explicar isto.

²⁷⁷ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III, o cuidado de si*. Rio de Janeiro: EdiçõesGrael, 1984. p. 102.

²⁷⁸“Foucault señala tres diferencias conceptuales de la ascesis filosófica helenística y romana respecto de la ascesis cristiana: 1) como ya mencionamos, no está orientada a la renuncia a sí mismo, sino a la constitución de sí mismo; 2) no está regulada por los sacrificios sino por el dotarse de algo que no se tiene; 3) no persigue ligar el individuo a la ley, sino el individuo a la verdad”. CASTRO, Edgardo. El Vocabulario de Foucault. Un recorrido alfabético por sus temas, conceptos y autores. Disponível em: <http://psicologiaysociologia.files.wordpress.com/2011/08/castro-edgardo-el-vocabulario-de-michel-foucault.pdf> Acesso: 14/12/2014 às 18h50.

essa experiência de si “não é simplesmente de força dominada, ou de uma soberania exercida sobre uma força prestes a se revoltar; é de um prazer que se tem consigo mesmo”.²⁷⁹

O ciberespaço²⁸⁰ se tornou, para Rodrigo, um lugar de encontro com escritores, amigos e para consigo próprio. Através da prática cotidiana pode se inventar como escritor produzindo poesias, e-books, revistas eletrônicas, etc. Diante de toda a produção que ocorre no ciberespaço, Rodrigo nos faz refletir não apenas sobre o processo da escrita, mas também sobre as práticas de leitura, pois, no final da década de 1990 já se preocupava com a ideia de que os livros, em seu formato tradicional, iriam acabar. Em uma entrevista ele questiona: “Hoje mesmo, dia 12 de abril [de 2005], O GLOBO publica uma matéria sobre o possível fim do livro. A internet será o carrasco da palavra no papel?”²⁸¹ Silvana Guimarães, amiga e revisora dos textos do Rodrigo, e também escritora e editora das Revistas Literárias Germina, Agulha e blogues também questionava a ideia de que possivelmente livros impressos não seriam mais publicados:

Há algum tempo eu diria que não. Hoje, apesar de ouvir muita gente dizer que gosta do cheiro do livro ou mesmo de senti-lo nas mãos, percebo que o mercado de e-books está se expandindo a passos mágicos. O mundo anda com muita pressa. A próxima geração vai crescer em frente ao computador. Adeus, quintais.²⁸²

Entendemos que o posicionamento de Silvana Guimarães decorre principalmente de sua atuação em blogues, revistas de literatura digitais²⁸³ e principalmente pelo modo como se relaciona com diferentes escritores por meio da internet. É difícil prever o futuro, mas historiadores como Robert Darnton tem ido de encontro as afirmações de Silvana, uma vez que, segundo eles, a venda de livros digitais só tem feito com que se publiquem mais livros em papel. Em entrevista concedida ao Programa Roda-Viva²⁸⁴, Darnton aponta como

²⁷⁹FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

²⁸⁰ Para Lévy, o ciberespaço “é um espaço não físico ou territorial, que se compõe de um conjunto de redes de computadores através das quais todas as informações (...) circulam”. Para o autor, “...o espaço cibernético é um terreno onde está funcionando a humanidade, hoje. É um novo espaço de interação humana que já tem uma importância enorme sobretudo no plano econômico e científico e, certamente, essa importância vai ampliar-se e vai estender-se a vários outros campos, como por exemplo na Pedagogia, Estética, Arte e Política. O espaço cibernético é a instauração de uma rede de todas as memórias informatizadas e de todos os computadores” (LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. ed. São Paulo: Loyola, 2003).

²⁸¹LEÃO, Rodrigo de S. Entrevistando Ítalo Moriconi. *Jornal de Poesia*. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/r2souza12c.html>. Acesso: 27/01/2015.

²⁸² GUIMARÃES, Silvana. Mini-entrevista com Silvana Guimarães, direto de BH! In: Blogue *Yamashitatereza*. Disponível em: <https://yamashitatereza.wordpress.com/tag/dedo-de-moca-uma-antologia-das-escritoras-suicidas/>. Acesso 21/01/2015 às 02h27.

²⁸³Dentre elas a Germina considerada 7º melhor do país. Por quem? Quando?

²⁸⁴ DARNTON, Robert. O livro está mais vivo do que nunca. *Roda Viva*. 21/09/12. Disponível em: <http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/roda-viva-recebe-robert-darnton>. Acesso 22/01/2015.

exemplo, que em apenas um dia na Inglaterra, 1º de outubro de 2010, foram impressos mais de 800 livros novos, dia que ficou conhecido como “quinta-feira espetacular”.

A internet está mudando nosso comportamento e nossas práticas sociais e diminuindo nossa capacidade de controle ou ao menos reconfigurando-na. Se, até a década de 1980, a prática de leitura se restringia a um sentido horizontal e bastante individual, a leitura digital tem possibilitado uma leitura mais verticalizada e relativizando este individual, já que sempre tem um familiar que espia a tela para saber o que se está vendo/lendo - grande parte do momento que estamos utilizando o computador estamos lendo: uma reportagem de um jornal, uma receita, um corte da moda, o artigo aceito, a postagem no *Facebook*. Nunca as pessoas leram tanto²⁸⁵.

Segundo o autor, as pessoas dramatizam demais – e acrescentaríamos polemizam – sobre o futuro dos livros. É habitual ouvirmos enunciados, como: “vivemos numa era da informação sem precedentes”. Darnton critica esse ponto de vista, pois qual era inexistiu a informação? Cada sociedade se relaciona com as informações de acordo com o seu modo, com os recursos disponíveis e por não serem tão líquidas²⁸⁶ quanto a nossa, emprestando o termo do Baumann²⁸⁷, não devemos julgá-las como sociedades sem informação. O fato é que nossa sociedade passa por um período de transição e quer ter uma resposta pronta para aliviar a ansiedade diante das dialéticas: analógico ou digital? Papel ou tela? Entre outras questões que aparentemente aparecem contraditórias, mas que na realidade podem convergir. Pois se não fosse isso, por que motivo indústrias norte-americanas estariam fabricando vinis em tempos de *Smartphones* e música digital?

Esta discussão foi levantada no sentido de problematizar os dilemas que as pessoas passaram a enfrentar a partir da popularização da internet e do desenvolvimento maciço da tecnologia, alterando nossa percepção de tempo e espaço e fazendo nos questionar sobre o que é mutável e o que não é na modernidade. E, perceber como esse novo modo de existir no mundo possibilitou que Rodrigo ressignificasse a sua existência e criasse novos modos de viver.

²⁸⁵ Cf: DARNTON, Robert. O livro está mais vivo do que nunca. Roda Viva. 21/09/12. Disponível em: <http://tvcultura.emaais.com.br/rodaviva/roda-viva-recebe-robert-darnton>. Acesso 22/01/2015.

²⁸⁶ Uma corrente de incerteza e insegurança guia o sujeito pós-moderno, que não tem mais referencial nenhum para construir sua vida, a não ser ele mesmo. A liquidez da sociedade se dá pela sua incapacidade de tomar forma fixa. Ela se transforma diariamente, toma as formas que o mercado a obriga tomar, não propicia a elaboração de projetos de

²⁸⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

“Hoje o tempo voa amor, escorre pelas mãos²⁸⁸” já afirmava a canção de Lulu Santos, que coloca a questão que o tempo cada dia passa mais rápido, ao menos a apreensão que temos do tempo é que ele aumentou sua velocidade. Zygmunt Bauman afirmou que o mundo na contemporaneidade é percebido como “múltiplo, complexo e rápido e, portanto, como ambíguo, vago ou plástico”²⁸⁹.

A internet contribuiu para esse processo, pois possibilitou criar novas sociabilidades, novas práticas e novos modos de existência. A Internet é outra dimensão do mundo, a qual vivemos e que não representa a realidade, mas cria realidades e possibilita que vários mundos sejam possíveis e aconteçam em concomitância. A cibernética criou uma nova dinâmica para o espaço e tempo²⁹⁰ e mesmo se tratando de mundos paralelos, os quais alguns nomeiam de virtuais, eles interferem diretamente em uma realidade dita material, mas que é ao mesmo tempo muito subjetiva.

A internet permitiu o fortalecimento de algumas identidades, principalmente as que não tinham tanta visibilidade como a dos loucos, doentes, etc. Bruna Rocha Silveira (UFRS) ao estudar blogues de pessoas que foram diagnosticadas com doenças crônicas, percebe como o diagnóstico se torna um referencial identitário e como, por meio dos blogues, pessoas com o mesmo diagnóstico vão se identificando, compartilhando momentos, dores, experiência. Sua pesquisa partiu de sua experiência pessoal: aos 15 anos foi diagnosticada com esclerose múltipla e um tempo depois começou narrar na blogosfera sobre si e sobre a sua relação com a doença, tendo uma lista grande de seguidores.²⁹¹

No caso do Rodrigo, seus sítios cibernéticos, por um lado, não serviam para falar estritamente da doença ou de seus remédios. Mas, por outro lado, servia para estabelecer uma identidade entre aqueles que também tomavam os remédios, entre aqueles que se sentiam *desterritorializados*²⁹². Sobre essa discussão apresentaremos logo a frente como alguns

²⁸⁸ SANTOS, Lulu. Tempos Modernos. Vagalume. Disponível: <http://www.vagalume.com.br/lulu-santos/tempos-modernos.html>. Acesso: 04/05/2016.

²⁸⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.136.

²⁹⁰ Uma das principais criações da física quântica é de que um corpo pode ocupar mais de um lugar no espaço ao mesmo tempo. A teoria já foi comprovada em moléculas e partículas e é fundamental para a construção de chips para computadores. Para saber mais consultar: BAPTISTA, José P. Os princípios fundamentais ao longo da história da física. Rev. Bras. Ensino Fís. vol.28 no.4 São Paulo 2006. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-11172006000400017. Acesso 27/01/2015 às 15h55.

²⁹¹ Para saber mais consultar: SILVEIRA, Bruna. Entre a vitimização e a divinização: a pessoa com deficiência em Viver a Vida. Dissertação defendida no PPGCS na UFRS, 2012.

²⁹² O conceito de Desterritorialização, inserido na proposta de Cartografia, consiste em adotar um chamado “olhar estrangeiro” para a nossa cultura. Segundo Ianni. (IANNI, O. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.1996, p.169) “... o sujeito do conhecimento não permanece no mesmo lugar, deixando que seu olhar flutue por muitos lugares, próximos e remotos, presentes e pretéritos, reais e

leitores se identificavam com a poesia de Rodrigo que justamente falava sobre o consumo de determinados medicamentos. Com a flexibilização das inúmeras possibilidades de existir na internet, Rodrigo faz de si um escritor, jornalista e editor, trabalhando arduamente nestes projetos, nos quais ora se afasta do diagnóstico ou do tratamento, ora aproxima-se deles, isto é, as identidades se tornam mais moveis ainda nos blogues.

O blogue se tornou um espaço de subjetivação. Neste sentido, como este tipo de escrita se configuraria como um cuidado de si? Para nós se manifesta no fato de ocultar o diagnóstico e estabelecer identificações diferentes daquelas pautadas pela "doença". Esse cuidado de si significa não apenas confissão de banalidades subjetivas, mas de transmutação de outras identidades, colocando em cena “um sujeito que [pode] não coincid[ir] nunca com ele mesmo²⁹³”.

Poucas pessoas sabiam que Rodrigo era esquizofrênico, sabiam apenas que editava blogues, revistas, realizava entrevistas e que era um escritor, pois ele construiu ou ocupou espaços identitários que faziam referência para além do ser esquizofrênico, louco ou doente, pois a literatura possibilita a criação de múltiplos universos, que não se restringem a determinadas categorias. Assim, através dela ele pode extravasar seus sentimentos, suas angustias, criar novos sentidos, se libertar dos estereótipos. Por outro lado, depois do texto pronto, era este que o conduziria a ser aceito socialmente. Por meio da literatura Rodrigo encontrou uma brecha para se inserir numa “normalidade”, na medida em que era através da escrita que ele conhecia pessoas, que interagiam socialmente já que não saía de casa.

Para o acesso a blogues não é necessário nenhuma identificação prévia. Isso significa que há uma maior mobilidade identitária, já que ele pode dar opiniões com pseudônimos e ter acesso ao blogue sem necessariamente se identificar. A internet permitiu novas formas para viver, inclusive para artistas, músicos e escritores. Ela se tornou uma plataforma revolucionária para a difusão e a produção cultural. Artistas iniciantes ou independentes encontram na internet uma forma mais acessível de divulgar seus trabalhos. Gravar uma música ou publicar um romance se tornou mais acessível se comparado alguns anos atrás em que a única alternativa era buscar o mercado editorial ou uma produtora musical. Hoje, publicam-se romances, poesias, músicas e vídeos em plataformas como *Blogspot*, *Youtube*, *Facebook*. O enunciador do discurso não se restringe ao que tem maior poder aquisitivo, de

imaginários”. Partindo do pressuposto de que território é aquele espaço de estabilidade e organização, a ação de desterritorializar é uma ação de desordenar, de fragmentar para buscar novos caminhos e subjetividades.

²⁹³ ROBIN, apud AZEVEDO, Luciene. Blogs: A Escrita de Si na Rede dos Textos. Matraga, Rio de Janeiro, v.14, n.21, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga21/arqs/matraga21a03.pdf>. Acesso: 30/01/2016.

maneira geral, qualquer um pode publicar desde que tenha acesso a um computador conectado à rede.

Além destas plataformas conectadas à rede possibilitarem que os discursos circulem mais rapidamente, a internet possibilita que mais artistas consigam publicar suas obras em formas materiais, tradicionais, por meio de financiamentos colaborativos, conhecidos também como *crowdfunding*. No Brasil, um dos mais conhecidos é o Catarse, cuja proposta é reunir colaboradores variados em torno de um projeto específico. Geralmente, as plataformas ficam com uma porcentagem estabelecida do dinheiro arrecadado e os colaboradores recebem recompensas dependendo do valor doado. São prêmios que variam desde uma camiseta, livro autografado, ingressos, entre outros. Caso o total arrecadado não alcance o valor necessário para sustentar o projeto o dinheiro volta aos colaboradores. Foi por meio de um projeto escrito para o Catarse, intitulado “Tudo vai ficar da cor que você quiser”, que Ramon Melo, o curador da obra de Rodrigo, e Marta Mestre²⁹⁴, conseguiram financiamento para expor as telas e poesias do Rodrigo no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 2012.²⁹⁵

Segundo Joca Terron²⁹⁶, escritor e editor, um dos melhores *crowdfundings* dedicado à literatura na atualidade é o *bookstorming*²⁹⁷, para o qual os escritores mandam o livro e os internautas votam se o livro deve ser publicado ou não. Isto significa que a internet possibilitou novas maneiras de ler, novas possibilidades de escrever e publicar.

Como já dito, Rodrigo ficou mais de vinte anos sem sair de casa. E, como afirmou Cristina Cariconte, amiga de Rodrigo,²⁹⁸ a reclusão o impedia de fazer coisas básicas, como sair para comprar um sorvete, o impedia de realizar práticas do cotidiano consideradas banais por pessoas consideradas “normais”. Mas o seu universo não estava limitado a quatro paredes e a práticas normativas. Rodrigo percorria o mundo na frente da tela do computador e pelo telefone. Fazia reuniões, discussões literárias, entrevistas, desabafos, escutava música,

²⁹⁴ Marta Mestre nasceu em Portugal, mas vive e trabalha no Rio de Janeiro onde é curadora assistente no MAM Rio. Graduada em História da Arte [Universidade Nova de Lisboa, 2003] e Cultura e Comunicação/ Museologia [Université d'Avignon, Paris, 2005]. Faz crítica de arte e publicou em Arte y Parte (Santander), Dardo (Santiago de Compostela), Arte Capital (Lisboa), Concinnitas (Rio de Janeiro). Coordenou o Centro de Artes de Sines [Portugal, 2005-2008] onde fez a programação de artes visuais e artes de palco, e foi curadora de diversas exposições.

²⁹⁵ Para saber mais consultar: <http://catarse.me/pt/projects/279-tudo-vai-ficar-da-cor-que-voce-quiser>. Acesso 21/01/2015.

²⁹⁶ Para saber mais consultar o canal “Muda mais” no youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pu7uhemiz3w> Acesso 21/01/2015 às 16h49.

²⁹⁷ <https://www.bookstorming.com.br/>

²⁹⁸ Conversa com Cristina Cariconte via telefone.

recitava poesia. É por meio do ciberespaço e do telefone que Rodrigo criou sua rede de sociabilidades. “A internet foi ótimo! Isso aí foi maravilha!”²⁹⁹.

Em entrevista concedida ao escritor Rafael Nolli, Rodrigo narrou que a partir de 1997 ou 1998, quando se popularizou a internet no Brasil, ele começou a entrevistar escritores e publicar as entrevistas na internet, arquivando aproximadamente trezentas entrevistas que realizou: “Eu entrevistava e criei o site CAOX, botava lá uns dois poemas e as entrevistas. Eu achei que a melhor forma de eu me divulgar seria divulgar os outros. Como eu não era conhecido por ninguém, eu poderia ter acesso aos livros”.³⁰⁰ Rodrigo nos mostra um dos caminhos possíveis, o que ele escolheu, que um escritor desconhecido pode percorrer para tornar sua poesia pública e fazer de seu nome conhecido. Sua tática foi, justamente, divulgar escritores novos com o fim de promover a circulação e divulgação não apenas dos escritores, mas dele mesmo, aproveitando, para isso, sua formação jornalística. Segundo Rodrigo, ele não teve muito espaço no e-zine³⁰¹ Poesia Diária, e por isso criou o Caox. Rodrigo fala sobre seus interesses nas entrevistas:

Mas meu interesse na época era fazer a ponte da literatura do papel para a literatura cibernética. Tirei também grande proveito dessas entrevistas. Fui recebendo livros do pessoal da minha idade. Entrevistei a maioria dos poetas da minha geração. Eu não olhava a que escola pertencia o poeta, meu objetivo era apenas entrevistar os poetas. Referência

Esse lugar social que Rodrigo ocupou na internet, como jornalista, fez com que ele tivesse um privilegio bastante grande, conhecendo muitos escritores de sua geração como: Ademir Assunção³⁰², Claudio Daniel³⁰³, Ricardo Corona³⁰⁴, César Alcíades³⁰⁵, entre outros.

²⁹⁹ LEÃO, Rodrigo de Souza. LeroLero com Rodrigo de Souza Leão. In: Cassioamaralblogspot. 13 de fevereiro de 2007. Disponível em: <http://cassioamaral.blogspot.com.br/2007/02/lero-lero-com-rodrigo-de-souza-leo.html>. Acesso 02/01/14 às 20h24.

³⁰⁰ LEÃO, Rodrigo de Souza. LeroLero com Rodrigo de Souza Leão. In: Cassioamaralblogspot. 13 de fevereiro de 2007. Disponível em: <http://cassioamaral.blogspot.com.br/2007/02/lero-lero-com-rodrigo-de-souza-leo.html>. Acesso 02/01/14 às 20h24.

³⁰¹ E-zine é um fanzine eletrônico, isto é, uma publicação periódica, distribuída por e-mail, com o objetivo de explorar um tema específico, neste caso a literatura.

³⁰² “Nasceu em 1961 em Araraquara SP. É poeta, escritor, jornalista e letrista de música. Autor de livros de poesia, ficção e jornalismo, venceu o Prêmio Jabuti em 2013, com o livro A Voz do Ventriloquo (Melhor Livro de Poesia). Formou-se em jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina e trabalhou como repórter e editor nos jornais e revistas Folha de Londrina, O Estado de São Paulo, Jornal da Tarde e Folha de S. Paulo. Além disso, trabalhou como editor-contribuinte para a revista Marie Claire, como co-editor da revista literária K'an e participou de exposições de poesia visual na França, Austrália e Portugal. É um dos editores da revista Coyote, junto com os poetas Marcos Losnak e Rodrigo Garcia Lopes. Como letrista, tem parcerias gravadas em discos com alguns artistas da música brasileira como Itamar Assumpção, Edvaldo Santana, Madan e Ney Matogrosso, e com as cantoras Maricene Costa, Patrícia Amaral e Titane. Tem poemas e contos em diversas antologias brasileiras e internacionais, publicadas na Argentina, México, Peru e EUA. Principais livros: O Caio e o Cuio, infantil, Aaatchim! Editorial (2013); Faróis no Caos, entrevistas, Sesc Edições (2012); A Voz do Ventriloquo,

Neste sentido, Rodrigo reconheceu a importância que a internet teve em sua vida “Pra mim foi muito importante a Internet, porque eu pude fazer o meu trabalho de jornalismo. Eu sou formado em jornalismo”³⁰⁶. Em entrevista a Juliana Krapp afirmou:

A internet foi mais importante na minha formação do que na minha criação. Comecei publicando um e-zine. Era um fanzine distribuído por e-mail. Publicava poemas, textos e entrevistas. O nome era Balacobaco. Circulou por quase seis anos. Pude entrevistar diversos escritores. De alguns virei amigo. Eles me mandavam seus livros. Assim entrei em contato com boa parte da produção de literatura da nova geração. Depois veio o site Coax, do qual fazia o design. Fui um dos fundadores da revista Agulha. Colaborava como webmaster e como repórter. Mas só fiquei um número. Não gostava muito da função de web designer. Hoje em dia atuo em três frentes. Atualizo o meu blog e faço entrevistas e resenhas para a Germina

poesia, Edith Editorial (2012); Tempo Instável na Tarde dos Anjos Desolados, poesia, edição do Centro Cultural São Paulo (2011); A Musa Chapada, poesia, em parceria com Antonio Vicente Pietroforte e Carlos Carah, editora Demônio Negro (2008); Adorável Criatura Frankenstein, romance, Ateliê Editorial (2003); Zona Branca, poesia, editora Altana (2001); Cinemitologias, prosa poética, editora Ciência do Acidente (1998); A Máquina Peluda, contos, Ateliê Editorial (1997); LSD Nô, poesia, editora Iluminuras (1994)”. (s/autor. Ademir Assunção. Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/aassuncao.html>. Acesso: 04/05/2016)

³⁰³“Claudio Daniel, pseudônimo de Claudio Alexandre de Barros Teixeira, é poeta, tradutor e ensaísta, nasceu em São Paulo (SP), em 1962. Publicou os livros de poesia Sutra (edição do autor, 1992), Yumê (Ciência do Acidente, 1999), A sombra do leopardo (Azougue Editorial, 2001, prêmio Redescoberta da Literatura Brasileira, oferecido pela revista CULT) e Figuras Metálicas (Perspectiva, coleção Signos, 2005). Em 2004, lançou o Romanceiro de Dona Virgo, volume de contos (Lamparina Editora). O autor publicou também a antologia Na Virada do Século, Poesia de Invenção no Brasil (Landy, 2002), organizada em parceria com Frederico Barbosa. Como tradutor, publicou a antologia Jardim de Camaleões, A Poesia Neobarroca na América Latina (Iluminuras, 2005), além de volumes com traduções de José Kozler, Eduardo Milán, León Felix Batista, Reynaldo Jiménez e Víctor Sosa. Em 2004, foi um dos curadores do evento Encontros de Interrogação, promovido pelo Instituto Itaú Cultural, e em 2006 organizou a Galáxia Barroca, Encontro de Poetas Latino-Americanos. No exterior, participou das antologias New Brazilian & American Poetry (revista Rattapallax n. 9, New York, 2003), organizada por Flávia Rocha e Edwin Torres, Pindorama, 30 Poetas de Brasil (revista TséTsé n. 7/8, Buenos Aires, 2001), com seleção e tradução de Reynaldo Jiménez, e Cetería, Once Poetas Brasileños (Casa de Letras, Havana, 2003), organizada e traduzida por Ricardo Alberto Pérez”. s/autor. Claudio Daniel. Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/clad.html>. Acesso: 04/05/2016.

³⁰⁴“Ricardo Corona nasceu em Pato Branco – PR em 1962. É jornalista, poeta. Em 1998, organizou a antologia de poesia Outras praias / OtherShores (Iluminuras). Criou em parceria com a artista plástica Eliana Borges as revistas de poesia e arte Medusa (1998-2000) e Oroboro (2004-2006). Em 1999, publicou Cinemaginário (Iluminuras), seu primeiro livro individual, com repertório de poemas imagéticos e de intenso diálogo com o cinema. De 1993 a 1996, apresentou várias performances poéticas criadas em parceria com Eliana Borges e iniciou pesquisa que aproximou a poesia do universo do som, mesclando referências que vão da poesia da música brasileira às experiências sonoras de vanguarda e que serão determinantes no seu disco Ladrão de fogo (Medusa, 2001). Em 2003, em parceria com Eliana Borges, publicou Tortografia (Iluminuras), um livro de arte com desdobramentos da poesia para o universo das artes plásticas e destas para o campo poético. De 2005 a 2007, percorreu o país com a apresentação de poesia falada e sonorizada. Em 2005, com Joca Wolff, traduziu o livro-poema A Momento de simetria (Medusa, 2005), de Arturo Carrera e nesse ano publicou Corpo sutil (Iluminuras). Em 2007, criou com Eliana Borges a performance Jolifanto”. s/autor. Ricardo Corona. Disponível em http://www.antoniomiranda.com.br/Iberoamerica/brasil/ricardo_corona.html. Acesso: 04/05/2016.

³⁰⁵ Não encontramos mais informações sobre o autor.

³⁰⁶ LEÃO, Rodrigo de Souza. LeroLero com Rodrigo de Souza Leão. In: Cassioamaralblogspot. 13 de fevereiro de 2007. Disponível em: <http://cassioamaral.blogspot.com.br/2007/02/lero-lero-com-rodrigo-de-souza-leo.html>. Acesso 02/01/14 às 20h24.

(<http://www.geminaliteratura.com.br>) e ainda edito junto com o poeta Claudio Daniel a revista Zunái (<http://www.revistazunai.com>).³⁰⁷

Por meio da narrativa de Rodrigo, podemos ver como ele teve uma grande atividade artística e profissional. O fato de permanecer em casa não impediu que ele criasse uma rede de sociabilidades e nem que não encontrasse formas para trabalhar. Os blogues, jornais, revistas serviam como uma forma de ocupação. Num poema chamado Caixa de Fósforos, Rodrigo diz que não precisa sair de casa para encontrar vida, “Eu não saio pra ver a vida/ Eu vivo ávido de vida/ A vida está aqui dentro/ Tão dentro que estou morto/ Pronto pra pegar fogo³⁰⁸”. A vida existia em seu apartamento, mas mais que isso, pois ela existia dentro de si mesmo. Não era a falta de vida que o impedia de sair de casa, ao contrário, é a vida que, de forma radical se impelia no seu corpo fazendo-o ficar em casa, ter controle de si.

Se para os sujeitos considerados “normais” o processo de escrita serve como um meio, uma possibilidade de atingir o fora, de se confundir com a loucura, a escrita para Rodrigo não tinha apenas este papel. Através dela ele criava novos universos, se perdia em suas memórias e subjetividades, mas não era só isso, através da literatura ele buscava também se inserir na sociedade, criar redes de sociabilidades e trabalhar, elementos os quais fariam acessar, de certa forma, uma “normalidade”.

Segundo os amigos Cristina Carriconte e Ramon Nunes Melo, Rodrigo era metódico, tinha a hora de escrever, e a hora e o dia exatos para ligar para os seus amigos e o fazia de maneira sistemática³⁰⁹. Por meio destas regras estabelecidas por ele próprio que ele construía uma ordem e um sentido para a sua existência. Era através da escrita que conhecia e conversava com pessoas, que trabalhava e ocupava grande parte do seu tempo. Por meio da escrita que pode exercer sua formação de jornalista e ocupar um lugar na sociedade “normatizada”.

Foi por meio da internet que ele pôde se relacionar com outras pessoas e cuidar de si como forma de não se perder no profundo abismo de seu eu, ele se perdia também, mas na medida em que este perder-se era compartilhado, na medida em que representava um espaço fora do tempo que poderia ser alcançado por aqueles que deixavam a poesia acontecer, por

³⁰⁷ LEÃO. Rodrigo de Souza. Rodrigo de Souza Leão fala sobre seu novo livro. Disponível em: <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas1.htm>. Acesso 03/01/15 às 17h03.

³⁰⁸ LEÃO. Rodrigo de Souza. Caixa de Fósforo. In: BRESSANE, Ronaldo. A Lucidez Póstuma do Poeta. Disponível em: http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/sobre_ele/sobre_ele50.htm. Acesso 27/01/2015 às 15h38.

³⁰⁹ Consultar: MELO, Ramon N. Entrevista [maio 2014]. Acervo da autora. Entrevista concedida a Thamara Parteka.

meio da interação com outros escritores é que construía um sentido para a sua vida. A escrita foi para Rodrigo, também, uma forma de reconstrução de si.

Os blogues, os e-mails o telefone e até as cartas eram as formas que Rodrigo encontrava para se comunicar com escritores e amigos, já que praticamente não saía de casa. Não sabemos ao certo se as cartas eram manuscritas e posteriormente teriam sido digitadas no computador ou se Rodrigo as enviava através do correio eletrônico, mas mais importante que seu formato, eram os assuntos que ele desenvolvia nelas. Por meio das cartas, Rodrigo conversava sobre literatura, poesias, sobre seus sentimentos em relação à vida; a partir das cartas que recebia de seus amigos e outros escritores era instruído acerca do que ler e como escrever, enfim foi por meio delas, mas não somente delas, que ele recebeu influências literárias e orientações. Em uma carta escrita a Paulo Sérgio Duarte, seu primo e padrinho de batismo³¹⁰, Rodrigo narrou como estava o seu processo de escrita: "[...] acredito que venha fazendo progressos em minha escrita. Muito deste progresso deve-se a você primo. Já que faz alguns meses comprei os livros que me indicou de Massaud Moisés."³¹¹

Para Rodrigo, muito do seu desenvolvimento se deu por influência do padrinho Paulo Sérgio Duarte, pelo qual tinha uma profunda admiração. E isso não era por menos, pois Paulo Sérgio Duarte é um crítico de arte reconhecidíssimo, além de professor de História da Arte e coordenador geral de Estudos Culturais da Universidade Cândido Mendes. Rodrigo tinha assim, seu padrinho como um mestre. Era para ele que Rodrigo mostrava suas poesias para receber opiniões e era para ele, também, que ele pedia indicações de livros. Nas cartas, vemos

³¹⁰ No círculo familiar Paulo Sérgio Duarte era primo-irmão de Antônio Alberto de Souza Leão, pai de Rodrigo. Profissionalmente, Paulo S. Duarte tinha um currículo bastante grande: “Foi Assessor-Chefe do RIOARTE (1983-85) e primeiro diretor geral do Paço Imperial / Iphan, de 1986 a 1990, responsável pela sua implantação como um centro cultural, período em que foram realizadas, entre outras, as exposições Lygia Clark e Hélio Oiticica, Brasil Holandês, Lasar Segall, Sergio Camargo, Miró e Gaudi, Expedição Langsdorf, Amílcar de Castro (única retrospectiva do artista em vida), Tesouros do Kremlin e Carlos Vergara. Publicou os livros Anos 60 – Transformações da arte no Brasil [Rio de Janeiro: Campos Gerais, 1998]; Waltercio Caldas [São Paulo: Cosac & Naify, 2001] e Carlos Vergara [Porto Alegre: Instituto Santander Cultural, 2003], além de diversos artigos e ensaios sobre arte moderna e contemporânea, dentre os quais se destacam os estudos “A trilha da trama” [in: Antonio Dias. Rio de Janeiro: Funarte, 1979]; “O que Seurat será?” [in: O Olhar. Org.: Adatao Novas. São Paulo: Companhia das Letras, 1988]; “Amilcar de Castro ou a aventura da coerência” [in: Novos Estudos Cebrap, n. 28. São Paulo: Cebrap, 1990]; “Modernos fora dos eixos” [in: Arte construtiva no Brasil. Org.: Aracy Amaral. São Paulo: DBA Melhoramentos, 1998]; “As técnicas de reprodução e a idéia de progresso em arte” [in: Mostra Rio Gravura - Catálogo Geral. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Arte e Cultura – RIOARTE, 1999]; “Chega de futuro? – Arte e tecnologia diante da questão expressiva” [in: Arte & Ensaios. Ano IX. No. 9. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002]; “Lasar Segall: O Navio de Emigrantes” [in: Nossa História. No. 7. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, maio de 2004]. Atualmente, trabalha também na implantação e desenvolvimento de projetos públicos na área de educação e cultura”. s/autor. Paulo Sérgio Duarte. http://www.forumpermanente.org/convidados/ps_duarte. Acesso 04/05/2016.

³¹¹ A carta consta no Dossiê Paulo Sergio Duarte disponível no acervo digital do autor na FCRB. “Massaud Moisés foi professor de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP) de 1973 a 1995, ano em que se aposentou. s/autor. MOISES, Massaud. <http://www.pensamento-cultrix.com.br/authordetail.aspx?idAuthor=1028>. Acesso 04/05/2016.

que Rodrigo se esforçou bastante para construir sua literatura, pois lia não somente os clássicos da literatura, mas também os teóricos literários. Em uma de suas cartas para seu padrinho, Rodrigo escreveu:

Lembro como agora de quando papai passou para mim aqueles quatro volumes: Poesia, Prosa I, Prosa II e Análise Literária. Estava ávido pôr desvendar os caminhos da literatura. Hoje depois de ter lido todos os quatro, estou certo de ter saído mais enriquecido; principalmente no que tange a poesia, aprendi os valores regentes desta arte tão difícil. E só agora entrei em contato com cada alicerce que mantém a estrutura poética de pé, aprendi que nem todo o poema tem poesia e não basta ser escrito em verso para ser poesia. É necessário poeticidade: riqueza metafórica, imagística. Nunca havia pensado haver tanta teoria pôr de trás, as vezes [*sic*], de três, quatro linhas. Foi bárbaro. Me indique mais livros. Recentemente, em prosa, reli *Memorial de Aires* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. O segundo me fascinou mais. Gosto muito de Kafka, estou para comprar o restante de livros de que me falta. Junto os tostões para comprar a obra completa do criador de Missaís (Que vergonha, esqueci o nome do poeta). Mas, falando nele, participei de um concurso que levava seu nome. Mandeí a minha “grande” obra *Um litro de loucura e 500g de razão*. Para variar não ganhei nada. Graças a Deus estou amparado pôr um bom poeta, Augusto Frederico Schmidt, que ampara os perdedores em seus mandamentos.³¹²

Rodrigo não apenas fala sobre o que leu, mas sobre o que compreendeu dos textos. Em sua carta apresentou seus gostos, os autores que pretendia ler e mostrou que estava correndo atrás de reconhecimento através de concursos literários. Rodrigo se inspirava em seu padrinho-primos e encontrava nele um suporte, pois ele lhe ajuda a constitui-se como escritor, indicando leituras e uma Literatura que talvez considerasse exemplar. É por meio destas práticas que percebemos como Rodrigo usou o que Foucault chamou de tecnologias de si:

Tecnologias de si, que permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade³¹³.

O próprio Rodrigo dividiu sua atuação na internet em quatro fases³¹⁴: sua atuação no Poesia Diária, a criação do Caux, a criação da Revista Literária Balacobaco e sua atuação no editorial da Revista Zunái. O Balacobaco foi, para ele, uma grande conquista, pois foi uma

³¹²LEÃO, Rodrigo de S. Dossiê Paulo Sergio Duarte. Carta. Acervo digital do autor na FCRB.

³¹³FOUCAULT, Michel. “Política e Ética: uma entrevista.” In: *Ética, Sexualidade e Política*, por Michel FOUCAULT, 218-224. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. P.323.

³¹⁴ LEÃO, Rodrigo de S. Dossiê O Meu trabalho na internet tem quatro fases distintas. Disponível no acervo do autor na FCRB.

oportunidade de encontrar um espaço nos círculos literários. Para isso o criou com a finalidade de fazer entrevistas³¹⁵, buscando fazer algo mais inovador por meio da internet, esta que estava começando a ganhar espaço no Brasil. Com o passar do tempo, com a ajuda dos amigos, principalmente de Silvana Guimarães e de Andréa Augusto, o site foi se aperfeiçoando, tendo um alcance de 500 a 2000 mil computadores conectados³¹⁶.

As entrevistas são um material bastante rico para o historiador da leitura, pois por meio delas podemos saber não só as pessoas que Rodrigo entrevistou, mas o que leu, como na pergunta que fez ao escritor Sérgio Medeiros: “Você se considera um escritor surrealista? Qual a sua relação com o surrealismo?”³¹⁷

As entrevistas que Rodrigo realizava estavam profundamente ligadas a sua prática de escrita. Primeiro, porque ele lia o material do escritor antes de entrevista-lo. Segundo porque as perguntas que fazia remetiam a aspectos da própria escrita de Rodrigo. Um exemplo desta postura é outra pergunta feita ao escritor Sérgio Medeiros: “Você tem alguma influência angustiada à maneira Harold Bloom?”³¹⁸

Algumas perguntas realizadas nas entrevistas Rodrigo eram repetidas, mas a repetição não nos parece ocorrer por falta de criatividade do entrevistador, mas porque ele queria saber as respostas para construir-se como escritor. Como entrevistador além de conhecer os escritores, podia conhecer os estilos de escrita, saber as opiniões sobre diferentes temas e os posicionamentos dos entrevistados em relação às editoras, o que servia para ele analisar, apropriar-se e constituir-se como escritor. Uma das perguntas repetida nas entrevistas, que demonstra esta perspectiva, é a seguinte “O que é mais importante no poema: forma ou conteúdo?”³¹⁹

Não apenas em entrevistas encontramos esse questionamento, também em resenhas, pois esta era uma questão fundamental para Rodrigo, como para tantos poetas. Sobre a relação entre forma e conteúdo encontramos um texto do Rodrigo bastante interessante, na qual podemos perceber seu próprio projeto de escrita:

³¹⁵ As entrevistas foram publicadas também em sítios cibernéticos que não existem mais na atualidade: <http://www.geocities.com/soho/lofts/1418/>; <http://www.balacobaco.z6.com.br>; <http://www.pd-literatura.z6.com.br>; <http://www.secrel.com.br/jpoesia/>;

³¹⁶ LEÃO, Rodrigo de S. Dossiê O Meu trabalho na internet tem quatro fases distintas. Disponível no acervo do autor na FCRB.

³¹⁷ LEÃO, Rodrigo de S. Entrevista com Sérgio Medeiros. Germina. Disponível em: <https://medeirossergio.wordpress.com/2012/06/19/entrevista/> Acesso 21/01/2015 às 19h15.

³¹⁸ LEÃO, Rodrigo de S. Entrevista com Sérgio Medeiros. Germina. Disponível em: <https://medeirossergio.wordpress.com/2012/06/19/entrevista/> Acesso 21/01/2015 às 19h15.

³¹⁹ Pergunta realizada na entrevista feita por Rodrigo à Bárbara Lia na Revista Germina em abril de 2005. Disponível em: http://www.germinaliteratura.com.br/pcruzadas_abril.htm. Acesso 21/01/2015 às 17h52.

O poeta atual - devido aos alicerces que fundamentam a poesia de hoje - está quase sempre em uma profunda oscilação entre o caráter dionisíaco e o apolíneo em sua arte. São raros os casos de convivência pacífica entre estes dois extremos. Coloco aqui o apolíneo como sendo a propensão a uma forma "enxuta" à moda cabralina no poema³²⁰, e, vejo como dionisíaca o acento maior para o conteúdo. Ou seja, para um bom projeto literário é necessário que estas duas forças, as de forma e conteúdo, apolíneo e dionisíaco, estejam lado a lado em uma peça literária; e que elas participem em uma igualdade de força e tensão: proporcionando assim uma estética de completude na escrita de um autor. O poeta vive na corda bamba. Se ele for excessivamente forma corre o risco de se perder sem conteúdo e se for o oposto, a forma pode ficar prejudicada e o poema embarcar pelos caminhos de uma poesia tibia: onde a estrutura não possui uma tensão que a peça deve ter. Afinal não são mais tempos de uma escrita grandiloquente em que o poeta se adula de metáforas e linguagem conotativa. Então se faz necessário uma pergunta: como equilibrar a forma e o conteúdo numa poética? Como estar em patamares aceitáveis os níveis de apolíneo e dionisíaco na arte de escrever versos?³²¹

Neste movimento, percebemos que as entrevistas, resenhas, conversas, cartas serviam como um meio de Rodrigo evoluir em seu processo de escrita, isto é, estes trabalhos serviam para ele questionar seu próprio estilo literário. Mas também serviam como formas de cuidar de si, pois no produzir literário, na construção e desconstrução dos acontecimentos, imagens e representações, ele inventava a si próprio.

Michel Foucault, ao discorrer sobre as práticas de cuidado de si, explica que na função *etopoiética*, a escrita foi manifesta no sentido de *hypomnemata*, que, no sentido técnico, podiam ser livros, cadernos, que serviam de lembrete; era um livro de vida, no qual se anotavam trechos de leituras, pensamentos, “constituíam a memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas”³²². Mas também no sentido de correspondência, as quais constituem exercícios de escrita pessoal: “a carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe”³²³. Em um primeiro momento, Rodrigo usava cadernos para fazer suas poesias, por vezes, como vimos outrora, anotava frases esparsas de literatos e no final compunha uma poesia, mas com o tempo passou a escrever suas poesias e outros textos nos blogues. Nesta época, a década de 1990, os textos de Rodrigo não tinham como foco principal ser autobiográficos, a autobiografia ressoava em algumas poesias e, principalmente, no livro *Carbono Pautado* que narra basicamente a sua experiência enquanto servidor público.

³²⁰Ao modo de João Cabral de Melo Neto.

³²¹ LEÃO, Rodrigo de S. A Poesia Azul de Fernando Koproski. Zunai Revista de Poesia e Debates. Disponível em: http://www.revistazunai.com/ensaios/rsleao_fernando_koproski.htm. Acesso 21/01/2015 às 20h11.

³²²FOUCAULT, *Op. Cit.*, 2012a. referência correta

³²³ Idem, p. 154. idem

Compreendemos que os textos escritos neste período compunham uma escrita de si, enquanto um exercício diário o qual ele se propôs exercer, nesse momento sua narrativa teve como horizonte seu trabalho, Rodrigo enquanto servidor público e não como esquizofrênico. Neste sentido, Foucault afirma que escrever é “se mostrar, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro³²⁴”, por isso Rodrigo dá importância de publicar textos não apenas seus, mas também de outros escritores.

O cuidado de si é fundamental para a constituição de uma ética. Com o cuidado, há a condição de possibilidade da vida como uma obra de arte. Na sociedade contemporânea, ao se referir ao “si” e ao “eu”, há uma tendência em pensar em valores egocêntricos, egoístas, individualistas. No entanto, não é este sentido que estabelece Foucault ao propor esta noção. Liliana da Escóssia, citando Pierre Vernant compreende que a experiência grega era diferente da nossa, pois “o eu grego não é delimitado, nem unificado, é antes um campo aberto de forças múltiplas”³²⁵, as experiências são orientadas para o exterior, o indivíduo procura-se, projeta-se, objetiva-se nos outros.

O cuidado de si não é uma relação individualizante, ao contrário, pois a ação de cuidar-se de si, de se autogovernar, são práticas básicas para se ter condições de governar o outro. O cuidado toma forma a partir de leituras, regimes, escrita, práticas as quais não são solitárias³²⁶, mas formadas a partir de relações sociais, através do compartilhamento de um texto, nos conselhos, no diálogo com outro em suas diferentes formas. É o que Foucault chamou de *epilemeia*, prática a qual não é apenas uma preocupação, mas um conjunto de ocupações³²⁷. Mais adiante deste texto, veremos o quanto foi fundamental o diálogo com o outro para Rodrigo se reconstituir como esquizofrênico.

O cuidado de si implica em um governo de si para o governo do outro³²⁸, implica em um exame, mas também em um prazer, é um estado de constância, que se dá socialmente não

³²⁴ Idem, 156. idem

³²⁵ ESCÓSSIA, Liliana. Foucault com Simondon: Práticas de si como processo de individuação coletiva. In: SOUZA, Pedro; GOMES, Daniel O. *Foucault com outros nomes: lugares de enunciação*. Ponta Grossa, UEPG, 2009.

³²⁶ FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade III, o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

³²⁶ FOUCAULT, Michel. FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Ditos e Escritos Editora Paz e Terra Sabotagem, 2004.

³²⁷ FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade III: o Cuidado de si 2012. Rio de Janeiro: Graal, 2012. p. 87.

³²⁸ Para compreender mais essa relação consultar a *Hermenêutica do Sujeito e O Governo de Si e o Governo dos Outros*. Dentre os temas desenvolvidos nestas obras, está a Parrêsia, a qual não é qualificada por seu conteúdo de verdade, mas pelo modo que a verdade aparece. Segundo, Sônia Oliveira: “A intenção do Parrhesiastes não é convencer o interlocutor, não se trata de uma prática retórica, mas de uma ação necessária. Não é também, para Foucault, mero ato discursivo, pois envolve o próprio sujeito. A parrêsia se caracteriza por representar a crença daquele que fala francamente, não é uma opinião, é a verdade do Parrhesiastes. OLIVEIRA, Sonia R. M. *Governamentalidade e constituição do sujeito em Foucault*. Dissertação de mestrado. Curitiba: PUC-PR, 2009.

apenas na finalidade – para governar o outro -, mas no próprio fato deste outro ajudar a constituí-lo como outro de si. “O outro ou outrem é indispensável na prática de si afim de que a forma que define esta prática atinja efetivamente seu objeto, isto é, o eu, e sejapor ele efetivamente preenchida”³²⁹. Por isto, o contato e os diálogos no ciberespaço eram tão importantes para Rodrigo.

Ao realizarmos um levantamento sobre os textos e os escritores que escreviam, ou sobre as entrevistas concedidas ou, ainda, sobre livros resenhados nas Revistas Literárias Zunái, Agulha, Germina, Correio das Artes, Poesia Diária entre outras revistas e blogues, veremos que se trata, em sua maioria, dos mesmos escritores. Percebemos assim, que foi se formando uma rede, cada escritor tinha sua plataforma, compartilhava o conteúdo dela com outros, convidava um escritor para conceder uma entrevista e o outro já pedia para fazer uma resenha de seu livro.

Sérgio Medeiros³³⁰ era colaborador da *Revista Zunái*, revista na qual Rodrigo era um dos editores. Rodrigo entrevistou Sérgio Medeiros e publicou a entrevista na *Revista Zunái*³³¹ e na *Revista Germina*³³². Sérgio Medeiros assinou a orelha da primeira edição de *TCSA*. Partes deste livro foram publicadas no próprio blogue de Rodrigo, *Lowcura*. Foi lá que muitos escritores leram o livro pela primeira vez, entre eles, Rosa Pena, que foi quem registrou o livro na Biblioteca Nacional e fez uma poesia em homenagem a Rodrigo quando este morreu:

Dia dois de julho choveu céu, talvez para provar que ele nunca esteve morto. "L'Azur! l'Azur! l'Azur! l'Azur!". Era intocável, agora, não mais. O inferno de Rimbaud é aqui Rod, sempre foi. Caiu até um pedaço vermelho do arco-íris nos meus olhos, daí cismaram de ficar dessa cor. Essa chuva celestial não tingiu o mundo, o coitado continua cinza e feio, mas pintou os cachorros. Todos azuis! Ah, a batata de agora em diante será sempre frita (é o que se salva da vida). Sei que você e Baudelaire estão curtindo a liberdade definitiva, as pílulas não engolidas, o Jabuti que é você é bem capaz de levar: seu livro começou a vender adoidado, pois lhe imaginam rei posto. Deixem imaginar. Você é você, o poeta que engoliu o chip da poesia e dizia dentro da mais profunda esquizofrenia que a vida valia ser vivida pela quantidade de encantos, fato que nos aproximou tanto. Hoje, nós (os normais!) giramos numa desgovernada órbita em volta de um astro raro que

³²⁹FOUCAULT, Michel. FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Ditos e Escritos* Editora Paz e Terra Sabotagem, 2004.

³³⁰ Sérgio Medeiros é poeta, tradutor, ensaísta e professor. Defendeu tese de doutorado na USP sobre os mitos jê, em 1995, após um estágio em Paris, França, sob a orientação de Jean-Pierre Vernant e é Professor Titular junto ao Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFSC.

³³¹<http://zunai.com.br/>

³³² http://www.germinaliteratura.com.br/pcruzadas_sm_nov2006.htm

abriga a delicadeza de ser, o lugar talhado para você. Certamente, você já encontrou seu cachorro de pelúcia! Um beijo nele. Dois em você.³³³

Foi no blogue que também José Aloise Bahia conheceu Rodrigo, com quem posteriormente publicou alguns poemas em coautoria, entre eles o poema visual “A genética da coisa”, na *Revista Germina*.

A *Revista Gemina* é editada por Silvana Guimarães, que, por sua vez, revisou muitos dos textos do Rodrigo. Silvana Guimarães, sob pseudônimo de Adelaide do Juninho, é uma das escritoras suicidas³³⁴, assim como Rodrigo o foi, sob o pseudônimo de Romina Conti. Silvana, também assinou a orelha do livro *O Esquizoide* de Rodrigo e Rodrigo resenhou o livro *O amor é vermelho*³³⁵, desta autora. O livro de Silvana Guimarães foi publicado no suplemento literário *Correio das Artes*, suplemento em que muitos destes escritores escreviam, inclusive o próprio Rodrigo que, em uma de suas publicações, discutiu o primeiro CD de poesia falada de Ademir Assunção³³⁶, que publicou várias vezes na *Revista Germina*. Revista na qual, também Glauco Mattoso publicava, por vezes, seus poemas³³⁷.

Sobre os seus poemas de Glauco Mattoso, Franklin Alves fez uma análise que publicou na *Zunái*³³⁸, revista na qual Rodrigo analisou os livros *Oito poemas* (Coleção Pesa-nervos, 2006) e *No entanto d'água* (Editora 7Letras, 2006) de Leonardo Gandolfi. Por sua vez, Gandolfi, junto a Franklin e Rodrigo, eram editores do blogue *Pesa-Nervos*. No blogue *As Escolhas Afectivas*, vemos Rodrigo ser citado por Leonardo Gandolfi, Franklin Alves Dassie, Jorge Lucio de Campos e citar Adelaide do Julinho³³⁹, Ademir Assunção³⁴⁰, Antônio

³³³ PENA, Rosa. L'azur! L'azur! L'azur! L' azur! Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/para_ele/para_ele9.htm. Acesso 22/01/15 às 03h42.

³³⁴ As escritoras suicidas levam pseudônimo ou nome feminino, no entanto nem todas são mulheres, como Dominique Lotte e Romina Conti, pseudônimos, respectivamente, dos escritores Iosif Landau e Rodrigo de Souza Leão, falecidos em 2009, nenhum outro autor nessa antologia revela sua identidade masculina ou o que existe sob as suas vestes femininas. O livro organizado por Silvana Guimarães e Florbela de Itamambuca foi lançado em 2009, sob o título *Dedo de Moça*. Mais informações consultar: <http://www.escritorassuicidas.com.br/>

³³⁵ http://cd-artes.blog.uol.com.br/arch2008-07-01_2008-07-31.html

³³⁶ http://cd-artes.blog.uol.com.br/arch2005-10-01_2005-10-31.html

³³⁷ <http://www.germinaliteratura.com.br/gm.htm>

³³⁸ http://www.revistazunai.com/ensaios/elogio_sombra_poesia_glauco_mattoso.htm

³³⁹ Segundo sua biografia "Viúva. Silvana Guimarães, ou Adelaide do Julinho é "Do lar. Vive discretamente em Belo Horizonte, Minas Gerais. Musa de quatro importantes personalidades do cenário nacional (um poeta, um escritor, um músico e um político — de direita). Poeta neobarraco, está em Amar é abanar o rabo, de Jovino Machado (Belo Horizonte: Excelente, 2009) e *Dedo de moça* — uma antologia das escritoras suicidas (São Paulo: Terracota Editora, 2009). Foi um dos autores convidados da mostra #Tuiteratura (São Paulo: Sesc Santo Amaro, 2013). Tem poemas traduzidos para o inglês, francês, italiano, alemão, espanhol, albanês, latim, romeno, entre outros. Se pudesse escolher, preferia ser a Gisele Bündchen, com um pouco mais de bunda". É o pseudônimo da escritora Silvana Guimarães. Precisa resumir estas informações e indicar onde podem ser encontradas. Precisa colocar as referências neste e nos demais. evitar estes rodapés imensos.

³⁴⁰ É poeta, escritor, jornalista e letrista de música. Autor de livros de poesia, ficção e jornalismo, venceu o Prêmio Jabuti 2013, com *A Voz do Ventriloquo* (Melhor Livro de Poesia). Formou-se em jornalismo pela

Mariano, Claudio Daniel³⁴¹, Donizete Galvão³⁴², Fernando Koproski³⁴³, Franklin Alves, Frederico Barbosa³⁴⁴, Glauco Mattoso³⁴⁵, Greta Benitez³⁴⁶, Jorge Lucio de Campos³⁴⁷, Horácio Costa³⁴⁸, Leonardo Gandolfi³⁴⁹, o que demonstra como funcionavam esses círculos: um lia o outro, indicavam um ao outro, fazendo com se espalhassem rapidamente e fazendo com que mais pessoas fossem inseridas, é o que se chamou curadoria autogestionada³⁵⁰.

Claudio Daniel, Leonardo Gandolfi, Sérgio Medeiros, José Aloise Bahia, Glauco Mattoso, Franklin Alves, Alberto Miranda, Horácio Costa, Sérgio Túlio De Mascarenhas

Universidade Estadual de Londrina, e trabalhou como repórter e editor nos jornais e revistas Folha de Londrina, O Estado de S. Paulo, Jornal da Tarde e Folha de S. Paulo. É um dos editores da revista Coyote, junto com os poetas Marcos Losnak e Rodrigo Garcia Lopes. Como letrista, tem parcerias gravadas em discos com alguns artistas da música brasileira como Itamar Assumpção, Edvaldo Santana, Madan e Ney Matogrosso, e com as cantoras Maricene Costa, Patrícia Amaral e Titane. Tem poemas e contos em diversas antologias brasileiras e internacionais, publicadas na Argentina, México, Peru e EUA.

³⁴¹ Claudio Daniel é um escritor brasileiro. Seu livro de estreia, *Sutra*, foi publicado em 1992, época em que o autor trabalhava como revisor do jornal *Diário Popular* e residia no bairro Bela Vista, em São Paulo, também conhecido como Bexiga. Tem diversos livros publicados e tem ainda colaborado em diversos jornais e revistas literárias, no Brasil e no exterior, como a *Folha de S. Paulo*, *Suplemento Literário de Minas Gerais*, *CULT*, *Coyote*, *Et Cetera*, *Crítica (México)*, *Tsé Tsé (Argentina)*, *Serta (Espanha)*, *Docks a Lire (França)* e *Hispanic Poetry Review (EUA)*. IDEM

³⁴² É um poeta e jornalista brasileiro. Durante a infância em Minas Gerais, Galvão se aproximou da poesia brasileira e, em especial, a poesia modernista mineira, que lhe chegava por intermédio do *Suplemento Cultural de Minas Gerais*: Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Henriqueta Lisboa, Dantas Motta, Murilo Mendes. Em 2002 publicou *Pelo Corpo*, em parceria com o poeta Ronald Polito.

³⁴³ É poeta, nasceu em Curitiba em 1973. Tem composições em parceria com a banda curitibana *Beijo A Força*. Como tradutor, selecionou, organizou e traduziu *Essa loucura roubada que não desejo a ninguém a não ser eu mesmo amém* (Sete Letras, 2005), *antologia de poemas* de Charles Bukowski. IDEM

³⁴⁴ Frederico Barbosa (Recife, Pernambuco, 20 de fevereiro de 1961) é um poeta, crítico literário e professor de literatura brasileiro. Barbosa se formou em Física e Grego pela Universidade de São Paulo, onde ele se especializou em Língua portuguesa, Literatura brasileira e portuguesa. Crítico literário do *Jornal da Tarde* e *Folha de São Paulo* por alguns anos, ele atualmente dirige um dos centros culturais mais importantes do Brasil, a Casa das Rosas - Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura. IDEM

³⁴⁵ Glauco Mattoso, pseudônimo de Pedro José Ferreira da Silva, (São Paulo, 29 de junho de 1951) é um escritor brasileiro. Seu nome artístico é um trocadilho com glaucomatoso, termo usado para os que sofrem de glaucoma, doença que o fez perder progressivamente a visão, até a cegueira total em 1995. É também uma alusão a Gregório de Matos, de quem se considera herdeiro na sátira política e na crítica de costumes. IDEM

³⁴⁶ Greta Benitez (Curitiba, 1971) é uma escritora brasileira, filha da escritora Regina Benitez e do jornalista e crítico de arte Aurélio Benitez. Publicou os livros de poesias *Rosas Embutidas* (edição do autor, 1999) e *Café Expresso Blackbird* (Landy, 2006). IDEM

³⁴⁷ Nasceu em 1958 na cidade do Rio de Janeiro. É professor de Estética e Teoria da Comunicação da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI/UERJ) e da Universidade Estácio de Sá (UNESA). Publicou, além dos ensaios *Do Simbólico ao Virtual* (Perspectiva /UERJ, 1990) e *A Vertigem da Maneira* (Diadorim/UERJ, 1994), as coletâneas de poemas *Arcangelo* (EdUERJ, 1991), *Speculum* (EdUERJ, 1993), *Belveder* (Diadorim, 1994), *A Dor da Linguagem* (Sete Letras, 1997) e *À Maneira Negra* (Sete Letras, 1998). IDEM

³⁴⁸ Horácio Costa (São Paulo, 1954) é um poeta, tradutor, professor e ensaísta brasileiro. Publicou, entre outros livros *O Livro dos Fracta* (1990), *The Very Short Stories* (1991), *O Menino e o Travesseiro* (1998) e *Quadragesimo* (1999). É autor também do volume de ensaios *Mar Abierto* (1999) e de antologias com traduções de poetas latino-americanos como Gorostiza e Octavio Paz. Foi professor na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM); hoje, leciona Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo (USP). IDEM

³⁴⁹ Leonardo Gandolfi nasceu no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1981. É professor de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Obra poética: *No entanto d'água* (7 Letras, 2006) e *8 Poemas* (2006) IDEM

³⁵⁰ Para saber mais consultar: <http://asescolhasafectivas.blogspot.com.br/2006/08/rodrigo-de-souza-leo-mencionado-por.html>

Lima, Rosa Pena, Ademir Assunção, Frederico Barbosa, Afonso R. Santana, Silvana Guimarães, e tantos outros são os colaboradores, que nos tornamos incapazes de contar e mencionar porque se formam por redes que vão se ligando e crescendo em número, formando círculos literários bastante diversos. Mais que escritores que compartilhavam seus escritos, eles se tornaram amigos, compartilharam leituras e pontos de vista, influenciaram a leitura um dos outros e a própria escrita dos textos. Sobre este trabalho exaustivo, principalmente sobre as contribuições de Rodrigo, Aloíse Bahia refere:

Desde a publicação dos seus primeiros versos, no começo da década de 1990, Rodrigo de Souza Leão sempre manteve uma grande ligação com o universo literário do Brasil. A partir do seu convívio virtual com autores dos mais distintos segmentos, de Norte a Sul, desenvolveu como poucos um intenso trabalho de aglutinar pessoas e ideias em suas pesquisas. Aceitou o desafio de expor a sua condição humana, de se lançar no mundo da literatura. De construir uma passagem memorável. Sua produção compulsiva e visceral merece ser reunida, catalogada e publicada na forma de uma antologia. Um reflexo cristalino no espelho da contemporaneidade.³⁵¹

Os blogues tornam-se espaços de experimentação da escrita, muitas vezes marginais ao mercado editorial. E por mais que muitos dos nomes que apresentamos sejam desconhecidos para a população em geral, possibilita a existência de muitos escritores independentes que podem praticar a literatura sem estar restritas a uma ordem do mercado. Presente também é a ambiguidade entre a enunciação ficcional e não-ficcional. Se os primeiros blogues tinham como característica o diário pessoal, hoje em dia depende muito da vontade do blogueiro: filmes, receitas, literatura, política, muitos são os temas e características possíveis de um blogue. Rodrigo, ao ser questionado se existiria uma escrita específica da internet, respondeu:

Não considero que exista uma escrita específica na internet. Fica claro que o que há é um vocabulário diferente, mas ainda não chegou a influenciar tanto assim os escritores. Muita abreviação e adaptação. Creio que caberá à moçada da novíssima geração escrever o internetês em livro. Como tenho 43 anos, não fui educado com essa linguagem. O fato: existe uma nova forma de escrever no mundo, mas desconheço ainda algum escritor que trabalhe ostensivamente neste sentido³⁵².

³⁵¹ http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/sobre_ele/sobre_ele5.htm

³⁵² LEÃO, Rodrigo de S. Jornal Brasil Online. 03/12/2008 Disponível em: <http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2008/12/03/rodrigo-de-souza-leao-fala-sobre-seu-novo-livro/> Acesso 22/01/2015 às 02h34.

O ciberespaço possibilitou este lugar de liberdade da escrita, encontro de escritores e amigos que alteraram a própria sensação de tempo e espaço. Neste sentido, afirma Baumann: “No universo de *software* da viagem à velocidade da luz, o espaço pode ser atravessado, literalmente, em ‘tempo nenhum’; cancela-se a diferença entre ‘longe’ e ‘aqui’. O espaço não impõe mais limites à ação e seus efeitos, e conta pouco ou nem conta”³⁵³. Em meio a esta dinâmica da escrita, as pessoas se subjetivaram, encontraram novas formas de ver o mundo e a si mesmas; criaram novos modos de existência, o questionamento dos limites da realidade, do tempo, da distância e do espaço.

2.3. (A) Lowcura Compartilhado(A)

O blogue Lowcura³⁵⁴ passou a ser escrito em 2006, depois da escrita de TCSA em 2001 (publicado pela primeira vez em 2008) e O ECBem 2003 (2011), portanto, depois de ter passando por um grande período de construção de si, depois do diagnóstico de esquizofrenia. Neste sentido, neste subitem exploraremos algumas questões desenvolvidas no blogue.³⁵⁵

Nos dois primeiros anos Rodrigo teve o número de publicação mais baixo se comparado aos demais, pois em 2006 Rodrigo tem 54 publicações e em 2007 105. Já em 2008 275 e em 2009 200. No ano de 2008 vemos muitas publicações relacionadas com TCSA, desde trecho do livro, fotos do dia do lançamento, resenhas publicadas em jornais e revistas e até e-mails enviados por leitores.

No blogue podem ser encontrado muitos poemas sobre temas diversos, fotografias tiradas ou não pelo próprio escritor (no sentido de contribuir ou confundir a interpretação dos poemas), fotos da família, de catálogos de livro e mostras de literatura. Estão presentes, também, crônicas, fragmentos de seus livros, divulgação de eventos, projetos e livros completos, esboços de desenhos, fotografias de suas telas. Abaixo apresentamos uma imagem da última publicação:

³⁵³BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 136.

³⁵⁴<http://lowcura.uespot.com.br/>

³⁵⁵Vale salientar que são temas desenvolvidos em outra fase da vida do Rodrigo, mas traremos neste capítulo, porque está dentro do tema que estamos desenvolvendo acerca da internet como um espaço social e como *locus* de potencialidades.



Figura 2: Lowcura³⁵⁶

Dentre tantos elementos que poderiam ser problematizados no blogue, buscaremos analisar um de que cada gênero textual: uma poesia, uma crônica, um desabafo, através dos quais procuraremos compreender o que Rodrigo buscou privilegiar nos escritos e como isto foi recebido por seus leitores.

Para problematizarmos o gênero poesia selecionamos o texto intitulado *Química Cerebral*, publicado em 14 de dezembro de 2007, no qual Rodrigo fala de medicamentos, possivelmente alguns que faziam parte da sua rotina e outros comumente associados a tratamentos mentais. Vejamos a poesia:

QUÍMICA CEREBRAL

Bom dia Lexotan
Bom dia Prozac
Bom dia Diazepan
Bom dia coquetel
Bom dia amplitil
Bom dia fenergan
Bom dia sossega-leão
Bom dia eletrochoque
Bom dia Piportil
Bom dia Lorax
Bom dia Litium
Bom dia Haldol

Boa noite Rodrigo³⁵⁷.

³⁵⁶Disponível em: <http://lowcura.blogspot.com.br/search?updated-min=2009-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2010-01-01T00:00:00-08:00&max-results=50>. Consultado 13/08/2014 às 13h06

³⁵⁷ LEÃO, R. de S. Blogue *Lowcura*. Disponível em: <<http://www.lowcura.blogspot.com.br>> acesso em: 02/07/2012.

Nesta poesia são citados remédios para diferentes diagnósticos: bipolaridade, mania, esquizofrenia, ansiedade, psicoses crônicas, alergias, alguns como Diazepam, utilizado em pré-operatório com o objetivo de diminuir a tensão, transtorno obsessivo compulsivo, etc. Em sua maioria apresentam efeitos colaterais como: dependência, depressão respiratória, tendência ao suicídio, etc.

Vemos a presença da anáfora³⁵⁸ utilizando a repetição do termo “bom dia” para dar um efeito, justamente, de afetividade de Rodrigo com os remédios, relação que é intensificada na medida em que utiliza a prosopopeia³⁵⁹, falando e recebendo resposta dos remédios, dá a eles características animadas, como se fosse um grupo de pessoas que encontrasse todos os dias. Há a possibilidade de pensar em todos esses cumprimentos como um grupo de autoajuda, no qual a pessoa que fala seus problemas cumprimenta um a um pelo nome, e no final, em uma só voz os que estão escutando respondem: “seja bem-vindo” ou “boa noite Rodrigo”. Rodrigo expressa uma relação íntima com os remédios.

É interessante analisarmos, também, os comentários de leitores a esta poesia, os quais aparecem, também, como usuários de remédios, ou seja, os leitores apresentam uma identificação com Rodrigo: o diagnóstico. Assim, procuram estabelecer uma relação de igual com Rodrigo. Yehuda diz: “e boa noite e Yehuda te acompanha com Efexor e Frontal”, comentário que indica que Yehuda também toma remédios para dormir. Uma leitora anônima diz: “Helen te acompanha com fluoxetina (pk [sic] não tenho grana prá [sic] comprar Prozac), Rivotril”, apresentando também a necessidade de tomar remédios para dormir. Já Cris Carriconde diz: “um brinde com rivotril :)”, demonstrando que também ela o acompanha com medicamentos para dormir.

No dia 12 de novembro de 2007 Rodrigo faz uma postagem um pouco diferente das postagens usais, apresenta uma foto, um comentário e um poema numa mesma publicação:

³⁵⁸ Figura de linguagem, a qual consiste em repetir a mesma palavra no início da frase ou verso.

³⁵⁹ Figura de Pensamento, a qual consiste em dar características animadas a seres inanimados.

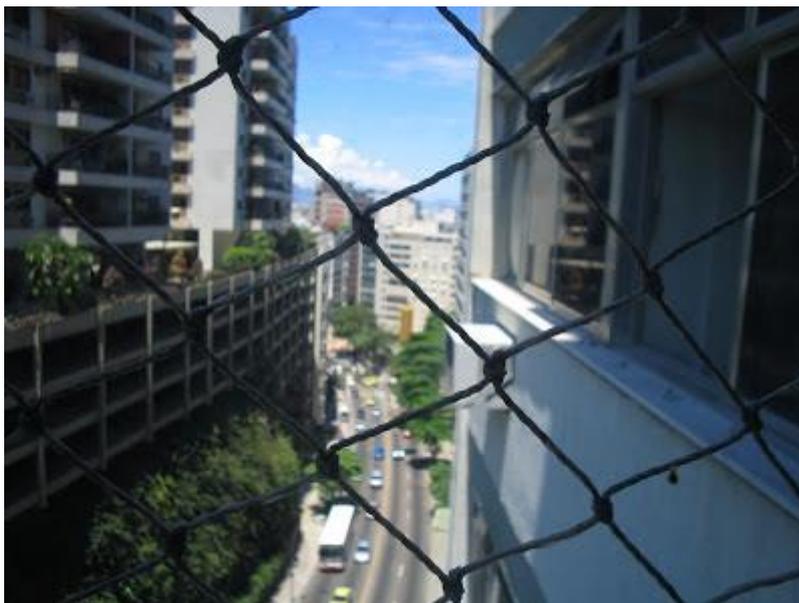


Figura 3: Redes de Proteção³⁶⁰

[daqui de casa dá pra ver o mar de Copacabana distante e estas redes de proteção impedem-me de fazer algo mais brusco: como me jogar. daqui de casa dá pra ver a Lagoa bonita. outro dia eu mostro. mas esse negócio de rede não era pra mim. nunca foi. apesar de ser um suicida em potencial. era pra Marina, quando era pequena. por que as crianças têm essas propensões aos abismos?]³⁶¹.

Nesta postagem, evidencia-se a foto que mostra as redes de proteção colocadas na janela, o poema vem abaixo e o comentário em colchetes aparece como que uma nota de rodapé para a foto.³⁶² Acontece que o comentário é bem mais autobiográfico do que o poema, por falar de uma forma direta e não metamorfoseada sobre o suicídio. Aqui trazemos o poema:

Matei um homem e
Uma mulher
Comi-os de colher
E vomitei um poema
Outro dia também me mataram
Mas me comeram de garfo e faca
Saí pelas fezes
Calmamente

³⁶⁰Disponível em: <<http://lowcura.blouespot.com.br/search?updated-min=2007-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2008-01-01T00:00:00-08:00&max-results=50>> Consultado 13/08/2014 às 13h06.

³⁶¹LEÃO, R. de S. Blogue *Lowcura*. Disponível em: <<http://www.lowcura.blogspot.com.br>> acesso em: 02/07/2012.

³⁶² Não reproduzimos aqui o poema, pois como dissemos antes selecionamos apenas um exemplo de cada gêneros de publicação do autor, pois se apresentássemos tudo este trabalho seria demasiadamente longo.

Como quem nasce
Lentamente
Usando um disfarce
De gente
Vestia Negro como a noite era negra
Me confundia com ela
Até que viramos a cadela
Que defecava no tapete
Um bilhete
Ela me veria de estilete
Um outro Valete
A queria de sapatos altos
Alguns fatos são menos exatos
A poesia é um fetiche
Quando ela existe
E o poema é só o princípio
De um precipício³⁶³

Na entrevista oral concedida pelos pais de Rodrigo ao projeto de pesquisa, estes afirmaram que Rodrigo havia tentando suicidar-se pela janela antes de colocarem as redes. No entanto, segundo eles, as redes de proteção foram feitas para a proteção de Marina (sobrinha de Rodrigo). É interessante notar que não só neste post como em outros, quando Rodrigo vai comentar abertamente sobre algo que tem relação com uma imagem, ele usa os colchetes.

No dia 29 de maio de 2009 Rodrigo faz uma postagem intitulada *Poema para o meu irmão Bruno depois do eletrochoque*, traz uma foto (abaixo) e junto um poema:



Figura 4: sem legenda³⁶⁴

³⁶³ LEÃO, R. de S. Lowcura (blogue). Disponível em: <<http://www.lowcura.blogspot.com.br>> acesso em: 02/07/2012.

³⁶⁴ Disponível em: http://lowcura.blogspot.com.br/2009_05_01_archive.html. Acesso 04/05/2016.

deixar ir
cacto adentro
espinho
nó embutido
pela pele
algum aroma
de sangue
relatos de magnésio
restos mortais
de um ex-poeta
embrulho
enguia
Bruno
café com leite
depois de tudo
o amanhecer

Rodrigo divulga no blogue, também, lançamento de livros:

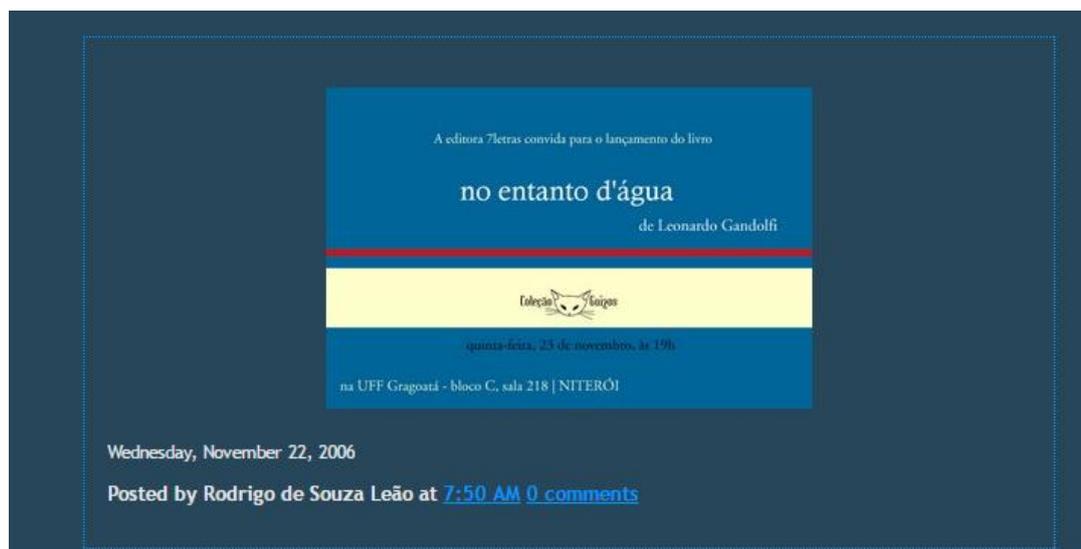


Figura 5: Sem legenda³⁶⁵

Numa publicação do dia 31 de janeiro de 2008, Rodrigo divulga ao mesmo tempo uma tela intitulada *Retratim* e o livro *Cataclismo*:

³⁶⁵Disponível em: <http://lowcura.blogspot.com.br/search?updated-min=2006-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2007-01-01T00:00:00-08:00&max-results=50>. Acesso 04/05/2016.



Figura 6: Retratin [sic]³⁶⁶

BOOK

Eu encontro muita dificuldade em publicar livro em papel. Acho que a culpa não é das editoras e sim do conteúdo de minha escrita. Eu aproveito este blogue e outros espaços (na internet) para divulgar o meu trabalho. Na revista Germina foi publicado um livro inteiro chamado Cataclismo. Tem o prefácio de Sebastião Nunes e pode ser lido em http://www.germinaliteratura.com.br/booksonline_rodrigo.htm³⁶⁷.

O comentário sobre o livro é, ao mesmo tempo uma divulgação deste e um desabafo sobre as dificuldades que Rodrigo encontra em publicar seu livro por causa do conteúdo de sua escrita. Em outras fontes, como na entrevista que a irmã de Rodrigo nos concedeu, vimos como o livro *Carbono Pautado*, escrito em 1996, foi rejeitado mais de 10 vezes por diferentes editoras, sendo publicado apenas depois de sua morte em 2009, pela Record, uma das maiores editoras do país. Através deste trecho podemos analisar as dificuldades de se publicar por uma

³⁶⁶Imagem da publicação de divulgação do lançamento do livro de Leonardo Gandolfi. Disponível em: http://lowcura.blogspot.com.br/2008_01_01_archive.html Consultado em: 13/08/2014 às 13h08.

³⁶⁷Disponível em: <http://lowcura.blogspot.com.br/2008/01/book.html> Consultado em: 13/08/2014 às 13h08.

editora, mas também como a internet passou a ser uma alternativa a escritores desconhecidos³⁶⁸.

A internet é uma ferramenta muito eficaz para aqueles escritores que não conseguiram, ainda, publicar por editoras. E por meio da internet podemos ver como o blogue é recepcionado, a opinião dos leitores, etc.

O blogue, exatamente pelo acúmulo de informações sobre a vida do autor – o que constitui um arquivamento de si -, pela diversidade de publicidade e como um espaço híbrido, permite, exatamente, análises riquíssimas de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, possibilita que o pesquisador mergulhe no universo do blogueiro. Mais interessante que estabelecer limites para definição do que seria um blogue, é importante pensá-lo como um espaço (auto)ficcional, através do qual podemos pensar não apenas o texto e os leitores, mas o próprio escritor além do texto e no processo do texto, permitindo, assim que nos aproximemos dos processos de subjetivação vivenciados pelo escritor.

Neste capítulo discutimos as práticas realizadas por Rodrigo quando ele retorna para casa depois da primeira internação e do diagnóstico de esquizofrenia paranoide. Pudemos ver como ele encontrou formas para se subjetivar na literatura, em um primeiro momento lendo e em segundo momento escrevendo. Vimos que neste período ele omitia o diagnóstico de esquizofrenia de seus textos, o que parece evidenciar uma não aceitação do mesmo. Vimos, também o quanto a internet foi uma ferramenta importante para ele na constituição de um modo de existência, no encontro com amigos e outros escritores, estabelecendo relações sociais, mesmo ficando enclausurado dentro do seu próprio apartamento. Este enclausuramento foi ressignificado pelo uso da internet e do telefone, como meios para fazer reuniões, para discutir literatura, para trabalhar, para estabelecer enfim, relações de sociabilidade.

³⁶⁸ As narrativas da loucura, principalmente as publicadas por meio da internet por apresentarem determinada frequência de publicação são uma fonte riquíssima para o estudo do cotidiano da pessoa diagnosticada: seus medos, sua rotina, sua medicação, sua relação com a doença. Através das narrativas, podemos perceber como o sujeito diagnosticado vivenciou a experiência da loucura, as marcas da institucionalização, do preconceito, e a maneira que se reconstruiu como sujeito para conviver com a doença. Através dela, podemos ter uma visão da loucura e do viver do ponto de vista do próprio interno. Embora, o blogue permitisse explorar algumas experiências do Rodrigo, não nos dedicamos a ele por causa do recorte, infelizmente o tempo de produção de uma dissertação é limitado, então a partir de nosso recorte utilizamos o blogue como uma fonte complementar, até porque o único blogue ativo de Rodrigo é o Lowcura e, nele Rodrigo começa publicar bem depois das duas internações.

CAPÍTULO 3 – IMPROVISO

Neste capítulo buscaremos discutir as formas pelas quais Rodrigo se subjetivou, ressignificando sua experiência de internação psiquiátrica, passando a ver o hospital psiquiátrico, bem com as relações desenvolvidas ali, de forma diferenciada do olhar construído inicialmente. Após sua segunda internação e, talvez em função das práticas de si que desenvolvera no tempo passado entre uma e outra internação (com a escrita, as novas relações de sociabilidade), Rodrigo parece ter reelaborando a própria noção de esquizofrenia, assumindo-a, não como um diagnóstico, mas com uma identificação³⁶⁹.

Compreendemos que a esquizofrenia, ao longo do tempo, foi ressignificada por Rodrigo. Se em um primeiro momento, como vimos no primeiro e segundo capítulo, ela é escondida,, em um segundo momento, a partir do cuidado de si, ela é ressignificada, assim como o próprio Rodrigo. É neste sentido que buscaremos compreender sua obra *Todos os Cachorros são azuis*, como um meio de se subjetivar e criar novos modos de existência por meio da literatura.

3.1. A segunda encenação e adoção de um personagem: Rodrigo, o esquizofrênico

Não tem como definir loucura. Loucura é uma coisa perigosa de ser definida, por isso as pessoas falam tão pouco. As pessoas têm uma idéia [sic] mitificada da loucura, o Michel Foucault falava disso. Definir loucura é não saber como se está no mundo. Não posso crer que só existam loucos como eu, que têm noção do que é a doença. Têm loucos como o Bruno, que são menos capacitados a isso³⁷⁰. Dizer no rodapé quem é o Bruno

O jornalista, poeta e ator Ramon Mello³⁷¹ ao conhecer os escritos de Rodrigo, em 2008, por meio do seu trabalho com blogues, afirma ter entrado em contato com ele com o intuito de conversarem e combinarem uma entrevista. No entanto, em uma das primeiras

³⁶⁹Segundo Sturt Hall: “Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença”. Hall, Sturt. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 21.

³⁷⁰LEÃO, Rodrigo de S. Entrevista: Rodrigo de Souza Leão. *Revista Germina Literatura*. Disponível em: http://www.germinaliteratura.com.br/2009/pcruzadas_rodrigodesouzaleao_mar2009.htm. Acesso 02/01/2014 às 01h21.

³⁷¹Ramon Nunes Melo depois da morte do Rodrigo tornou-se curador de sua obra.

conversas, Ramon teve uma surpresa: Rodrigo lançou a informação: “sou esquizofrênico”³⁷². Abaixo trouxemos um registro da entrevista:



Figura 7: Ramon Mello entrevista Rodrigo de Souza Leão ³⁷³

Entre risos e inseguranças e tudo mais que essa classificação comunica, Ramon foi ao seu encontro. Maria Dulce, irmã de Rodrigo, em entrevista concedida a pesquisa, também narrou este episódio: “ele falou assim, ó pode vir, mas ó [...] eu sou esquizofrênico.”³⁷⁴ Mas esta não era a primeira vez que Rodrigo usava essa classificação como forma de identificação. Nas primeiras frases do livro *O esquizoide*, escrito em 2003, podemos perceber a incorporação dessa identificação. Assim ele escreve:

*Eu sou esquizofrênico. Tento em vão começar esta história. Apago, deleto, digito palavras a mais. Acho-me um idiota. Se houvesse no mundo tantos idiotas como eu, o mundo seria uma idiotice tão grande quanto revelar logo que sou esquizofrênico quando não sei ao certo o que sou”.*³⁷⁵

³⁷²LEÃO, Rodrigo de S. Entrevista. [2008]Acervo RSL na FCRB. Entrevista concedida a Ramon.

³⁷³ Portal Literal, 2008, fotos de Tomás Rangel. Disponível em: <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/fotos/fotos10.htm>. 06/03/15.

³⁷⁴ Maria Dulce de Souza Leão. Entrevista realizada pela autora na Livraria Travessa em Ipanema. 07/05/2015. Rio de Janeiro-RJ.

³⁷⁵LEÃO, Rodrigo de S. *O Esquizoide: coração a boca*. 2011a. P. 9. Grifos nossos.

Esse movimento de identificação com o diagnóstico de esquizofrenia, não ocorreu de modo arbitrário ou somente porque Rodrigo foi objetivado e sujeitado por um saber psiquiátrico ou um diagnóstico médico, mas em decorrência, também, de uma experiência subjetiva acontecida em sua segunda internação psiquiátrica em 2001.

A condição imposta, através do diagnóstico, de esquizofrênico paranoide com distúrbio delirante e transtorno compulsivo obsessivo, não fora bem aceita em 1989 por Rodrigo. Ele necessitou mais de doze anos³⁷⁶, necessitou mergulhar na literatura, necessitou se identificar com outro interno, como veremos a seguir, e perceber como a vida não “normal” era possível, para que pudesse aceitar o diagnóstico, para subjetivá-lo, para adotar um novo personagem de si. Rodrigo olhou para si próprio e para o diagnóstico e se construiu de uma forma diferente do que era antes do diagnóstico, mas, também, se construiu de forma diferente daquela imposta pelo diagnóstico, criou de uma forma particular um Rodrigo esquizofrênico porque estabeleceu novas relações que permitiam ou aceitavam sua condição.

Poucos de seus livros, escritos antes da segunda internação, falam sobre doença, remédios ou diagnóstico. Quando fazia, se dava em terceira pessoa do singular, não estabelecendo uma relação direta com Rodrigo. Em seu primeiro livro, *Há Flores na Pele* (2000), só há uma poesia dedicada ao tema loucura. Como ele mesmo diz “Hoje em dia é tranquilo. Mas teve um tempo em que eu nem tocava no assunto. Até começar a minha relação com a internet eu não falava da doença”³⁷⁷. Ou ainda: “Eu só comecei a falar [sobre loucura] após a minha segunda internação”³⁷⁸.

A segunda internação foi positiva para Rodrigo, segundo ele, embora não tenha sido fácil pela maneira como ocorreu. Em uma entrevista concedida a Juliana Krapp para o *Jornal do Brasil*, Rodrigo narra:

Estava em casa e minha família muito atormentada com as coisas que estava fazendo e acontecendo na minha vida, resolveu sair de casa e me deixar só com minha avó que era viva e estava com noventa anos e numa cama. Eu avisei a eles que se saíssem não iam mais entrar. Duas horas depois eles tocaram na campainha. Eu havia passado o trinco na porta. Falei que ninguém iria entrar. Mas era uma mistura de brincadeira com uma tentativa de dar um susto neles. De eles não me abandonarem. Mas eles chamaram a polícia. A

³⁷⁶Citação sobre a diferença do tempo vivido para o tempo do calendário.

³⁷⁷ LEÃO. Rodrigo de Souza. Entrevista. In: Blogue LOWCURA. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 2008. Disponível em: <http://lowcura.blogspot.com.br/2008/11/entrevista.html>. Acesso 02/01/2015 às 18h44. Algumas partes, palavras foram suprimidas na edição da entrevista, como aqui acontece na palavra loucura. Como estamos utilizando a entrevista editada, publicada, e a entrevista original em áudio, utilizaremos o colchetes para apresentar palavras que foram suprimidas. A entrevista original pode ser encontrada no acervo do autor na Fundação Casa Rui Barbosa.

³⁷⁸Idem.

polícia arrombou a minha casa. Eu havia acabado de passar um interurbano para Minas e estava ao telefone com a Silvana Guimarães. Não ouvi o barulho. Pelo menos a PM teve o cuidado de tirar as armas antes de invadir meu lar. Eram três policiais militares e eles tentaram durante uma hora me convencer a ir para o Pinel. Não tocavam em mim. Mas deixavam claro que se fosse necessário, usariam de força. Vendo que demoravam muito, um oficial mais graduado resolveu subir. Ele estava embaixo, na viatura. A princípio expus meus argumentos. Falei que se tratava de uma brincadeira. Mas não deu e resolvi ir sem necessidade de ser usada a conhecida força policial. Saí do edifício escoltado por quatro policiais. Me botaram numa viatura e me levaram para o Pinel. Meu irmão foi junto comigo e meus pais foram no carro da família. Cheguei ao Pinel e minha família optou por me internar numa clínica particular. O hospício que havia ficado internado pela primeira vez em 1989³⁷⁹.

Neste episódio narrado por Rodrigo podemos perceber a ausência de confiança no discurso da pessoa considerada louca. Embora ele tenha conversado com os policiais e mostrado seu ponto de vista, ele não foi compreendido, pois a família poderia responder por ele, tanto que o fez. Seus familiares narram que Rodrigo criou uma paranoia em relação ao namorado de Maria Dulce, não gostava dele, por conta disso eles tiveram um desentendimento. Rodrigo ficou bravo, se trancou e disse que ninguém iria entrar. Eles chamaram, bateram na porta e nada de Rodrigo atender, então afirmam que tiveram que tomar uma atitude mais drástica³⁸⁰.

Michel Foucault, em *História da Loucura na Idade Clássica*, nos mostra que com o desenvolvimento da psiquiatria a fala do louco foi sendo sufocada, passando a ser considerada como ausente de verdade, tornando-se um discurso vazio. Sobre este estatuto da linguagem da loucura afirma Foucault:

[...] a loucura é linguagem excluída – aquela que, contra o código da língua, pronuncia palavras sem significação (os insensatos, os imbecis, os dementes), ou a linguagem que pronuncia palavras sacralizadas (os violentos, os furiosos), ou ainda a que faz passar significações interditas (os libertinos, os obstinados). A reforma de Pinel é muito mais um arremate visível dessa repressão da loucura como fala interdita do que uma modificação.³⁸¹

³⁷⁹ LEÃO, Rodrigo de Souza. Rodrigo de Souza Leão fala sobre seu novo livro. Disponível em: <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas1.htm>. Acesso 03/01/15 às 17h03. Mesmo se tratando da mesma entrevista publicada no jornal Brasil utilizamos, também, a versão que está no site oficial do autor, por entender que a entrevista publicada no jornal teve partes suprimidas.

³⁸⁰ LEÃO, Antônio, LEÃO, Maria S. L. Entrevista [06/05/2014]. Acervo da autora. Entrevista concedida a Thamara Parteka.

³⁸¹ FOUCAULT, Michel. A loucura, ausência de obra. In MOTTA, Manuel de B. Ditos e escritos I: Problematizações do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 215.

Neste sentido, a fala do louco foi mais que marginalizada, ela foi excluída, invalidada pela psiquiatria. Qualquer coisa que a pessoa considerada louca dissesse era considerada expressão da própria doença. Com o surgimento da psicanálise e a teoria do inconsciente um novo olhar sobre o sujeito considerado louco foi lançado, e este passou a possuir uma verdade, mas que somente tinha a capacidade de ser compreendida por meio da arte ou por um psicanalista.³⁸² Rodrigo foi encaminhado ao internamento obrigatoriamente em algum dia de 2001.

Neste deste episódio podemos questionar se a condição econômica de Rodrigo e de sua família interferia no modo de se relacionar socialmente, inclusive com o tratamento da esquizofrenia, pois assim que solicitaram a presença da polícia esta foi ao seu encontro. Será que a polícia seria tão prestativa se a ligação não viesse da Zona Sul do Rio de Janeiro? É de se levar em conta que antes dos policiais entrarem no apartamento eles tiraram suas armas, escutaram o que Rodrigo falava, mesmo que talvez fosse sem dar muita importância, antes de levá-lo.

Atitude que difere em outros casos de pessoas consideradas com sofrimento mental, como no caso da Stela do Patrocínio³⁸³, mulher negra e pobre que, ao perder os óculos em Botafogo, ao que parece em um desentendimento com seu amigo Luiz, foi levada ao hospital psiquiátrico e nunca mais saiu de lá. Assim ela diz: “me trouxeram pra cá como indigente, sem família, vim pra cá, estou aqui como indigente, sem ter família nenhuma, morando no hospital, estou aqui como indigente, sem ter ninguém por mim, sem ter família e morando no hospital”.³⁸⁴ Stela viveu 30 anos em um hospital psiquiátrico público no Rio de Janeiro e lá morreu, recebeu algumas visitas e saiu para visitar sua família, no entanto isso não fez com que ela saísse do Hospital. Stela como muitos internos era uma anônima que tinha uma singularidade: andava dizendo poesias, o que ela chamou de falatório. Essa prática só ganhou visibilidade a partir da consolidação da Reforma Psiquiátrica quando é gestada uma nova sensibilidade.

Com Rodrigo, o procedimento foi diferente. Mesmo que seu discurso fosse considerado como ausente de verdade, linguagem vazia, ele teve chance de se pronunciar. Rodrigo foi encaminhado ao hospital Pinel porque na Zona Sul do Rio de Janeiro os pacientes

³⁸²PROVIDELLO, Guilherme, G.D; YASUI, Silvio. A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 20, n.4, p.15151529, out.-dez. 2013.

³⁸³ZARA, Telma Beiser de Melo “Me transformei com esse ‘falatório’ todinho”: cotidiano institucional e processo de subjetivação em Stela do Patrocínio. Dissertação apresentada ao PPGCS Unioete – Toledo, PR: [s. n.], 2014.

³⁸⁴ PATROCÍNIO, S. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Beco Azogue Editorial, 2009, p. 41.

atendidos pela emergência pública só podem ser levados para hospitais públicos, sendo este o hospital de referência de psiquiatria. Só depois foi encaminhado à Clínica da Gávea, uma clínica particular também na zona sul do Rio de Janeiro, permanecendo lá não mais que 60 dias.

Compreendemos que cada pessoa vive a experiência da loucura de determinada maneira, a partir de suas condições sociais, de gênero, etnia, classe, através dos modos e dos recursos que ela encontra para se subjetivar. Para Rodrigo a segunda internação foi um pouco traumática: ter sua casa invadida por policiais e ser levado obrigado ao hospital psiquiátrico, etc. Fez inclusive um poema, publicado em 2009, falando sobre o episódio, ressignificando sua experiência em poesia:

Hoje em dia, quando alguém está doente, a família chama a polícia.
A polícia vem e bate um papo com o cara. Se for preciso, colocam
a camisa de força].
Eu não tinha como resistir: eram três tiras mais fortes do que eu.
Eles me levaram junto com o meu irmão³⁸⁵. Acharam que eu não tinha
nada, mas meu pai sentia um medo danado que eu fizesse alguma loucura³⁸⁶]
Mas eu era um perigo só para mim mesmo.
Do começo podia sair o fim, mas eu não queria rimar pobre
com nobre em versos de impacto, só queria um pacto entre mim e você].
Eu jamais poderia dizer que só faria mal a uma mosca. Eram
centenas e centenas delas, e matei algumas por prazer³⁸⁷

Em uma entrevista concedida a nós, em maio de 2014, os pais de Rodrigo afirmaram que antes da 2ª internação, ele passava por momentos difíceis, com algumas crises. Não suportava o namorado de sua irmã, achava que ele era uma espécie de infiltrado, vinculados aos agentes que o perseguiam. Em um determinado período pensou, também, que seus pais eram favoráveis aos agentes e que envenenavam sua comida. Sobre isso Rodrigo faz uma publicação em novembro de 2008:

Às vezes [sic] acho q [sic]vou morrer envenenado. Às vezes tenho
certeza. O que me falta é o sempre para enfrentar os cheiros e a
doença [sic]. Querem me matar.

Será que o dia que for seu
serei céu?³⁸⁸

³⁸⁵Rodrigo e o irmão Bruno eram muito ligados, Bruno sempre o acompanhava e sempre recebia dinheiro de Rodrigo por ser uma espécie de assistente.

³⁸⁶LEÃO, Rodrigo de Souza. Entrevista. In: Blogue LOWCURA. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 2008. Disponível em: <http://lowcura.blogspot.com.br/2008/11/entrevista.html>. Acesso 02/01/2015 às 18h44.

³⁸⁷LEÃO, Rodrigo de S. Caga-Regras. Disponível em: <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/livros/livros2.htm>. Acesso 29/01/2015.

Não sabemos se Rodrigo já tinha escrito isso na data da segunda internação e somente posteriormente publicou no blogue ou se trata de um sentimento que ele teve em 2008, o mais provável é que o sentimento de perseguição e envenenamento tenha aparecido em diferentes momentos de sua vida, já que a questão do delírio olfativo (cheiro de cocô) o acompanhou pelo menos nos últimos três anos antes de sua morte. Rodrigo passou cinco meses sem comer a comida feita em sua casa, só comia comida vinda de algum restaurante. O próprio Rodrigo em entrevista dada ao Ramon afirmou: “Eu só comprava comida fora, fiquei muito tempo sem dormir³⁸⁹”.

Rodrigo morava com os avós, até pelo menos 2001, no mesmo prédio em que morava os pais de Rodrigo. Sobre suas práticas cotidianas sabemos que usava muito o telefone, grande parte de sua aposentadoria era para pagar essas despesas. Lia, escrevia muito e assistia programas televisivos por tabela, pois enquanto escrevia Bruno assistia. Rodrigo tinha uma forte vinculação com seu irmão Bruno, sendo este quem acompanhava o Rodrigo em tudo e até fazia coisas básicas do cotidiano que Rodrigo não fazia porque não saía de casa.

Rodrigo ressignifica cada experiência no momento em que a narra. Se na entrevista cedida a Juliana Krapp ele diz que trancou as pessoas para fora como uma forma de brincadeira e de assustar a família, se colocando em uma posição defensiva, na poesia, ao narrar o mesmo fato, ele se coloca em uma posição de ataque, ao afirmar que não poderia dizer que faria mal apenas a uma mosca e que já matara algumas por prazer. Percebemos como o discurso de Rodrigo se altera conforme o interlocutor e conforme o formato da narrativa. Na entrevista era como se o Rodrigo escritor estivesse “cara a cara” com o público e, podemos supor, ele não queria ter uma imagem negativa de si construída pelo jornal. Já na poesia não havia necessidade deste cuidado, já que o poeta tem mais liberdade.

Com isso, não afirmamos que Rodrigo queria fazer mal, que quis dizer, na poesia, uma verdade que escondeu na entrevista, mas queremos apresentar as diferentes maneiras pelas quais ele construiu seu discurso, as maneiras pelas quais ele ressignificou sua experiência. Isto tira Rodrigo, e Rodrigo enquanto louco, de um papel somente de vítima, ao mesmo tempo em que tira dele o caráter do louco como um sujeito mau, como alguém passível de fazer mal.

³⁸⁸LEÃO, Rodrigo de S. Blogue Lowcura. Disponível em:<http://lowcura.blogspot.com.br/search?updated-min=2008-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2009-01-01T00:00:00-08:00&max-results=50>. Acesso 04/05/2016.

³⁸⁹LEÃO, Rodrigo de S. Entrevista. [2008]Acervo RSL na FCRB. Entrevista concedida a Ramon.

Rodrigo está em meio a relações de poder, mas estas não definem apenas uma dominação sobre ele, pois são utilizadas para ressignificar o evento, no qual se coloca como sujeito de sua ação, se coloca enquanto criador de um modo de vida: “Sou uma vítima, mas não gosto da condição de vítima; por isto estou escrevendo, para romper com os grilhões que me prendem ao passado”.³⁹⁰

Por meio das análises de Foucault sobre o poder, podemos pensar as maneiras pelas quais Rodrigo não foi apenas vítima de um poder, mas também utilizou-o como recurso frente às relações que vivenciou, pois se constitui a partir da multiplicidade de relações.

Rodrigo buscou de diferentes formas resistir a segunda internação. Se no primeiro momento ele tentou conversar com os policiais com o objetivo de convencê-los de sua razão, em um segundo momento, quando chegou no hospital psiquiátrico, ele se calou, buscando dar a entender que quem precisava ser internado era Bruno, seu irmão que o acompanhava e não ele. No documentário *Tudo Vai Ficar da Cor que Você Quiser* (2014), os familiares narram que por pouco não foi Bruno internado no lugar de Rodrigo. Isto é, Rodrigo usou do poder para manipular suas ações e as ações das pessoas que se relacionam com ele, de forma nenhuma é vítima, mas procura criar agenciamentos o tempo todo.

A experiência negativa da segunda internação não durou mais do que a recepção no hospital, pois ao chegar à clínica da Gávea, ele pôde ressignificar a sua primeira experiência de internação. Ao chegar à clínica não foi encaminhado a ala que denominavam Carandiru, amarrado como comumente faziam, ou encaminhado às alas nas quais ficam os que têm maior grau de periculosidade. Isso pode ter ocorrido porque a clínica havia mudado suas práticas, passado por reformas. Segundo a irmã de Rodrigo, Maria Dulce de Souza Leão,³⁹¹ ele chegou e permaneceu na ala de baixo, onde tinha acesso às oficinas, aos livros, onde podia circular com mais facilidade pela instituição.

Na clínica, Rodrigo conheceu um homem chamado Gilberto Sabath, que tinha sido internado pelo uso de substâncias ilícitas. Com Sabath, Rodrigo obteve diversão, risos, amizade e uma identificação: ambos tinham o rock como referência, tinham um apresso especial pela década de 1980, eram artistas e estavam internados em uma clínica psiquiátrica. Sabath tinha sido guitarrista do músico Serguei, considerado um dos primeiros roqueiros brasileiros, o que animava Rodrigo, pois tinha alguém do meio artístico que poderia contribuir com sua produção, com conversas, opiniões e que, porque não poderia até compor em conjunto? A convivência com Sabath fazia com que o cotidiano do hospital psiquiátrico se

³⁹⁰LEÃO, Rodrigo de S. *O Esquizoide: Coração a boca*. Rio de Janeiro: Record 2011, p.59.

³⁹¹PARTEKA, Thamara. Caderno de Campo. Acervo da autora. [Maio de 2014].

modificasse, entre remédios e refeições eles faziam arte. “Eu e ele tocávamos o terror lá dentro a gente arrumou um violão e ficava tocando para ver maluco dançar realmente”³⁹².

Com Sabath, Rodrigo criou uma nova forma de viver, criou uma nova forma de existir dentro do hospital psiquiátrico, de tal modo que na entrevista em que rememorou isto, ele afirmou que tocava para “malucos”, mesmo estando também internado em um hospital psiquiátrico, lugar de malucos. Rodrigo se colocou em um papel social de “não maluco” afirmando: “Eu e ele [Sabath] éramos as pessoas mais lúcidas”³⁹³. Rodrigo criou uma distinção para ele e Sabath frente aos outros internos. Rodrigo era artista, não só porque fazia música, mas porque lapidou a sua própria vida de modo estético, inventando novas formas de existir dentro do hospício e utilizando a arte como instrumento para tal.

O cenário da clínica psiquiátrica era agora constituído mais do que por remédios, eletrochoques, camisas de força, cubículos e Carandiru, não se assemelhava mais a uma prisão, mas sim a um parque: “Eu ficava muito tempo fora do quarto vendo a paisagem, vendo a copa das árvores e escrevendo algumas coisas”³⁹⁴. Nesta segunda internação ele pôde escrever, pintar, se divertir; a instituição apresentava-se de forma diferente a partir do modo que ele se constitui diferentemente. Não estava reduzido a formas de objetivação de um saber, ou sujeição a um tratamento, mas, também, a subjetivação, na medida em que criava valores estéticos para a sua vida, na medida em que estabelecia práticas de liberdade de ler um jornal, de tocar uma música: “Sabah surgiu com um papel e uma caneta. Depois de tanto tempo, voltei a escrever os meus poemas e a ler o jornal que colocavam para os mais lúcidos lerem”³⁹⁵. Mas esses elementos podem ter sido e podem ter sido disponibilizados para Rodrigo na medida em que a clínica mudava, uma vez que havia crescido o debate em torna da humanização do tratamento psiquiátrico.

Esses modos de subjetivação acontecem de forma processual. Ao se afirmar enquanto esquizofrênico Rodrigo não o faz de maneira absoluta, pois escreveu em ECB 2003 (2011) que seria idiotice revelar que é esquizofrênico quando nem sabe quem é. A identificação dele

³⁹²LEÃO, Rodrigo de Souza. Entrevista. In: Blogue LOWCURA. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 2008. Disponível em: <http://lowcura.blogspot.com.br/2008/11/entrevista.html>. Acesso 02/01/2015 às 18h44. Este episódio está retratado, também, no livro *Esquizoide*: “Certo dia, estávamos eu e Sabath cantando para maluco dançar – era o que mais fazíamos: cantávamos e os malucos dançavam, literalmente -...”. Em outro momento diz: “Acordei no dia seguinte com uma surpresa. Sabath havia conseguido um violão. Estava seco para dedilhar as cordas de um violão. Toquei uma música que compus. Fiz várias com Sabath. Nós passamos a cantar para as enfermeiras. LEÃO, Rodrigo de S. *Op. Cit.* 2011a. P.69.

³⁹³LEÃO, Rodrigo de Souza. Entrevista. In: Bloque LOWCURA. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 2008. Disponível em: <http://lowcura.blogpot.com.br/2008/11/entrevista.html>. Acesso 02/01/2015 às 18h44.

³⁹⁴LEÃO, Rodrigo de Souza. Entrevista. In: Bloque LOWCURA. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 2008. Disponível em: <http://lowcura.blogspot.com.br/2008/11/entrevista.html>. Acesso 02/01/2015 às 18h44.

³⁹⁵LEÃO, Rodrigo de S. *O Esquizoide: Coração a Boca*. Rio de Janeiro, Record, 2011, p.68.

enquanto esquizofrênico se revelava no modo de perceber que impressões essa identificação causava nas pessoas, quis experimentar o que seria ser esse diferente, como sua irmã afirmou na entrevista, “ele falou assim, ó pode vir, mas ó [...] eu sou esquizofrênico”,³⁹⁶ e como se apresentou a Ramon N. Melo: passou a contar para todo mundo que era esquizofrênico para ver a reação das pessoas.

No trecho em que Rodrigo descreve que é esquizofrênico³⁹⁷, ao mesmo tempo em que nem sabe dizer o que isso significa, podemos perceber os modos de subjetivação desenvolvidos a partir da escrita de si. Sua escrita tem como horizonte a sua vida, seja para complementá-la, fantasiá-la, senti-la, por isso não se trata de um processo fácil, pois narrar-se significa ser protagonista e autor de sua própria história, significa assumir papéis que lhe foram negados, papéis que ele aspirava como ser um escritor reconhecido, significa criar um modo estético de existência. Podemos ver que no momento da escrita ele ressignifica sua vida e sua experiência passada, compondo um outro de si. É no momento da escrita que ele revela para “o outro” seus dilemas e constrói sua identificação com a esquizofrenia.

Neste sentido, é muito importante analisar o livro *O Esquizoide* escrito dois anos depois da segunda internação. O livro se caracterizaria por uma perspectiva pós-moderna³⁹⁸, a qual faz questão de relativizar a verdade; mais do que convencer o leitor de uma afirmação, ela o provoca, afirma e nega ao mesmo tempo, mas, no final esse jogo entre o verdadeiro e o falso, tem o intuito de estabelecer uma verdade, como mais tarde veremos. Este estilo já marca a escrita de Rodrigo há um bom tempo, no entanto, neste livro ela toma corpo de forma mais intensa.

O esquizoide é uma obra ficcional e autobiográfica. Uma variação entre diário, romance, novela, depoimento que apresenta delírio, lucidez, melancolia, resistência e solidão. Rodrigo revela sua condição para, em seguida, negá-la. Nela, ele apropria-se dos estigmas e ressignifica a própria doença. Não se trata de uma narrativa linear, o leitor é levado não só pela história do narrador-protagonista, mas também por seus delírios. Sinteticamente, Rodrigo, neste livro, conta a história de um personagem chamado Rodrigo que começa a se sentir perseguido, passando a ser internado e diagnosticado com esquizofrenia. Rodrigo

³⁹⁶ Maria Dulce de Souza Leão. Entrevista realizada pela autora na Livraria Travessa em Ipanema. 07/05/2015. Rio de Janeiro-RJ.

³⁹⁷ *Eu sou esquizofrênico*. Tento em vão começar esta história. Apago, delete, digito palavras a mais. Acho-me um idiota. Se houvesse no mundo tantos idiotas como eu, o mundo seria uma idiotice tão grande quanto revelar logo que *sou esquizofrênico quando não sei ao certo o que sou*”.

³⁹⁸ Para saber mais sobre a discussão de literatura e pós-modernidade consultar: FERNANDES, Maria L. O. *Perspectivas Pós-Modernas na Literatura Contemporânea*. Olho d'água, São José do Rio Preto, 2(2): 1-200, 2010. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/65/79>. Acesso 15/08/2015.

mistura alguns episódios vivenciados em sua experiência da loucura junto a ficção do período em que retornou para casa depois do diagnóstico. Um dos fios condutores da narrativa é o fato de o protagonista se apaixonar pela empregada. Eles acabam tendo um filho, no entanto, os pais do personagem não aceitam essa relação pelo fato de Rodrigo, personagem, ser esquizofrênico. O protagonista retorna ao hospital e passa a ser reconhecido por suas pinturas alcançando sucesso internacional.

Neste livro, Rodrigo não escreve de maneira tão caótica como em TCSA, rompendo com tempo verbal, ordem gramatical. Ao contrário, mesmo que o discurso como um todo parecesse ambíguo e contraditório, a ordem gramatical permaneceu de maneira oficialmente correta.

O discurso presente neste livro é mais comovente, Rodrigo mostra as angústias de ser esquizofrênico ou a angústia de ter que se ver enquanto esquizofrênico. Ao mesmo tempo em que ele afirma que é esquizofrênico ele diz “não sei o que sou.” Ao mesmo tempo em que diz “não sei se sou esquizofrênico”, diz “carrego em mim uma bomba que pode explodir a qualquer momento”.³⁹⁹ Essa narrativa não trata apenas de seus sentimentos em relação à doença, mas é também uma forma de levar o leitor a se comover com sua dor, de fazer o leitor se sentir perdido, de achar que não entendeu o livro; ele fala que não é esquizofrênico utilizando como recurso a bomba, a qual seria um suposto delírio do personagem. Rodrigo procura comover o leitor, no sentido de fazer com que a história se passe no ponto de vista do personagem, deixando ambíguo se o episódio seria um delírio ou um fato: “Dir-me-ia você: complôs são vividos por gente importante. Quem é você? Já disse que sou um esquizofrênico. Tenho certeza que fui vítima de um complô. Esquizofrênicos não podem ser vítima de um complô?”⁴⁰⁰

O tom de livro autobiográfico pode sensibilizar o leitor que não tem acesso as demais obras e que nem conhece a história de Rodrigo que se trata de uma verdade, de o Rodrigo ser vítima de um complô, ou mais, pode convencer que o complô é fruto de sua doença, um delírio. No entanto, o que Rodrigo faz é utilizar um recurso discursivo e estilístico, para convencer o leitor de sua própria doença.

Rodrigo, principalmente depois do primeiro surto acreditava que teria sido vítima de um complô. Seu pai, em entrevista, disse que teria a possibilidade de ele de fato ele ter sofrido perseguições no trabalho, pois se tratava de um jovem jornalista querendo colocar em práticas ideias novas em uma empresa antiga, hierárquica, etc. Cogita-se a hipótese de este fato ter

³⁹⁹ LEÃO, Rodrigo de S. O esquizoide coração na boca. Rio de Janeiro: Record, 2011, p.11.

⁴⁰⁰ Idem, p.12.

contribuído com sua primeira grande crise. Com o passar do tempo, Rodrigo não desacreditou que foi vítima de um complô, mas cogitou a hipótese de o complô, assim como os agentes, serem frutos de sua mente. Isso não fazia com que o medo diminuísse ou se tornasse menor, fazia apenas ter “consciência” que esses personagens eram nada mais que frutos de sua “doença”. A consciência chegava a tal ponto de utilizar essa experiência da doença como transformando em criação literária. No livro ECB, em determinado momento da narrativa. Rodrigo (personagem) é internado em uma instituição psiquiatria. Quando recebe alta descobre que no tempo em que esteve internado seus pais morreram em um acidente de carro. Ninguém o avisou sobre as mortes, nem sua irmã. Ao entrar em contato com ela, ela briga com ele e o abandona:

O porteiro havia mudado e não sabia quem eu era. Pedi para chamar a minha mãe. Falei o nome dela.

- Não mora ninguém com esse nome aqui – disse o porteiro.

Será que meu pai se separou de mamãe. Falei o nome de meu pai.

- Ninguém.

- Quem mora no sexto andar?

Ouvi o nome da minha irmã. O porteiro ligou ela pediu que eu subisse. Subi no elevador velho de guerra. Minha irmã estava me esperando fora de casa. Quando a vi, dei um longo abraço e lágrimas despencaram dos meus olhos.

- Vamos entrar – falou minha irmã.

Estava eufórico. Pedi um copo de água e perguntei por papai e mamãe.

- Papai e mamãe estão mortos - minha irmã disse.

- Como?

- Morreram num acidente de trânsito um mês depois que foi internado.

Segurei-a pelo colarinho e fui dizendo:

- Por quê, sua louca? Por que não me tirou do hospício⁴⁰¹?

Ele utiliza elementos de sua experiência “real” para fazer a criação literária e convencer o leitor do seu discurso. Ele utilizou características de seus próprios sintomas, nomes de seus próprios familiares para fazer com que a narrativa parecesse mais verdadeira. É fato que conseguiu chegar até o ponto de leitores criticarem e brigarem com sua irmã por ela ter realizado as práticas descritas no livro, quando não passavam de criação literária. No documentário lançado em outubro de 2014, sua tia Rita afirmou que achava estranho o Rodrigo misturar fatos reais com criação literária, mas tarde entendeu que isto era “coisa de escritor”, segundo ela, achava estranho porque era da família. Se fosse um leitor desconhecido, não saberiam se a história seria real ou fictícia.

Neste livro estão presentes muitos “talvez”, “sou esquizofrênico”, “não sei o que sou”, o que mostra justamente estes processos de subjetivação e entendimento do que é ser

⁴⁰¹LEÃO, Rodrigo de S. *O Esquizoide: o coração na boca*. Rio de Janeiro: Record, 2011a. p.75.

esquizofrênico, em relação ao que sente. Nessa busca de definição, de busca de si próprio ele usa a própria narrativa para convencer não apenas o leitor, mas a si próprio que é esquizofrênico. Todas as contradições e ambiguidades do discurso, presentes no livro, foram construídas com o intuito de convencer o leitor que o próprio autor é esquizofrênico. A adoção deste personagem não se deu de maneira simples, para interpretá-lo, precisou de muitos ensaios, muitos laboratórios, e para isso a segunda internação foi fundamental.

Antes da segunda internação, Rodrigo nem sequer mencionava a doença. Na biografia das contracapas dos seus *e-books*, publicados na década de 1990, constavam as seguintes informações:

Graduado em jornalismo no ano de 1988, Rodrigo só pode exercer plenamente a função de repórter dez anos após formado. *Um acidente de carro tirou-lhe momentaneamente do trilho jornalístico*. Durante o período de recuperação solidificou a sua formação na área de humanas [...] *Em 1989 sofre o acidente de carro, assunto que ainda retine no interior do jornalista e vibra de forma estranha dentro do poeta. Tanto que detesta falar sobre o assunto*. A recuperação é lenta. Há pouca melhora até 1994 quando volta a escrever. Ressurge das cinzas. Fênix? Nasce do zero⁴⁰².

Sobre o acidente de carro, perguntamos para a irmã de Rodrigo, Maria Dulce, se Rodrigo teria sofrido um acidente em 1989. Ela disse “o primeiro surto, se não me engano, foi em 89 e para mim foi um acidente”⁴⁰³. Com isto percebemos que por um determinado momento Rodrigo omitiu o diagnóstico, quando se questionou porque não saía de casa ele falou que era por causa de um acidente. Rodrigo não gostava de falar sobre a esquizofrenia, a tal ponto que omitia o diagnóstico. Procurou não falar sobre o assunto, tanto que no discurso aparece que o “acidente” vibra de forma estranha no poeta, o que quer dizer que não se trata de uma situação bem resolvida. Rodrigo não queria aceitar este papel, mas havia um diagnóstico, havia sentimentos que lhe causavam sofrimento, existiam limitações impostas por sua mente. Diante disso, criou uma nova existência, aquela que sofreu um acidente e não que era doente.

O acidente é algo que vem repentino, sem esperar, chega e desestabiliza com tudo, pode causar um trauma e a pessoa pode não conseguir falar sobre. De alguma forma, ele e seus familiares acreditavam que o episódio do surto e do diagnóstico equivalia a um acidente. Foi muito duro aceitar o “acidente”, pois significaria aceitar carregar as sequelas, tanto físicas, quanto (e, principalmente) sociais, para o resto de uma vida.

⁴⁰²LEÃO, Rodrigo de S. XXV Tábuas. Virtuais Books. 2000. GRIFOS DE QUEM?

⁴⁰³Conversa via Facebook.

Assumir a condição de esquizofrênico era se colocar em uma condição da qual não poderia voltar atrás, porque é uma classificação de peso em nossa sociedade, em consequência dos discursos produzidos acerca do que é ser louco. Rodrigo não se identificava com discursos dispostos em nossa sociedade sobre o esquizofrênico, como consequência ressignificou a própria noção de esquizofrenia e criou um novo valor ao conceito. Afinal de contas, por que os discursos midiáticos, por exemplo, podem afirmar que esquizofrênico é violento, que vive fora da realidade, que tem alucinações, e por que não podem afirmar que o esquizofrênico pode ser uma pessoa que luta mesmo com as limitações, que pode ser uma pessoa que faz o que gosta, que pode ser lúcido em relação a sua doença? Rodrigo em seus escritos, buscando ser autor de sua própria existência, questionou os discursos presentes em nossa sociedade e elaborou novos discursos com o intuito de dar um sentido, também, positivo à esquizofrenia.

Depois da segunda internação, em 2001, Rodrigo saiu da clínica e passou a contar para todo mundo que era esquizofrênico, não somente para os leitores, mas para amigos e pessoas que conhecia eventualmente: “Digo o que sou e me defino para que as pessoas que tem medo de gente maluca desistam de me ler”.⁴⁰⁴ Ramon, em entrevistas, reafirma essa vontade que Rodrigo tem em manifestar que é esquizofrênico: “trata-se de um autor esquizofrênico – como ele gosta de deixar claro”⁴⁰⁵.

Foi um período muito importante para Rodrigo, mas um período em que muitas pessoas, muitos amigos, poetas que escreviam junto com ele a *Revista Zunái*, quando souberam do diagnóstico se afastaram dele. Dez anos de amizade não foi forte o bastante para ter um amigo esquizofrênico. Sobre esses distanciamentos afirmou Maria Dulce:

Ele fazia questão, ele falava assim pra uma pessoa ser amiga minha, tem que saber que sou esquizofrênico, se não souber então não vai ser, então já digo logo de cara, que sou esquizofrênico. Ele ficou anos na internet dizendo que não, testava quem era meu amigo, e foi aí que ele teve algumas decepções, aí ele disse “ficou ótimo cortei metade das pessoas”, ele cortou uma galera entendeu? Ficou uma galera amiga, ficou uma galera que ele cortou porque as pessoas realmente têm preconceito, tem medo, alguns fazem muitas besteiras realmente, tem vários tipos de esquizofrenia né⁴⁰⁶?

⁴⁰⁴ LEÃO, Rodrigo de S. *O Esquizoide: o coração na boca*. Rio de Janeiro: Record. 2011. p.10.

⁴⁰⁵ LEÃO, Rodrigo de Souza. Entrevista. In: Bloque LOWCURA. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 2008. Disponível em: <http://lowcura.blogspot.com.br/2008/11/entrevista.html>. Acesso 02/01/2015 às 18h44.

⁴⁰⁶ LEÃO, Maria Dulce de S. Entrevista realizada pela autora na Livraria Travessa em Ipanema. 07/05/2015. Rio de Janeiro-RJ. Acervo da autora.

Quando retorna da segunda internação Rodrigo passa a ser construir como esquizofrênico. Mas o que é ser esquizofrênico para além de uma classificação médica? Em uma entrevista concedida depois de duas décadas do diagnóstico, Rodrigo diz o que significa, para ele, ser esquizofrênico:

[...] eu sou esquizofrênico. Isso quer dizer que sou uma pessoa que necessita de certos cuidados: preciso tomar remédios específicos, viver uma vida diferente das outras pessoas e conseguir viver dentro das minhas ‘nóias’. Tenho que saber que a minha paranóia é paranóia e aprender a conviver com ela. A palavra-chave é convivência. É a convivência com a diferença. O meu ser é diferente dos outros. O esquizofrênico tem que ter uma sensibilidade para entender que é diferente.⁴⁰⁷

O trecho acima indica que, para Rodrigo, ser esquizofrênico é ser diferente. É ter práticas específicas, dentre as quais viver com os próprios fantasmas, conviver com que o assombra. Mas é preciso ter cuidados para que isto se torne possível: ingerir remédios, viver dentro das “nóias”⁴⁰⁸, ter consciência que a paranoia só existe em seu universo. Esses diferentes cuidados foram exercitados na medida em que escrevia, como podemos perceber em seus livros: do momento em que a doença e os remédios ocupavam um corpo e tinham um sujeito oculto, para quando passaram a ocupar um sujeito em primeira pessoa.⁴⁰⁹ Todos estes cuidados serviam para Rodrigo não surtar, para não precisar ser internado, para ter uma vida dentro dos padrões, mesmo estando fora deles. Mas foi a escrita de si que, em grande medida, serviu para o controle de si.

Quando questionado se a esquizofrenia influenciava seu jeito de escrever, ele narra:

Tomo remédios coloridos para poder me controlar e viver da melhor forma possível. De modo que a esquizofrenia em si não me ajuda; muito pelo contrário, me atrapalha. Ser esquizofrênico é muito difícil. Depois que li num compêndio psiquiátrico que a esquizofrenia é uma doença altamente

⁴⁰⁷ LEÃO. Rodrigo de Souza. Entrevista. In: Bloque LOWCURA. Rio de Janeiro, 05 de novembro de 2008. Disponível em: <http://lowcura.blogspot.com.br/2008/11/entrevista.html>. Acesso 02/01/2015 às 18h44.

⁴⁰⁸“Nóia” é uma gíria relacionada a paranoias e transe provocados pelo uso de entorpecentes

⁴⁰⁹Em seus primeiros livros, como o livro Há Flores na Pele (início da década 1990), escrevia poemas como: “poemas/aperna/eterna/etenra/aperna/expele/sperma” eram poesias que Rodrigo estava mais preocupado com a forma do que com o próprio conteúdo. Nelas, Rodrigo narra episódios do seu cotidiano e sobre loucura não mencionava praticamente nada. A partir de 1997, vemos uma pequena brecha se abrindo, passando assim a falar de temas como loucura, mas somente em alguns poemas se colocava com sujeito. Sobre esta etapa, um livro muito interessante é o “Síndrome”, e o poema que apresentaremos aqui, chama-se, “Psiquiatria”: “ampulhetas douradas/na cauda da sereia/seriam os brincos/nos lóbulos de vênus/ou uma alucinação/ou coisas de santo/depois do haldol/ninguém viu deus”. Depois da segunda internação a loucura passou a ser o principal tema de seus escritos: escrevendo em primeira pessoa e principalmente prosa, como veremos neste trecho de O Esquizoide: “É duro quando entendemos que esse lado que todos têm em nós está doente e não é mais uma coisinha digna de ser brincadeira: ser esquizofrênico não é brincadeira. É acordar no escuro estando claro. É como se só existisse pesadelo dentro do sonho...Ser esquizofrênico é descer numa montanha-russa que não termina nunca. Ou simplesmente tomar remédios” (p.10).

incapacitante fiquei preocupado. E se eu piorar? Como manter um controle para escrever? Existe o mito esquizofrenia/inteligência. É um problema. Imagina o que o matemático Nash teria feito se não tivesse alucinações persecutórias e ouvisse vozes e visto alucinações. Sua contribuição teria sido bem maior. Van Gogh não teria arrancado a orelha e talvez não tivesse feito sua obra com tamanha criatividade. Mas teria vivido melhor. Ser esquizofrênico é muito ruim e não faz de ninguém um ser melhor.

A esquizofrenia tem diversos níveis. Cada louco é um louco. Na minha experiência não tive muitas alucinações auditivas e visuais. Mas vivo com sensações persecutórias. Acho que estão me perseguindo e que vou ser assassinado. Convenhamos que isso não traz tranquilidade. O que tenho é atualmente chamado pelos psiquiatras de distúrbio delirante⁴¹⁰.

Rodrigo criticou o discurso que aproxima a loucura da genialidade, pois segundo ele, a doença não fazia produzir mais ou criar mais, ao contrário, ela impedia, limitava as pessoas e seu desenvolvimento por conta das restrições que ela empunha. Como vimos no capítulo anterior, Rodrigo utiliza desse lugar do louco, do paciente, das experiências que vivenciou justamente para criticar como assistência e o tratamento médico é desenvolvido no Brasil

3.2. Literatura como transgressão: Todos Os Cachorros São Azuis e a desconstrução estética e discursiva para a construção de escritor louco

Tudo ficou dourado. O céu dourado. O Cristo dourado. A ambulância dourada. As enfermeiras douradas tocando-me com suas mãos douradas. Tudo ficou azul: o bem-te-vi azul, a rosa azul, a caneta bic azul, os trogloditas dos enfermeiros. Tudo ficou amarelo⁴¹¹.

Segundo a irmã de Rodrigo, Maria Dulce este livro, “é o xodó dele, o *Todos os cachorros são azuis*”⁴¹², e isto, sem dúvida, o torna muito importante para nossa análise. Mas sua importância vai além de seguir a preferência do autor, destacando a percepção que temos de que é nesta obra que se expressa de forma mais contundente seus modos de subjetivação e sua transgressão por meio da linguagem. Como já dissemos inúmeras vezes, Rodrigo escreveu este livro em 40 dias, logo quando saiu do hospital psiquiátrico em sua segunda internação, em 2001 e nele narrou, em tom autobiográfico, mas juntando elementos ficcionais, suas vivências na primeira e na segunda internação dentro do hospital psiquiátrico.

Se outrora ocultara o diagnóstico, depois da segunda internação, por meio de relações vivenciadas dentro da própria instituição e fruto da prática de escrever este livro, Rodrigo,

⁴¹⁰ LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2010.p. 50.

⁴¹¹ LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2010.p. 32.

⁴¹² Maria Dulce de Souza Leão. Entrevista realizada pela autora na Livraria Travessa em 07/05/2014. Ipanema - Rio de Janeiro-RJ.

passou a contar para todas as pessoas que era esquizofrênico. Primeiro, assumiu esta identificação de forma literária a partir do pacto autobiográfico⁴¹³, que fez do narrador-protagonista um esquizofrênico, ou seja, construiu um outro de si, já que o narrador-protagonista era ele próprio, para só depois enunciar em um discurso jornalístico, como entrevistas e no próprio cotidiano, que fora diagnosticado com esquizofrenia.

O livro narra experiências vivenciadas dentro da instituição, ao mesmo tempo em que ressignifica essa experiência, trazendo elementos ficcionais para dentro do enredo. O livro é caracterizado por uma escrita híbrida e multivocal. Como dissemos antes Rodrigo inspirou-se em autores considerados malditos como Kafka, Baudelaire, Rimbaud, Foucault e Nietzsche, se consagrando como um escritor transgressor. O protagonista, da obra, é, ao mesmo tempo, narrador e autor, o que a constitui, segundo Lejeune, como uma autobiografia. O leitor, diante da obra, vê apenas um mosaico, formado por diferentes cacos, os quais são demasiados difíceis de serem ingeridos em uma primeira leitura, mas, ao realizar uma leitura mais atenta e entrar em contato com outras produções do autor, o leitor perceberá que os cacos, nada mais são do que modos de subjetivação de Rodrigo.

Neste sentido é que sua literatura é transgressora, pois tenta transpor os limites da linguagem e busca subjetivar a si próprio, na medida em que é uma escrita de si, isto é, uma escrita sempre incompleta, de caráter móvel e rizomático que constitui a própria existência do escritor. É por meio da escrita de si e da literatura transgressora que Rodrigo faz da escrita uma experiência trágica⁴¹⁴.

Como autobiografia, no livro o autor narra a sua experiência de internação, dialogando com vivências de outros sujeitos, com sua história da leitura. O leitor não sabe se os fatos aconteceram realmente, se são delírios ou criação porque o autor mistura esses fatos. Em

⁴¹³Como já dito por nós na introdução, Lejeune entende que a narrativa autobiográfica, se constitui a partir do pacto autobiográfico e consiste em um discurso dirigido ao leitor que visa estabelecer um contrato de leitura. Esse contrato é baseado, acima de tudo, na afirmação de identificação entre autor, narrador e personagem. “Narrativa em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade [...] Para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima) é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem. LEJEUNE, Philippe. Definir autobiografia. In: MOURÃO, Paula (org.). *Autobiografia. Autorepresentação*. Lisboa: Edições Colibri, 2003, p.14 e 15.

⁴¹⁴ Estamos nos apoiando nas noções de Nietzsche e Schiller acerca do trágico. Para Schiller, a arte e o moral estão interrelacionados, e é através de seu pensamento que Nietzsche e Foucault vão pensar na vida como obra arte. Para Schiller somente a tragédia tem o poder de gerar em nós o prazer moral, proveniente do prazer e da dor. Assim o palco, como a escrita tornam-se espaço de luta. Para Nietzsche o trágico é um modo de ser que rompe com o modelo socrático e redentor. É através da tragédia que se pode afirmar a vida. “O dizer sim à vida, mesmo em seus problemas mais duros e estranhos; a vontade de vida, alegrando-se da própria inescapabilidade no sacrifício de seus mais elevados tipos - a isto chamei dionisíaco, isto entendi como a ponte para a psicologia do poeta trágico. (...) mas para, além do pavor e da compaixão ser em si mesmo o eterno prazer de vir-a-ser - esse prazer que traz em si mesmo o prazer no destruir”. NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. 1996, p.63-64.

TCSA O protagonista conta quando começou a ver seus amigos (alucinações) Rimbaud e Baudelaire: “Vejo Rimbaud desde os 23 anos. Baudelaire veio mais tarde⁴¹⁵”. E, ainda, caracteriza-os: “Rimbaud é tempestade. Baudelaire é vento⁴¹⁶”. Em outro momento o protagonista conta como ter perdido a virgindade:

A primeira vez que fiz sexo foi com um javali. Seguraram o bicho pelas patas e falaram penetre. Eu penetrei 15 centímetros dentro do bicho e aí o soltaram. Eu gozava justamente porque o javali pulava e pulava. O cu do bicho era espinhoso. Doía meu pênis. Como doía meu pênis! Depois de muito tempo o bicho ficou cansado. Gozei seis vezes direto⁴¹⁷.

O autor mistura todas essas informações e experiências e confunde o leitor ao fazê-lo questionar se fatos tão absurdos - quanto perder a virgindade com um Javali - e tão incríveis - como ter como alucinação amigos como Rimbaud e Baudelaire - teriam de fato acontecido, seriam fruto da imaginação do autor, um delírio de uma mente esquizofrênica ou se o próprio leitor, envolvido naquele momento de prazer de leitura causado pela literatura estaria entrando num estado de frenesi.

Isto porque Rodrigo se apoia em um discurso que ocupa uma sensibilidade, um lugar de verdade na sociedade, a autobiografia. No entanto, os historiadores, em um sentido geral, consideram que toda autobiografia é ficção, no sentido de não dar conta de uma dada realidade, mas expressar partes desta realidade, pois a seleção da memória depende das relações do presente, entre outras coisas. Ao nos voltarmos para as autobiografias perceberemos que grande parte delas, - especialmente as tradicionais, têm, em suma, dois sentidos: sentido confessional e sentido de glorificar as ações daquele que narra⁴¹⁸. No entanto, há também aquelas que são escritas diante da necessidade de partilhar uma

⁴¹⁵LEÃO, R. S. Todos os cachorros são azuis. 2ªEd. Rio de Janeiro: 7 letras, 2010, p. 49.

⁴¹⁶Idem. P. 56.

⁴¹⁷Idem, p. 25.

⁴¹⁸ Por confessional estamos entendendo o sentido que Foucault constrói, entre outras obras, em *História da Sexualidade I*. Nesta obra, o autor discute como o ato confessional estava ligado a uma prática do poder pastoral, o qual era exercido pela igreja, a qual entendia que a escrita de si constituía uma forma de purificação mediante a confissão. Ao longo do tempo este poder é reelaborado e o ato confessional não se restringe a igreja, mas passa a estar presente em consultas médicas, igrejas, e como vemos na própria escrita de si, modulando-se enquanto poder disciplinar. “Os médicos se dirigem aos diretores dos estabelecimentos e aos professores, também dão conselhos às famílias; os pedagogos fazem projetos e os submetem às autoridades; os professores se voltam para os alunos, fazem-lhes recomendações e para eles redigem livros de exortação, cheios de conselhos médicos e de exemplos edificantes”. FOUCAULT, Michel. *Op. Cit.*, 2012b, p.34 e 35. Alguns autores, inclusive, problematizam sobre o início da escrita autobiográfica, como Georges Gusdorf, que considera “‘ o ato autobiográfico’ é historicamente e culturalmente datado. Ele não existiu desde sempre. Gusdorf afirma em particular que a condição básica para o escrito autobiográfico é dupla: a saída de uma sociedade tradicional e (portanto) o sentimento da história como aventura autônoma, individual”. CALLIGARIS, C. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 21, 1998. Para saber mais consultar RAGO, Margareth. *A Aventura de Contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas –SP: Editora da Unicamp, 2013.

experiência, de deixar um testemunho, buscando aliviar os próprios traumas e deixar uma memória. O que queremos chamar a atenção, é que muitas autobiografias têm em seu bojo uma espécie de “verdade” a ser revelada, são autobiografias que vem a público quando a pessoa está nos seus últimos dias de vida, que são escritas em prisões ou narrando algum episódio/acontecimento traumático para deixar uma memória, por exemplo. Essas narrativas têm um sentido de verdade para aquele que narra e para o que recebe: utilizam características específicas como a linearidade do discurso, riqueza de detalhes, um tom de sinceridade, como Calligaris afirmou: “Se ele é sincero e nos compreendemos, o que ele diz é verdade também para nós, portanto é verdade para todos”⁴¹⁹.

Rodrigo, no entanto, utiliza deste espaço de verdade da autobiografia e ressignifica. Utiliza deste espaço não apenas para falar de si, mas para construir um texto literário, misturando em seu discurso elementos que compuseram sua experiência com elementos criados por ele literariamente. Esta escrita híbrida que mistura fatos e ficção é considerada por alguns como autoficção. O conceito de autoficção é definido por Talles Silva como:

Uma nova forma de escrita autobiográfica, própria, talvez, da era pós-moderna, em que a narrativa dos fatos da vida do autor é feita através de uma linguagem própria do gênero romanesco, ou seja, de uma escrita que se pretende artística. Além disso, para muitos, a autoficção também porta fabulações, invenções e distorções em relação à verdade dos fatos, uma vez que permite a introdução, no texto autobiográfico, de sentimentos, desejos, sonhos, frustrações e devaneios do escritor, numa reconstrução inventada e romanceada daquilo que ele viveu⁴²⁰.

Desta forma, a narrativa se sustenta com dados autobiográficos, mas o texto é caracterizado por estratégias narrativas ficcionais. Doubrovsky (*apud* Silva, 2012) defende a impossibilidade de escrever (no cenário pós-moderno) “uma narrativa de memórias que preze pela exatidão em relação ao vivido. Ao contrário, sua concepção de autoficção, como versão pós-moderna da autobiografia, está pautada no reinventar e no recriar as experiências individuais do autor”⁴²¹. Desta forma, a autoficção se baseia na reconstrução da realidade segundo o escritor concebeu, percebeu e sentiu.

O narrador-protagonista tem o mesmo nome do que o autor da obra - Rodrigo - e os outros personagens do livro são pessoas reais: Bruno, seu irmão, Tia Rita, sua tia, Maria

⁴¹⁹ CALLIGARIS, C. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 21, 1998.

⁴²⁰ SILVA, Talles. O que dizem os escritores sobre a definição do que se tem chamado de autoficção. *Palimpsesto*, n. 14, Ano 11, 2012, p. 2

⁴²¹ Idem, p.3.

Sylvia, sua mãe, Antônio, seu pai, Maria Dulce, sua irmã, Marina, sua sobrinha, Adélia, sua empregada. Rodrigo não se restringe apenas a experiência vivida, sinceridade e seleção da memória, e, sim, por possuir ficção, criação e fantasia. Esse hibridismo acontece a tal ponto, de forma tão intensiva e sincera, que os leitores não têm condições de separar o que aconteceu do que poderia ter acontecido. O resultado foi que leitores das obras de Rodrigo foram tirar satisfação com Maria Dulce, irmã do poeta, sobre atitudes descritas nos livros que seriam dela:

[...] eu li o esquizoide depois dele falecido né? Brigando com ele, ó que merda é essa? *Que irmã filha da puta que você foi, heim, você deixou o seu irmão na clínica, não avisou pra ele que os pais morreram*, falei meus pais tão vivos, ele é... *ele é escritor né? todo escritor tem uma lado ficção muito grande né? pega uma história dali outra história daqui, nem tudo que ele diz ali é verdade entendeu?* eu realmente sou irmã dele, tem uma amiga minha que tem um problema sério também com o irmão né? ele colocou que a mãe [...] meus pais tão vivos né? e eu to aqui... ele morreu lá, tudo bem, no O esquizoide ele volta pra casa e vem discutir comigo no final, eu estou morando com Bruno naquele apartamento né? com a minha família [...] na hora que eu fui avisa né? que eu fui avisa pra ele que papai e a mamãe morreram no acidente de carro com o filho dele, IMAGINA, *inventou o filho[...] não quero contar que eu tenho sobrinho né... sobrinhos cara, não tenho sobrinho, não tenho sobrinho nenhum, tudo invenção da cabeça dele*, ai a Suzana falou assim estão pensando que eu tenho filho do Rodrigo [...] e o meu namorado como é que fica nessa história? eu não tenho, eu não tenho, ele é escritor cara⁴²².

Maria Dulce narra a maneira como alguns leitores criticaram e julgaram-na a partir de ações descritas nos livros, isto é, os leitores viram no livro uma verdade, e nesta narrativa em específico, uma vitimização do protagonista-autor, a tal ponto de tomar partido em defesa de Rodrigo. Já Maria Dulce o vê como um escritor, o qual mistura elementos da realidade com a ficção, afirmando: “nem tudo que ele diz ali é verdade entendeu? [...] tudo invenção da cabeça dele”⁴²³. Até Suzana Guimarães fica preocupada, pois as pessoas estavam achando que ela estava grávida de Rodrigo, no entanto, ela estava namorando outra pessoa, isto é, a ficção se mistura a tal ponto com a não-ficção que os leitores não conseguem distinguir entre um e outro, acarretando uma influência direta na realidade, sobre isso Suzana afirmou: “e o meu namorado como é que fica nessa história?”⁴²⁴

⁴²²Maria Dulce de Souza Leão. Entrevista realizada pela autora na Livraria Travessa em 07/05/2014. Ipanema - Rio de Janeiro-RJ. Grifo nosso.

⁴²³Idem.

⁴²⁴ Idem.

Este discurso híbrido constituído a partir da experiência e ficção dialoga com outras características híbridas presentes no texto de Rodrigo: a variação do tempo, a estrutura do texto e discurso da narrativa. No trecho abaixo, veremos como Rodrigo quebra a expectativa do leitor e explora diferentes assuntos ao mesmo tempo:

*Não aguento fazer papel de vítima. Meu papel é o higiênico. Sou criança e não conheço a verdade. A verdade, lá fora, está nos olhos do meu irmão Bruno que não sabe nada e não se importa com coisa alguma: vive feliz com seu nada. Todo mundo tem um nada.
Não sou nada Rimbaud. Quer um cigarro?
Nunca serei nada. Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os remédios do mundo*⁴²⁵.

Nas duas primeiras frases há uma quebra: Rodrigo fala que não suporta fazer papel de vítima e logo na segunda afirma que o seu papel é o higiênico, isto é, na primeira frase apresentou um conceito de papel: a condição social e na segunda ele quebra com o sentido, ao usar outro conceito de papel, papel como um objeto, papel higiênico. Isto somado ao pronome “meu”, faz com que o significado da segunda frase se torne ambíguo ao se ligar com a primeira, pois a frase consistiria em uma metáfora ou em seu sentido objetivo? Entre outros recursos utiliza a ironia e humor para compor os versos.

Rodrigo não procurou dar linearidade ao seu discurso, ao contrário, ele buscou quebrar a expectativa do leitor. Em seguida, cita frase da música que ficou conhecida pela interpretação de Cássia Eller, mas que é de composição de Cazuza, *Malandragem*. Sem mudar de parágrafo, afirma que a verdade está nos olhos do seu irmão, o qual não tem consciência do seu estado de doente, segundo Rodrigo. Por último, Rodrigo ressignifica o poema *Tabacaria* de Fernando Pessoa: “Não sou nada./Nunca serei nada./Não posso querer ser nada./À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”⁴²⁶. Assim como, em outro trecho do livro, faz paródia com um trecho do *Poema de Sete Faces* de Carlos Drummond de Andrade, que diz “O homem atrás do bigode é sério, simples e forte”⁴²⁷, ao dizer: “Quase sempre Baudelaire é chato, ranzinza, pentelho e forte”⁴²⁸.

A narrativa de Rodrigo é fragmentada, muda de temas, muda de ordem e muda de tempo quase que instantaneamente, rompe com o próprio limite do que seria prosa e poesia, confundindo talvez o entendimento do leitor, como pode ser visto no trecho abaixo:

⁴²⁵ LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2010. P. 60-61. Grifo nosso.

⁴²⁶ PESSOA, Fernando. *Tabacaria*. *Revista Bula*. Disponível em: <http://www.revistabula.com/522-os-10-melhores-poemas-de-fernando-pessoa-2/>. Acesso 28/01/2015.

⁴²⁷ ANDRADE, Carlos D. *Poema de Sete Faces*. In: *Alguma poesia*, São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

⁴²⁸ LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis* p. 57.

Engoli um chip ontem. Danei-me a falar do sistema que me cerca. Havia um eletrodo em minha testa, não sei se engoli o eletrodo também junto com o chip. Os cavalos estavam galopando. Menos o cavalo-marinho que nadava no aquário.

Ele tem um problema mental. Será que tem alguma sequela? No fundo deste meu mundo, lá no quarto escurecido por doses de litrisan, veio um psiquiatra e baionetou uma química na minha celha esquerda. Enquanto outro puxava a minha banha, esticando e esticando para que não sentisse a injeção de benzetacil.

Benzeta.

Benzeta.

Uma dor imensa na bunda. Tudo girando ao meu redor e eu girando também. Tiro uma meleca e coloco na mesa do canto, bem longe da escuridão do quarto⁴²⁹.

Podemos ver, no trecho citado, que Rodrigo mistura os assuntos, sem separar por parágrafos, por exemplo. Muda o enunciador do discurso sem alertar o leitor para isso. Quando a fala é de médicos, ou de outros que falam sobre a doença ou sua condição de doente, a fala é colocada em terceira pessoa, sinalizando que fala não é do autor nem do personagem, aparece de forma imponente. Ela vem como eco, de cima para baixo, a fala em terceira pessoa é considerada na literatura uma fala mais neutra, a qual procura estabelecer uma verdade.

A repetição forma uma sonoridade a partir da composição do texto: “Enquanto outro puxava a minha banha, esticando e esticando para que não sentisse a injeção de benzetacil./Benzeta./Benzeta./Uma dor imensa na bunda”⁴³⁰, a repetição de Benzeta procura demonstrar ao leitor o próprio efeito do medicamento sobre o personagem, por isso a repetição, esta sonoridade cria uma condição de desrazão ao personagens, como um disco gravado que fica se repetindo.

Rodrigo rompe com as formas literárias, fazendo seu texto prosa, mas ao mesmo tempo poesia. Emil Staiger, crítico e teórico literário, afirma que não é possível classificar uma obra literária unicamente em um gênero, pois ela sempre possui características dos demais, ou seja, “qualquer obra autêntica participa em diferentes graus e modos dos três gêneros literários [lírico, épico e dramático] essa diferença de participação vai explicar a grande multiplicidade de tipos já realizada historicamente”⁴³¹. Sobre essa temática, afirma Helena Cunha “a tendência moderna dos escritores é cada vez mais, libertar-se das intolerâncias, em rebeldia contra os princípios autoritários, em nome de uma originalidade

⁴²⁹ LEÃO, Rodrigo de S Todos os Cachorros São Azuis. 2010. p.1.

⁴³⁰ Ibidem.

⁴³¹ STAIGER. Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, p.15.

que derruba a ordem preestabelecida e instaura novas modalidades, cada vez mais difíceis de serem classificadas nas fronteiras dos gêneros”.⁴³²

Rodrigo rompe com as temporalidades e não produz uma enunciação histórica linear: escreve a narrativa em 2001, narrando a experiência de 1989, no entanto, narra no presente do indicativo e refere-se ao seu tempo “real” como futuro. Como podemos ver neste trecho de TCSA: “No ano de 2000 vou ter 35 anos. Estarei tão velho que mal saberia disso.”⁴³³ Na mesma frase o autor coloca o verbo no futuro “vou ter” e em seguida conjuga o verbo no pretérito do futuro “saberia”, possibilitando que o leitor tenha um estranhamento em relação ao texto, não discernindo se o fato já ocorreu ou se vai ocorrer. Além disso, o ano 2000 que o autor coloca como futuro, já é passado, pois começa a escrever este livro em 2001. Neste sentido, contribui Castagnino:

É no instante da criação ficcional dominada pelo impulso básico da negação do tempo que o Autor, ao fugir da contingência histórica, remete juntamente com a obra ao tempo sem duração, ao antitempo, pois originalmente a arte ficcional era o próprio mito, em que a realidade só se configurava mediante a participação do homem no drama da vida⁴³⁴.

Ao considerarmos o discurso numa perspectiva de prática, podemos perceber que sua narrativa faz parte de relações de poder e de um cuidado de si. Assim, a partir de uma análise foucaultiana, buscamos perceber sua fala de maneira positiva, isto é, analisá-la pelo dito, pelo que mostra, pelo que quis dizer e não por uma exploração dos silêncios, dos não-ditos:

[...] das representações que podem haver por traz dos discursos, mas dos discursos como séries regulares e distintas de acontecimentos, este tênue deslocamento, temo reconhecer nele como que uma pequena (e talvez odiosa) engrenagem que permite introduzir na raiz mesmo do pensamento o acaso, o descontínuo, a materialidade⁴³⁵.

A partir desta análise, percebemos que Rodrigo cria um hibridismo não apenas entre real e ficcional, mas também manipula narrativamente os autores do fato. Como veremos no exemplo a seguir onde Rodrigo narra que ele quebrou uma cristaleira, no entanto, conforme indicam outras fontes, quem a quebrou foi o pai dele. Vejamos:

Eu quebrei a cristaleira.

⁴³² CUNHA, Helena Parente. Os gêneros literários. In: *Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p.95-96.

⁴³³ LEÃO, Rodrigo de S. *Op. Cit.* 2009. p. 14.

⁴³⁴ CASTAGNINO *apud* TIAGO, Auri. Performance como Linguagem. *Zunai Revista de Literatura e debate*. Disponível em: http://www.revistazunai.com/ensaios/auri_tiago_performance.htm Acesso 29/01/2015 às 02h43.

⁴³⁵ FOUCAULT, Michel *Op. Cit.*, 2013. p. 56.

Eu quebrei os copos de vidros todos.
Mas consegui livrar a casa dos maus espíritos.⁴³⁶

Na narrativa, a cristaleira está ligada aos espíritos que rondam a casa. Ao quebrar a cristaleira o personagem estaria se livrando dos maus espíritos. Isto é, o autor usou de uma característica de um sintoma – alucinação – para dar mais veracidade a loucura do personagem.

Sabemos por meio de outras fontes, como pela entrevista concedida pela irmã de Rodrigo, que este “fato ocorreu”, uma cristaleira foi quebrada. No entanto, Rodrigo ressignifica o ato, pois não descreve que foi seu pai quem a quebrou quando soube do seu diagnóstico de esquizofrenia, mas toma para si a ação. Mais que isso, coloca esta ação como o epicentro da crise psicótica que fez o personagem ser levado para o hospital psiquiátrico. Se no plano discursivo, a quebra da cristaleira foi o motivo do personagem ter sido internado, no plano extra-discursivo, a quebra foi o desespero humano. Rodrigo simbolicamente inverte as ações dos personagens.

Se para Rodrigo-personagem a quebra da cristaleira é fator *sine qua non* para o diagnóstico e a primeira internação, para Antônio de Souza Leão, afinal, um psiquiatra, ela não teve um significado patológico, mas significou seu descontentamento frente uma realidade. Neste sentido, podemos ver as táticas utilizadas por Rodrigo para convencer o leitor da loucura do personagem, ao mesmo tempo que ele nos possibilita pensar sobre as relações de poder, as quais em determinados personagens as ações podem ser consideradas como patológicas enquanto em outras não. Além disso, é interessante como Rodrigo descreve a cena afirmando que foi Rimbaud, o amigo imaginado (ou algo assim, volte a identificar) que mandou o personagem fazer isso:

Muitas pessoas devem se perguntar se Rimbaud teve culpa de eu ter quebrado toda a casa. Claro que foi Rimbaud quem deu a idéia [*sic*].
Quebra tudo. Mostra que você é homem.
Eu não virei mais homem por ter quebrado minha casa. Este Rimbaud às vezes me põe numa furada. Fico tempos sem vê-lo, mas ele sempre volta⁴³⁷.

Isto é, Rodrigo não apenas se coloca como quem pratica a ação, mas justifica que cometeu tal atitude em decorrência da má influência de Rimbaud, tal como nos filmes que apresentam os esquizofrênicos tomando determinadas atitudes porque o amigo/alucinação

⁴³⁶ LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. 2010. p. 19.

⁴³⁷ LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. 2008. p. 35.

orientou que assim o fizesse. Utilizou de um discurso difundido na sociedade acerca do fato de que esquizofrênicos tem alucinações visuais e auditivas e que estas manipulam determinadas ações destes sujeitos, isto é, se apoia em discursos presentes na sociedade que dizem o que é ser louco para se legitimar enquanto louco. Alguns leitores entenderam TCSA momentos de delírios do autor, e entre eles, alguns pensaram que ele escreveu sua obra tal como Bispo do Rosário⁴³⁸, que se trancava em momentos de surto e produzia sua obra.

Nos tópicos anteriores, pudemos perceber que Rodrigo fez exercícios árduos como leitor para se constituir como escritor. Leu livros considerados clássicos pela literatura, leu muita teoria literária, entrevistou muitos escritores, resenhou muitos livros para se construir como escritor/poeta. Sua preocupação era fazer com que sua narrativa tivesse uma forma apolínia e um conteúdo dionisíaco. Dentre as tradições literárias por ele atravessadas há uma que, em especial, chamou sua atenção: os debates acerca das fronteiras entre o modernismo e o pós-modernismo.

Há os que defendem o pós-modernismo enquanto uma linguagem, muitas vezes associado-o ao contemporâneo; já há outros que o defendem como um período. O fato é que seus elementos, como os fragmentos, as incertezas, a pluralidade e a relativização das verdades constituem, de forma decisiva, a linguagem literária de Rodrigo. Essas características estão presentes não apenas nesta obra, mas também em outras, como *O Esquizoide* (2011) e a *Me Roubaram os dias Contados* (2011). Nesta última narrativa, o personagem do livro mata o próprio autor, rompendo com os papéis tradicionalmente construídos.

Rodrigo fala sobre as características deste livro: “é uma narrativa que não entra em uma categoria específica. É um híbrido, melhor, uma mixagem, como se eu fosse um DJ”. Aqui trazemos um trecho:

Rodrigo é beato. Acredita em deuses. Cristo. Iemanjá. Apolo. Afrodite. Ateneia. Exu. Afrodite. Mickey Mouse. Chaves. [...] Tudo o que vem do humano é Deus. Uma geladeira. Uma máquina de lavar. Conheci deuses na infância. Garotos que morreram. Solidões inóspitas que só se davam comigo. Café com leite. A utopia é importante. Escrever uma página hoje já é uma utopia. O futuro manda lembranças. As lambanças que fiz. Que farei. Eu soffro. Sofro de um sopro de vida.⁴³⁹

⁴³⁸ Arthur Bispo do Rosário (1911-1989) foi um artista plástico brasileiro considerado louco. Para saber mais consultar: BORGES, Viviane. *Do esquecimento ao tombamento: A invenção de Arthur Bispo do Rosário*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRS, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22989/000739703.pdf?sequence=1>. Acesso: 29/01/2015 às 06h41.

⁴³⁹ LEÃO, Rodrigo de S. *Me Roubaram uns Dias Contados*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

Além de essas características estarem presentes em suas narrativas, essas fronteiras entre o moderno e o pós-moderno eram o alvo de perguntas nas entrevistas que realizava. Ao lermos suas entrevistas, percebemos que ser moderno ou pós-moderno era uma questão que estava no horizonte do escritor-jornalista. Por vezes, as questões que formulava aos outros escritores estavam profundamente ligadas a respostas de entrevistas anteriores. Vejamos alguns exemplos de perguntas que o escritor fazia aos seus contemporâneos:

RSL - *A fragmentação é uma característica da arte no século XX e em pleno século XXI, ainda fazemos uma arte bem fragmentada. Como você encara tal questão? É possível fazer uma arte inventiva, abrindo mão deste paradigma?*

HC⁴⁴⁰ - *A Fragmentação é do sujeito e não da cultura [...]*

RSL - *Em uma entrevista anterior, você me disse que era um poeta pós-moderno. A modernidade, em sua busca pelo novo, não lhe parece insuperável? Não estamos condenados ao eterno modernismo? O que é ser um poeta pós-moderno?*

HC: *O modernismo acabou com a utopia de que a arte daria uma costura geral na sociedade e no sujeito. O novo é outra coisa. É mais estético do que ético. Estamos condenados ao presente cada vez mais elusivo que vivemos, não ao modernismo. Ser poeta pós-moderno é ter consciência plena disso⁴⁴¹.*

RSL- *A metáfora e a linguagem conotativa não fazem mais um poema. É necessária alguma atualização dos conceitos ligados a linguagem poética? Esta atualização passa pelo conceito de modernidade e pós-modernidade⁴⁴²?*

Vemos uma preocupação de Rodrigo em colocar em questão se determinadas características da arte contemporânea seriam consequências de uma continuidade da modernidade ou de uma falência desta em detrimento de uma nova época. Luiz Nazario, ao fazer o debate sobre a definição de pós-modernidade questiona também seu *status*:

Não seria esse mundo apenas o resultado da evolução natural da modernidade, em seu estágio avançado de decomposição?... Nossa sociedade seria pós-moderna *se isso* (grifos do autor) implicasse no reconhecimento de que sua brutalidade e sua impiedade superaram a impiedade e a brutalidade da época moderna. A época “pós-moderna” teria sido, então, efetivamente inaugurada em 1945 [...]⁴⁴³

⁴⁴⁰ Horácio Costa nasceu em São Paulo em 1954. Formado em Arquitetura e Urbanismo pela USP (1978). M.A. pela New York University (83); PhD pela Yale University (94). Professor Titular da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) até 2001. Desde então, Professor-Doutor na FFLCH-USP.

⁴⁴¹ LEÃO, Rodrigo de S. Entrevista Horácio Costa. Disponível em:

http://www.germinaliteratura.com.br/pcruzadas_hc_ago2006.htm. Acesso 26/01/2015.

⁴⁴² LEÃO, Rodrigo de S. Entrevistando ItaloMoriconi. *Jornal de Poesia*. Disponível em:

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/r2souza12c.html> Acesso: 28/01/2015.

⁴⁴³ NAZARIO, Luiz. Quadro histórico do Pós-Modernismo. In: GUINSBURG, J; BARBOSA, A. M. Org. *O Pós-Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 25.

David Harvey apresenta o pós-modernismo como a “total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico que formavam a metade do conceito baudelairiano de modernidade”⁴⁴⁴. A arte pós-moderna já não é mais “obra de arte”, no sentido tradicional de sua compreensão, mas uma proposição, uma ideia, uma ação. É o tempo do paradoxo e da repetição. Na repetição se dá a diferença. A arte deslegitima determinadas explicações do mundo, não existe verdade absoluta, nenhuma explicação é suficiente e única, como explica Lyotard: a pós-modernidade é caracterizada pela “incredulidade em relação às meta-narrativas”⁴⁴⁵, isto é, as explicações totalizantes da vida social não dão mais conta da complexidade da realidade e das diferentes interpretações que as sociedades e os grupos fazem dela. Jair Ferreira dos Santos assinalou como sintomas do mundo pós-moderno, palavras como chip, saturação, sedução, niilismo, simulacro, hiper-real, digital e desreferenciação.⁴⁴⁶ Neuza Pinheiro⁴⁴⁷, ao ser questionada por Rodrigo sobre o que lhe faltava para fazer uma obra poética, responde:

Já não se faz poesia contemplando as estrelas, delirando com as belezas da Mãe Natureza, sofrendo as penas do inferno pelo amor inacessível [...] O Mal do Século também deixou de ser o eixo da poesia. Não há água e vem secando rapidamente o poço. Não há carne e não há arcada dentária que roa esse osso. Estamos secos, estamos sem liquidez [...] Este mundo em farrapos é o nosso mundo. Que tipo de poesia sairia de um processador completamente saturado? E à beira da destruição? Que trilha seguir?⁴⁴⁸

Segundo as autoras Nadja Lamas e Sonia Lourenço a pós-modernidade apresenta uma forma específica de linguagem: “apropriação, citação, hibridação, mestiçagem, paródias, repetição, seriação, acumulação e experimentação; e linguagens como: performances, instalações, *sites specifics e in situ*”⁴⁴⁹.

Estas características estão presentes na produção de Rodrigo nas prosas, poesias visuais, nas músicas e nas pinturas. Para Celso Favaretto, “uma arte não é contemporânea apenas porque é recente e mesmo presente. Contemporaneidade pressupõe a ultrapassagem

⁴⁴⁴ HARVEY, David. Condição Pós-moderna. HARVEY, D. In: *Pós-Modernismo*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 49.

⁴⁴⁵ LYOTARD, Jean François. *Op. Cit.*, 2002.

⁴⁴⁶ NAZARIO, Luiz. Quadro histórico do Pós-Modernismo. In: GUINSBURG, J; BARBOSA, A. M. Org. *O Pós-Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 24.

⁴⁴⁷ Poeta, cantora, compositora, Neuza Pinheiro é interlocutora de Arrigo desde o Paraná. Defendeu “Diversões eletrônicas” e “Infortúnio” no Festival Universitário da TV Cultura, de 1979. No mesmo ano, ganhou o prêmio de melhor intérprete com “Sabor de veneno”, também de Arrigo.

⁴⁴⁸ LEÃO. Rodrigo de S. Neuza Pinheiro: a última entrevista. 2009. Disponível em: <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas5.htm>. Acesso 26/01/2014.

⁴⁴⁹ LAMAS, Nadja de C; LOURENÇO, Sonia R; LEONÍ, Ana C. Tendências Pós-modernas na arte contemporânea Catarinense: A linguagem da performance na arte contemporânea local. *ANAIS III Fórum de Pesquisa Científica em Arte*. Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, 2005.p. 22.

das categorias modernas”.⁴⁵⁰ Em uma resenha do livro *A Aranha Punk*, de Glauco Mattoso, Rodrigo descreve-o como pós-moderno:

Glauco Mattoso é dos poucos escritores pós-modernos da literatura brasileira, *no sentido estrito de que a reavaliação do antigo e sua roupagem nova são as características principais do conceito*. Na atualidade, a busca pelo novo a todo custo pode até ser salutar. *Mas será que existe ainda algo tão genuíno e puro a ponto de ser considerado novo?* Na maioria das vezes, essa viagem à procura de uma raridade leva a linguagens cifradas e textos que não dizem nada quando tentam o tudo. Outros dizem tudo quando se aproximam do nada. O que não é enriquecedor para nenhuma das partes envolvidas na questão, sejam elas o leitor ou o escritor.

É claro que o rótulo - *que perde espaço para a noção de contemporâneo* - anda meio gasto, mas talvez seja o que mais pode apreender a literatura de Mattoso, que escreve sonetos em pleno século 21. Sonetos metrificados e rimados à moda de Bocage e Gregório de Matos. E o que poderia parecer uma coisa extemporânea e fora do contexto é totalmente nova. O autor trata de temas atuais. Assuntos grotescos como a podolatria, o sadomasoquismo, a homossexualidade, a violência, a política e temas cotidianos. Tudo com doses carregadas de sarcasmo e lirismo, muito bem articulado, e *fora do padrão vigente do politicamente correto*. Que é chato. Extremamente chato [...] *Como diria João Cabral de Mello Neto, não é necessário perfumar a flor e poetizar o poema*.⁴⁵¹

Rodrigo nos permite pensar sua linguagem enquanto uma performance, um gênero multifacetado dentro das artes. A performance busca escapar das definições e rotulações. É uma linguagem fruto da junção de outras, que resultam em uma terceira, a qual é denominada como performance⁴⁵². Possui características de hibridação, tornando-se difícil dizer onde começa uma e até onde vai a outra. TCSA (2008), por exemplo, apresenta textos sob a forma de prosa, em versos, alterna diálogos corriqueiros com discursos médicos, atravessa várias cenas descontínuas, etc. Assim, transparece num primeiro olhar certa falta de organicidade dentro da obra, mas ao analisarmos vemos que o autor precisou fazer um grande trabalho para fazer do texto uma performance. Sérgio Medeiros, prefaciador de sua obra, descreveu essa narrativa como:

Ali, entre numerosas citações literárias, cenas de filmes e telenovelas, clichês, grosserias e delicadezas, deparamos, num dos pontos altos do livro, com uma alegoria carnavalesca carioca: o hospício é a modernidade 'louca'.

⁴⁵⁰ FAVARETO, Celso. O evento, Arte do tempo. Revista Sexta Feira, *Hedra*, n. 5, 2003. p. 113-117.

⁴⁵¹ LEÃO, Rodrigo de S. Um sonetista pós-moderno por Rodrigo de Souza Leão. Blogue de Rosângela Aliberti. Disponível em: <http://www.rosangelaliberti.recantodasletras.com.br/blog.php?idb=10599>. Acesso 28/01/2015.

⁴⁵² Segundo a crítica de arte Sheila Leirner, “a performance é uma pintura sem tela, uma escultura sem matéria, um livro sem escrita, um teatro sem enredo, ou a união de tudo isso”. TIAGO, Auri. Performance como linguagem. Zunái Revista de Poesia e debates. Disponível em: http://www.revistazunai.com/ensaios/auri_tiago_performance.htm. Acesso: 29/01/2015 às 02h32.

A América Latina de hoje. Baudelaire, um dos personagens mais sombrios deste texto, assiste, mas 'não deixa seu olhar fundar a modernidade' — já estamos na pós-modernidade terceiro-mundista⁴⁵³.

Mas, sobretudo, percebemos que Rodrigo utilizou uma técnica literária chamada Fluxo de Consciência.⁴⁵⁴ O texto-fluxo-de-consciência não é ordenado: presente e passado, realidade e desejo, falas e ações se misturam na narrativa, fazendo um discurso desarticulado, descontínuo e caótico. É como se o personagem ganhasse vida e executasse suas próprias ações, fazendo da escrita algo incoerente, desconexo, ininterrupto. No fluxo de consciência, o pensamento simplesmente flui. Essa técnica adotada por Rodrigo, em TCSA (2008) tem um objetivo, como conta em uma entrevista concedida a Rafael Nolli, Ricardo Wagner, e Cássio Amaral:

- Apesar de ser um livro autobiográfico, *Todos os cachorros são azuis* não é narrado de forma linear. Como foi o seu processo de escritura?

- *O meu processo foi o de tentar aproximar a prosa à esquizofrenia. Para isto, resolvi chegar a prosa à poesia.* A linguagem natural de um louco é, digamos, um pouco poética. Quando um poeta diz, por exemplo, guardei o sol em sete partes, usa uma linguagem específica. O sol não tem partes e nem pode ser guardado. Só num poema isto é possível. Por isso, o livro pode ser poético. Foi isso que busquei. Fiquei possuído por esse espírito e acho que não errei de todo.

Queria também ser ágil e um pouco diferente sem ser chato. Já existem muitos escritores herméticos e chatos, não queria ser mais um em que o hermetismo fosse o principal da narrativa. Mas nunca facilitei o texto. *Usei também muito a repetição.* Repetia que tinha engolido um chip, que engolira um grilo e outras coisas mais. Só não havia engolido espadas. Aliás, nem gosto muito de ver mágica e magia. [...] Para o livro coloquei um protagonista que via e ouvia alucinações. Aproveitei experiências do meu irmão Bruno. Ele é bipolar e já teve uma psicose séria. Só voltou a si graças ao eletro-choque. Ficou abobado, mas agora está normal. Misturei também as duas internações que existiram na minha vida. A primeira foi muito traumática. Fui internado com camisa-de-força. Me botaram num cubículo. Me deram um sossega-leão. Foi horrível. Um verdadeiro pesadelo. O lugar da clínica onde fiquei era tão ruim que o chamavam de Carandiru. Mas não culpo ninguém da minha família por isso. Não havia outra opção. Amo muito minha família⁴⁵⁵

⁴⁵³ MEDEIROS, Sérgio. Prefácio. In: LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros são Azuis*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

⁴⁵⁴ Willian James foi o criador do termo e caracterizou-o como: cada estado tende a ser parte de uma consciência pessoal; dentro de cada consciência pessoal os estados estão sempre mudando; cada consciência individual é sensivelmente contínua e é interessada em algumas partes de seu objeto em detrimento de outras que acolhe ou rejeita. BUGALHO, Henri, A. Fluxo de Consciência, a literatura dentro da mente. *Blogue Recanto das Letras*. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1657679>. Acesso: 29/01/2015 às 07h08.

⁴⁵⁵ KRAAP, Juliana. Rodrigo de Souza Leão fala sobre seu novo livro. *Jornal do Brasil*. 03/12/2008. Disponível em: <http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2008/12/03/rodrigo-de-souza-leao-fala-sobre-seu-novo-livro/>. Acesso 29/01/2015 às 03h19.

O livro do Rodrigo é marcado por uma estrutura desestruturante – ao mesmo tempo em que é prosa é poesia, ao mesmo tempo em que afirma um discurso, o nega, ao mesmo tempo em que fala de si, fala do outro. Rodrigo utiliza sua experiência da loucura – a institucionalização, a medicalização, os medos, os anseios, as relações sociais com outros internos, assim como o diagnóstico, os remédios e os discursos de pessoas que foram internadas no mesmo espaço que ele–, para escrever uma narrativa que convença o leitor do diagnóstico do próprio escritor como louco, extrapolando, assim, o limite do texto e buscando se legitimar enquanto louco a partir da narrativa literária, ou seja, se constituindo na e pela linguagem.

Em uma leitura preliminar poderíamos pensar que o autor viveu toda aquela experiência descrita, uma vez que os personagens são constituintes do universo social do autor. Em uma segunda leitura, poderíamos pensar que a narrativa era fruto de um delírio do autor, o qual teria escrito o texto em um momento de surto, pois a narrativa não segue lógica alguma.

Rodrigo explicou que a pretensão dele, ao adotar esse estilo de escrita, foi a de aproximar a prosa da esquizofrenia, e que por isso a narrativa não é linear. Buscou a própria linguagem da loucura para construir sua obra. Como vemos citação anterior onde comenta seu livro, Rodrigo tinha total capacidade de escrever de forma coerente e, por isso, confundir seu estilo de escrita literária com sua doença poderia ser um erro grave, ou mais que isso, poderia reproduzir estereótipos e discursos que negam a capacidade de pessoas consideradas loucas de falar, escrever, e de produzir algo de “valor”. Porém, Rodrigo faz isto intencionalmente, subverte, utiliza-se do próprio discurso que coloca os loucos como incapazes, para se afirmar como um escritor que é esquizofrênico e que a esquizofrenia não o impede de escrever.

Alguns leitores mais atentos, que procuraram ler outras produções de Rodrigo e que levaram em consideração o controle da linguagem e a consciência de Rodrigo na produção do texto, chegaram até duvidar do diagnóstico do autor diante tamanha lucidez frente a sua condição, discurso que é legitimado em diversos jornais culturais. Para Rodrigo, assim como para Foucault, a loucura tem uma linguagem própria. Sobre isso Rodrigo escreveu uma poesia chamada *Linguagem*:

O louco baba um licor de excrescências
O louco faz excrescências
entre o que baba e o que faz

Esta é a linguagem do louco
Ele está no que baba
Na excrescência que ali jaz

O louco não rasga dinheiro
Compra cigarros bem fortes
para que possam matá-lo

Antes que a morte lhe mate.

Rodrigo, neste poema, descreve a linguagem e a prática de uma pessoa considerada louca. Ela baba, por efeitos colaterais dos medicamentos, no entanto não se limita a isso, pois faz “excrescências”, ou seja, algo a mais, segundo os dicionários “o que tira o equilíbrio”, “o que está em excesso”⁴⁵⁶. Para além do estereótipo, para além das marcas da medicamentação no próprio o corpo, o louco Rodrigo não está preso a um estado vegetativo, no qual se deixa de viver, no qual deixa de ter consciência de vida; ao contrário, ele pensa, escreve e vive a partir de sua rede de sociabilidades, mesmo sendo controlado por remédios.

Entendemos a linguagem da loucura, como ausência de obra. E é nesse sentido que nos ajudam a pensar Foucault e Roberto Machado:

[...] enquanto obra é uma linguagem da razão, plena de sentido, que obedece a um código, como Foucault explicitará poucos anos depois em “A loucura, a ausência de obra”, a loucura é insensatez, desrazão, não-sentido, vazio de sentido, linguagem que transgride as leis da linguagem, a ponto de ser considerada não-linguagem, ou, para empregar termos que acompanharão toda a reflexão de Foucault sobre a linguagem, é “murmúrio”, “ruído”, “rumor”, termos que têm origem inegável em Blanchot⁴⁵⁷.

Desta forma, podemos pensar este livro como uma experiência transgressora de pensamento. Foucault usou o termo transgressão para designar uma experiência de pensamento, experiência-limite e de ultrapassagem de limite, realizada no campo da linguagem literária, que permite ir além da dialética, ultrapassando a oposição entre exterioridade e interioridade, sujeito e objeto, eu e mundo, normal e patológico. Neste sentido, a experiência transgressora ou a escrita subversiva não estaria vinculada a lutas partidárias ou a uma escrita engajada, mas a própria escrita que mantém, em si mesma, a função subversiva⁴⁵⁸.

⁴⁵⁶Disponível em: <http://www.dicio.com.br/excrescencia/>. Acesso: 29/01/2015.

⁴⁵⁷MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

⁴⁵⁸FOUCAULT, Michel. *Op. Cit.*, 2010. p. 243.

Segundo Foucault, o limite e a transgressão devem um ao outro a sua existência. A transgressão não se opõe a nada; ela se apresenta na literatura moderna como forma de afrouxar os limites entre razão e loucura, se estabelecendo a partir de uma crítica à linguagem enquanto veículo da verdade e do sentido. Ao invés de entendê-la como verdade ou uma unidade de sentido, Foucault propõe a linguagem transgressora enquanto uma experiência trágica do mundo⁴⁵⁹.

O trágico, a loucura e a transgressão aparecem na contemporaneidade como nível de linguagem. Loucura e literatura se articulam, portanto, como manifestações deste jogo do limite e da transgressão, e como formas de linguagem. É, portanto, neste sentido que, para Foucault, a concepção de loucura como linguagem é o que transgride as leis da razão, o que subverte a concepção de obra como obra da razão, o que aproxima de uma vez por todas loucura, literatura e obra. A obra tecida com doses de loucura seria a obra realizada a partir de uma negatividade, de uma falta, do próprio vazio, parêntese, abismo, de uma ausência fundamental de linguagem. Segundo Roberto Machado:

A literatura não é o fato de uma linguagem transformar-se em obra, nem o fato de uma obra ser fabricada com linguagem; a literatura é um terceiro ponto, diferente da linguagem e da obra, exterior à linha reta entre a obra e a linguagem, que, por isso, desenha um espaço vazio, uma brancura onde nasce a questão⁴⁶⁰.

Enquanto a loucura se constitui a partir de um total desmoronamento da linguagem, a literatura seria uma tentativa de construção desse desmoronamento, como pode ser visto no episódio da cristaleira. O escritor daria conta de fazer algo com isso, enquanto que o não-artista, o simplesmente louco, seria tragado pela avalanche da falência da linguagem e da ordem simbólica.⁴⁶¹ É como no exemplo dado por Deleuze:

Naquilo que é chamado, *grosso modo*, loucura, há duas coisas: há um furo, um rasgo, como uma luz repentina, um muro que é atravessado; e há, em seguida, uma dimensão muito diferente, que poderíamos chamar de desabamento. Um furo e um desabamento. Lembro-me de uma carta de Van Gogh. "Devemos – escrevia ele – minar o muro." Salvo que romper o muro é difícil e se o fazemos de forma muito bruta nos machucamos, caímos, desabamos. Van Gogh acrescenta ainda que "devemos atravessá-lo com uma

⁴⁵⁹ Idem.

⁴⁶⁰ Idem, p. 141.

⁴⁶¹ PROVIDELLO, G. G. D.; YASUI, S. A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 20, n.4, p.15151529, out.-dez. 2013.

lima, lentamente e com paciência". Temos então o furo e depois esse desabamento possível.⁴⁶²

Isto é, enquanto alguns fazem um furo no muro com o intuito de romper as fronteiras entre razão e não-razão, outros fazem com que o muro seja destruído e se entregam ao lado de fora⁴⁶³. É no movimento do limite e da transgressão, onde a resistência entra em jogo, que em um determinado instante algo é perdido, o limite fica para trás. E, diante do ilimitado que aparece a transgressão movida pela resistência. No entanto, se cria um novo limite, um novo assujeitamento, num processo contínuo.⁴⁶⁴

Compreendemos que TCSA (2008) não é só uma manifestação de um modo de subjetivação, mas é a produção de uma experiência trágica. Narrar e criar uma escrita a partir de experiências vividas, além de um cuidado de si na produção da vida como obra de arte, significa resistir às relações de poder.

3.3. Influências Literárias

Ao fazer uma resenha do livro *O amor é Vermelho* de Suzana Vargas⁴⁶⁵, Rodrigo escreveu:

Todo escritor é em si seu arsenal de angústias da influência à moda de Harold Bloom. Sendo assim, é normal e salutar que ao ler, entremos em contato com os precursores. Por mais nova e inventiva que seja uma lírica, no caso, a lírica amorosa, é comum associá-la a outros arquitetos das palavras de outros tempos. Normal seria dizer que puxamos um fio de ligação com os anteriores e até com os que vivem o mesmo momento. Criando, então, novos mundos que se tocam, se revelam e se mostram interligados⁴⁶⁶.

Partindo do pressuposto apontado por Rodrigo de que nenhuma ideia surge do nada, mas ao contrário, de que somos influenciados por diferentes autores, principalmente os escritores, apontamos a seguir alguns caminhos percorridos por Rodrigo, alguns autores nos quais ele mergulhou e se inspirou. O poeta tinha diálogos incontáveis com seus contemporâneos, mas chamamos atenção para as influências mais diretas apontadas pelo

⁴⁶²DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2005. P. 333-334.

⁴⁶³PROVIDELLO, Guilherme G; YASUI, Silvio. *Op. Cit.* 2013, p.1515-1529.

⁴⁶⁴ Idem.

⁴⁶⁵ VARGAS, Suzana. *O Amor é Vermelho*. Rio de Janeiro. Garamond, 2005.

⁴⁶⁶LEÃO, Rodrigo de S. Este estranho objeto de desejo vermelho. In: *Correio das artes*. Disponível em: http://cd-arts.blog.uol.com.br/arch2008-07-01_2008-07-31.html. Acesso 29/01/2015.

próprio autor: “Se devo algo, e devo muito, devo a escritores como Rubem Fonseca⁴⁶⁷, João Gilberto Noll⁴⁶⁸, Wilson Bueno⁴⁶⁹, entre outros. Eles é que me fizeram escrever. Acho que estou indo, mas muito longe deles”⁴⁷⁰.

Rubem Fonseca é um escritor conhecido no Brasil devido ao conteúdo e principalmente aos temas de seus trabalhos. Explorou seu conhecimento e prática policial para fazer de seus textos literários escárnio à moralidade burguesa, explorando características como a violência, sexualidade, irreverência, etc. Podemos ver suas marcas nos trabalhos de Rodrigo, principalmente nos contos em que narra experiências consideradas como do submundo⁴⁷¹.

Outro escritor que foi importante para Rodrigo foi Arnaldo Antunes⁴⁷². Como ele mesmo escreveu: “Gosto muito do Arnaldo Antunes, tanto como compositor como poeta”.⁴⁷³ Antunes inspirou Rodrigo em sua poesia concretista, assim como em seus aforismos, repetição e ritmos⁴⁷⁴.

Escritores franceses também foram muito apreciados por Rodrigo, dentre eles, nada mais, nada a menos que Proust⁴⁷⁵. Em um poema, nomeado *Foices*, o autor faz uma homenagem ao escritor:

⁴⁶⁷ José Rubem Fonseca (Juiz de Fora, 11 de maio de 1925) é um contista, romancista e roteirista brasileiro. Rubem Fonseca precisou publicar dois ou três livros para ser consagrado como um dos mais originais prosadores brasileiros contemporâneos. Com suas narrativas velozes e sofisticadamente cosmopolitas, cheias de violência, erotismo, irreverência e construídas em estilo contido, elíptico, cinematográfico, reinventou entre nós uma literatura noir, ao mesmo tempo clássica e pop, brutalista e sutil. É formado em Direito, tendo exercido várias atividades antes de dedicar-se inteiramente à literatura. Em 2003, venceu o Prêmio Camões, o mais prestigiado galardão literário para a língua portuguesa.

⁴⁶⁸ João Gilberto Noll nasceu em Porto Alegre, em 1946. Publicou treze livros. Recebeu inúmeros prêmios, incluindo o Prêmio Jabuti em cinco ocasiões, em 1981, 1994, 1997, 2004 e 2005. Seu romance HARMADA está incluído na lista dos 100 livros essenciais brasileiros em qualquer gênero e em todas as épocas da Revista Bravo.

⁴⁶⁹ Wilson Bueno (Jaguapitã, 13 de março de 1949 - Curitiba, 31 de maio de 2010) foi escritor, cronista e poeta paranaense. Ao longo de sua vida construiu duas obras: a sua literatura - reconhecida como uma das mais interessantes e importantes entre os escritores brasileiros dos últimos 40 anos, que lhe rendeu 16 livros - e o jornalismo - como editor de O Nicolau e colaborador em vários jornais conceituados do país. Faleceu no dia 30 de maio de 2010, na cidade de Curitiba, onde vivia desde a década de 1970.

⁴⁷⁰ KRAAP, Juliana. Rodrigo de Souza Leão fala sobre seu novo livro. Jornal do Brasil. 03/12/2008. Disponível em: <http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2008/12/03/rodrigo-de-souza-leao-fala-sobre-seu-novo-livro/>. Acesso 29/01/2015 às 03h19.

⁴⁷¹ Para saber mais consultar os contos 14 centímetros, Kinder-ovo e Retalhado. Disponíveis em: <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/>. Acesso 29/01/2015.

⁴⁷² É um músico, poeta, compositor e artista visual brasileiro. Em 1978 ingressou na FFLCH da USP, onde seguiria o curso de Linguística, abandonando pelo sucesso dos Titãs. Permaneceu durante dez anos na banda, desligando-se em 1992. Apesar de sua saída, Arnaldo continuou compondo com os demais integrantes do grupo e várias dessas parcerias foram incluídas em discos dos Titãs, assim como em seus discos solo.

⁴⁷³ <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas7.htm>

⁴⁷⁴ A influência pode ser vista em livros de poemas publicados em e-books tais como XXV Tábuas.

⁴⁷⁵ Marcel Proust (1871-1922) foi um escritor, ensaísta e crítico literário francês. Autor da obra-prima *Em Busca do Tempo Perdido*, publicada em sete volumes.

ceifando
o sol
naus
ornando
o mar
peristilos
lambem
pilastras
aprendi
arquitetura

Estes e tantos outros poetas e escritores foram fundamentais para o processo criativo de Rodrigo. Dois outros autores tem seus papéis destacados no livro TCSA: Arthur Rimbaud⁴⁷⁶ e Charles Baudelaire⁴⁷⁷. Vejamos o trecho a seguir:

Rimbaud aparece na hora dos vendavais. São ventos que o trazem e me fazem viver enrolado em um cachecol. Fuma maconha. Desmancham perto de mim as baforadas que Baudelaire dá no seu cachimbo. Ele me diz que é pai de santo. Ele me diz que tem poderes. Renova minha linguagem. Eu acredito piamente nele. Rimbaud é a tempestade. Baudelaire é vento. Um toma éter. O outro cocaína. Triste, sou apenas aquele que descobre que os remédios, coloridos engordam e fazem, cada vez mais, eu não conviver com estes meus amigos de longa data⁴⁷⁸.

Rimbaud e Baudelaire não são apenas escritores clássicos. Neste trecho, o autor os ressignifica como amigos e como alucinações. Traça-os de maneira quase folclórica, principalmente Baudelaire, por colocar adereços afros no poeta ocidental, acessórios que parecem compor o cenário de um filme, devido a tamanha desterritorialização. Rodrigo não apenas diz que Baudelaire é pai de santo, como já aproveita para pedir para ele, como se pede a deus uma benção: Renova (deus) a minha linguagem! - muda o interlocutor sem anunciar ao leitor. Escolher Baudelaire para fazer uma prece vem em decorrência do desejo de fazer uma poesia moderna, já que ele é considerado o criador, além de um tom simbolista.

As duas alucinações do personagem do livro são Rimbaud e Baudelaire e eles só tem voz através do protagonista, ou seja, o escritor traz o discurso indireto como recurso para

⁴⁷⁶ Jean-Nicolas Arthur Rimbaud (Charleville, 20 de outubro de 1854 — Marselha, 10 de novembro de 1891) foi um poeta francês. Produziu suas obras mais famosas quando ainda era adolescente sendo descrito por Paul James, à época, como "um jovem Shakespeare". Como parte do movimento decadente, Rimbaud influenciou a literatura, a música e a arte modernas. Era conhecido por sua fama de libertino e por uma alma inquieta, viajando de forma intensiva por três continentes antes de morrer de câncer aos 37 anos de idade.

⁴⁷⁷ Charles-Pierre Baudelaire foi um dos maiores poetas do século XIX, tendo influenciado decisivamente toda a poesia moderna. Rebelde, combateu a censura e a intolerância, sendo ao mesmo tempo controverso e célebre no seu tempo. Nasceu em Paris em 1821.

⁴⁷⁸ LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. 2010, p. 55.

convencer o leitor de que se tratam de uma alucinação do personagem. Assim afirma Rodrigo: “Vejo Rimbaud desde os 23 anos. Baudelaire veio mais tarde”⁴⁷⁹, “Rimbaud é tempestade. Baudelaire é vento”⁴⁸⁰. Segundo depoimentos de familiares, a única alucinação que Rodrigo teve foi alucinação olfativa, no entanto, ele apresenta o personagem como uma alucinação visual, a qual faz parte do senso comum pensar o esquizofrênico.

Não é por acaso que Rimbaud aparece quando o personagem está com 23 anos, mas porque o personagem e o escritor foram diagnosticados como esquizofrênicos justamente nesta data e mais que isso pelo fato de possivelmente Rodrigo ter conhecido primeiro a literatura de Rimbaud e apenas mais a tarde a de Baudelaire. Estes autores são não apenas alucinação do protagonista, mas uma espécie de sagrado para quem Rodrigo pedia inspiração tal como Homero, Virgílio e Camões.

Arthur Rimbaud e Charles Baudelaire são ícones da literatura ocidental, considerados como “autores malditos”. O segundo, como afirma sua biografia realizada pela editora LPM⁴⁸¹, foi boêmio, usuário de drogas e de álcool, teria sido expulso do colégio e teria seu livro – *Flores do Mal* – censurado por atentar “a moral e os bons costumes”. Foi considerado o fundador do simbolismo e um dos fundadores da poesia dita moderna. Foi um crítico da arte e, ao ser questionado sobre o que seria uma arte pura, concluiu: “É criar uma mágica sugestiva, contendo a um só tempo o objeto e o sujeito, o mundo exterior ao artista e o próprio artista”⁴⁸².

Já Rimbaud ficou conhecido pela sua vasta produção, por ter uma alma inquieta e ser um “libertino”. Teve influências comunistas e anarquistas, suas críticas a burguesia estava não apenas em seus poemas, mas no seu modo de vestir e se portar, assim como Baudelaire, Rimbaud consumia bebidas alcoólicas e usava drogas. Seu modo de transcendência poética estava no “longo, imenso e sensato desregramento de todos os sentidos”. Rimbaud teve um relacionamento homossexual com Verlaine, este tentou matar Rimbaud, por isso foi acusado de louco e foi preso. Rimbaud gostava muito de viajar, por vezes até a pé, inclusive se alistou ao exército para poder viajar para a Indonésia⁴⁸³.

⁴⁷⁹Idem, p.49.

⁴⁸⁰ Idem, p. 56.

⁴⁸¹Disponível em:http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=8. Acesso 30/01/2015.

⁴⁸²CORCI, Danilo. Vida e Obra. In: *Blogue Luso Poemas*. 17 de junho de 2002. Disponível em: <http://www.luso-poemas.net/modules/news03/print.php?storvid=1345>. Acesso 11/11/2014.

⁴⁸³ Para saber mais sobre Rimbaud e sua literatura em um contexto colonial, consultar: BARBOSA, Lohaine. J. *Rimbaud um Subalterno Híbrido em um Contexto Colonial?* Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2010.

Essas breves informações sobre os coadjuvantes da narrativa, mostram como Rodrigo estava mergulhado neste universo literário, pois ele fala não apenas da relação de Rimbaud com Verlaine, como o personagem Rodrigo adota características destes poetas, como as viagens⁴⁸⁴ que fazia, e o próprio escritor adota o estilo estético destes poetas, os quais misturam sujeito e objeto, próprio da literatura moderna e pós-moderna. Ao adotar esses personagens como coadjuvantes, Rodrigo quis mostrar que dominava este universo literário e mais que isso pretendeu se colocar entre os escritores “malditos”.

Rodrigo tem uma forte influência Nietzscheana se formos pensar a sua própria produção, principalmente no que se refere ao dionisíaco e apolíneo como conteúdo e forma. CP 1995 (2011) e TCSA (2008) são livros que fazem questão de mostrar as referências a partir das quais foi produzido. Principalmente este segundo, que vai desde referenciais musicais, literários, filosóficos, à programas televisivos, novelas, *reality shows* e a própria narrativa de pessoas que conviveram com ele.

3.4. (Des) Caminhos de uma publicação

Foi fundamental para Rodrigo a ajuda dos amigos para a publicação de seus livros. Rodrigo teve seus primeiros livros, em formato de e-books, publicados em 2001, pela editora Virtual Books. A Virtual Books é uma editora de livros online que tem baixa tiragem e publica livros com baixo custo. Rodrigo publicou dez e-books, dentre os quais estão: *25 Tábuas*, *No Litoral do Tempo*, *Síndrome*, *Impressões sob Pressão Alta*, *Na Vesícula do Rock*, *Miragens Póstumas*, *Meu Primeiro Livro que é o Segundo*, *Uma temporada nas Têmporas*, *O Bem e o Mal Divinos*, *Suorpicious Mind* e *O mar* todos publicados em 2000.

Mas durante os vinte anos que ficou em casa, essa não foi sua primeira tentativa em busca da publicação de um livro. Em 1996, quando escreveu *Carbono Pautado*, tentou publicar por várias editoras, inclusive pela Objetiva, como ele diz em uma entrevista cedida a Cássio Amaral, Rafael Nolli e Ricardo Wagner:

E o *Carbono Pautado*, mandei pra Objetiva, e a pessoa mandou uma carta pra mim dizendo o seguinte: que tinha gostado do livro e ia entrar em contado comigo, achando que eu tinha perdido a mão no meio pro fim. Aí eu

⁴⁸⁴ “Então eu viajei para a Disney e dei uma porrada no Pluto...” “Já estive no Japão. Era um lugar diferente”. “Já estive na China. Contando assim parece que viajei muito. Era um lugar muito bonito, cheio de gente”. LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros são Azuis*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008. p. 52, 53 e 54.

peguei o telefone e liguei pra Objetiva e tentei falar com essa pessoa, mas ela não quis me atender. Aí eu fiquei meio chateado com esta história, era meu primeiro livro em prosa, seria uma oportunidade de ser lançado⁴⁸⁵.

No trecho vemos que Rodrigo tentou a publicação entrando em contato com a editora, no entanto, mesmo recebendo um não como resposta não se conformou. Gostaria de justificar ou ao menos tirar satisfações com a responsável que afirmara que ele havia perdido a mão do meio para o fim. Mas a crítica feita pela responsável foi levada em consideração por Rodrigo, pois esta versão do livro tinha mais de 900 páginas. Pensando que talvez um texto longo poderia ter pesado na crítica, ele o reduziu à 270. Sobre o processo de (re)construção, Rodrigo narra:

Eu queria ser o Balzac do funcionalismo público. Contar os podres que rolavam nos bastidores do funcionalismo público. Eu tinha um chefe muito chato, toda vez que ele me sacaneava eu colocava uma suástica na minha agenda. Uma vez, caiu a agenda e eu pensei assim, vão achar que eu sou nazista. Aí, fui contando essas histórias, e estava sem revisão. Fiz a revisão, mas não consegui publicá-lo, ainda⁴⁸⁶.

Neste trecho, Rodrigo explicita que constrói o texto a partir dos elementos que constituíam o cotidiano do seu trabalho. Foram várias as tentativas de publicação. Como estava tendo dificuldades, pensou em publicar pela editora Casa do Psicólogo, pela qual seu amigo Glauco Mattoso havia publicado. Pensou que seria algo quase certo já que a narrativa justamente era constituída a partir de suas experiências psíquicas: “Pô, nada melhor que lançar um livro pela Casa do Psicólogo, não vai ter lugar que vai me acolher melhor que a Casa do Psicólogo pra eu lançar o livro!”⁴⁸⁷ Mas o resultado não foi positivo conforme esperava:

[...] eu fui renegado até pela editora do psicólogo. [...] Mande o livro. Não deu dois dias, estava de volta. Pelo menos, me devolveram o livro pra eu mandar pra outras editoras. Mas geralmente só vão pela carta-proposta.⁴⁸⁸

Seus amigos especulam as possíveis motivações para que o livro não fosse publicado em suas primeiras tentativas. Cássio Amaral⁴⁸⁹ achou que “Talvez eles não sacaram⁴⁹⁰”. Mas

⁴⁸⁵ LEÃO, Rodrigo de S. Entrevista três poetas e um poeta. Janeiro de 2007. Disponível em: <http://www.rodriodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas7.htm>. Acesso 14/06/2015.

⁴⁸⁶Idem.

⁴⁸⁷Idem.

⁴⁸⁸Idem.

tanto Rafael Nollí, quanto Rodrigo acharam que a rejeição se devia ao gênero do texto: “Eles querem é ficção⁴⁹¹”, afirmou Nollí; “Eles querem é ficção, teoria. Eles querem essas coisas, a Casa do Psicólogo⁴⁹²”, disse Rodrigo.

Sobre as possibilidades de publicação, Rodrigo narrou que, no Rio, a editora responsável em promover escritores novos era a 7 letras, enquanto “Lá em São Paulo parece que o Claudio Daniel está com uma coleção nova. Tem a Iluminuras, conheço bastante gente. Teve a Lamparina, que lançou Antônio Mariano, que é da Paraíba”.⁴⁹³ Ao que parece Rodrigo conhecia os caminhos possíveis para publicação, buscando estas editoras alternativas, que inclusive haviam publicado livros de seus amigos.

A participação de seus amigos sempre foi algo importante. Rodrigo conta que seus amigos também indicavam editoras e trocavam contatos na busca pela publicação:

Recentemente, o Horácio Costa esteve aqui, e deixei com ele dois livros, um de prosa, o *Todos cachorros são azuis* e um de poesia. Ele falou que gostou muito, e indicou para uma editora. Agora com esse projeto da Petrobrás, eu vou tentar concorrer à bolsa. Eu tenho livro com ISBN, e carta da editora. Quero ver se eu concorro. Sei que é muito difícil. Mas vou concorrer⁴⁹⁴.

No trecho supracitado, Rodrigo se refere à Seleção Pública do Programa Petrobrás Cultural 2006/2007. Rodrigo recebeu a ajuda de seus amigos, inclusive da escritora e amiga Rosa Pena, que foi quem registrou TCSA (2008) na Biblioteca Nacional para formalizar a autoria de Rodrigo, já que o mesmo não saía de casa.

Rodrigo já tinha o contato da editora 7 letras, inclusive o editor Jorge Viveiros de Castro escreveu uma nota na segunda edição do livro:

Recebi os originais da primeira versão de *Todos os cachorros são azuis* em 2003, e fiquei bastante impactado pela leitura. Na ocasião, não tínhamos condições de investir na publicação (as mesmas dificuldades de sempre para distribuição e comercialização de autores estreados), mas entrei em contato com o Rodrigo para comentar minha impressão positiva sobre o texto, tentar uma parceria para viabilizar a edição e incentivar o envio também a outras editoras maiores, pois se tratava de um dos melhores originais que já havia recebido⁴⁹⁵.

⁴⁸⁹Escritor e amigo de Rodrigo.

⁴⁹⁰LEÃO, Rodrigo de S. Entrevista três poetas e um poeta. Janeiro de 2007. Disponível em: <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas7.htm>. Acesso 14/06/2015.

⁴⁹¹Idem.

⁴⁹²Idem.

⁴⁹³Idem.

⁴⁹⁴Idem.

⁴⁹⁵ CASTRO, Jorge V. Nota do Editor. In: LEÃO, Rodrigo de S. *Op. Cit.*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2010.

Jorge Viveiros, mesmo gostando do livro, apresenta as limitações e dificuldades para publicá-lo, mas de alguma forma se comprometeu em ajudar a publicá-lo. Quando Rodrigo se inscreveu para a Seleção Pública da Petrobrás já tinha escrito grande parte de TCSA (2008) há mais de 6 anos. Rodrigo, no projeto, justifica as motivações de ter escolhido uma seleção publica para publicar seu livro:

Rodrigo de Souza Leão é esquizofrênico. Foi internado a primeira vez em 1989. De lá pra cá, seu projeto literário é escrever sobre doença mental. Pretende escrever uma novela baseada em fatos reais com a experiência que tem com a doença. Já tem boa parte do trabalho pronto. Tem um livro de poesia publicado pela editora Trema. Encontra muita dificuldade em publicar: pelo tema e a maneira como escreve⁴⁹⁶.

Quando fala sobre os objetivos do livro, como sendo para “dar maior visibilidade à questão manicomial e da loucura [pois] a doença mental é vista com muito preconceito. [e] Há poucos livros que tratam do tema por quem vive de dentro o problema”⁴⁹⁷, Rodrigo se apoia no discurso da inclusão como meio de convencer a banca avaliadora, fazendo questão de enfatiza que se trata de um ponto de vista de quem vivenciou a experiência da loucura. Não acrescenta muito na justificativa do projeto por considerar que o livro por si só daria conta de justificar a importância.

Rodrigo foi contemplado com o patrocínio e teve o prazo de 730 dias para executá-lo. O livro teve uma tiragem de 1500 exemplares e Rodrigo teve que cumprir uma série de normas para sua publicação, tais como a inserção da marca da Petrobrás, do Governo Federal e do MinC, realizar um ato de lançamento do livro, disponibilizar a obra parcial ou integralmente de forma gratuita para leitura em *site* na internet, entre outras coisas. No processo de produção do livro, Rodrigo se aproximou da editora, e depois amiga, Valeska de Aguirre. Segundo Jorge Viveiros, se falavam por telefone quase diariamente, tratando dos projetos literários de Rodrigo.

No site da Petrobrás temos o ponto de vista da empresa sobre o livro:

O livro, selecionado no edital de Criação Literária do Programa Petrobras Cultural, apresenta uma narrativa fragmentada e vertiginosa com toques de sarcasmo, crítica e humor. Dividido em quatro partes, o romance conta a história do protagonista desde a internação em um hospício até a sua saída e a fundação de uma nova religião.

⁴⁹⁶ LEÃO, Rodrigo de S. Projeto Petrobras. Disponível no acervo do autor na FCRB.

⁴⁹⁷ LEÃO, Rodrigo de S. Petrobras Apresentação. Dossiê Petrobrás. Acervo do autor (FCRB).

A escrita hábil de Rodrigo de Souza Leão permite que a leitura vá muito além da superfície e apresenta, através do ponto de vista do paciente, uma visão apurada da sociedade, família, política e o tratamento dado aos internos dos hospícios.

Permeando os pensamentos do personagem, os flashes de sua infância e adolescência aproximam ainda mais o leitor de um mundo profundo e complexo, pouco tratado na literatura com tanto talento e seriedade⁴⁹⁸.

O texto publicado no site da Petrobrás, não faz nenhuma referência à Rodrigo ser diagnosticado com esquizofrenia ou ter sido internado em uma instituição psiquiátrica, apenas afirma que a narrativa é construída do ponto de vista do paciente. Tem a preocupação de dar visibilidade a estética do texto, a criação literária, não dando tanta visibilidade ao fato de Rodrigo ser um ex-interno.

Como Rodrigo não saía de casa, seus familiares fizeram o lançamento do livro no *playground* do prédio, em Copacabana. Para o evento, foram convidados os amigos mais próximos e que foram fundamentais para esse processo. Foi um momento de satisfação para ele, não só pela conquista da publicação, mas porque foi uma tarde de encontros. Naquele dia Rodrigo conheceu pessoalmente muitos amigos que faziam parte de sua rotina, dos seus telefonemas, foi uma espécie de concretização, aquela tarde de autógrafos. Dentre eles estavam Márcio-André, Jorge Viveiros, Valeska de Aguirre, Cristina Carriconde, etc.

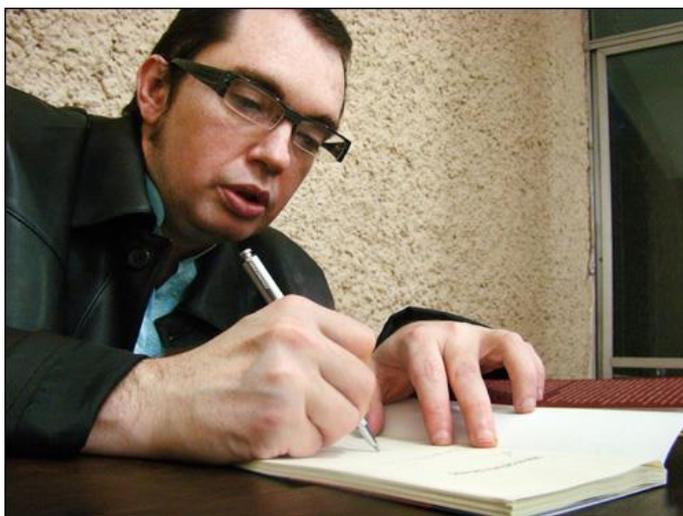


Figura 8: Rodrigo de Souza Leão autografando Todos os Cachorros são Azuis. ⁴⁹⁹

⁴⁹⁸PETROBRÁS. Projetos Patrocinados. Livro "Todos os cachorros são azuis", de Rodrigo Souza Leão. Disponível em: <http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/projetos/27/179>. Acesso: 14/06/2015.

⁴⁹⁹ Copyright: Cristina Carriconde. Disponível em: <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/> Acesso 17/06/2015 às 22h30.



Figura 9: com o poeta Márcio-André – e touca de pólo aquático.⁵⁰⁰

Na imagem 4 vemos a expressão de uma piada interna de André e Rodrigo, e este quis registrar o a foto ao lado de Marcio André vestindo uma touca de natação porque se tratava de uma piada dos dois. Sobre o episódio Márcio André escreveu: “A touca se referia a uma piada interna, surgida nas conversas por telefone, a respeito do trecho de um livro meu e a foto viria a ser o único registro do encontro⁵⁰¹”. As fotos do lançamento foram tiradas pela fotografa e amiga de Rodrigo Cristina Carricone⁵⁰². Cristina também conta como ela e Rodrigo se tornaram amigos:

Trocamos mais mensagens, alguns telefonemas e fui até a casa dele. Nessa ocasião registrei a foto que está na primeira edição do livro *Todos Os Cachorros São Azuis*. Depois disso tivemos longas conversas por telefone. Fui ao lançamento do livro e retornei com um cachorro azul de pano de presente para ele. Ficamos amigos. A foto do livro foi também um presente e, em retribuição, ganhei a tela O Punk. Eu já conhecia a pintura do blogue. Tinha virado uma visitante assídua.

No site do autor estão disponíveis as fotos do lançamento do livro, podemos ver a participação de seus amigos e parentes e exposição dos seus quadros, já que tinha pintado.

⁵⁰⁰Disponível em: <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/> Acesso 17/06/2015 às 22h30.

⁵⁰¹ ANDRÉ, Márcio. Sem Título . In: LEÃO, Rodrigo de S. Do poeta Márcio-André. Rodrigo de Souza Leão página do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/RodrigoAntonioLeao>. Acesso 17/06/2015 às 22h29.

⁵⁰² Cristina Carricone (Pelotas/ RS) é fotógrafa, formada em Comunicação Social – Jornalismo. Amiga de Rodrigo de Souza Leão.



Figura 10: com o poeta Franklin Alves Dassié⁵⁰³



Figura 11: Rodrigo com Maria Dulce, Bruno e Tia Rita.⁵⁰⁴

⁵⁰³ Idem.

⁵⁰⁴ Idem.



Figura 12: Sem legenda⁵⁰⁵



Figura 13: com a escritora Rosa Pena, em sua casa. ⁵⁰⁶

Rodrigo escreve no seu blogue em 2008 sobre o lançamento do seu livro:

⁵⁰⁵Idem

⁵⁰⁶Disponível em: <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/>.

O lançamento do livro foi bem legal. Amigos presentes, família e etc. Fiquei calmo dentro de minha tensão e tudo correu bem. A fotógrafa Cristina Carricone foi me prestigiar e tirou algumas fotos. Em breve serão postadas aqui. Obrigado a todos que estiveram presentes. O livro agora está à venda no site da 7Letras: http://www.7letras.com.br/detalhe_livro/?id=691
Inclusive há uma resenha escrita por Daniel Lopes sobre meu pequeno livro. Coisa boa: NÃO PRECISEI TOMAR RIVOTRIL OU LEXOTAM. TINHA-OS NO BOLSO⁵⁰⁷.

Rosa Pena não estava no lançamento de TCSA, no entanto trouxemos uma foto dela, pois ela era uma grande amiga de Rodrigo. Silvana Guimarães era outra amiga de Rodrigo. Na época do lançamento, já se conheciam há dez anos. Conheceram-se numa lista fechada de e-mail especificamente de literatura, que foi extinta em 1999. Em um depoimento Silvana narrou como ela e Rodrigo se aproximaram: “Quando enviou o arquivo do texto para a lista, ele se confessou disléxico e pediu que alguém fizesse a revisão. Eu fiz, ele gostou muito, passamos a conversar mais em e-mails privados, depois, ao telefone”.⁵⁰⁸ A fala de Silvana mostra não apenas a amizade que desenvolveram, mas a colaboração entre os escritores. Em razão da dislexia, como afirma a escritora, ou talvez por causa dos remédios que tomava, os textos de Rodrigo precisavam de revisão, o que se tornava possível por meios de círculos literários.

Silvana Guimarães foi uma amiga constante de Rodrigo. Ela estava presente (via telefone) quando os policiais invadiram a casa dele antes da segunda internação psiquiátrica⁵⁰⁹, ela constantemente lia seus textos e foi ela também que deu uma das notícias mais comoventes para Rodrigo: “[...] Como no dia em que soube que TCSA (2008) fora selecionado pelo Programa Petrobras Cultural ou que ficara entre os 50 finalistas do Prêmio Portugal Telecom, edição 2009 (fui eu quem deu a notícia)”⁵¹⁰.

⁵⁰⁷ LEÃO, Rodrigo de S. Dia 18 no Play. Blogue *Lowcura*. Disponível: <http://lowcura.blogspot.com.br/search?updated-min=2008-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2009-01-01T00:00:00-08:00&max-results=50>. Acesso 05/05/2016.

⁵⁰⁸ GUIMARAES, Silvana. Depoimentos In: SÁ, Juliana M. S. Ficção e Arte à Beira-morte: Estudo Lítero-Visual da Obra de Rodrigo de Souza Leão. Dissertação submetida à banca avaliadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, 2014.

⁵⁰⁹ eu estava falando com o Rodrigo ao telefone, quando policiais arrombaram a porta do seu apartamento para levá-lo a [sic] uma clínica psiquiátrica, onde seria internado pela segunda vez. Ele, no Rio de Janeiro, com a polícia em seu quarto; eu, em Belo Horizonte, aflita, ouvindo o que se passava por lá.

Tive que conversar com um oficial, bastante gentil, que me garantiu que ele seria muito bem tratado. Rodrigo voltou ao telefone, despediu-se de mim, desligou e foi. Eu, então, desmoronei (só tive sossego quando conversei mais tarde com Maria Sylvia, sua mãe). GUIMARAES, Silvana. Depoimentos In: SÁ, Julinana M. S. Ficção e Arte à Beira-morte: Estudo Lítero-Visual da Obra de Rodrigo de Souza Leão. Dissertação submetida à banca avaliadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, 2014.

⁵¹⁰ GUIMARAES, Silvana. Depoimentos In: SÁ, Juliana M. S. Ficção e Arte à Beira-morte: Estudo Lítero-Visual da Obra de Rodrigo de Souza Leão. Dissertação submetida à banca avaliadora do

Rodrigo se classificara entre os 50 finalistas do Prêmio Portugal Telecom edição de 2009, concorrendo com escritores como Saramago. Sobre tal classificação Jorge Viveiros escreveu:

Alguns meses depois, veio o anúncio da indicação da obra entre os 50 finalistas do Prêmio Portugal Telecom. O livro dele foi citado especificamente (em meio a nomes de alguns dos mais consagrados autores de língua portuguesa) como um sopro de renovação e originalidade na literatura brasileira, na noite em que os concorrentes foram anunciados. No dia seguinte, liguei para o Rodrigo – que a essa altura andava saindo mais de casa, fazendo um curso de pintura no Parque Lage – para comentar a boa notícia. Durante o telefonema ele se emocionou bastante, ficou com a voz embargada e consegui dizer apenas: “é muito sofrimento”. Repetiu a frase e não conseguiu dizer mais nada, talvez eu mesmo tenha ficado sem palavras antes de desligarmos⁵¹¹.

Em uma entrevista, quando Ramón Nunes Mello questiona Rodrigo sobre sua lucidez, este afirma que não é lucidez, mas excesso de sofrimento. De algum modo, depois de anos tentando publicar, buscando reconhecimento, Rodrigo conseguia publicar, bem como se classificar entre os cinquenta melhores escritores em um dos maiores prêmios de língua portuguesa. Para Rodrigo também foi o início de muitos outros projetos literários. Segundo Cristina Carriconde:

Falamos muito sobre os livros que ainda iam ser escritos. Ele dizia que precisava de um certo número de anos para viver, porque tinha alguns livros para lançar. Não queria viver muito, mas precisava viver mais para cumprir essa meta. Era vaidoso e não gostava da ideia da velhice física⁵¹².

A primeira edição de TCSA esgotou em menos de dois anos de publicação e teve uma nova edição pela mesma editora (7 letras) em 2010. Em 2011 o livro foi traduzido para o espanhol e para o inglês, ganhando reconhecimento internacional.

Em 2011, dois anos depois da morte de Rodrigo, o livro foi transformado em peça teatral (TCSA) produzida por Ramon Mello e dirigida por Michel Bercovitch. O livro serviu de inspiração para a produção de um espetáculo de dança chamado *Mosaicos Azuis*, interpretado por Januária Finizola⁵¹³. Sabemos, também, que o livro tem sido utilizado como

Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, 2014.

⁵¹¹CASTRO, Jorge V. Nota do Editor. In: LEÃO, Rodrigo de S. Todos os Cachorros são Azuis. Rio de Janeiro: 7 letras, 2010.

⁵¹²CARRICONDE, Cristina. Depoimentos In: SÁ, Julinana M. S. Ficção e Arte à Beira-morte: Estudo Lítero-Visual da Obra de Rodrigo de Souza Leão. Dissertação submetida à banca avaliadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, 2014.

⁵¹³FINIZOLA, Janaina. Mosaicos Azuis.

material de reflexão sobre o saber psiquiátrico na UFRJ, sob coordenação da psiquiatra Silvia Jardim e está em processo de produção um longa-metragem intitulado *Azuis*, baseado no livro, produzido e interpretado por Cauã Reymond.

Em 2011 também foram publicadas em formato impresso três obras inéditas de Rodrigo, todas pela editora Record: *O Esquizoide: O Coração na Boca*, *Me Roubaram uns dias Contados* e *Carbono Pautado*. Somente este último fora publicado em formato digital em 2000. Rodrigo tentara publicar o segundo destes pelo incentivo da Petrobras, assim como ocorrera com *Todos os Cachorros são Azuis*, no entanto não teve sucesso. Para a ampla divulgação da obra do Rodrigo bem como a publicação dos livros inéditos foi fundamental o trabalho de curadoria de Ramon Mello. Em 2014, o livro *Carbono Pautado* foi classificado entre os dez melhores pelo Prêmio Jabuti de Literatura Brasileira⁵¹⁴. A história de Rodrigo não se encerrou na tarde de autógrafos, como vemos, ainda que este tenha sido um momento muito importante para ele.

⁵¹⁴ s/autor. Prêmio Jabuti anuncia finalistas da primeira fase. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/premio-jabuti-anuncia-finalistas-da-primeira-fase-10020282>. Acesso 05/05/2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Escrever é um caso devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido”, afirmou Deleuze.⁵¹⁵Neste sentido, não dizemos que este trabalho está pronto ou que acabou. Ele é apenas uma versão das tantas possíveis que poderia vir a luz por nós mesmos ou por qualquer outro pesquisador. Depois de tantas leituras, análises, revisões nos sentimos como se estivéssemos apenas começando. Há tantas coisas que gostaríamos de abordar: são inquietações, problemas teóricos, filosóficos e dilemas existenciais que desenvolvemos ao longo desse percurso.

Dois anos são pouco tempo para desenvolver e enfrentar um problema de pesquisa, conjugando com um corpus documental diverso e teorias complexas. Trata-se de um trabalho de bastante fôlego que exige bastante do pesquisador. Isto quando o pesquisador não se coloca a prova. Porque quando se coloca a prova pode ser que acabe considerando que seja impossível dar um fim ao seu trabalho, já que dar-lhe um fim representaria dar um fim em si mesmo. Por outro lado, o pesquisador pode considerar seu trabalho um equívoco, apresentadas as distorções entre problema filosófico e problema existencial, ou pode parar em um consultório psiquiátrico, já que a questão é que a vida não tem sentido. Dito assim parece um pouco cruel, mas há uma positividade na vida, desde que ela seja um constante processo de criação.

Este trabalho funcionou como um duplo, por meio do qual é possível ver os modos de subjetivação vivenciados não só por Rodrigo, mas também os modos vivenciados por nós. De modo algum este trabalho é uma reflexão acabada, por vezes temos que estabelecer limites, parar de escrever, devido aos prazos, mas uma dissertação nunca é um trabalho pronto, ela é sempre um processo, não tem um fim, mas engendramentos.

Seria possível pensar este trabalho como uma história das subjetividades. Mais que investigar determinadas fontes e criar um passado a partir delas, analisamos como um sujeito, a partir de suas múltiplas experiências, cria sentidos e novos modos de viver e esses modos de viver específicos estão determinados pelas subjetivações dispostas no meio em que vivia, neste determinado período histórico. Isto é, este sujeito louco que escreve e que é reconhecido como autor só é possível a partir da forma que a sociedade está organizada e partir das mudanças de pensamento. Rodrigo se transforma o tempo todo, mas essas transformações

⁵¹⁵ DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997, p.11.

dizem respeito não apenas a ele individualmente, mas as próprias mudanças de pensamentos e estruturas do meio em que ele vive. Por mais que tenhamos dialogado com a literatura, com a psicologia e a linguística, o trabalho aqui apresentado é o resultado de uma pesquisa histórica, pois buscamos investigar um sujeito em suas múltiplas relações. Construimos assim, uma história das subjetividades, pois buscamos perceber os modos que Rodrigo se reconhecia a partir de subjetivações e identificações.

A loucura é uma experiência singular. Há a dimensão da exclusão como apontou Foucault, mas não é só isso. Existe a dimensão do cuidado, não apenas de si, mas dos familiares com o próprio louco. E tem a dimensão do universo psíquico. A nossa psique é tão misteriosa quando o sentido da vida, as dimensões de Andrômeda, ou as profundezas do mar, como alguém ousaria dizer sobre a loucura do outro? O que analisamos foi o que Rodrigo transformou em linguagem e certamente isso é bem pequeno diante de tudo o que via e sentia. Nunca tivemos a pretensão de narrar sua existência, mas procuramos contar algumas dimensões de processos de subjetivações vivenciados por um ser que a modernidade nos fez chamar de sujeito, aquilo que não passa de um amontoado de células, elétrons, neutros e prótons, amontoados de crenças, coleções de memórias, experiências e discursos. Buscamos compreender como Rodrigo buscou construir um sentido e uma ética para sua existência.

Chamamos Rodrigo ao invés de Souza Leão porque escolhemos estabelecer uma maior relação de proximidade entre objeto de pesquisa e pesquisador, assim como leitor e escritor. Embora este seja um trabalho acadêmico e existam algumas regras que ordenam este tipo de discurso, buscamos ao longo deste trabalho alargar as fronteiras estabelecidas, pensando o trabalho acadêmico como um discurso que não precisasse ser tão restrito, alcançando um público maior, por isso criamos metáforas e comparações com o objetivo de nos aproximarmos de uma linguagem mais literária, uma linguagem mais leve.

Michel Foucault chamou de homens infames pessoas que sem fama (loucos, criminosos, doentes...) conseguiram resistir as relações de poder e manifestaram, mesmo que por meio destas próprias relações, seus posicionamentos, sentimentos e sentidos. Rodrigo foi alguém que a princípio resistiu ao diagnóstico, mas depois o aceitou e ressignificou. Ele percebeu que poderia criar novos sentidos de existência por meio da arte e essa mesma arte alterou como as pessoas ao seu redor pensavam o “louco”. Ele era um louco que produzia, que criava, que mudava a sua realidade dentro de suas limitações. Tornou-se famoso pela sua literatura e pela maneira que lidou com a esquizofrenia.

Não estamos dizendo que tudo o que Rodrigo produziu decorre da loucura, isto seria um equívoco, estamos dizendo que esta produção serviu como um exercício de poder viver com a experiência da loucura ou com o diagnóstico. Ao longo destas páginas procuramos mostrar como Rodrigo transformou sua vida em obra de arte e para isto foi fundamental tanto a experiência da loucura quanto da literatura.

Para fazer de si obra de arte, Rodrigo estabeleceu regras e estabeleceu um cuidado. Se tratam de exercícios praticados diariamente a fim de tornar-se autor de sua própria vida. Uma das formas encontradas por ele foi a escrita de si. A escrita de si funcionou como um cuidado, um cuidado de si, mas também um cuidado com o outro. Ao escrever sobre si, Rodrigo tentou controlar a própria vida, obedecendo regras que ele mesmo estabeleceu, construindo sentidos para as suas ações e pensamentos. Fundamentalmente, escreveu para expandir, para não se limitar as relações estabelecidas e os modos de vida impostos. Sua loucura e sua razão atravessaram a sua escrita. Esta não foi apenas um meio de sair fora dessas relações, mas também um meio de se reconstituir socialmente, de reivindicar um papel social para além do da loucura.

No processo da escrita de si Rodrigo poderia ver mais que agentes o perseguindo, mais que um japonês o atingir com uma zarabatana, mais que um *chip* implantado ou o fato de ter engolido um grilo, mesmo falando disso o tempo todo. Ele precisou ler, conversar e discutir. Ele bebeu em diferentes autores para formar seu processo criativo. Foi por meio da escrita de si que ele, um sujeito considerado louco, que ocupa poucos lugares, encontrou um papel social, papel de escritor. É na arte, mais especificamente na literatura, que o discurso da loucura ganhou espaço.

No primeiro capítulo buscamos delinear quem foi Rodrigo a partir de suas múltiplas experiências e subjetividades, tendo como ponto de partida as primeiras décadas de sua existência. Percebemos que sua afinidade com a música e a poesia fizeram com que se identificasse com o rock, um estilo musical e um estilo de vida aderido por alguns jovens na década de 1980. Neste período, por meio de influências políticas de sua família conseguiu um trabalho em uma estatal, no entanto, não se adequou aquela realidade, desenvolvendo naquele ambiente um sentimento de perseguição que acarretou a sua primeira grande crise, a internação e o diagnóstico de esquizofrenia.

Tivemos como intuito compreender o que significava o diagnóstico naquele período específico e discutimos como a reforma psiquiátrica e os elementos que a cercam, como a opinião pública, a constituição de direitos, além da guinada subjetiva na historiografia e a

própria história vista de baixo⁵¹⁶ fizeram com que se lançassem novos olhares para sujeitos considerados loucos, fazendo com que se efetivassem mudanças nas práticas do tratamento psiquiátrico, no reconhecimento da cidadania e na constituição de uma nova sensibilidade sobre a loucura.

Na segunda parte do 1º capítulo escrevemos sobre sua primeira internação a partir das mais variadas fontes. Esse exercício foi muito difícil uma vez que Rodrigo não se preocupou em delimitar uma cronologia, nem uma “verdade”, então ele misturou fatos das duas internações em suas narrativas, relatou experiências que outras pessoas viveram como se ele as tivesse vivido, criou, inventou, ressignificou os acontecimentos. Por algumas pistas que deixou, como cenas que descreveu ou adjetivos com que caracterizou ambientes, como “cubículo” e “Carandiru”, percebemos a construção de significados sobre a instituição psiquiátrica e suas práticas terapêuticas.

Apresentamos, por meio das narrativas de Rodrigo alguns procedimentos básicos realizados pela instituição quando ele foi internado: o isolamento, a medicação, a liberdade gradual. Rodrigo criticou o tratamento psiquiátrico, mas não defendeu sua abolição, pois quando alguém, como ele, atravessava períodos críticos considerava fundamental para que a crise de uns não pusesse em risco a vida de outras pessoas.

Rodrigo traz concepções que não se restringem ao universo da loucura. Fala da loucura, da questão social da loucura, mas também dos problemas existenciais que rege o mundo dos não-loucos como quando fala sobre a liberdade. Assim percebemos que não estabelece explicitamente uma fronteira entre os loucos e os normais, mas um trânsito, muito mais marcado por uma questão identitária do que do próprio diagnóstico em si.

No segundo capítulo apresentamos os conflitos e as subjetivações vivenciadas por Rodrigo depois do diagnóstico. No primeiro momento ele não aceitou o diagnóstico, manteve sob sigilo a ponto de começar a mencionar sobre o assunto, literariamente, cerca de sete anos depois.

Aposentado pelo INSS e sem sair de casa começou a ler com mais frequência como uma forma de ocupar-se, e, a partir das práticas de leitura, começou a escrever. Essas práticas foram entendidas por nós, a partir de Foucault, como um cuidado de si, dando para sua vida um valor estético

⁵¹⁶ Afirmamos “história vista de baixo” não como uma escola historiográfica específica, mas como uma marca, não só na historiografia, mas do pensamento intelectual e político que coloca em evidencia sujeitos que historicamente foram marginalizados.

Por meio da produção literária Rodrigo conheceu pessoas, alguns deles autores que vieram a se tornar seus amigos. Isto foi positivo no processo de reconstrução de si, foi um meio de não se sentir completamente sozinho. Rodrigo criou laços com esses escritores por meio do telefone e da internet, pois não saía de casa. A internet não foi apenas um modo de se relacionar afetivamente, mas também, profissionalmente, através da literatura, mas também do jornalismo.

Neste contexto, Rodrigo criou inúmeras plataformas virtuais que hoje compreendemos como blogue, nas quais compartilhava poesias suas e de escritores próximos, participava do editorial de revistas literárias e concorria a prêmios literários. Por essas plataformas não estarem mais disponíveis na internet e por essa dissertação não ter a preocupação de analisar apenas a escrita online, optamos por dar visibilidade apenas ao seu blogue *lowcura*, no qual começou a escrever em 2006 e só parou quando morreu, e a algumas revistas nas quais publicava.

No terceiro capítulo discutimos a segunda internação de Rodrigo. Depois da primeira internação, da reelaboração do diagnóstico e da segunda internação Rodrigo assumiu a identificação de esquizofrênico, isto é, a classificação médica passou a ser um referencial identitário. O processo de transformar um diagnóstico em identidade decorreu justamente da experiência que teve. Em sua segunda internação Rodrigo conheceu Sabah, um músico que havia sido internado pelo uso de substâncias ilícitas. Rodrigo durante muito tempo queria ter sido músico, percebendo Sabah como artista e em sua mesma condição, “louco”, Rodrigo criou uma identificação, como se finalmente tivesse encontrado uma linguagem para dizer quem era.

A experiência que teve nesta internação foi muito diferente da primeira, pois teve acesso a lugares da instituição que não tinha antes, como a biblioteca, o pátio, lugares e práticas de leitura, de interação com outros internos que não lhe foram possíveis na primeira internação e o resultado foi que ele teve uma nova experiência da internação. A partir dessa experiência Rodrigo reelaborou o diagnóstico assumindo-o como identidade. Saiu da clínica psiquiátrica e em 40 dias escreveu TCSA (2008) que é onde pela primeira vez “assume” o diagnóstico por meio do personagem autobiográfico. Depois da segunda internação, passou a contar para todos os seus amigos e pessoas próximas que era esquizofrênico e o resultado foi que grande parte deles se afastaram.

Por isso Rodrigo criticou a forma com que a diretoria Glória Perez representou o personagem esquizofrênico Tarso, em *Caminhos das Índias*, pois acreditava que ele reafirmava o preconceito existente no que se refere aos doentes mentais:

Portanto, não estou aqui para fazer um panegírico contra a obra de Glória Perez. Ela acertou quando colocou o Tarso vestindo roupas normais. Sentindo frio. Tendo uma vida normal até entrar em crise. Mas errou muito quando colocou o esquizofrênico dando dois tiros no outro personagem que ele achava que o estava perseguindo. Tudo bem que a autora quis dizer que um esquizofrênico sem tratamento pode até matar. Todo mundo pode matar. O que mais se vê nos dias de hoje é gente matando gente. Gente dita normal matando gente dita normal. Será que o povo que assiste televisão (não quero subestimar ninguém, mas venhamos e convenhamos) vai entender que se tratava de um ser humano descontrolado e sem remédios? Será que remédios, apenas, teriam evitado a agressão? Se as pessoas já tinham preconceito contra os doentes mentais, vão ter mais preconceito agora⁵¹⁷.

Rodrigo via nos discursos representações do que seria o louco. Sua preocupação no momento em que escreveu a carta foi justamente o que as pessoas pensariam dele. No entanto, ele rompeu mais uma fronteira e meses mais tarde passou acreditar que ele poderia matar alguém. Ele se viu no personagem esquizofrênico representado. E, por não querer matar qualquer pessoa pediu para se internado pela terceira vez.

Quando Rodrigo recebeu a notícia de que TCSA (2008) estava concorrendo ao prêmio, é como se o sentido de sua existência tivesse sido confirmado e assim pudesse morrer de forma bela, uma vez que a vida já não lhe trazia grandes contentamentos devido o agravamento dos sintomas. Em uma entrevista sua irmã Maria Dulce narra sobre as sensações que Rodrigo estava manifestando:

No final dele, realmente ele estava sofrendo muito, ele não podia mais ouvir “boa noite” seis horas da tarde [hora do jornal] ele tinha que se esconder no quarto dele, aí ele tinha milhões de cigarros [...] ele botava tudo na boca e falava que era filho dos deuses [...]
“Cheiro, cheiro, cheiro de merda, sabe o que é sentir cheiro de merda o dia inteiro? Não aguento mais, isso não é vida”, ele falava assim, ele dizia “vem do computador? Vem de onde esse cheiro?” Ele estava desesperado entendeu? A gente dizia que não sentia, “vamos no médico, vamos fazer ressonância magnética para ver se existe esse tal negócio [chip] que botaram em você”⁵¹⁸.

⁵¹⁷ LEÃO, Rodrigo de Souza. Os Donos da Loucura. *Revista Germina*. Junho de 2009. Disponível em: http://www.germinaliteratura.com.br/2009/naberlinda_rodrigodesouzaleao_jun09.htm. Acesso 14/04/16.

⁵¹⁸ LEÃO, Maria D. de S. Entrevista [07/05/2014]. Acervo da autora. Entrevista concedida a Thamara Parteka.

Diante desses sintomas e sensações e devido o conflito que teve com o personagem da Glória Perez, ele pediu para ser internado. Vejamos a seguir a narração que Maria Dulce faz do episódio:

[...] e ele deixou uma carta, né? Eu estava com ele, eu que levei ele para a clínica, ele foi bem, quando estava lá em baixo, foi complicado, ele foi dizendo que estava passando muito mal, passando muito mal, já estava a ponto de fazer uma besteira. Ele já tinha recebido [a notícia], né? Que ficou entre os cinquenta finalistas [do prêmio Portugal Telecom], já tinha recebido a notícia e como, tipo assim, cara [pensou] já posso morrer, tipo assim, veio aquele alívio assim, porque ele tinha aquele, aquela vaidade de artista, de escritor, ele tinha, ele tinha muita vaidade, queria ser conhecido, queria ser [...] ele foi rejeitado 18 vezes ele quase morreu do coração quando ele soube [da classificação], aí passaram alguns dias e ele começou a passar mal, ter histerias demais, aí teve o problema da novela da Glória Perez, também afetou um pouco ele, as histerias aumentaram aí ele chegou para mim eu estava lá [no apartamento dos meus pais] e...sempre que ele chegava lá eu tirava muita foto dele, tirava dos quadros, a gente pintava juntos e tal... a gente pintava, ele adorava que eu fosse. [...]

Aí ele passou, aí ele pediu [para ser internado], eu falei para o meu pai... [mas ele disse] “não, não ele está bem, dias internado... vamos passar todos juntos no natal”. Aí eu estava no banheiro escovando os dentes e ele [Rodrigo] entrou. Ele disse “papai vou fazer uma besteira”, daí ele falou “então está, vem vamos botar, vamos pagar até um quarto particular para ele”. Lá embaixo é bonito, daí ele não precisa ficar na... na ala do convênio, que não é tão ruim assim, mas no quarto é mais tranquilo tem individual e tal, no convênio são duas pessoas... Aí fui lá, ele falou assim “não, você vai comigo”, aí ele falou assim mamãe e papai estão lá na frente para preencher os dados. Daí eu fui de taxi com ele porque ele não quis ir com os meus pais, aí eu falei “pô, vou fazer uma malinha para você colocar um edredom, seu travesseiro, né? Essas coisinhas que pode levar, né? Porque nem tudo pode levar, daí “ah tá põe o que você quiser na mala, [...] eu ia para Foz no dia seguinte, “tenho algo escrito no *word* quando você chegar você abre”, era uma carta que ele tinha escrito né⁵¹⁹.

Rodrigo é internado pela terceira vez na Clínica da Gávea, desta vez por vontade própria. A representação do personagem esquizofrênico e assassino na novela fez com que uma crise se agravasse, junto a outros sintomas e sentimentos que estava sentindo. Tendo consciência que teria um surto pediu para seus familiares internarem-no. Seus pais a princípio rejeitam o pedido, mas sua irmã o levou até a instituição. Ele deixou uma carta de despedida:

Papai, Mamãe, Bruno e Dulce,
Vocês sabem muito bem que a minha vida não foi fácil. Sofreram muito, sofremos juntos. Sofremos nós. Eu gostei da vida e valeu a pena. Muito obrigado por terem me ensinado tudo. Amo muito vocês todos. Tomara que exista a eternidade. Nos meus livros, na minha música, nas minhas telas. Tomara que exista outra vida. Esta foi pequena para mim. Está chegando a hora do programa terminar. Mickey Mouse vai partir. Logo nos veremos de

⁵¹⁹LEÃO, Maria D. de S. Entrevista [07/05/2014]. Acervo da autora. Entrevista concedida a Thamara Parteka.

novo. Nunca tenham pena de mim. Nunca deixem que tenham pena de mim. Lutei. Luto sempre. Desculpem-me o mau humor. É que tudo cansa. Kkkkkk...⁵²⁰

Percebemos na carta de Rodrigo o mesmo estilo de escrita de TCSA, pitadas de ironia, humor, drama e tragédia. Isto é, percebemos que as duas obras vida e literatura se confundem. Ao longo de sua vida Rodrigo mostrou que buscou lutar de distintas formas para sobreviver e para isso nunca se fez de vítima. A carta de despedida, a constante ideia de suicídio manifesta em seus quadros e poemas dão indícios de que Rodrigo teria provocado a própria morte. Como afirmou seu pai: “Suicídio era uma coisa sempre presente na vida dele”⁵²¹.

Talvez Rodrigo tenha mergulhado na grande questão apontada por Camus⁵²²: se a vida não te satisfaz por que você não se mata? E foi o que ele fez. No caso de Rodrigo ele não se matou com as próprias mãos, ele criou uma estratégia e “fez” com que o excesso de medicamentos o matassem. O pai de Rodrigo questiona:

Eu sei que ele queria morrer. É como diz Alberto [...] o suicídio. O problema filosófico que mais se questiona no mundo. Acho que é o direito supremo de uma pessoa seguir sobre sua vida ou não. Se quer ou não viver. Eu penso assim, entendeu. Você vê na cultura japonesa o suicida é uma coisa mais ou menos [...]. Se não está gostando da vida, tapa na cara⁵²³.

Essa foi a última internação de Rodrigo porque saiu da instituição morto. Os pais de Rodrigo em uma entrevista a nós concedida descrevem:

Ela foi lá e viu o Rodrigo morto. Todo empacotado, né [...] estava com o rosto bem tranquilo e ele morreu com remédios demais, mas quem provocou esse remédio de mais foi ele mesmo. Porque na véspera, eu fui lá, levar. Eu dei cinquenta reais para o enfermeiro porque ele estava numa solitária. E, e a roupa, porque precisava trocar, estava levando fraudada. Ai, eu, lá de baixo, ele [Rodrigo] não me deixou entrar. Ele disse que ele estava gritando sem parar. Mas não era gritinho, aaa, era para incomodar. Ele queria ser morto. Ai o advogado era um negócio trágico? Cômico. Era dramático, né! Tinha um advogado lá que começou a pegar assinaturas para que ele fosse transferido do local onde estava. Porque estava incomodando demais. Ele não era agressivo. Eu vi ele lutando com o enfermeiro [...] Assim, eu sou médico. Ai chega o enfermeiro e diz, olha o leio 42 está muito agitado. Ai automaticamente, o enfermeiro [dá os remédios]. Aí daqui duas horas

⁵²⁰LEÃO, Rodrigo de S. Cronópios. Disponível em: <http://www.cronopios.com.br/content.php?artigo=10166&portal=cronopios>. Acesso 17/04/2016. A carta foi escrita um mês antes da última internação.

⁵²¹LEÃO, Antônio, LEÃO, Maria S. L. Entrevista [06/05/2014]. Acervo da autora. Entrevista concedida a Thamara Parteka.

⁵²²CAMUS, Albert. O mito de Sísifo. Rio de Janeiro: Guanabara, 1942.

⁵²³LEÃO, Antônio, LEÃO, Maria S. L. Entrevista [06/05/2014]. Acervo da autora. Entrevista concedida a Thamara Parteka.

continua agitado, volta lá e dá. Aí eu conversei com o cardiologista, ele disse que a super dosagem desses neurolépticos pode provocar parada cardíaca⁵²⁴.

Nietzsche, Sade, Van Gogh e tantos outros artistas que em algum momento foram considerados loucos tiveram um fim trágico, como o de Rodrigo. No entanto, esses sujeitos loucos e infames tinham um projeto de vida, uma estética que ultrapassava a própria existência. A morte não seria um fim, mas uma transcendência. Matar-se significa resistir as relações de poder, resistir a moral socialmente imposta, para construir um novo modo de existência, adquirindo uma autonomia e uma liberdade alcançada por aqueles que com coragem decidiram ser os donos de sua própria vida, ditar as regras a ponto de decidirem não mais viver.

Há muito de tristeza nesta escolha, mas também realização. O suicídio é um ritual de honra em muitas culturas, uma forma de preservar sua integridade e seus valores. Sêneca⁵²⁵ discorria sobre os homens honrados que eram aqueles que além de seguir um modo de estoico e equilibrado de vida, pensavam na morte e nas formas que gostariam de morrer, para que ela acontecesse de modo heroico, para que toda a existência do sujeito tivesse tido algum sentido e, finalmente, para que pudesse dizer que sua vida teve uma existência bela. Terminamos este trabalho com uma poesia de Rodrigo que fala justamente sobre a brevidade da vida e a grandiosidade da arte: “Tudo é pequeno/ A fama/ A lama/ O lince hipnotizando a iguana/ O que é grande/ É a arte/ Há vida em Marte.”⁵²⁶

⁵²⁴LEÃO, Antônio, LEÃO, Maria S. L. Entrevista [06/05/2014]. Acervo da autora. Entrevista concedida a Thamara Parteka.

⁵²⁵ SÊNECA, Cartas Filosóficas. EPUB. Disponível em: <https://seminariofilantunc.files.wordpress.com/2013/11/seneca-lucio-anneo-cartas-filosoficas.pdf>. Acesso 05/05/2016.

⁵²⁶ LEÃO, Rodrigo. Tudo é pequeno. Blogue Lowcura. Disponível em: <http://lowcura.blogspot.com.br/>. Acesso 05/05/2016.

BIBLIOGRAFIA

FONTES:

a) Entrevistas:

ANDRÉ, Márcio. “Sem Título”. In: LEÃO, Rodrigo de S. *Do poeta Márcio-André*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/RodrigoAntonioLeao>>. Acesso em 17 de junho de 2015.

CASTRO, Jorge V. “Nota do Editor”. In: LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2010.

CARRICONDE, Cristina. “Depoimentos”. In: SÁ, Julinana M. S. *Ficção e Arte à Beira-morte: Estudo Lítero-Visual da Obra de Rodrigo de Souza Leão*. Dissertação submetida à banca avaliadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2014.

GÁVEA *Apresentação*. Disponível em: <<http://www.clinicadagavea.com.br/>>. Acessado em 27 de outubro de 2014.

LEÃO, Rodrigo de S. *Entrevista*. 2008. Acervo Rodrigo de Souza Leão na Fundação Casa de Rui Barbosa. Entrevista concedida a Ramon Nunes Melo.

LEÃO, Maria D. de S. *Entrevista*. 07 maio 2014. Acervo da autora. Entrevista concedida a Thamara Parteka.

LEÃO, Antônio, LEÃO, Maria S. L. *Entrevista* [06/05/2014]. Acervo da autora. Entrevista concedida a Thamara Parteka.

LEÃO, Maria D. de S. *Depoimento*. 22 set. 2013. Acervo da autora. Depoimento concedido a Thamara Parteka.

LEÃO, Rodrigo de Souza. Entrevista. 2008. In: *Lowcura*. Rio de Janeiro, 05 nov. 2008. Disponível em: <<http://lowcura.blogspot.com.br/2008/11/entrevista.html>>. Acessado em 02 de janeiro de 2015.

LEÃO, Rodrigo de Souza. *Rodrigo de Souza Leão fala sobre seu novo livro*. Disponível em: <<http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas1.htm>>. Acessado em 03 de janeiro de 2015.

LEÃO, Rodrigo de S. *Neuzza Pinheiro: a última entrevista*. 2009. Disponível em: <<http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas5.htm>>. Acessado em 26 de janeiro de 2014.

LEÃO, Rodrigo de S. *Dossiê: O Meu trabalho na internet tem quatro fases distintas*. Disponível no Acervo Rodrigo de Souza Leão na Fundação Casa de Rui Barbosa.

LEÃO, Rodrigo de S. *Dossiê Paulo Sergio Duarte. Carta*. Disponível no Acervo Rodrigo de Souza Leão na Fundação Casa de Rui Barbosa.

LEÃO, Rodrigo de S. *Projeto Petrobras*. Disponível no Acervo Rodrigo de Souza Leão na Fundação Casa de Rui Barbosa

RAMOS, Fernando. “Os inumeráveis estados poéticos”. In: *Jornal Vaia*. Disponível em: <<http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas8.htm>>. Acessado em 09 de novembro de 2014.

PARTEKA, Thamara. *Caderno de Campo*. Acervo da autora. Maio de 2014.

b) Revistas e Periódicos:

BRESSANE, Ronaldo. “A lucidez póstuma de Rodrigo de Souza Leão”. *Folha de São Paulo*. 06 nov. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2011/11/1002193-a-lucidez-postuma-de-rodrigo-de-souza-leao.shtml>>. Acessado em 09 de novembro de 2014.

DIEGUEZ, Consuelo. “Eletrochoque”. *Revista Piaui*. ed. 21, Jun. 2008. Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-21/questoes-mentais/eletrochoque>>. Acessado em 10 de maio de 2015.

KRAAP, Juliana. “Rodrigo de Souza Leão fala sobre seu novo livro”. *Jornal do Brasil*. 03/12/2008. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2008/12/03/rodrigo-de-souza-leao-fala-sobre-seu-novo-livro/>>. Acessado em 29 de janeiro de 2015.

LEÃO, Rodrigo de S. “Os donos da Loucura”. *Revista Germina*. Rio de Janeiro, 2009.

LEÃO, Rodrigo de S. A Poesia Azul de Fernando Koproski. Zunai. *Revista de Poesia e Debates*. Disponível em: <http://www.revistazunai.com/ensaios/rsleao_fernando_koproski.htm>. Acessado em 21 de janeiro de 2015.

LEÃO, Rodrigo de S. “Um sonetista pós-moderno por Rodrigo de Souza Leão”. *Rosangela Aliberti*. (*Bloque*). Disponível em: <<http://www.rosangelaliberti.recantodasletras.com.br/blog.php?idb=10599>>. Acessado em 28 de janeiro de 2015.

LEÃO, Rodrigo de S. “Entrevistando Ítalo Moriconi”. *Jornal de Poesia*. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/r2souza12c.html>>. Acessado em 27 de janeiro de 2015.

LEÃO, Rodrigo de S. *Entrevista Horácio Costa*. Disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/pcruzadas_hc_ago2006.htm>. Acessado em 26 de janeiro de 2015.

LEÃO, Rodrigo de S. “Entrevistando Italo Moriconi”. *Jornal de Poesia*. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/r2souza12c.html>>. Acessado em 28 de janeiro de 2015.

c) Sites e Blogues:

LEÃO, Rodrigo de Souza. *Rodrigo de Souza Leão fala sobre seu novo livro*. Disponível em: <<http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas1.htm>>. Acessado em 03 de janeiro de 2015.

LEÃO, Rodrigo de Souza. “LeroLero com Rodrigo de Souza Leão”. In: *Cassioamaral.blogspot*. 13 fev. 2007. Disponível em: <<http://cassioamaral.blogspot.com.br/2007/02/lero-lero-com-rodrigo-de-souza-leo.html>>. Acessado em 02 de janeiro de 2014.

LEÃO, Rodrigo de Souza. “Caixa de Fósforo”. In: BRESSANE, Ronaldo. *A Lucidez Póstuma do Poeta*. Disponível em: <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/sobre_ele/sobre_ele50.htm>. Acessado em 27 de janeiro de 2015.

LEÃO, Rodrigo de Souza. *O dia em que conheci Rimbaud*. 30 abr. 2002. Disponível em: <<http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/>>. Acessado em 03 de junho de 2015.

LEÃO, Rodrigo de S. *Cronópios*. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/content.php?artigo=10166&portal=cronopios>>. Acessado em 17 de abril de 2016.

LEÃO, Rodrigo de Souza. *Entrevista Três Poetas, Um poeta*. Jan. de 2007. Disponível em: <<http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas7.htm>>. Acessado em 14 de junho de 2015.

LEÃO, Rodrigo de S. “Entrevista: Rodrigo de Souza Leão”. *Revista Germina Literatura*. Disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/2009/pcruzadas_rodrigodesouzaleao_mar2009.htm>. Acessado em 02 de janeiro de 2014.

LEÃO, Rodrigo. *Os inumeráveis estados poéticos*. Disponível em: <<http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas8.htm>>. Acessado em 23 de março de 2015.

d) Obras:

LEÃO, Rodrigo de S. *Caga-Regras*. Disponível em: <<http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/livros/livros2.htm>>. Acessado em 29 de janeiro de 2015.

LEÃO, Rodrigo de S. *Carbono Pautado*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LEÃO, Rodrigo de S. *Surtomania. Janelas Deitadas*. Virtual Books, 2001.

LEÃO, Rodrigo de S. *Jornal Brasil Online*. 03 dez. 2008. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2008/12/03/rodrigo-de-souza-leao-fala-sobre-seu-novo-livro/>> Acessado em 22 de janeiro de 2015.

LEÃO, Rodrigo de S. *O Esquizoide: Coração a boca*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LEÃO, Rodrigo de S. *Me Roubaram uns Dias Contados*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LEÃO, Rodrigo de S. *XXV Tábuas*. Virtuais Books, 2000.

LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

MEDEIROS, Sérgio. Prefácio. In: LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros são Azuis*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

e) Documentos Oficiais:

IV CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE MENTAL - INTERSETORIAL. 4., 2010, Brasília. *Relatório Final da IV Conferência Nacional de Saúde Mental – Intersetorial*. Brasília: Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, 2010.

ROLIM, Marcos *et all.*, *Apresentação*. 2000. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/dados/caravanas/br/icaravana.html>>. Acessado em 16 de junho de 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde*. CNES net. Disponível em: <<http://cnes.datasus.gov.br/>>. Acessado em 15 de agosto de 2015.

Referências Bibliográficas:

ALBERTI, V. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALHO, Filho, J. L.; Coura, Sérgio H., and Seibel, Sérgio Dário. Classificação Internacional de Doenças Mentais - Nona Revisão (CID-9); Apresentação e comentários. Rev.ABP. 1979; 1(2): 38-43.

AMARAL, J. Recentes mudanças no diagnóstico e classificação em psiquiatria. J.Bras. Psiquiat. 1996; 45(8): 453-459.

AMARAL, M. O Que Podemos Esperar do CID-10? J. Bras. Psiquiat. 1990; 39(1): 13-6.

AMARAL, M. Os Critérios Para o Diagnóstico da Esquizofrenia no DSM-III. J. Bras. Psiquiat. 1982; 31(2): 129-31.

AMARANTE, P. (coord). *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

ARFUCH, L. “Narrativas del yo y memorias traumáticas”. In: *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 4, n.1, p. 45-60, jan. /jun. 2012.

ARTAUD, A. Loucura e Magia Negra. In: *Blogue Del Grulz*. Disponível em: <<http://grulz.blogspot.com.br/2014/01/loucura-e-magia-negra-antonin-artaud.html>>. Acessado em 04 de julho de 2015.

ARTIÈRES, P. “Arquivar a própria vida”. In: *Estudos Históricos: Arquivos Pessoais*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

ASSIS, M. *O Alienista*. Ministério da Cultura/ Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000012.pdf>>. Acesso 29/04/16>.

AZEVEDO, L. “Blogues: A Escrita de Si na Rede dos Textos”. In: *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 21, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga21/arqs/matraga21a03.pdf>>. Acessado em 30 de janeiro de 2016

BANZATO, C. E. M; PEREIRA, M. E. C; DANTAS, C. R. “Classificações Diagnósticas: Usos e Riscos”. In: *Boletim da Associação Brasileira de Psiquiatria*. ed 7. Disponível em: <http://www.abpbrasil.org.br/boletim/exibBoletim/imprimir.php?boltex_id=27&bol_id=7>. Acessado em 11 de janeiro de 2014.

BARBOSA, A. M. Org. *O Pós-Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARRETO, L. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, L. *Diário do Hospício*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2010

BARTHES, R. “Da Leitura”. In: *O Rumor da Língua*. Escrito para *Writing Conference de Luchon*, 1975. Publicada no *FrançaisAujourd’Hui*, 1976. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/219182921/BARTHES-Roland-Da-leitura-In-O-rumor-da-lingua-pdf>>.. Acessado em 12de janeiro de 2015.

BAPTISTA, J. P. “Os princípios fundamentais ao longo da história da física”. In: *Rev. Bras. Ensino Fís.* vol. 28 n. 4, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-11172006000400017>. Acessado em 27 de janeiro de 2015.

BLANCHOT, M. *O espaço literário*. São Paulo: Rocco, 1987.

BLANCHOT, M. *O livro Por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SCHOLLHAMMER, K. E. “A Essência da literatura Segundo Blanchot”. In: *O globo*. Rio de Janeiro. 04 jun. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogues/prosa/posts/2011/06/04/a-essencia-da-literatura-segundo-blanchot-384370.asp>>. Acessado em 12 de janeiro de 2015.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BUGALHO, H., A. “Fluxo de Consciência, a literatura dentro da mente”. In: *Blog Recanto das Letras*. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1657679>>. Acessado em 29 de janeiro de 2015.

BORGES, V. T. *Do esquecimento ao tombamento: a invenção de Arthur Bispo do Rosário*. 2010. 232 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

BRANT, V. C. Da resistência aos movimentos sociais; à emergência das classes populares em São Paulo. In: SINGER, P., BRANT, V. C. *São Paulo: o povo em movimento*. 3. ed. Petrópolis: Vozes/CEBRAP, 1982.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOURDIEU, P. “A juventude é apenas uma palavra”. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

CALLIGARIS, C. “Verdades de autobiografias e diários íntimos”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 21, 1998.

CANÇADO, M. L. *Hospício é Deus: Diário I*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1979.

CASTRO, J. V. “Nota do Editor”. In: LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os Cachorros São Azuis*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

TIAGO, A. “Performance como Linguagem”. In: *Zunai Revista de Literatura e debate*. Disponível em: <http://www.revistazunai.com/ensaios/auri_tiago_performance.htm>. Acessado em 29 de janeiro de 2015.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHACON, P. *O que é Rock*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CORDEIRO, S. *Discurso e escrita de si na obra de Maura Lopes Cançado*. Dissertação (Mestrado) apresentada ao PPGH – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. Marechal Cândido Rondon, 2013.

CORCI, D. “Vida e Obra”. In: *Blogue Luso Poemas*. 17 jun. 2002. Disponível em: <<http://www.luso-poemas.net/modules/news03/print.php?storyid=1345>>. Acessado em 11 de novembro de 2014.

CUNHA, H. P. Os gêneros literários. In: *Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

DARNTON, R. “O livro está mais vivo do que nunca”. In: *Roda Viva*. 21 set. 2012. Disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/roda-viva-recebe-robert-darnton>>. Acessado em 22 de janeiro de 2015.

DELEUZE, G. In: *Conversações (1972 – 1990)*.ed. 34, 1992, São Paulo, p.127-147.

DELEUZE, G. *Foucault*. Trad. Claudia Sant´Anna Martins. São Paulo: Brasilientos, 2005.

DELEUZE, G. *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras. 2005.

DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

- DERBLI, M. "Uma breve história das revisões do DSM." *ComCiência* 126 (2011): 0-0.
- German E. Berrios RL, José M. Villagrán. Schizophrenia: A Conceptual History. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy* 2003;3(2):111-40.
- DESVIAT, M. *A Reforma Psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 1999.
- DREYFUS, H; RABINOW, P.. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- DINIZ, M. "Virando as latas do Contemporâneo". In: *Revista Cult*. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/virando-as-latas-do-contemporaneo/>>. Acessado em 22 de janeiro de 2015.
- ESCÓSSIA, L. "Foucault com Simondon: Práticas de si como processo de individuação coletiva". In: SOUZA, Pedro; GOMES, Daniel O. *Foucault com outros nomes: lugares de enunciação*. Ponta Grossa, UEPG, 2009.
- ENCARNAÇÃO, P. G. de. *Rock nacional, mídia e redemocratização política*. (1982-1989). São Paulo, 2009. 198p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Franca, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2009.
- ESTEVEZ, C. J. G. *A lira da ira e a estética da transgressão: a relação rock e drogas no Brasil*. 1999. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1999.
- FACCHINETTI, C. *Deglutindo Freud: histórias da digestão do discurso psicanalítico no Brasil*. 2001. Tese (Doutorado). IP. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.
- FAVARETO, C. "O evento, Arte do tempo". In: *Revista Sexta Feira, Hedra*. n. 5, 2003. p. 113-117.
- FERNANDES, M. L. O. "Perspectivas Pós-Modernas na Literatura Contemporânea". In: *Olho d'água*, São José do Rio Preto, 2(2): 1-200, 2010. Disponível em:

<<http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/65/79>>.

Acessado em 15 de agosto de 2015.

FONSECA, T. M. G., et alli. “O Delírio como Método: a poética desmedida das singularidades”. In: *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. UERJ, Rio de Janeiro, Ano 10. n. 1. Quadrimestre, 2010.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. “A vida dos homens infames”. In: *Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203-222.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FOUCAULT, M. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão... um caso de parricídio do século XIX*. Trad. Denize Lezan de Almeida. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

FOUCAULT, M. “A escrita de si”. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992.

FOUCAULT, M. “A escrita de si”. In: MOTTA, Manuel B. In: *Ditos e escritos V Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.146.

FOUCAULT, M. “A Ética do Cuidado de Si como Prática de Liberdade”. In: *Ditos e escritos V Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro: Forense, 2010, p. 275.

FOUCAULT, M. “Uma estética da existência”. In: MOTTA, Manuel B. (org). *Ética, Sexualidade, Política. Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal; 1984.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade III: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 2012, p. 102-103.

FOUCAULT, M. “A loucura, ausência de obra”. In MOTTA, Manuel de B. In: *Ditos e escritos I: Problematizações do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, M. “Isto não é um cachimbo”. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Ditos e Escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra Sabotagem, 2004.

FOUCAULT, Michel. “Sexo, poder e a política da identidade”. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. In: VERVE: *Revista Semestral do NU-SOL - Núcleo de Sociabilidade Libertária/ Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais*. PUC-SP. n. 5, maio 2004, p. 290. São Paulo. Disponível em: <<http://www.nu-sol.org/verve/pdf/verve5.pdf>>. Acessado em 10 de maio de 2010.

FOUCAULT, M. “Loucura, literatura, sociedade”. In: MOTTA, Manoel Barbosa (Org.). *Ditos e escritos I: Problematizações do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 232-258.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 25 ed. São Paulo: Graal, 2012b.

FOUCAULT, M. *Os anormais: Curso do Collège de France*. (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GUIMARÃES A. N. *et all.* “Tratamento em saúde mental no modelo manicomial (1960 a 2000): histórias narradas por profissionais de enfermagem”. In: *Texto Contexto Enferm.* Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 361-369, abr-jun. 2013.

GUIMARÃES, S. Mini-entrevista, com Silvana Guimarães, direto de BH! In: *Blogueue Yamashitateresa*. Disponível em: <<https://yamashitateresa.wordpress.com/tag/dedo-de-moca-uma-antologia-das-escritoras-suicidas/>>. Acessado 21 de janeiro de 2015.

GUIMARAES, S. Depoimentos In: SÁ, Juliana M. S. *Ficção e Arte à Beira-morte: Estudo Lítero-Visual da Obra de Rodrigo de Souza Leão*. Dissertação submetida à banca avaliadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, 2014.

GUSHIKEN, R. 1982: o marco zero da década de ouro do rock nacional. 13 out. 2012. Disponível em: <<http://www.palcoalternativo.com.br/2012/11/13/1982-marco-zero-da-decada-de-ouro-do-rock-brasileiro/>>. Acessado em 23 de março de 2015.

HALL, S. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HIDALGO, L. “A loucura e a urgência da escrita”. In: *ALEA*, v 10, n. 2, jul.-dez. 2008, p. 227-242.

HIDALGO, L. *Lima Barreto e a literatura da urgência: a escrita do extremo no domínio da loucura*. Tese (Doutorado) no PPGL da UERJ, 2007.

HUERTAS, R. “Historia cultural de la psiquiatria”. In: *Repensar la locura*. Madrid: Catarata, 2012.

HUERTAS, R. “Historia de la Psiquiatria, ¿Por qué?, ¿Para qué? Tradiciones Historiográficas y Nuevas Tendencias. Frenia”. In: *Revista de Historia de la Psiquiatria*, Madrid, v.1, n.1, p. 9-36, 2001.

HUYSEN, A. *Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Aeroplano editora, 2000.

IANNI, O. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.

IONTA, M. “Escritas de si em cartas e blogs: figurações da subjetividade feminina”. In: RAGO, M.; MURGEL, A. C. A. de T. (org). *Paisagens e tramas: o gênero entre a história e a arte*. São Paulo: Intermeios, 2013.

LAMAS, N. de C; LOURENÇO, Sonia R; LEONÍ, Ana C. “Tendências Pós-modernas na arte contemporânea Catarinense: A linguagem da performance na arte contemporânea local”. In: *ANAIS III Fórum de Pesquisa Científica em Arte*. Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, 2005

LEJEUNE, P. “Definir autobiografia”. In: MOURÃO, Paula (org). *Autobiografia. Autorepresentação*. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

LEVI, G. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. (org). *Usos e abusos da história oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LIMA, R. *O lugar onde a estrutura se descontrola*. Letras n. 44, Curitiba: Editora da UFPR, 1995. p. 170. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/viewFile/19076/12381>>. Acessado em 27 de janeiro de 2015.

LYOTARD, J. F. *A Condição Pós-Moderna*. São Paulo: José Olympo. 2002.

MACIEL, A. Jr. “Resistência e Prática de Si em Foucault”. In: *Artigos Temáticos*. Trivum vol.6 no.1 Rio de Janeiro jun. 2014.

MELO, T. B. “*Me transformei com esse 'falatório' todinho*”: cotidiano institucional e processo de subjetivação em Stela do Patrocínio”. Dissertação (Mestrado) apresentada ao PPGCS, Unioeste, Toledo, 2014.

MELLO, L. A. *A onda Maldita: como nasceu a Rádio Fluminense FM*. Rio de Janeiro: Nitpress, 2010.

MENDONÇA, G. A. M. *Arteterapia No CAPS: Uma Nova Forma de Cuidar*. Trabalho apresentado para a conclusão do curso de Pós-Graduação (Especialização) em Atenção Psicossocial na Saúde Mental: ênfase em dependência química da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre – FAFIA em março/2013.

MOSE, V. “Stela do Patrocínio – uma trajetória poética em uma instituição psiquiátrica”. In: PATROCÍNIO, S. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. 2. ed. Rio de Janeiro: Beco Azogue Editorial, 2009.

MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

NIETZSCHE F. *O Nascimento da Tragédia* (tradução de J. Guinsburg); São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NORONHA, J. C. e LEVCOVITZ, E. “AIS-SUDS-SUS: os caminhos do direito à saúde”. In: *Saúde e Sociedade no Brasil: Anos 80*. Rio de Janeiro: ABRASCO/IMS-UERJ/ Relume Dumará, 1997.

ODORIKA S. T. “Aportaciones sociológicas al estudio de la salud mental de las mujeres”. In: *Revista Mexicana de Sociología*, México, v. 71, n. 4, dez. 2009.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PAULIN, L. F.; TURATO, E. R. “Antecedentes da reforma psiquiátrica no Brasil: as contradições dos anos 1970”. In: *História, ciência e saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fiocruz, v. 11, n. 2, 2004, p. 241-58.

PIMENTEL, D. A. “O Espaço Literário De Maurice Blanchot”. In: *Revista Garrafa* 28, Set-Dez, 2012.

PESSOA, F. “Tabacaria”. In: *Revista Bula*. Disponível em: <<http://www.revistabula.com/522-os-10-melhores-poemas-de-fernando-pessoa-2/>>. Acessado em 28 de janeiro de 2015.

PEREIRA, A. B. “Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas ciências sociais”. Ponto Urbe. In: *Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/Artigo-Alexandre-Barbosa-Pereira.pdf>>. Acessado em 30 de março de 2015.

PROVIDELLO, G. G. D.; YASUI, S. “A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão”. In: *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 20, n.4, out.-dez. 201, p. 1515-1529.

RAGO, L. M. *A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenção da subjetividade*. Campinas: Ed. Unicamp. 2013.

RAGO, M. “Epistemologia feminista, gênero e história”. In: PEDRO, J.; GROSSI, M. (org.). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Mulheres, 1998.

REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

RÍOS MOLINA, A. “Um mesías, ladrón y paranoico em el manicômio la Castañeda, a propósito de la importância historiográfica de los locos”. In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporânea de México*, n. 37, 2009.

ROCHEDO, A. C. “*Os Filhos da Revolução*” *A juventude urbana e Rock brasileiro dos anos 1980*. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação Universidade Federal Fluminense, UFF, 2011.

ROCHEDO, A. C. “Voz, Expressão e Canção: a Juventude Urbana e o Rock Nacional dos Anos 1980”. In: *Cadernos do Tempo Presente* – ISSN: 2179-2143. Edição n. 08 – 08 de julho 2012.

RUIZ SOMAVILLA, M. J., JIMÉNEZ LUCENA, I. “Género, mujeres y psiquiatría, una aproximación crítica, Frenia”. In: *Revista de Historia de la Psiquiatría*. Madrid, v. 3 n. 1, 2003, p. 7-29.

RUSSO, J., VENANCIO, A. T. "Classificando as pessoas e suas perturbações: a'revolução terminológica'do DSM III." *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* 9.3 (2006): 460-483.

SACRISTÁN, C. “Historiografía de la locura y de la psiquiatría en México. De hagiografía a la historia posmoderna”. In: *Frenia Revista de Historia de la Psiquiatría*. Madrid, n. 1, 2005, p. 9-33.

SACRISTÁN, C. “La locura se topa con el manicomio. Una historia por contar”. In: *Cuicuilco*, v. 16, n. 45, 2009, p. 163-189.

SAMPAIO, José Jackson. *Hospital psiquiátrico público no Brasil: a sobrevivência do asilo e outros destinos possíveis*. Dissertação (Mestrado), Instituto de Medicina Social da UERJ, Rio de Janeiro. Ano?

SEI, Maíra, B. “A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização”. In: *A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios*. III Fórum Paulista de Arteterapia. São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010.

SILVA, Talles. “O que dizem os escritores sobre a definição do que se tem chamado de autoficção”. In: *Palimpsesto*. n. 14, ano 11, 2012, Dossiê (4).

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

SCHOLLHAMMER, Karl E. “A essência da literatura, segundo Blanchot”. In: *Prosa & Verso*. Jornal O globo, Rio de Janeiro, 04 jun. 2011. Disponível em: <<http://oantiedipo.blogspot.com.br/2011/06/essencia-da-literatura-segundo-blanchot.html>>. Acessado em 31 de janeiro de 2016.

SILVA, Maura L.; CALDAS, Marcus T. “Revisitando a técnica de eletroconvulsoterapia no contexto da reforma psiquiátrica brasileira”. In: *Psicol. cienc. prof.* vol. 28, n. 2, Brasília. 2008.

SCARAMELLA, M. L. *Narrativas e sobreposições: notas sobre Maura Lopes Cançado*. Tese (Doutorado) de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, 2010, Campinas.

SCOTT, J. “A invisibilidade da experiência”. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 16, fev. 1998, p. 297-325.

SCOTT, J. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In: *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

STAGNARO, J. C. “Evolución y situación actual de la historiografía de la psiquiatría en la Argentina”. In: *Frenia. Revista de Historia de la Psiquiatría*, Madrid, v. VI, n. 1, 2006, p. 7-37.

SINGER, P. “Interpretação do Brasil: uma experiência histórica de desenvolvimento”. In: BORIS, Fausto (Org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: DIFEL, 1984. v. 4, t. 3, p. 243.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

TENÓRIO, F. “A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: histórias e conceitos”. In: *História, Ciências, Saúde*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2002, p.25-59.

TIAGO, Auri. “Performance como linguagem”. In: *Zunái Revista de Poesia e debates*. Disponível em: <http://www.revistazunai.com/ensaios/auri_tiago_performance.htm>. Acessado em 29 de janeiro de 2015.

TRINDADE, Luane N. RANGEL, Carlos R.R. “Rock: Cultura Política e Movimentos Sociais”. In: *DisciplinarumScientia*. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 13, n. 1, 2012, p. 95-111.

VALLADARES, Licia do Prado. “Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil”. In: BOSCHI, R.R. (org). *Corporativismo e desigualdade: a construção do espaço público no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed. IUPERJ, 1991.

VENANCIO, A. T. “As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações”. In: *Revista Estudos Históricos*. v. 2, n. 36, 2005.

VENANCIO, A. T. “Da colônia agrícola ao hospital-colônia: configurações para a assistência psiquiátrica no Brasil na primeira metade do século XX”. In: *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 18, supl. 1, 2011, p. 35-52.

VENANCIO, A. T. “História da política assistencial à doença mental (1941-1956): O caso da Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro”. In: *Associação Nacional de História – ANPUH – XXIV Simpósio Nacional de História. Anais*. 2007. Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Ana%20Teresa%20Venancio.pdf>>. Acessado em 15 de maio de 2015.

VENANCIO, A. T.; CASSILIA, J. A. P. “Historia de la asistencia psiquiátrica en Brasil: el caso de la Colonia Juliano Moreira”. In: *Vertex - Revista Argentina de Psiquiatria*, v. XXII, 2011, p. 307-313.

VENANCIO, A. T.; CASSILIA, J. A. P. “Política assistencial psiquiátrica e o caso da Colônia Juliano Moreira: exclusão e vida social (1940-1954)”. In: WADI, Yonissa M.; SANTOS, N. M. W. (Org.). *História e loucura: saberes, práticas e narrativas*. Uberlândia: Editora da UFU, 2010b.

VENANCIO, A.T.; CASSILIA, J. “A doença mental como tema: uma análise dos estudos no Brasil”. In: *Espaço Plural*, v. 11, n. 22, 1º sem., 2010a, p. 24-34.

VIRILIO, Paul. *Guerra pura: a militarização do cotidiano*. Trad. Elza Miné e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

WADI, Y. M. *A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura*. Uberlândia: Editora da UFU, 2009.

WADI, Y. M. SANTOS, N. M. W. (Org.). *História e loucura: saberes, práticas e narrativas*. Uberlândia: Editora da UFU, 2010.

WADI, Y. M. (Coord.). “Gênero, instituições e saber psiquiátrico em narrativas da loucura”. In: *Projeto de Pesquisa*. Chamada MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA nº 32/2012.

WADI, Y. M. “Experiências de vida, experiências de loucura: algumas histórias sobre mulheres internas no Hospício São Pedro (Porto Alegre/RS, 1884 - 1923)”. In: *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 10, n. 1, p. 65-79, 2006b.

WADI, Y. M. *Quem somos nós, loucos!?! Um ensaio sobre os limites e possibilidades da reconstituição histórica de trajetórias de vida de pessoas internas como loucas. Anos 90* (UFRGS). Porto Alegre, v. 13, p. 287-319, 2006a.

WADI, Y. M. “Olhares sobre a Loucura e a Psiquiatria: um Balanço da Produção de Teses e Dissertações (Brasil, 1980-2011)”. In: *XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, 2013.

YASUI, S. *Rupturas e encontros: desafios da reforma psiquiátrica brasileira*. 2006. Tese (Doutorado) em Ciências na Área de Saúde. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz – Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2006.

ZANELLO, V.; SILVA, R. M. C. “Saúde mental, gênero e violência estrutural”. In: *Revista de Bioética* (impr.). v. 20, n. 2, p. 267-79, 2012.

ZARA, Telma Beiser de Melo “*Me transformei com esse ‘falatório’ todinho*”: cotidiano institucional e processo de subjetivação em Stela do Patrocínio. 2014. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unioeste – Toledo, 2014.

ANEXO

Tabela de Livros

Livros	Data de escrita	Data de Publicação	Editora

Todos os Cachorros São Azuis (TCSA)	2001	2008 (1ª edição) 2010 (2ª edição)	7 Letras
Caga-Regras		2009	Vitual Books
Me Roubaram uns Dias Contados (MRDC)		2011	Record
O Esquizoide: O coração na boca (ECB)	2003	2011	Record
Dedo de Moça		2009	Terracota
Carbono Pautado (CP)	1995	2000 -- 2011	Virtual Books - Record
XXV Tábuas		2000	Virtual Books
No Litoral do Tempo		2000	Virtual Books
Síndrome		2000	Virtual Books
Impressões sob Pressão Alta Site		2000	Virtual Books
Na visícula do Rock		2000	Virtual Books
Miragens Póstumas		2000	Virtual Books
Meu primeiro Livro que é o Segundo		2000	Virtual Books
Uma temporada nas Têmporas		2000	Virtual Books
O Bem e o Mal Divinos		2000	Virtual Books
Suorpicios Mind		2000	Virtual Books
Há Flores na Pele		2000	Virtual Books e Trema
Retalhos		1998	Virtual Books e Ed.PD

Tabela de Blogues, Sítios eletrônicos, Jornais e Revistas que Rodrigo era editor ou coeditor:

Blogueues, sítios eletrônicos, Jornais e Revistas	Período
Poesia Diária	1995
CAOX	1995-2000
Balacobaco	1996
Lero	1998
Revista Agulha	1999-2009
Zunái – Revista de Poesia e Debates	2003
Germina – Revista de Literatura e Arte	- 2016
Lowcura	2006-2009

Tabela de Entrevistas realizadas por RSL:

Título	Entrevistado	Palavras chave	Fonte	Local/Data
Entrevista com Alexei Bueno	Alexei Bueno	-Geração de 45 -Inspiração -Lobato -Sousândrade	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/r2souza04c.html)	?
Aníbal, poeta à beça	Aníbel Beça	-Infância -Lúdico -Clássicos -Teoria -Construtores	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/r2souza14c.html)	?
Carlos Felipe Moisés: Como anda a poesia?	Carlos Felipe Moisés	-Cenário -João Cabral -Religião -"Noite Nula" -Crítica -Pound	Revista Agulha (http://www.rodriodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas4.htm)	[Publicada originalmente na Germina , em março/2009]
Cláudio Willer	Cláudio Willer	-Surrealismo -Azougue -Veja -Ginsberg -Misticismo -Polifonia	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/cw1e.html)	?
Donizete Galvão	Donizete Galvão	-"Silêncio" -Roubo	Revista Agulha (http://www.revista	?

		-Música -Chico Buarque -Pictórica -Minas Gerais	a.agulha.nom.br/r2souza13c.html)	
Feitosamente Feitosa	Soares Feitosa	-Escrever -Internet -Futuro -Geração de 45 -Jornal da Poesia -Carla Perez	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/r2souza01c.html)	?
Fernando Pessoa, uma colagem de Rodrigo Souza Leão	“Fernando Pessoa”	-Processo Criativo -Deus -Saudosista -Maluco Beleza -Conselho	Blogue Filosofar é Preciso (http://filosofarpreciso.bloguespot.com.br/2010/01/entrevista-fernando-pessoa-uma-colagem.html)	Blogue “Filosofar é Preciso”. quarta-feira, 6 de janeiro de 2010
Rodrigo de Souza Leão entrevista o poeta Floriano Martins - dez/98	Floriano Martins	-Latino-americanos -Entrevistado -Mídia -Influências -Inveja -Poesia Cearense	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/r2souza09c.html)	Dezembro/98
Todos Os Pecados são Gerardo	Gerardo de Mello Mourão	-Nordeste -Crítica -Influência -Bíblia -Imprensa	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/r2souza05c.html)	?
Gilberto Mendonça Teles	Gilberto Mendonça Teles	-Infância -Revolução -Cinema -Metáfora -Internet	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/r2souza17c.html)	?
Iosif Landau: Poesia não é sopa	Iosif Landau	-Cinema Nour -Segunda Guerra Mundial - Hemingway -Sucesso	(http://www.rodriodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas3.htm)	[Publicada originalmente na Germina, em abril/2007]
Entrevistando Italo Moriconi	Italo Moriconi	-Cultura gay -Harold Bloom -Universidade -Futuro	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/r2souza12c.html)	?

IVO Barroso por IVO Barroso	Ivo Barroso	-Jô Soares -Rimbaud -Computador -Hai-Kai	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/ibarroso01.html)	Maio de 1999
Jorge por Jorge	Jorge Lúcio de Campos	-Fenômeno Poético -Antologias -Crítica -Internet	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/r2souza11c.html)	?
José Aloíse Bahia: Poesia para espantar a morte	José Aloíse Bahia	-Antologia -Imagem -Metáfora -Internet -Minas	(http://www.rodrigoedesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas2.htm)	[Publicada originalmente na Germina, em dezembro/2005]
Rodrigo de Souza Leão entrevista o poeta José Lino Grunewald	José Lino Grunewald	-Concretismo -Crítica -Internet -Tango	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/r2souza10c.html)	?
Entrevista com José Paulo Paes jun/98	José Paulo Paes	-Convite -"Acima de qualquer suspeita" -Definições	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/r2souza08c.html)	Junho/1998
Entrevistado: Lau Siqueira	Lau Siqueira	-Paraíba -Correio das Artes -Subversão -Mídia	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/r2souza07c.html)	?
Luis Dolhnikoff	Luis Dolhnikoff	-Vocação -Medicina -Bloomsday -Haroldo de Campos	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/ldolhnikoff1.html)	?
Nelson Ascher	Nelson Ascher	-Gregório -Erudição -"Hölderlin" -Gatos -Epitáfio	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/nah03.html)	?
Nêumanne - O Filho do Som	José Nêumanne Pinto	-Infância -Inspiração -Informática -Geração de 45 -Nordeste	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/r2souza03c.html)	?
Neuza Pinheiro: A última entrevista	Neuza Pinheiro	-Multimídia -Influências	http://www.rodrigoedesouzaleao.com	[Essa foi a última entrevista]

		-Música -Comunicação	.br/files/hor/entrevistas/entrevistas5.htm	realizada por Rodrigo de Souza Leão, iniciada em junho de 2009, publicada originalmente na Germina, em março/2010]
Entrevistado: Paulo Henriques Brito	Paulo Henriques Brito	-Infância -"Trovar Claro" -Influências -Tradução	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/r2souza06c.html)	?
Entrevista a Rodrigo de Souza Leão	Rodrigo Garcia Lopes	-Polivox -Xamã -Estética -Leminski	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/rgarcia02.html)	?
Entrevista com Sérgio de Castro Pinto	Sérgio de Castro Pinto	-Infância -Influências -Papel da poesia	Revista Agulha (http://www.revista.agulha.nom.br/r2souza02c.html)	?

Tabela de entrevistas realizadas por RSL

Título	Entrevistador	Palavras chave	Fonte	Local/Data
TRÊS POETAS & UM POETA	Cássio Amaral, Rafael Nolli e Ricardo Wagner	-Vanguarda -Loucura -"Todos os cachorros azuis" -Internet -Referências	http://www.rodrigoledesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas7.htm	[janeiro de 2007]
OS INUMERÁVEIS ESTADOS POÉTICOS	Fernando Ramos	-Vivências -Catarse -"Todos os cachorros azuis" -Loucura -Religião -Autores	http://www.rodrigoledesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas8.htm	Jornal Vaia 2009.
FALA, RODRIGO!	Julia Debasse	-Loucura -Surrealismo -Escrita	http://www.germinalliteratura.com.br/2009/pcruzadas_r	Germina, março de 2009.

		-Rio de Janeiro -Estilo	odrigodesouzaleao _mar2009.htm	
RODRIGO DE SOUZA LEÃO FALA SOBRE O SEU NOVO LIVRO	Juliana Krapp	-”Todos os cachorros são azuis” -Autobiografia -Esquizofrenia -E-books -Loucura	http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas1.htm	JB Online, 03/12/2008

Tabela de Publicações midiáticas:

Suporte	Gênero	Autor (a)	Assunto	Fonte	Obs.
Site	Texto	Sem informação	Sobre o autor e o livro “todos os cachorros são azuis”	https://www.7letras.com.br/autor?id=306	
Site	Texto	Sem informação	Sobre o autor e o livro “todos os cachorros são azuis”	http://www.andotherstories.org/author/rodrigo-de-souza-leao/	
Blogue	Texto	Ruy Vasconcelos	Notícia e pequeno texto sobre a morte de Rodrigo.	http://afetivagem.blogspot.com.br/2009/07/perdas-uma-mais.html	
Site	Anúncio	Sem informação	Kindle e livro “Todos os cachorros são azuis”	http://www.amazon.com/Dogs-Blue-Rodrigo-Souza-Leao/dp/1908276207	
Site	Texto	Organizado por Cássio Amaral	Sobre o autor e poesia “CAGA-REGRAS”.	http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/rio_de_janeiro/rodrigo_de_souza.html	
Site	Texto curto	Ronaldo Bressane (e resposta de Janaína)	Divulgação da matéria da Folha	http://autoreselivros.wordpress.com/2011/11/07/a-lucidez-postuma-de-rodrigo-de-souza-leao-por-ronaldo-bressane/	

		de Cassia Leite)			
Site	Notícia	“Por redação”	Notícia sobre Cauã Raymond e Rodrigo no cinema.	http://cadaminuto.com.br/noticia/2012/08/24/caua-reymond-vai-viver-no-cinema-o-escritor-carioca-rodri-go-de-souza-leao	
Site/Arquivo	Proposta de projeto	?	Projeto de organização do arquivo digital de R.S.L.	http://www.casaruibarbo.sa.gov.br/arquivos/file/Bolsistas13/c%20Rodrigo%20de%20Souza%20Leao(1).pdf	
Site Catarse (arrecadação de dinheiro)	Video/Texto	Ramon Mello	Projeto de exposição	http://catarse.me/pt/projects/279-tudo-vai-ficar-da-cor-que-voce-quiser	
Site	Texto/Artigo	Tatiana Fraga	Perda de Rodrigo	http://cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=4076	
Blogue	Texto/Poesia de Rodrigo	Felipe Stefani	Homenagem	http://cultural.blogspot.com.br/2009/07/rodri-go-souza-leao.html	
Site	Anúncio detalhado	?	Sobre o livro “Todos os cachorros são azuis”	http://culturalbrazil.org/2013/08/13/literature_all-dogs-are-blue-by-rodri-go-souza-leao/	
Site	Entrevista	?	Entrevista de Ramon Mello sobre R.S.L.	http://www.cultura.rj.gov.br/entrevistas/dos-demonios-que-movimentam-a-arte	
Site	Texto	?	Colaboração com o projeto de exposição	http://daniname.wordpress.com/tag/rodri-go-de-souza-leao/	

Blogue	Texto	Julio Dalio Borges	Morte de Rodrigo	http://www.digestivocultural.com/blog/post.asp?codigo=2413&titulo=Rodrigo de Souza Leao	
Site	Notícia	Heloísa Marra	Notícia sobre Cauã Reymond e Rodrigo no cinema.	http://ego.globo.com/platb/heloisa-marra/2012/08/24/caua-reymond-vai-viver-no-cinema-o-escritor-carioca-rodrigo-de-souza-leao/	
Site	Texto/Sinopse	?	Sobre o livro “Todos os cachorros são azuis” em espanhol	http://www.elboomeran.com/blog-post/539/13852/patricio-pron/un-abismo-insondable-todos-los-perros-son-azules-de-rodrigo-de-souza-leao/	
Site	Notícia	?	Sobre a doação de telas de R.S.L.	http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,telas-de-rodrigo-de-souza-leao-sao-doadas-a-museu,826601,0.htm	
Site	Notícia	Marcia Vieira	Sobre Rodrigo e sua morte	http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,vivo-numa-bomba-relogio-circular,401498,0.htm	
Site	Texto curto	Rodrigo Garcia Lopes	Recebimento da notícia da morte de Rodrigo.	http://estudiorealidade.blogspot.com.br/2009/07/rodrigo-de-souza-leao.html	
Facebook	Texto	Ramon Mello	Evento para arrecadar dinheiro para exposição	https://www.facebook.com/events/236315543077731/	
Site	Texto	Goio	Sobre o livro	http://www.factorcritico.com.br/	

		Borge	“Todos os cachorros são azuis”	es/2013/05/todos-los-perros-son-azules-de-rodrigo-de-souza-leao/	
Site	Texto	?	Sobre o livro “Todos os cachorros são azuis”	http://www.fictiondb.com/author/rodrigo-de-souza-leao~all-dogs-are-blue~689699~b.htm	
Blogue	Entrevista	?	Entrevista feita por Rodrigo. “Fernando Pessoa, uma colagem.”	http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2010/01/entrevista-fernando-pessoa-uma-colagem.html	
Site	Texto	Ronaldo Bressane	Sobre a morte de Rodrigo	http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/1002193-a-lucidez-postuma-de-rodrigo-de-souza-leao.shtml	
Site	Texto	?	Trecho de livro	http://www.forumdeliteratura.com.br/index.php/resenhas/rese-edicao-8/154-as-palavras-as-vezes-se-suicidam-me-roubaram-uns-dias-contados-de-rodrigo-de-souza-leao	
Site	Artigo	Rodrigo de Souza Leão	“Um litro de poesia e cem gramas de loucura”	http://www.gargantadase repente.com/artigos/rodrigossouzaleao.shtml	
Site	Texto	Jose Castello	Sobre o livro “Carbono Pautado”	http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/contentudo.phtml?id=1304935&tit=Rodrigo-de-cracha	
Site	Notícia	?	Sobre Cauã Reymond e os direitos de dois livros de R.S.L.	http://glamurama.uol.com.br/passaporte-84295/	

Site	Texto curto	?	Indicação de leitura de “Todos os cachorros são azuis”	http://www.goodreads.com/book/show/17675199-all-dogs-are-blue	
Site	Crítica	?	Crítica de “Todos os Cachorros são azuis”	http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/books/reviews/book-review-all-dogs-are-blue-by-rodrigo-souza-leao-trs-by-stefan-tobler-and-zoe-perry-8783708.html	
Site	Crítica	Annie McDermott	Crítica de “Todos os Cachorros são azuis”	http://literateur.com/all-dogs-are-blue-by-rodrigo-de-souza-leao/	
Site	Notícia	Lu Lacerda	Presenças em exposição “Tudo vai ficar da cor que você quiser”	http://lulacerda.ig.com.br/rodrigo-de-souza-leao-poetas-e-atores-fazem-parte-da-mostra/	
Blogue	Texto	Marcelo Moutinho	Resenha do Livro “O Esquizado”	http://www.marcelomoutinho.com.br/blog/2011/07/rodrigo-de-souza-leao.php	
Site	Divulgação	?	Divulgação de lançamento do livro “Carbono Pautado” e mais.	http://www.moyarte.com.br/agenda_livro_carbono_pautado.html	
Blogue	Texto	?	Sobre a morte de Rodrigo mais um poema.	http://mundodek.blogspot.com.br/2012/11/rodrigo-de-souza-leao.html#.UqxXMvRDtqV	
Site	Notícia	?	Cauã Reymond	http://www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/caua-reymond-adoro-quando-dizem-que-nao-sou-capaz/2012/07/23-	

				144529.html	
Site	Texto/Poema	Luiz Heron	Citação de poemas de Rodrigo	http://palavraria.wordpress.com/tag/rodrigo-de-souza-leao/	
Site	Notícia	?	Abertura de exposição(notícia).	http://www.pipaprize.com/2011/11/rodrigo-souza-leao-show-opens-on-november-9th-at-mam-rio/	
Blogue	Poesia e foto	?	Poesia e foto de Rodrigo.	http://prosacaotica.blogspot.com.br/2010/12/me-sinto-uma-chupeta-de-baleia-que-cada.html	

Tabela Círculo Literário:

Suporte	Gênero	Autor (a)	Assunto	Fonte	Título
Site	Texto	Márcio André	Morte de Rodrigo	http://www.rodri-godesouzaleao.com.br/files/hor/para_ele/para_ele_10.htm	
Site	Texto	Claudio Daniel	Saudade de Rodrigo. Falas sobre ele.	http://www.rodri-godesouzaleao.com.br/ http://www.revis-tazunai.com/materias_especiais/rodrigo_de_souza_leao/adeus_a_migo.htm	
Site	Anagrama	André	Anagrama para	http://www.rodri-godesouzaleao.c	ANAGRAMA PARA

		Vallias	Rodrigo	om.br/files/hor/para_ele/para_ele_13.htm	RSL
Site	Poesia	Cássio Amaral	Homenagem	http://www.rodri-godesouzaleao.com.br/files/hor/para_ele/para_ele_12.htm	CEREBRAL
Site	Cordel	Gustavo Amaral	Homenagem	http://www.rodri-godesouzaleao.com.br/files/hor/para_ele/para_ele_15.htm	CORDEL PARA RODRIGO DE SOUZA LEÃO
Site	Poesia	Marcia Maia	Morte	http://www.rodri-godesouzaleao.com.br/files/hor/para_ele/para_ele_24.htm	DES-ITINERÁRIO
Site	Poesia	Leonardo Marona	Homenagem/Declaração	http://www.rodri-godesouzaleao.com.br/files/hor/para_ele/para_ele_19.htm	DOSTOIEVSKI
Site	Divulgação	?	Divulgação de evento	http://www.rodri-godesouzaleao.com.br/files/hor/para_ele/para_ele_18.htm	HOMENAGENS
Site	Texto curto	Affonso Romano de Sant'Anna	Perplexidade com a morte de Rodrigo. Comentário sobre a	http://www.rodri-godesouzaleao.com.br/files/hor/para_ele/para_ele_7.htm	LAMENTO POR RODRIGO

			necessidade de reavaliação da obra.		
Site	3 publicações (2 poesias e um texto curto)	Rosa Pena	Saudade de Rodrigo. Votos de carinho.	http://www.rodri godesouzaleao.com.br/files/hor/p ara_ele/para_ele 9.htm	L'AZUR! L'AZUR! L'AZUR!
Site	Poesia	Valéria Tarelho	Dedicatória	http://www.rodri godesouzaleao.com.br/files/hor/p ara_ele/para_ele 23.htm	LOWCUR A
Site	Poesia	Horácio Costa	“ <i>In Memoriam</i> ”	http://www.rodri godesouzaleao.com.br/files/hor/p ara_ele/para_ele 2.htm	NO CEMITÉRI O DO ARAÇÁ
Site	Texto	José Aloíse Bahia	Dedicação de afeto	http://www.rodri godesouzaleao.com.br/files/hor/p ara_ele/para_ele 22.htm	O HOMEM VISÍVEL
Site	Poesia	Mathilda Kovák	“Meu cão Azul Acordou de preto”	http://www.rodri godesouzaleao.com.br/files/hor/p ara_ele/para_ele 17.htm	O LEÃO DE RODRIGO
Site	Poesia	Rafael Nolli	Poesia dedicada a Rodrigo que parafraseia e se relaciona com sua vida/obra.	http://www.rodri godesouzaleao.com.br/files/hor/p ara_ele/para_ele 20.htm	OS AGENTES B
Site	Poesia	Silas Corrêa Leite	“ <i>In Memoriam</i> ”	http://www.rodri godesouzaleao.com.br/files/hor/p ara_ele/para_ele 8.htm	PARA ONDE VÃO OS POETAS QUANDO

					MORREM CEDO
Site	Poesia	Ana Peloso	Poema dedicado a Rodrigo. Faz menção à obra.	http://www.rodri.godesouzaleao.com.br/files/hor/para_ele/para_ele_11.htm	PARA RODRIGO
Site	Poesia	Leonardo Morais	Poesia que fala de Rodrigo e de sua partida precoce.	http://www.rodri.godesouzaleao.com.br/files/hor/para_ele/para_ele_16.htm	PEQUENA ELEGIA AO BARDO LOWCO
Site	Poesia	Bárbara Lia	Poesia que se refere a Rodrigo. E escrita para ele.	http://www.rodri.godesouzaleao.com.br/files/hor/para_ele/para_ele_4.htm	PEQUENO TRATADO DA DELICAD EZA
Site	Poesia	Frederico Barbosa	<i>“À memória de Rodrigo de Souza Leão”</i>	http://www.rodri.godesouzaleao.com.br/files/hor/para_ele/para_ele_14.htm	POr EMAil
Site	Poesia	Greta Benitez	Poesia dedicada á Rodrigo.	http://www.rodri.godesouzaleao.com.br/files/hor/para_ele/para_ele_3.htm	QUADRA GÉSIMO TERCEIRO ANDAR
Site	2 Poesias	José Aloíse Bahia	2 poesias para Rodrigo que fazem referência a sua obra.	http://www.rodri.godesouzaleao.com.br/files/hor/para_ele/para_ele_6.htm	RODRIGO COLORES
Site [Texto enviado por e-mail às editoras	Texto	Saulo Marzochi	Sobre Rodrigo	http://www.rodri.godesouzaleao.com.br/files/hor/para_ele/para_ele_21.htm	RODRIGO

<i>da Germina — Revista de Literatur a e Arte]</i>						
Site	Texto curtíssimo	Beatriz Bajo	Dedicado Rodrigo	á	<a href="http://www.rodri
godesouzaleao.c
om.br/files/hor/p
ara_ele/para_ele
5.htm">http://www.rodri godesouzaleao.c om.br/files/hor/p ara_ele/para_ele 5.htm	RODRIGO DE SOUZA LEÃO
Site	Poesia	Leonardo Gandolfi	Morte lembranças	e	<a href="http://www.rodri
godesouzaleao.c
om.br/files/hor/p
ara_ele/para_ele
25.htm">http://www.rodri godesouzaleao.c om.br/files/hor/p ara_ele/para_ele 25.htm	